

GINA SOLEDAD LOBATO CORDERO

***O JARDIM ANDINO: DA MISTIÇAGEM CULTURAL A OUTRA
PAISAGEM EM CUENCA DOS ANDES***

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Geografia.

Área de Concentração: Geografia e Gestão do Território.

Orientador: Prof. Dr. Rosselvelt José Santos

Uberlândia/MG
INSTITUTO DE GEOGRAFIA
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

C794J
2018 Cordero, Gina Soledad Lobato, 1980-
O jardim andino [recurso eletrônico] : da mestiçagem cultural a
outra paisagem em Cuenca dos Andes / Gina Soledad Lobato Cordero. -
2018.

Orientador: Rosselvelt José Santos.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa
de Pós-Graduação em Geografia.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.te.2018.330>
Inclui bibliografia.

1. Geografia. 2. Cuenca (Equador) - Historia. 3. Multiculturalismo -
Cuenca (Equador). 4. Jardins - Projetos e plantas. 6. Cuenca (Equador) -
Jardinagem. I. Santos, Rosselvelt José, 1963-, (Orient.) II. Universidade
Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III.
Título.

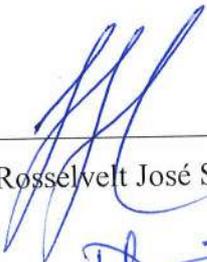
CDU: 910.1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

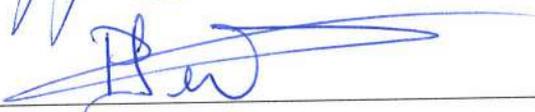
Programa de Pós-Graduação em Geografia

GINA SOLEDAD LOBATO CORDERO

“O JARDIM ANDINO: DA MISTIÇAGEM A OUTRA CULTURA DA PAISAGEM EM CUENCA DOS ANDES”



Professor Doutor Rosselvelt José Santos (Orientador) - UFU



Professor Doutor Paulo Irineu Barreto Fernandes – IFTM



Prof. Doutor Jean Carlos Vieira Santos – UEG – Caldas Novas - GO



Professor Doutor Vicente de Paulo da Silva – UFU



Professora Doutora Beatriz Ribeiro Soares – UFU

Data: 10 / 12 de 2018

Resultado: Aprovado com loucos

Esta tesis está dedicada a mi tatarabuelo Luis Cordero y a mi abuelo Nicanor Lovato, pues es gracias a sus trabajos, investigaciones y conocimientos dejados sobre el paisaje andino y sus jardines, que hoy aspiro a darles continuidad con esta investigación, como un aporte para dignificar nuestra cultura ecuatoriana, latinoamericana.

Resumo

O objetivo dessa tese é analisar outro tipo de jardim localizado nos pátios dos edifícios patrimoniais do Centro Histórico de Cuenca dos Andes Equatorianos. A tipologia que responde as características próprias dos jardins é resultado do processo de mestiçagem cultural ocorrido na América Latina desde a colonização europeia. A partir do qual, a sua composição, nome e patrimonialidade comparecem minguidos de estudos com propósitos estabelecidos para visibilizá-los como uma nova forma de expressão cultural alinhada aos valores humanos do seu povo. Destarte, os estudos começam analisando a história do termo jardim, chakra, sementeira, horta, no contexto de mestiçagem. Na sequência se incorporam os conceitos iniciais daqueles espaços de cultivos, usando uma analogia entre a mestiçagem racial que decorre de forma inerente à paisagem construída após a conquista. Em implicação destes estudos se passa a compreender e afirmar que a mestiçagem é um marco étnico social que identifica o patrimônio cultural do território e de acordo com os documentos internacionais, a cultura do conquistador, afirma que ela sofre de incompetência criativa. Uma vez identificados esses conceitos, os trabalhos de campo foram conduzidos na perspectiva de recolher informações que propiciassem elementos capazes de contribuir no reconhecimento da existência e consistência desse novo tipo de sementeira ou jardim e como deveriam ser nomeados. No contexto das incursões ao campo descobre-se existências de espaços de cultivos compostos por pautas, detalhes arquitetônicos, tradições e usos que não estão alinhados apenas a uma das origens culturais da mestiçagem. Aliás, um dos fundamentos dos seus componentes culturais. Objetivado, se confirma a coexistência da paisagem mestiça, em sete sementeiras de excepcional valor, alojadas nos pátios das casas de maior estimação patrimonial do Centro Histórico da cidade.

Palavras-chave: *Chakra*. Pomar. Pátio Ajardinado. *Chagrillo*. Equador.

Resumen

El objetivo de esta tesis es analizar otro tipo de jardín que albergan los patios de las edificaciones patrimoniales del Centro Histórico de Cuenca de los Andes ecuatorianos. La que responde a características propias, resultado del proceso cultural de mestizaje ocurrido en América Latina desde la conquista europea. A partir del cual su nombre composición y patrimonialidad adolecen de un estudio que permita visibilizarlo como una nueva forma de expresión cultural digna de los valores humanos de su pueblo. De esta forma, se parte desde un análisis histórico del termino jardín, chacra, sementera, huerta, en el contexto del mestizaje. Consecuentemente se incorporan los conceptos iniciales de esos espacios de cultivo, empleando una analogía entre el mestizaje racial, que deriva de forma inherente en el paisaje construido después de la conquista. En la implicación de este estudio, se comprende y afirma que el mestizaje es un marco étnico y social que identifica el patrimonio cultural del territorio y de acuerdo con los documentos internacionales, la cultura del conquistador, adolece de capacidad creadora. Una vez identificados estos conceptos, los trabajos de campo se guiaron en la perspectiva recoger información que muestre los elementos capaces de contribuir en el reconocimiento de la existencia de ese nuevo tipo de sementera o jardín, como debería ser nombrado. En el contexto de las incursiones de campo, se descubre la existencia de espacios de cultivo compuesto por trazos, detalles arquitectónicos, cultivos y usos que, no se alinean a un solo de sus componentes culturales mestizos. Objetivando, se confirma la coexistencia del paisaje mestizo, en siete sementeras de excepcional valor cultural, contenidas en las edificaciones con mayor valoración patrimonial área del Centro Histórico de ciudad.

Palabras clave: *Chacra. Huerta. Patio Ajardinado. Chagrillo. Ecuador.*

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Representações gráficas que empregam ambigualmente o termo <i>chacra</i>	21
FIGURA 2	Quadro dos autores das obras analisadas	22
FIGURA 3	Representações gráficas que mostram a ambigualmente dos termos empregados na paisagem	27
FIGURA 4	Quadro da síntese comparada dos significados do termo <i>Chacra</i> em traduções estudadas	28
FIGURA 5	Quadro da síntese comparada dos significados adjetivados do termo <i>Chacra</i> em traduções estudadas	30
FIGURA 6	Esquema dos três planos do cosmos andino	32
FIGURA 7	Esquema da localização do Templo do <i>Coricancha</i> segundo o sistema de <i>ceques</i> no Cuzco, Peru	33
FIGURA 8	Fotografia do <i>Coricancha</i> do Cuzco, Peru	34
FIGURA 9	Esquema das centralidades na área urbana de Cusco	37
FIGURA 10	Planta (A) e fotografias (B) dos pátios da Casa das Palomas, Centro Histórico de Cuenca dos Andes	43
FIGURA 11	Pinturas de jardins da época medieval (A), (B)	51
FIGURA 12	Fotografias do Real Alcázar de Sevilha (A), (B)	51
FIGURA 13	Fotografias do (A) pátio ajardinado da edificação da Cúria Episcopal no Centro Histórico de Cuenca dos Andes e (B) detalhe da vegetação	52
FIGURA 14	Fotografias das ruínas arqueológicas de <i>Pumapungo</i> , Cuenca dos Andes (A) perspectiva desde os cultivos e (B) detalhe dos terraços	53
FIGURA 15	Representação pictórica, <i>Las Castas</i> , do sistema racial no século XVIII	57
FIGURA 16	Quadros da Mestiçagem durante a Colônia	59
FIGURA 17	Representação pictórica do mestiço - entre os séculos XVIII e XI	61
FIGURA 18	Representação pictórica de uma índia em um vestido de gala do pintor equatoriano Vicente Albán, 1783	65
FIGURA 19	Representação gráfica dos maus-tratos propiciados pelos conquistadores (A) e pelos religiosos (B) durante a conquista de América	68

FIGURA 20	Representação gráfica da influencia religiosa nos indígenas (A), (B)	70
FIGURA 21	Representação gráfica dos das idolatrias dos indígenas segundo os conquistadores (A), (B)	71
FIGURA 22	Fotografia do <i>Coricancha</i> de <i>Tomebamba</i> em Cuenca dos Andes (A) e plano com a localização das montanhas ao seu redor (B)	76
FIGURA 23	Fotografias de fontes de água que existiram em pátios de edificações de Cuenca dos Andes, século XIX (A) com elemento vertical e a nível do piso (B)	77
FIGURA 24	Quadro da analogia comparativa das variáveis de cultivo urbano na paisagem Andina de Cuenca por meio do artifício cultural da mestiçagem	82
FIGURA 25	Representação pictórica dos cultivos nos seis primeiros meses do ano	83
FIGURA 26	Representação pictórica dos cultivos nos seis últimos meses do ano	85
FIGURA 27	Fotografias (A) Acrópolis de Atenas, Grécia e (B) Santuário histórico de Machu Picchu, Peru	87
FIGURA 28	Quadro das inscrições registradas como paisagem e paisagem cultural pela UNESCO	98
FIGURA 29	Quadro dos sítios de valor paisagístico no América Latina e no Caribe, segundo World Heritage Cultural Landscapes 1992-2002, UNESCO	97
FIGURA 30	Planta (A) e fotografia (B) do pátio ajardinado da edificação da Corte Superior de Justiça de Cuenca	100
FIGURA 31	Fotografias de (A) <i>Xochimilco</i> no México e (B) Versalhes na França	104
FIGURA 32	Planta (A) e seção (B) dos pátios de Casa das Palomas em Cuenca dos Andes	111
FIGURA 33	Fotografia (A) e planta (B) dos elementos decorativos em canteiros ou <i>parterres</i> de influência francesa no jardim da <i>Quinta Guadalupe</i> em Cuenca dos Andes	113
FIGURA 34	Fotografia da vegetação (A) e planta (B) do pátio do Mosteiro de Nossa Senhora da Conceção em Cuenca dos Andes	116
FIGURA 35	Fotografias do ajardinamento do Parque Calderón (A), (B)	120
FIGURA 36	Fotografias das lavadeiras no rio <i>Tomebamba</i> (A), (B)	121
FIGURA 37	Fotografias das ruínas de molinhos na área de <i>Todos Santos</i> em <i>El Barranco</i> (A), (B)	122
FIGURA 38	Fotografias do rio <i>Tomebamba</i> (A) e da paisagem natural do Parque Nacional <i>El Cajas</i> (B)	123

FIGURA 39	Fotografias das ruas sem vegetação em Cuenca dos Andes século XIX	124
FIGURA 40	Fotografias das ruas sem vegetação (A) e de um pátio ajardinado (B) em Cuenca dos Andes	125
FIGURA 41	Fotografia (A) e planta (C) do Parque de <i>San Sebastián</i> século XXI	126
FIGURA 42	Fotografia do parque de <i>San Sebastián</i> ou <i>Plazoleta</i> Miguel León 1943	126
FIGURA 43	Fotografias de pátios ajardinados em Cuenca dos Andes (A), (B) século XX	128
FIGURA 44	Fotografias em detalhe (A) e geral (B) dos <i>Keros</i> Incas	129
FIGURA 45	Gráfico com as porcentagens das categorias de valor patrimonial atribuído as edificações inventariadas no Centro Histórico de Cuenca dos Andes	130
FIGURA 46	Plano com a identificação das edificações reconhecidas com valor patrimonial E, pátios ajardinados, sementeiras e jardins no Centro Histórico de Cuenca dos Andes	131
FIGURA 47	Quadro do ajardinamento dos 16 pátios em edificações de valor E	132
FIGURA 48	Gráficos de (A) as porcentagens das 36 casas com pátios com e sem vegetação e (B) as porcentagens dos 16 pátios com mais e menos do 40% de vegetação	135
FIGURA 49	Quadro com a classificação do ajardinamento dos 16 pátios em edificações de valor E do Centro Histórico de Cuenca dos Andes	136
FIGURA 50	Gráfico com as porcentagens de ajardinamento dos 13 pátios de acordo ao tipo de vegetação	137
FIGURA 51	Fotografias comparativas no tempo (A) século XIX e (B) século XXI do ajardinamento do pátio central do Convento de Madres Carmelitas, edificação patrimonial de valor E do Centro Histórico de Cuenca Equador	138
FIGURA 52	Fotografia da planta de design do jardim da Quinta Guadalupe, autoria de Nicanor Lovato em 1940	142
FIGURA 53	Fotografia do jardim da Quinta Guadalupe em Cuenca dos Andes 2017	143
FIGURA 54	Quadro com a análise da planta de design dos canteiros do ajardinamento das 7 sementeiras	144
FIGURA 55	Quadro com a lista dos nomes populares das plantas mais encontradas nas sementeiras do Centro Histórico de Cuenca dos Andes-Ecuador	147
FIGURA 56	Fotografias da vegetação encontrada nas sementeiras das edificações com valor E do Centro Histórico de Cuenca dos Andes século XXI	148

FIGURA 57	Fotografias da paisagem de (A), (B) Cuenca dos Andes 2015	149
FIGURA 58	Quadro que indica os Jardines Andinos ou <i>Chagrillos</i> em Cuenca dos Andes	151
FIGURA 59	Gráfico dos potencias em torno ao <i>Chagrillo</i>	154

LISTA DE SIGLAS

ICOMOS	International Council on monuments and sites
IFLA	International Federation of Landscape Architects
INPC	Instituto Nacional de Patrimônio
ONU	Organização das Nações Unidas
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
CPM	Convenção do Patrimônio Mundial

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A GEO-HISTÓRIA DA SEMENTEIRA NA PAISAGEM ANDINA: CASO CUENCA, EQUADOR	
2.1	A gênese do termo sementeira no contexto da paisagem andina	18
2.2	A religiosidade e os cultivos contidos na sementeira andina	32
2.3	O processo urbano do espaço chacra em Cuenca	42
2.4	Traços da influência europeia que comparecem na sementeira jardim	47
3	A DECORRÊNCIA DO PROCESSO DE MESTIÇAGEM CULTURAL NA PAISAGEM HISPANO-AMERICANA	
3.1	A epistemologia da latinização na paisagem cultural pré-hispânica	55
3.2	Os elementos que moldam uma outra paisagem na América Hispânica	67
3.3	O incompleto artifício da mestiçagem como analogia cultural fixada na paisagem	79
4	O PATRIMÔNIO NA LEGISLAÇÃO E SALVAGUARDA DA MESTIÇAGEM CULTURAL DA PAISAGEM	
4.1	Um patrimônio cultural negado	86
4.2	Oficialidade da representatividade dos bens culturais na paisagem hispano- americana	90
4.2.1	Inclusão nos documentos oficiais como patrimônio da humanidade - Equador e Cuenca	97
4.3	O alcance da legislação de Cuenca no reconhecimento do patrimônio nos jardins de sua paisagem cultural	100
4.4	Resiliência paisagística da sementeira-jardim no diálogo patrimônio e patrimonialidade	106
5	OUTRA TIPOLOGIA DE JARDIM NA PAISAGEM CULTURAL DO PATRIMONIAL MESTIÇO NO CENTRO HISTÓRICO DE CUENCA DOS ANDES	

5.1	O sentido patrimonial do ajardinamento urbano de Cuenca dos Andes	118
5.2	A vulnerabilidade cultural da vegetação nos jardins das edificações patrimoniais de Cuenca	125
5.3	As características estéticas e formais do outro tipo de ajardinamento	140
6	CONCLUSÕES E FUTURAS LINHAS DE PESQUISA	150
	REFERÊNCIAS	156

1 INTRODUÇÃO

A paisagem cultural de Cuenca abriga na sua composição um espaço patrimonial carregado de informações. Trata-se dos jardins dos pátios internos das edificações do Centro Histórico da cidade. Assim, propõe-se analisar a presença de outra configuração de jardim, que ainda não tem sido reconhecida e, que responde às especificidades da paisagem andina, como parte do processo de mestiçagem cultural acontecido no território da América hispânica, tendo como foco, a cidade de Cuenca dos Andes Equatoriano. Por conseguinte, o patrimônio paisagístico contido ao interior das edificações históricas, onde os processos culturais permitiram a coexistência de duas culturas em um determinado espaço, recriando outro modo de vida que não foi limitadamente sincretizado.

Nesse contexto, visibiliza o poder simbólico de outra estética presente e válida, carregada de elementos andinos pré-hispânicos, que são, os atributos da sua particularidade cultural, mas que ao mesmo tempo, não permite uma interpretação de identidade patrimonial conveniente para o lugar.

Desta forma, a mestiçagem, assumida na análise, considera os enlaces entre a cultura inca e a europeia. Compreende-se que ela se encontra pontualmente presente na paisagem cultural do Centro Histórico de Cuenca, cidade andina, localizada no vale interandino do Equador, a uma altitude entre os 2694,4 e, os 2363,5 metros, característica que favorece a existência de vários microclimas no mesmo território (I. MUNICÍPIO DE CUENCA, 1998, p.22). Topograficamente está subdividida em quatro terraços, de norte a sul, o primeiro é conhecido como *Colina de Culca*; o segundo abriga os principais assentamentos patrimoniais e é conhecido como Centro Histórico; O terceiro terraço é conhecido como *El Vergel*, anteriormente ocupado por áreas agrícolas e fazendas da elite cuencana, daí o seu nome. Dividindo o Centro Histórico do Vergel, está o rio *Tomebamba*, um dos quatro rios que atravessam a cidade, possivelmente o mais importante desde antes da colônia, porque os assentamentos nativos estavam próximos a esse. Segundo Chacón Zhapán, “Tomebamba, foi, igual que Cuzco, cidade sagrada, com templos para o deus *Inti* e para *Ticci Viracocha*

Pachacámac, divindade universal, com sacerdotes e mulheres virgens dedicadas ao serviço religioso” (CHACÓN ZHAPÁN, 2005, p.7-8)¹

A cidade que antes de ser conquistada pelos *incas*, entre os anos 1463 e 1471, foi *cañari* de *Guapondelig*, que significa planície grande como o céu, nome que não foi modificado, mas apenas traduzido para o *quichua*, tornando-se *Tomebamba*, Chacon Zhapan (2005, p.22). Sobre a agricultura, afirma-se que eles foram muito avançados, encontraram em seus territórios sinais de terras cultivadas e com canais construídos para a irrigação dos cultivos. Com relação ao trabalho com metais, destaca-se o uso de ouro e prata, tornando-se conhecimentos e habilidades importantes daquele povo.

Os espaços criados, com seus patrimônios, são decorrentes do trabalho dos *Canaris*, já que os *Incas* chegaram apenas há setenta anos antes da invasão espanhola, muito pouco tempo para atribuir todo o excelente trabalho encontrado em *Tomebamba* (CHACÓN ZAHAPAN, 2005, p.82). Inicialmente, os *Incas* encontraram resistência dos *Cañaris*, mas conseguiram conquistar o território. Nesse processo, “Tomebamba tornou-se a capital de um projeto político gerado pelos conquistadores incaicos que envolveram toda a área andina [...] Isso foi possível porque houve um reencontro entre os *cañaris* e os *incas* em suas formas de pensar e agir. A principal identificação foi religiosa, referente ao culto solar” (CHACON ZHAPAN, 2005, p.17)².

O sol como elemento de veneração entre as duas culturas, *Cañari* e *Inca*, era um eixo importante na construção de *Tomebamba*. Naquelas culturas, atribuía-se ao sol a criação de tudo. Para Chacón Zhapán, “Havia uma convicção unânime de que o Sol ‘criava e produzia todas as coisas’ [...] de que o Sol ‘deu clareza e luz ao mundo’ [...] os Canaris ‘... adoram o Sol’” (CHACON ZHAPAN, 2005, p.20)³. A cosmovisão de ambas as culturas tinha semelhanças, de modo que os *incas* conquistadores da época, respeitaram a religião dos *Cañaris*, incluindo-a em suas práticas religiosas, “nada do que os *cañaris* acreditavam era-lhes alheio; nada do que os *cañaris* pensaram era desacreditável” (CHACON ZHAPAN, 2005, p.22)⁴. Destarte, na construção do templo do sol representaram a confluência espiritual entre

¹ Tomebamba, fue, igual que Cuzco, ciudad sacra, con templos para el dios Inti y para Ticci Viracocha Pachacámac, divinidad universal, con sacerdotes y mujeres vírgenes dedicadas al servicio religioso

² Tomebamba se convirtió en capital de un proyecto político generado por los incas conquistadores que involucra a toda el área andina [...] Esto fue posible porque se dio un reencuentro ente los cañaris y los incas en sus formas de pensar y actuar. La principal identificación fue religiosa, referente al culto solar.

³ Existía una unánime convicción de que el Sol “criaba y producía a todas las cosas” [...] de que el Sol “daba claridad y luz al mundo” [...] que los cañaris “... adoran al Sol”.

⁴ Nada de lo que creían los cañaris les era ajeno; nada de lo que pensaron los cañaris era desechable.

as duas culturas, bem como o trabalho e o talento do povo *cañari*. A monumental arquitetura religiosa de *Tomebamba* não teve comparação além do Cuzco, capital de *Tahuantinsuyo*, não só por causa da ocupação *inca*, mas porque a cidade já tinha as expressões culturais que Cuzco possuía. “Os cañaris se deram completamente para construir um templo magnífico localizando-o em seu próprio bairro, ao lado da praça de Paucarbamba (Guacha Opari Pampa); fizeram um famoso templo ao sol, também revestido de ouro e prata [...]” (CHACON ZHAPAN, 2005, p.23)⁵.

A partir dessas considerações históricas, culturais e espaciais, se procurou estabelecer algumas premissas culturais a fim de reconhecer, nessa introdução, a existência de outras culturas de grande valia no território do povo Canaris, antes do domínio do império Inca. A tese não aprofunda sobre esses processos de miscigenação anteriores a invasão espanhola, mas sim, os assume como fundamentais, no momento de perceber o sentido das culturas geradoras da considerada mestiçagem latino-americana, a partir da dominação europeia.

Desta forma, com a dominação dos espanhóis, a relação sociedade/natureza que sustentava o povo indígena teve que mudar, forçadamente, pois uma nova cultura foi-lhes imputada, em que o idioma, a religiosidade, a alimentação, a moradia, os costumes e demais elementos constituintes daquele modo de vida foram tencionados e subordinados. Nesse processo, as interações e imposições propiciaram outra paisagem cultural, porém, o significando dos seus espaços de cultivos foram mantidos. Mesmos sendo nomeados de acordo com o idioma imposto, eles continuam com uma origem cultural diferente, iniciando assim um processo de interações, perdas, resistências, mudanças e trocas entre o povo quéchua e o invasor espanhol.

Assim, essa pesquisa nasce dessa ambiguidade, e procura identificar e propor um significado histórico, cultural e espacial à existência dos jardins. Considera a sua essência a partir de conceitos que abordam os termos jardim, sementeira, pomar, *chacra* e outros termos semelhantes. A pesquisa ocorre a partir dos registros desses termos nas diferentes fontes da época, crônicas e narrativas principalmente nos documentos consultados entre os séculos XVI e XIX.

A partir desse procedimento metodológico descobriu-se uma composição paisagística que não será, já mais, unicamente americana ou europeia, mas sim, uma composição que resulta de misturas de saberes, resultado de algumas combinações de elementos culturais, que

⁵ Los cañaris pusieron todo de si para construir u templo fastuoso ubicándolo en su barrio propio, junto a la plaza de Paucarbamba (Guacha Opari Pampa); ‘Hicieron un famoso templo al sol así mismo chapado de oro y plata [...].’

por albergar na sua concepção a componente indígena, sobreleva uma condição histórica, em que o mestiço é sinônimo de ignorância, portanto, de desprezo.

Porquanto, o papel da mestiçagem e a sua abrangência, como um artifício, não atingiu somente a perspectiva racial, mas sim vários aspectos culturais dos povos invadidos. Porém, um particular espaço de convivência da paisagem urbana, os jardins, onde os nativos americanos tiveram que conformar uma nova forma de coexistência cultural e de certa forma afirmar a sua existência frente ao processo de dominação dos invasores espanhóis.

Os efeitos desse processo relacional entre dominado e dominador aparecem na paisagem, indicando o seu efeito no processo de inclusão/exclusão e subordinação de desiguais elementos paisagísticos entre diferentes culturas. Apesar das imposições do dominador, elementos da cultura local permanecem representando resistências. Contudo, essa resistência, apesar do tempo decorrido e mesmo tendo permitindo a presença da cultura do dominado, carrega em sua salvaguarda patrimonial uma enorme indiferença a os atributos da cultura de origem.

Trata-se de uma condição generalizada em todo o território hispano-americano. Aparentemente, não interfere no reconhecimento internacional daquele patrimônio da humanidade, mesmo que essas culturas pré-hispânicas não sejam consideradas capazes de estabelecer suas práticas sociais, instituindo os seus patrimônios materiais e imateriais. O que pode ser contemplado na análise dos documentos e regulamentos internacionais e nacionais, segundo os quais, os bens materiais e intangíveis latino-americanos são valorizados e salvaguardados sob condições desfavoráveis para com a sua origem, porém, com a sua patrimonialidade.

Nesses espaços se realizaram vários trabalhos de campo. Procurando observar, descrever e analisar o estado de existência do ajardinamento e assim compreender os processos culturais que influenciaram na sua composição. Na maioria dos lugares, os jardins perderam a sua herança cultural por intervenções alinhadas com critérios que não dialogam com as origens históricas dos patrimônios presentes no espaço urbano, e com processos de intervenções urbanísticas que vem ocorrendo na cidade.

Como resultados dos estudos, na tese, aponta-se que esses espaços verdes reservados nos pátios dos edificios foram o principal elemento de vinculação entre a sociedade e a natureza depois da conquista ibérica. Se defende a ideia de que os modelos urbanos trazidos e impostos pelos espanhóis limitaram os usos dos espaços verdes. Consideraram-se as suas existências na perspectiva de estabelecer harmonia com os estilos arquitetônicos das cidades pré-hispânicas. No entanto, alguns dos elementos paisagísticos, que representam os saberes e

fazer dos antigos moradores pode reponer a importância dos modos de vida existentes antes da dominação dos incas e dos espanhóis, indicando a relevância de considerar outros elementos histórico-culturais que caracterizam e especificam o patrimônio de Cuenca.

2 A GEO-HISTÓRIA DA SEMENTEIRA NA PAISAGEM ANDINA: ESPECIFICIDADES DA CIDADE DE CUENCA - EQUADOR

2.1 A gênese do termo sementeira no contexto da paisagem andina

O uso do termo sementeira responde a uma das formas mais próximas de nomear, em língua castelhana, o espaço utilizado para o cultivo da vegetação no contexto andino. Sendo historicamente considerado como um espaço de produção agrícola sem mais especificações em relação as suas formas, tipologias e outros usos, comparece na paisagem como parte das cidades pré-hispânicas. Essa designação foi atribuída de acordo com traduções unilaterais, que tentaram se assemelhar a um contexto europeu para definir esse espaço. Deste modo, outras definições de espaços de cultivo como pomar e jardim, parecem não ter conseguido se ajustar a descrição da paisagem pré-hispânica encontrada, condensando todas as possibilidades de outras intenções de cultivo na sementeira. Ela é uma tradução do termo quíchua *chacra*, o que representa um limite para a compreensão desse espaço no seu contexto cultural nativo.

É assim que a *chacra*, a sementeira, o pomar, no contexto hispano-americano, bem como os elementos que podem ser encontrados ou relacionados com aqueles termos, levam em consideração o tema da vegetação e a sua relação com as principais variedades de plantas cultivadas, rituais relacionados ou atribuídos a ela, bem como suas representações em elementos materiais, como estatuetas que dão conta da sua importância na paisagem. Apesar de que, para sua desvantagem, esta relação com a natureza da cultura inca não deixou materializada em textos qualquer vestígio, que possam demonstrar claramente esse fato. Contudo é a partir da história contada, principalmente na perspectiva ibérica que parece dar uma interpretação capaz de fornecer registros das suas práticas socioculturais relacionadas as sementeiras.

Embora a cultura inca não tenha sido a única a constituir sementeiras ou espaços semelhantes na região andina, é ela quem conjugou a riqueza produzida pelas culturas pré-incaicas que ocuparam o território, e que também o dominava no momento da chegada dos conquistadores, sendo ela quem afrontou o ponto de inflexão cultural no século XVI. Nesse contexto, a sementeira, na sua denominação como uma área destinada ao cultivo da vegetação em geral, remonta-se ao tempo da conquista espanhola, quando as tradições e os elementos

que fizeram parte da cultura inca são traduzidos ao castelhano para serem entendidos, mas com a desvantagem de uma linguagem e cosmovisão muito diferentes daqueles quem a descreve. Nesse processo, as significações culturais nativas e seus muitos elementos são filtrados, modificadas e em geral mal interpretadas como mecanismos de dominação da conquista, estabelecidos a partir do alinhamento com ideias evangelizadoras.

Assim, as manifestações culturais dos conquistados são influenciadas pelos processos aos quais estão sujeitados. As formas de dominação vão se mostrando na arquitetura, urbanismo, arte e outras materializações coercitivas a um grupo que coexiste em um determinado espaço. A mestiçagem surge então como um processo iminente à dominação. No entanto, isso não implica ou significa culturalmente uma disposição da população local restabelecer as suas representações, identidades ou pertencimentos. Assim, o nome atribuído a essas manifestações culturais está, de preferência, alinhado com a cultura conquistadora. A comparação entre culturas vai estabelecendo semelhanças entre elementos americanos e europeus. Nesse contexto, a ausência de reconhecimento da existência de uma cultura local assentada em um ambiente diferente do europeu, forçosamente institui equivalências de formas e conteúdos, inaugurando um processo repleto de estranhamentos e contradições.

De acordo com Musset (1996, p.25), as interpretações sobre os modos de vida dos conquistados foram “moldados pela cultura grega e latina e alimentados por todos os preconceitos da Idade Média europeia, os espanhóis não tinham conhecimento suficiente para atender a todas as limitações impostas pelo ambiente natural”⁶. É assim que, a *chacra* também seria condicionada a esses parâmetros de compreensão. Entende-se também que a maneira em que os espanhóis procediam para responder as dúvidas em relação ao significado e ao uso desses diferentes espaços foi o recurso metodológico da comparação para que dessa maneira pudessem estabelecer parâmetros de analogia, possibilitando alcançar os sentidos daquilo que era desconhecido na cultura do dominado.

Contudo, Encalada Vázquez (2007, p.39) aponta “[...] a dificuldade de ter que atribuir um nome ao desconhecido. Para isso, os habitantes americanos tiveram que fazer abstrações e comparações que teriam a ver com tamanho, a forma ou alguma outra característica que poderia passar como essencial e determinante”⁷. Assim, também o autor sugere que, dentro

⁶ moldeados por la cultura griega y latina y alimentados de todos los prejuicios de la edad media europea, los españoles no disponían de los conocimientos suficientes para hacer frente a todas las limitaciones impuestas por el medio natural.

⁷ [...] la dificultad de tener que asignar un nombre a lo desconocido. Para hacerlo, los habitantes americanos tuvieron que realizar abstracciones y comparaciones que tendrían que ver con el tamaño, la forma o algún otro rasgo que podría pasar por esencial y definitorio.

deste processo de atribuir nomes conhecidos ao desconhecido e entender o valor de uma nova cultura diferente da europeia, muitas interpretações errôneas ocorreram, bem como uma marcada discriminação contra as culturas andinas.

Em cada ato de descoberta se produz quase sempre uma comparação –e às vezes um confronto– entre a cultura do descobridor e a natureza e a cultura dos descobertos. No caso americano, a pouca instrução dos descobridores, o etnocentrismo de soldados, navegadores e aventureiros, geralmente inferiores, que queriam fazer uma fortuna rapidamente, muitas vezes escudando-se em motivos religiosos e civilizadores, e outros sem camuflagem; acrescentou a tudo isso o maior desenvolvimento tecnológico e guerreiro dos europeus, inclinou o equilíbrio a favor dos espanhóis. (ENCALADA VÁSQUEZ, 2007, p.43)⁸.

Nessa forma de ver a cultura do outro, é possível que na indisponibilidade de recursos linguísticos e culturais similares para identificar os elementos encontrados, muitos deles foram omitidos ou foram atribuídos significados insatisfatórios pelos conquistadores. Também é importante lembrar que o *quíchua*, não contou com a escrita alfabética de sua língua, como aconteceu com outras culturas americanas.

O *quíchua*, a língua oficial do *Incanato*, foi transmitida principalmente a partir da oralidade. O *quipux*, foi a sua possível forma de escrita. Tratava-se de privilégio das elites do Senhorio, que amarrando fios de diferentes cores criavam códigos de escrita com nós, dos quais os espanhóis não foram capazes de decifrá-los. Assim, não foi possível ao invasor dar conta do conhecimento e das informações contidas nas sementeiras, bem como das representações físicas da cultura dos invadidos. Como decifrá-los, sem eles, sem conhecer a sua oralidade?

Incapazes de decifrar a cultura do outro, para identificar os elementos que propõem uma ambiguidade na conformação e existência de espaços verdes urbanos, nas cidades andinas, são os dicionários de época, principalmente os do século XVI, que se referem a esses espaços com indeterminação e irrelevância. Essa situação comparece tanto na linguagem como nas definições da sua relação com a paisagem, conforme figura 1.

⁸ En todo acto de descubrimiento se produce casi siempre una comparación –y a veces un enfrentamiento– entre la cultura del descubridor y la naturaleza y la cultura de lo descubierto. En el caso americano, la poca instrucción de los descubridores, el etnocentrismo de soldados, navegantes y aventureros, generalmente segundones, que querían hacer fortuna rápidamente, muchas veces escudándose en razones religiosas y civilizadoras, y otras sin ningún embozo; sumado a todo esto el mayor desarrollo tecnológico y bélico de los europeos, inclinó la balanza a favor de los españoles.

FIGURA 1 – Representações gráficas que empregam ambigualmente o termo *chacra*



Fonte: Guaman Poma (1615, p.229, p.879,).

(A) “Desenho 86. A sétima ‘rua’ ou faixa etária, *pawaw pallaq*, menina de nove anos que colhe flores”⁹. (B) “Desenho 324. Dois hortelãos andinos cuidam do seu jardim: ‘Mastiga esta coca, irmã’”¹⁰.

Posteriormente, fontes documentais criadas por mestiços, dão continuidade a essas definições, em alguns casos, clarificando terminologias originais, mas também as eliminando. Por isto, a cultura andina e latino-americana, foi inicialmente registrada e descrita por religiosos e viajantes europeus, reafirmando uma perspectiva alheia ao modo de ser daqueles povos. Nessas crônicas e relatos, percebe-se o modo de vida dos habitantes da América Andina, sua natureza, usos e cultivos de plantas, do seu conhecimento, adaptando e traduzindo significados culturais originais para outras culturas. Na ânsia de entendê-los, religiosos e naturalistas estabelecem descrições, mas sem um cuidado com as suas especificidades. Com relação às sementeiras, não insólito, são nomeadas de diferentes formas de acordo com a proximidade que os espaços se mostram à cultura estrangeira, relacionando-os com a vegetação encontrada e seu significado na língua castelhana.

⁹ Dibujo 86. La séptima “calle” o grupo de edad, *pawaw pallaq*, niña de nueve años que recoge flores

¹⁰ Dibujo 324. Dos hortelanos andinos cuidan su jardín: “Masca esta coca, hermana”.

Um exemplo desse procedimento é quando se escreve sobre as sementeiras, ou chamadas *chacras*, são referidas de acordo com o conceito de um pomar e, que fazem parte das moradias e dos espaços destinados à produção de alimento para o consumo das pessoas, mas onde também são cultivadas plantas ornamentais que são específicas do chamado jardim que, pouco ou nada tem a ver com o pomar do contexto ibérico. Nessa compreensão e instauração da sementeira, da *chacra* e do jardim, se apresentam várias traduções e significados, que não dialogam com a cultura local, insistindo em um consenso no momento de defini-los em suas traduções. À vista disso, se escolheram os principais conceitos dados a estes espaços entre os séculos XVI e XIX, em crônicas e vocabulários que, coloquem parâmetros de convergência para nortear uma descrição para eles, que na figura 2 procura-se detalhar, considerando a origem, o século e a condição dos autores estudados. Sendo importante indicar que, a língua espanhola e quíchua empregada por esses autores correspondem a sua época e, portanto, difere das regras em vigor.

FIGURA 2 – Quadro dos autores das obras analisadas

Autor	Século	Origem	Condição
Pedro Cieza de León	XVI	Espanhol	Conquistador
Domingo de Santo Tomás	XVI	Espanhol	Frade dominicano
Diego González Holguín	XVII	Espanhol	Padre jesuíta
Diego de Torres Rubio	XVII	Espanhol	Padre jesuíta
Luis Cordero Crespo	XIX	Equatoriano	Político, escrito

Fonte: A autora.

No século XVI, o cronista espanhol Cieza de León, divulgou seu trabalho nomeado ‘Crônica do Peru, O Senhorio dos Incas’, em um momento em que o conceito de jardim na Europa já era conhecido e atribuído principalmente às classes dominantes “[...], o jardim nasce do encontro entre a natureza e a cultura [...]” (BATISTINI, 2012, p.39)¹¹. E Cieza de León na sua descrição emprega o termo jardim para indicar os espaços com plantas que estão ao redor do *Coricancha* ou Templo do Sol, assim como elementos presentes, aparentemente ornamental, em ouro e prata na sua composição. Segundo o autor, “[...] estava artificialmente semeada de milho, os quais eram [de] ouro, assim as suas canas como as folhas e maçarocas estavam tão bem plantados que, embora fizessem ventos fortes, não se arrancavam” (CIEZA

¹¹ [...] il giradino nasce dall’incontro di natura e di cultura [...].

DE LEÓN, 2005, p.361)¹². Nesta citação, aparentemente o jardim é nomeado como um espaço para o cultivo de milho, no qual se encontram reproduções em ouro, desta planta, sendo a sua presença, algo não ornamental. O fato de o milho ser representado em materiais preciosos, foi decisivo para atribuir a esse espaço o nome de jardim.

No entanto, não há apenas plantas, também há figuras de animais, vasos de prata, ouro e pedras preciosas. “Haviam muitos frascos de ouro, prata e esmeraldas, copos, panelas e todo tipo de potes, tudo de ouro fino. Por outras paredes, ele teve esculpidas e pintadas outras grandes coisas” (CIEZA DE LEÓN, 2005, p.361)¹³. Por conseguinte, o motivo que levou a nomear alguns desses espaços *incaicos* como jardins naquele momento, provavelmente foi devido principalmente pela presença de metais preciosos, em diferentes representações que vão além da vegetação, já que não há mais detalhes sobre essa paisagem. Contudo, menciona-se a presença do milho, que é a base da alimentação indígena, e que se trata de uma planta nativa do novo continente, com uma grande importância ritual, cultivada principalmente em sementeiras ou também chamadas *chacras*.

Por outro lado, Domingo de Santo Tomás, frade andaluz, escreveu o *Lexicon* ou *Vocabulário* do idioma geral do Peru, publicado em 1560, aparecem as definições de *chacra* e *jardim*. Para a *chacra*, ele define como um lugar de trabalho, com uma conotação também de herança, é um lugar de cultivo, “Arado, lugar onde aran___*chacara*” (SANTO TOMAS, 1560, p.14)¹⁴, “*Chacara*___herança, lugar de trabalho” (SANTO TOMAS, 1560, p.119)¹⁵, “*Chápa* o *chacara*___herança” (SANTO TOMAS, 1560, p.120)¹⁶. A união das palavras *chacra* com as de vegetais, o autor as propõe numa definição espacial onde elas são cultivadas, portanto, uma outra possível especificidade ao definir um espaço de cultivo baseado no tipo de plantas encontradas nele, “Verduda para comer___*yuyo*” (SANTO TOMAS, 1560, p.104)¹⁷, “vergel___*yuyo chacara*” (SANTO TOMAS, 1560, p.104)¹⁸.

O pomar, também é incluído como um lugar onde as hortaliças são cultivadas. “Pomar, para hortaliça ___ *yuyo chacara*” (SANTO TOMAS, 1560, p.103)¹⁹. No entanto,

¹² [...] estaba artificiosamente sembrado de maizales, los cuales eran [de] oro, así las cañas de ellos como las hojas y mazorcas, y estaban tan bien plantados que, aunque hiciese recios vientos, no se arrancaban.

¹³ Había mucha cantidad de tinajas de oro y plata y esmeraldas, vasos, ollas, y todo género de vasijas, todo de oro fino. Por otras paredes tenía esculpidas y pintadas otras mayores cosas.

¹⁴ Arado, lugar donde aran___*chacara*.

¹⁵ *Chacara*___*heredad*, lugar de labor.

¹⁶ *Chápa* o *chacara*___*heredad*.

¹⁷ Verduda para comer___*yuyo*.

¹⁸ vergel___*yuyo chacara*.

¹⁹ Verta, para ortalíza___*yuyo chacara*.

inclui também uma combinação empregando os termos jardim e vegetais, “jardim ___ *yuyochacra*” (SANTO TOMAS, 1560, p.68)²⁰, que aparentemente, seria um jardim de vegetais, porque ele não oferece uma descrição de plantas ornamentais que ele contém. Assim, o termo, parece se alinhar a um conceito visual ornamental, considerando apenas à disposição das plantas e não somente pela sua natureza. Contudo, um cultivo que tem um nome particular, é o da fava, que também pode se referir ao feijão, mas que ainda é denominado em função do tipo de planta. O autor aponta que existe o faveiro, juntando as palavras quíchuas *pallar* mais *chacara*, “*Pallar* ___ fava, legume [...] *Pallarpachacara* ___ faveira” (SANTO TOMAS, 1560, p.159)²¹. Paradoxalmente, uma das plantas mais importante do ponto de vista alimentício e possivelmente ritualizada, é o milho. Mesmo que não esteja nomeada especificamente, porque a *chacra* não é traduzida como lugar para cultivo de milho, o grão de milho é traduzido como “*Choclo* ___ espiga granada, de trigo, ou de (milho geralmente)” (SANTO TOMAS, 1560, p.124)²², “Espiga granada ___ *choclo*” (SANTO TOMAS, 1560, p.58)²³, mas sem uma nomeação específica para o seu cultivo.

A palavra *chacra*, ou *chácara*, também é usada na definição de lugares onde metais preciosos e minerais são extraídos, formando palavras compostas que especificam o material como o ouro, a prata e o cobre, “*Anta chácara* ___ mineira de cobre, ou fio” (SANTO TOMAS, 1560, p.109)²⁴, “*Collquip chacara* ___ mineiro de prata” (SANTO TOMAS, 1560, p.126)²⁵, “*Coripchacara* ___ mineiro de ouro” (SANTO TOMAS, 1560, p.127)²⁶. Ou também de onde materiais como a pedra são obtidos “*Rumichacara* ___ pedrera, ou pedreira” (SANTO TOMAS, 1560, p.160)²⁷. O autor mostra que o conceito de *chacra*, ou *chacara* como ele escreve, refere-se a um lugar de cultivo, principalmente, a partir do qual são obtidos alimentos. Também há referências a *chacra* como lugar onde se encontram metais preciosos e minerais. Todos eles representam elementos importantes na materialização da cosmovisão andina no seu território. A vegetação, por sua vez, é uma bênção dos deuses na terra, assim também, os metais como ouro, prata e cobre, estão relacionados com os deuses, e não têm significado de riqueza econômica, senão como elementos fundamentais dos seus

²⁰ jardín ___ *yuyochacra*.

²¹ *Pallar* ___ *haua*, legumbre [...] *Pallarpachacara* ___ *havar*.

²² *Choclo* ___ espiga granada, de trigono, o de (mayz generalmente).

²³ Espiga granada ___ *choclo*.

²⁴ *Anta chácara* ___ *minero* de cobre, o alambre.

²⁵ *Collquip chacara* ___ *minero* de plata.

²⁶ *Coripchacara* ___ *minero* de oro.

²⁷ *Rumichacara* ___ *pedrera*, o cantera.

rituais, pois os minerais e as pedras são a matéria-prima para a construção de templos, moradias, edifícios e assemelhados. Desse modo, a *chacra* é traduzida como um conceito mais abrangente do que cultivo vegetal, está relacionada com a ideia de herança, de um espaço definido e limitado, que se diversifica de acordo com os benefícios daquilo que o povo tem aproveitado, já que são os deuses que colocam essas bênçãos.

Na língua espanhola em vigência, a definição do pomar difere da horta, na sua dimensão, sendo o pomar uma pequena extensão de terra delimitada, podendo estar cercado, onde vegetais, legumes são cultivados, além das árvores frutíferas. Sobre a horta, é dito que tem uma maior extensão de terra, em comparação com o pomar, em que são cultivados vegetais e árvores frutíferas. O jardim, por sua vez, não se limita a uma extensão de terra, mas se especifica a partir do cultivo de plantas ornamentais. As traduções de González Holguín parecem ter norteadas essas definições, conseguindo perceber o acoplamento dos espaços de cultivo do *Incanato* a esses outros cultivos. As traduções são resultado das comparações culturais, para tentar uma tradução da língua *quíchua*. Fato que permite compreender a existência de espaços diferenciados para o cultivo ou a produção no *Tahuantinsuyo*. Trata-se de espaços que pelo tamanho, mesmo que implícito ao tipo de cultivo ou materiais que produzem, tinham um nome específico e, portanto, uma hierarquia.

Acrescentam às investigações de Santo Tomás no âmbito dos espaços de cultivo, as do Fray Diego González Holguín, padre jesuíta espanhol, que no seu livro ‘Vocabulário da Língua Geral de todo o Perv chamada Língua *Qquichua* ou Inca’ do ano 1608, aponta outros tipos de sementeiras, jardins e lugares de cultivo traduzidos igualmente do quíchua, mas empregando outras palavras que não foram anotadas por Santo Tomas ou que Cieza de León possivelmente identificou em seus estudos. É o caso do “*Muya*. Pomar, ou jardim” (GONZÁLES HOLGUÍN, 2007, p.175)²⁸, ou a “*Mallquiçapa muya*. Pomar de muitas árvores frutíferas” (GONZÁLES HOLGUÍN, 2007, p.160)²⁹. Ele propõe nomes particulares com foco na tipologia da vegetação cultivada, identificando pomares ou jardins, assim como a especificidade de ter espaços onde predominam as árvores que produzem frutos. Todavia é importante notar que ele não emprega a palavra *chacra* para compor a tradução desses espaços. Sendo as árvores frutíferas e as flores quem lhe atribuem características a esses espaços nessas traduções, já que oferecem outras possibilidades de uso, e que no caso das flores, podem compor práticas agrícolas para definir áreas que não se identificam com produção de alimento. Trata-se da observação de outro atributo na descrição da paisagem,

²⁸ Muya. Huerto, o jardin.

²⁹ Mallquiçapa muya. Huerta de muchos frutales.

como o campo florido “*Ciça ciça pampa*. Campo florido” (GONZÁLES HOLGUÍN, 2007, p.79)³⁰. Igualmente o campo ou *pampa* se apresenta como outra tipologia que se diferencia pelas suas dimensões maiores, enquanto área de ocupação.

No entanto, ao se referir à *chacra*, a definição desta parece diferir do *muya*, ou sua tipologia, como o caso de “*Chhacra*. Herança do trabalho nas terras ou pomares” (GONZÁLES HOLGUÍN, 2007, p.84)³¹, ou a “*Ccorayok Chakra*. A *chacra* que tem pouca erva” (GONZÁLES HOLGUÍN, 2007, p.72)³². Interessante definição, pois coloca a *chacra* como sendo também um espaço que pode ser cultivado com erva e que a quantidade dessa pode categorizar um espaço possivelmente hierarquizado. Também caracteriza a *chacra*, pela extensão da terra delimitada “*Ccutmuchacra*. A parte mais pequena que é a oitava parte de uma terra e de uma parcela [...]” (GONZÁLES HOLGUÍN, 2007, p.75)³³, assim como pelo tipo de vegetação cultivada nesta: “Árvore de pomar ou frutíferas. *Ruruk mallqui*, ou *mallqui*” (GONZÁLES HOLGUÍN, 2007, p.264)³⁴.

Detalhando ainda mais as diferenças relacionadas ao termo *chacra*, se encontra uma qualidade muito particular que pode estar associada às condições sociais, políticas, econômicas, climáticas ou geográficas. Holguín, (2007) ao descrever uma tipologia de *chacra* específica para as produções destinadas aos pobres, inclui a palavra “*Çapsichacra*. *Chacra* comunitária para apoiar os pobres [...]; *Capssictam llamccani*. Fazer *chacra* comunitária” (GONZÁLES HOLGUÍN, 2007, p.80)³⁵. Essa definição abre a possibilidade da existência de *chacras* para a elite do *Incanato*. No entanto, propõe a existência de um “*Ccorimama*. O torrão, terra de ouro. [...]; *Ccori chacra*. Mina de ouro” (GONZÁLES HOLGUÍN, 2007, p.73)³⁶, especificando-o como uma mina de ouro e não como um jardim de ouro, como alguns cronistas e escritores como Cieza de León e Garcilaso de la Vega o identificam.

Neste ponto, cabe o esclarecimento que, embora Garcilaso de la Vega seja considerado como um dos principais escritores mestiços, ele não tem, nas suas publicações, definições que abordam as particularidades do termo *chacra* na tradução do quíchua ao espanhol. Não se observam abordagens que mostrem outros conceitos dos espaços de cultivo ou paisagem que

³⁰ Ciça ciça pampa. Campo florido.

³¹ Chhacra. Heredad de laur tierras o huertas.

³² Ccorayok chacra. La chacra que tiene poca yerua.

³³ Ccutmuchacra. La menor parte que es octava parte devn topo de tierra y de vn solar patma topo medio topo, sillcu sexto.

³⁴ Arbol de huerta o frutifero. Ruruk mallqui, o mallqui.

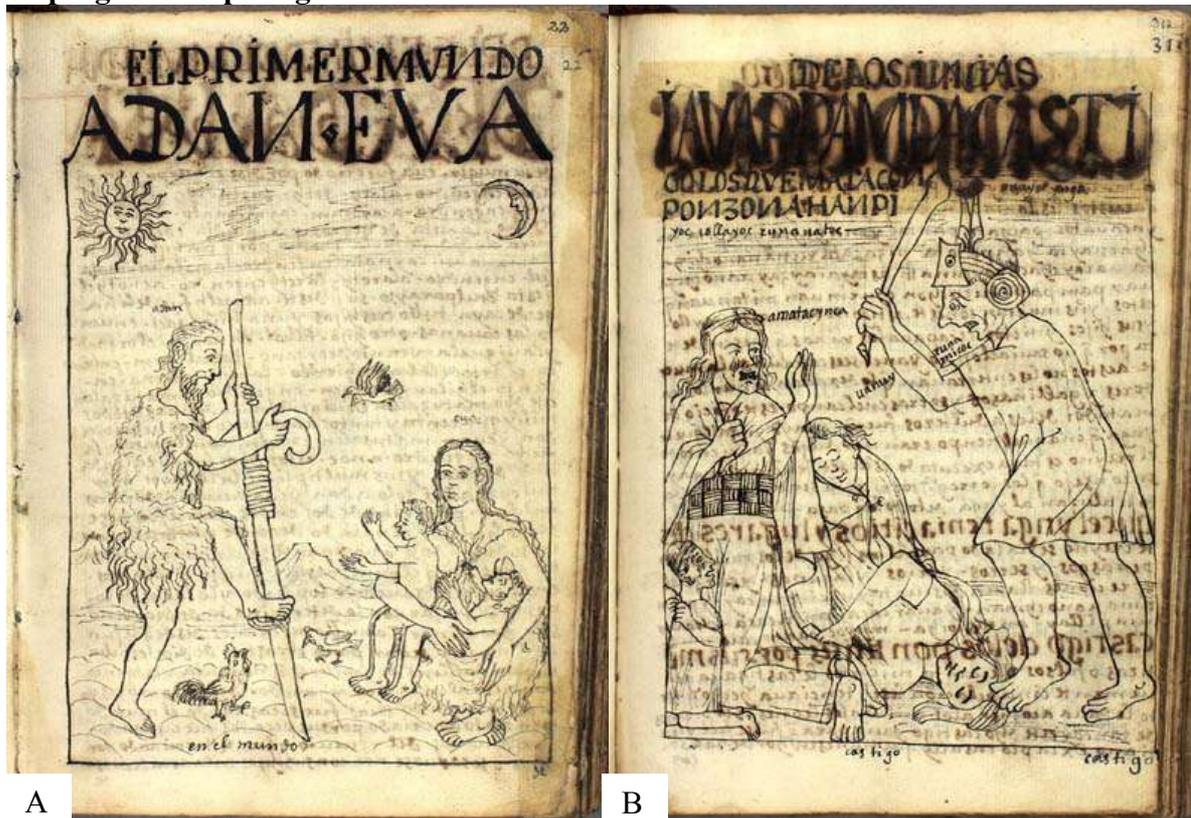
³⁵ Çapsichacra. Chacra de comunidad para sustentar pobres [...]; Capssictam llamccani. Hazer chacra de comunidade.

³⁶ Ccorimama. El terrón, tierra de oro. [...]; Ccori chacra. Mina de oro.

possam acrescentar outros elementos aos já estudados. Caso semelhante acontece com as crônicas e gráficos do considerado ameríndio Felipe de Guaman Poma (1615). Esse autor, nas suas publicações, usa ambigualmente o termo, assim, descreve e desenha uma *Yaguar Pampa* que significa pampa de sangue, conforme figura 3.

Interessado com os matizes culturais do povo *Quichua*, em 1619, o padre Diego de Torres Rubio da Companhia de Jesus, publica a *Arte da Linguagem Quichua*, e traduz o termo “chacra, herança” (TORRES RUBIO, 1619, p.182)³⁷, sendo também definidos outros nomes para esses espaços de cultivo, que não são necessariamente acompanhados por essa palavra, como o caso de “arvoreda. *cacha çacha*” (TORRES RUBIO, 1619, p.138)³⁸, “plaza. *Pampa*” (TORRES RUBIO, 1619, p.165)³⁹.

FIGURA 3 – Representações gráficas que mostram a ambiguidade dos termos empregados na paisagem



Fonte: Guaman Poma (1615, p.22, p.312)

(A) “Desenho 7. A primeira era do mundo: Adão e Eva, em uma paisagem andina”⁴⁰. (B) “Desenho 122. Os castigos do *Ynga* em *Yaguar Pampa* daqueles que matam com veneno [...]”⁴¹.

³⁷ chacra, heredad. chacruní, mesclar.

³⁸ árbol. çacha, hacha. arboleda. cacha çacha.

³⁹ plaza. Pampa.; plata. Chollqui.

⁴⁰ Dibujo 7. La primera edad del mundo: Adán y Eva, en un paisaje andino

⁴¹ Dibujo 122. Los castigos del *Ynga* em *Yauar Pampa* de los que matan con ponzoña [...].”

Já no século XIX, outra definição de jardim é dada por Luis Cordero. Em 1892, no seu Dicionário Quichua-Castellano (2010), o termo jardim é traduzido como *sisachagra*, palavra *quíchua* composta por *sis* que tem o significado de flor e, *chagra* de sementeira, esse significado atribui uma conotação ornamental e que pode ser entendido como sendo constituído basicamente por plantas com flores. Elas são o principal componente deste espaço e, que juntamente com a palavra *chagra* confere um significado que delimita as grandes áreas de cultivo. No entanto, a *chagra* se traduz como “sementeira, especialmente de milho; qualquer outra colheita ainda não madura” (CORDERO, 2010, p.102)⁴². Imprescindível destacar que Luis Cordero não cataloga, ou dá significado, à palavra pomar ou horta, elas não aparecem no seu dicionário. Da mesma forma, a palavra *muya* designada por Holguín para o jardim, não está presente neste dicionário, mas sim a palavra *muyu*, que é muito próxima a *muya*, e que Cordero traduz como “semente de qualquer planta; tubérculos destinados à propagação” (CORDERO, 2010, p.164)⁴³. É assim que, na figura 4, mostra-se uma síntese comparada do termo, significado e traduções em espanhol e quíchua pela sua origem entre os séculos XVI e XIX.

FIGURA 4 – Quadro da síntese comparativa dos significados do termo *Chacra* em traduções estudadas

Cronista	Século	Termo		
		Quíchua	Espanhol	Português
Pedro Cieza de León	XVI	—	<i>jardín inca</i>	jardim inca
Domingo de Santo Tomás	XVI	<i>Chácara</i>	<i>Arado, lugar donde aran</i>	Arado, lugar onde aram
		<i>Chacara</i>	<i>heredad, lugar de labor</i>	herança, lugar de trabalho
		<i>Chápa o chácara</i>	<i>heredad</i>	herança
Diego González Holguín	XVII	<i>Muya</i>	<i>Huerto, o jardín</i>	Pomar, ou jardim
		<i>Chhacra</i>	<i>Heredad de la uor tierras o huertas</i>	Herança do trabalho nas terras ou pomares
Diego de Torres Rubio	XVII	<i>Chacra</i>	<i>heredad</i>	herança
Luis Cordero	XIX	<i>Sisachagra</i>	<i>jardín</i>	jardim
		<i>Chagra</i>	<i>sementera, especialmente de maíz; cualquier otras mies aun no madura</i>	sementeira, especialmente de milho; qualquer outra colheita ainda não madura

Fonte: Adaptado de Cieza de León (2005), Santo Tomas (1560), Gonzáles Holguín (2007), Torres Rubio (1619), Cordero (2010).

⁴² sementera, especialmente de maíz; cualquier otras mies aun no madura.

⁴³ semilla de cualquier planta; tubérculos que se destinan para la propagación.

Aparentemente, a *chacra* é um lugar de cultivo, onde os principais objetivos são a produção de alimentos e de ritual para as pessoas. O *muya* ou jardim, pomar, difere em aspectos de área e vegetação. A comparação foi, certamente, a metodologia aplicada também por Gonzales Holguín, contribuindo para isso, os conceitos aprendidos e associados à estética, cores, odores, dimensões e religiosidade. Essa conotação de caráter religioso é usada para entender a ambivalência dos conquistadores para com os espaços de cultura dos povos nativos da América. Assim, como decorrência dessas definições, o cultivo da terra poderia ser variado, dado que, a idade do vocabulário de Holguín, 1608 e o contexto histórico da época das definições desses espaços são dadas na Europa. Além disso, em função da pouca instrução e conhecimento com que os colonizadores contavam no momento de escrever os seus trabalhos geram importantes questionamentos, principalmente sobre a profundidade desses significados e suas abrangências a respeito dos particulares socioespaciais.

No entanto, embora o termo *chacra* tenha vários significados, a maioria semelhante, os adjetivos que o acompanham permitem entender a abrangência do seu conceito e importância para pensar a constituição da paisagem cultural da época. Também permitiram pensar no tipo de solo, pois os autores se referiram ao tipo de substrato que pode caracterizar esse, “*Cacacha chacra*. Terras macias de lavar, e o homem ou animal bem amansado” (GONZÁLES HOLGUÍN, 2007, p.68)⁴⁴, “*Ccochca allpa*, ou *chacramana vnup chayanan*. Terras de secado, ou de chuva que não são irrigadas” (GONZÁLES HOLGUÍN, 2007, p.71)⁴⁵, “Terra de semear. *Chakra allpa*” (GONZÁLES HOLGUÍN, 2007, p.414)⁴⁶. Todavia, tem também referência sobre as pessoas que trabalham a terra, “*Chhaacractayapuni*. Herança de lavar. *Chhacracamayoc*. O que vive de sementeiras ou o lavrador, ou o mordomo de *chacras*. *Chhacra yapuy camayoc*. Aquele que é alugado para arar, *oyapuchicuk mincachicuk*” (GONZÁLES HOLGUÍN, 2007, p.84)⁴⁷.

Torres Rubio, coloca também outras palavras para indicar significados, já dados, que tem a ver com plantas, produtos colhidos nas *chacras*, e tipos de alimentos, como “milho. *çara*; milho cozido. *moti*; milho torrado. *hanaca*; milho duro. *muruchu*; punhado. *Maytu*” (TORRES RUBIO, 1619, p.159)⁴⁸, “flor. *çiçiinquill*; florescer. *çiçan*” (TORRES RUBIO,

⁴⁴ Ccacha chacra. Tierras blandas de labrar, y el hombre o animal bien amansado.

⁴⁵ Ccochca allpa, o chacramana vnup chayanan. Tierras de secano, o de temporal que no se riegan.

⁴⁶ Tierra de sembrar. Chakra allpa.

⁴⁷ Chhaacractayapuni. Labrar heredad. Chhacracamayoc. El que viue de sementeras o el labrador, o el mayordomo de chacras. Chhacra yapuy camayoc. El que se alquila para arar, oyapuchicuk mincachicuk.

⁴⁸ mayz. çara.; mayz cozido. moti.; mayz tostado. hanaca.; mayz duro. muruchu; manojo. maytu.

1619, p.152)⁴⁹, “Rayz. *capi*; irrigação. *challano*; irrigação. *chacchuni*; irrigar herança. *carpani*” (TORRES RUBIO, 1619, p.166)⁵⁰, “árvore. *çacha*, *hacha*” (TORRES RUBIO, 1619, p.138)⁵¹, “prata *Chollqui*” (TORRES RUBIO, 1619, p.165)⁵². Contudo, uma palavra que gera curiosidade é “chacruní, mistura” (TORRES RUBIO, 1619, p.182). Na sua composição apresenta uma semelhança como *chacra*, mas o significado não aborda um espaço, mas sim uma característica que pode ser atribuída a muitas expressões que a partir da conquista espanhola tem uma conotação cultural importante, a mestiçagem, uma mistura cultural latino-americana. Desta forma na figura 5, pode-se observar a influência das palavras compostas nos significados, ampliando ainda mais o conceito espacial da *chacra*.

FIGURA 5 – Quadro da síntese comparativa dos significados adjetivados do termo *Chacra* em traduções estudadas

(continua)

Cronista	Século	Termos adjetivados		
		Quíchua	Espanhol	Português
Pedro Cieza de León	XVI	_____	_____	_____
Domingo de Santo Tomás	XVI	<i>yuyo chacara</i>	<i>vergel</i>	vergel, floresta
		<i>yuyo chacara</i>	<i>Verta, para ortaliza</i>	Pomar, para hortaliça
		<i>Yuyochacra</i>	<i>jardín</i>	jardim
		<i>Anta chácara</i>	<i>minero de cobre, o alambre</i>	mina de cobre, ou fio
		<i>Collquip chacara</i>	<i>minero de plata</i>	mina de prata
Diego González Holguín	XVII	<i>Coripchacara</i>	<i>minero de oro</i>	minero de ouro
		<i>Rumichacara</i>	<i>pedrera, o cantera</i>	pedreira, ou canteira
		<i>Mallquiçapa muya</i>	<i>Huerta de muchos frutales</i>	Pomar de muitas árvores frutíferas
		<i>Ciça ciça pampa</i>	<i>Campo florido</i>	Campo florido
		<i>Ccorayok chacra</i>	<i>La chacra que tiene poca yerua</i>	A <i>chacra</i> que tem pouca erva
		<i>Ccutmuchacra</i>	<i>La menor parte que es octaua parte devn topo de tierra y de vn solar patma topo medio topo, sillcu sexto</i>	A menor parte que é a oitava parte de uma terra e de uma parcela
		<i>Çapsichacra</i>	<i>Chacra de comunidad para sustentar pobres</i>	<i>Chacra</i> comunitária para apoiar os pobres
<i>Capssictam llamccani</i>	<i>Hazer chacra de comunidad</i>	Fazer <i>chacra</i> comunitária		
<i>Ccori chacra</i>	<i>Mina de oro</i>	Mina de ouro		

⁴⁹ flor. çiçiinquill.; florecer. çiçan.

⁵⁰ rayz. capi.; regar. challano.; regar. chacchuni.; regar heredad. carpani.

⁵¹ árbol. çacha, hacha. arboleda. cacha çacha.

⁵² plaça. Pampa.; plata. Chollqui.

FIGURA 5 – Quadro da síntese comparativa dos significados adjetivados do termo *Chacra* em traduções estudadas

(conclusão)

Cronista	Século	Termos adjetivados		
		Quíchua	Espanhol	Português
Diego González Holguín	XVII	<i>Ccacha chacra</i>	<i>Tierras blandas de labrar, y el hombre o animal bien amansado</i>	Terras macias de lavar, e o homem ou animal domesticado
		<i>Ccochca allpa, o chacramana vnup chayanan</i>	<i>Tierras de secano, o de temporal que no se riegan</i>	Terras de secado, ou de chuva que não são irrigadas
		<i>Chakra allpa</i> <i>Chhaacraractayapu ni</i>	<i>Tierra de sembrar</i> <i>Labrar heredad</i>	Terra de semear Herança de lavar
Diego de Torres Rubio	XVII	<i>cacha çacha</i>	<i>arboleda</i>	arvoredo
		<i>Pampa</i>	<i>plaza</i>	praça
Luis Cordero	XIX	_____	_____	_____

Fonte: Adaptado de Cieza de León (2005), Santo Tomas (1560), Gonzáles Holguín (2007), Torres Rubio (1619), Cordero (2010).

Nas definições apresentadas, existem especificidades para o jardim e a *chacra*, *chacara* ou *chagra*. Por uma parte a *chagra*, definida por Cordero em 1892, tem a predominância de uma espécie vegetal neste espaço de cultivo, como milho. Trata-se de um cereal importante, o que justifica a referência a amplas extensões de terra, visto que essas plantas eram o principal alimento para os habitantes das cidades bem como nos rituais.

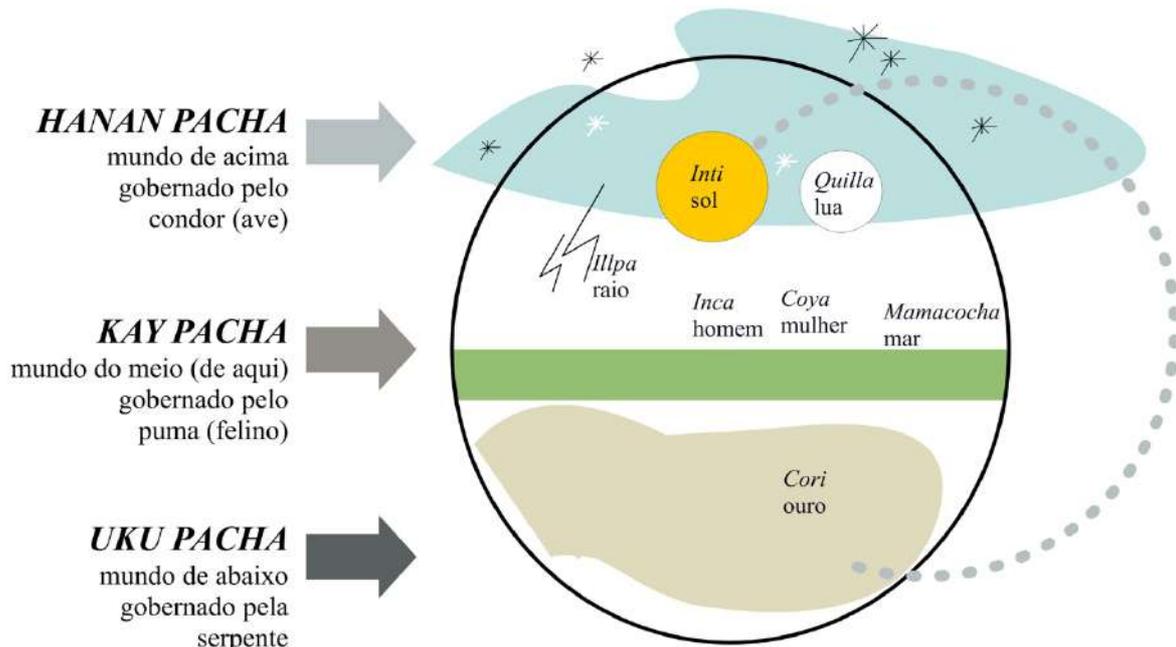
Essa situação não parece acontecer com o jardim, ainda que, emprega as palavras sementeiras e flor para seu significado. Esses tipos de plantas com flor não tem uma referência histórica clara de sua participação na dieta da população desta cultura. Contudo, elas aparecem em rituais e festas específicas, de tal maneira que se pode assumir que o termo jardim tem uma qualidade, mais ritual do que alimentícia. Importante anotar que, a condição de Luis Cordero é diferente a de Santo Tomás e Holguín. Cordero nasceu e cresceu nas terras andinas equatorianas, ouvindo a língua *quíchua*. Além disso, sua obra é muito posterior à época em aqueles vocabulários tiveram a sua publicação. Ela ocorre no século XIX.

Contextualizando Santo Tomás e Holguín, eles são religiosos espanhóis que desenvolveram a suas pesquisas nos séculos XVI e XVII, e que de acordo com esse último, o jardim e seus frutos, fazem referência à gênese da Bíblia, e que o trabalho na terra para a produção de alimentos, representa uma punição recebida pela desobediência dos personagens desta passagem bíblica. Desta forma, o significado do espaço de cultivo, além do seu nome, tem uma profunda conexão ritual cultural para os conquistados e conquistadores.

2.2 A religiosidade e os cultivos contidos na sementeira andina

A cosmovisão andina abrange inúmeras significações que podem ser sopesadas a partir dos vestígios arquitetônicos, geográficos e tradições inventadas e deixadas-herdadas, que se encontram ou são concretizadas na sua paisagem. Desse modo, a cultura foi se fixando na paisagem, criando entornos e contornos. Nesse processo, comparece na vida cotidiana práticas sociais e rituais religiosos lastreados no arranjo de três mundos ou planos, como se pode observar na figura 6. *Hanan Pacha*, “mundo de acima”, governado pelo condor, ave própria dos Andes, mundo onde estão também presentes deuses como *Inti*, sol, *Illpa*, raio, *Quilla*, lua. *Kay Pacha*. “Mundo do meio ou mundo de aqui”, é governado pelo puma, aqui estão outros deuses como *Mamacocha* mar, *Inca* que é filho de *Inti*. E *Uku Pacha*, “mundo de abaixo”, governado pela serpente, onde está um deus muito importante, a Terra ou *Pachamama*.

FIGURA 6 – Esquema dos três planos do cosmos andino

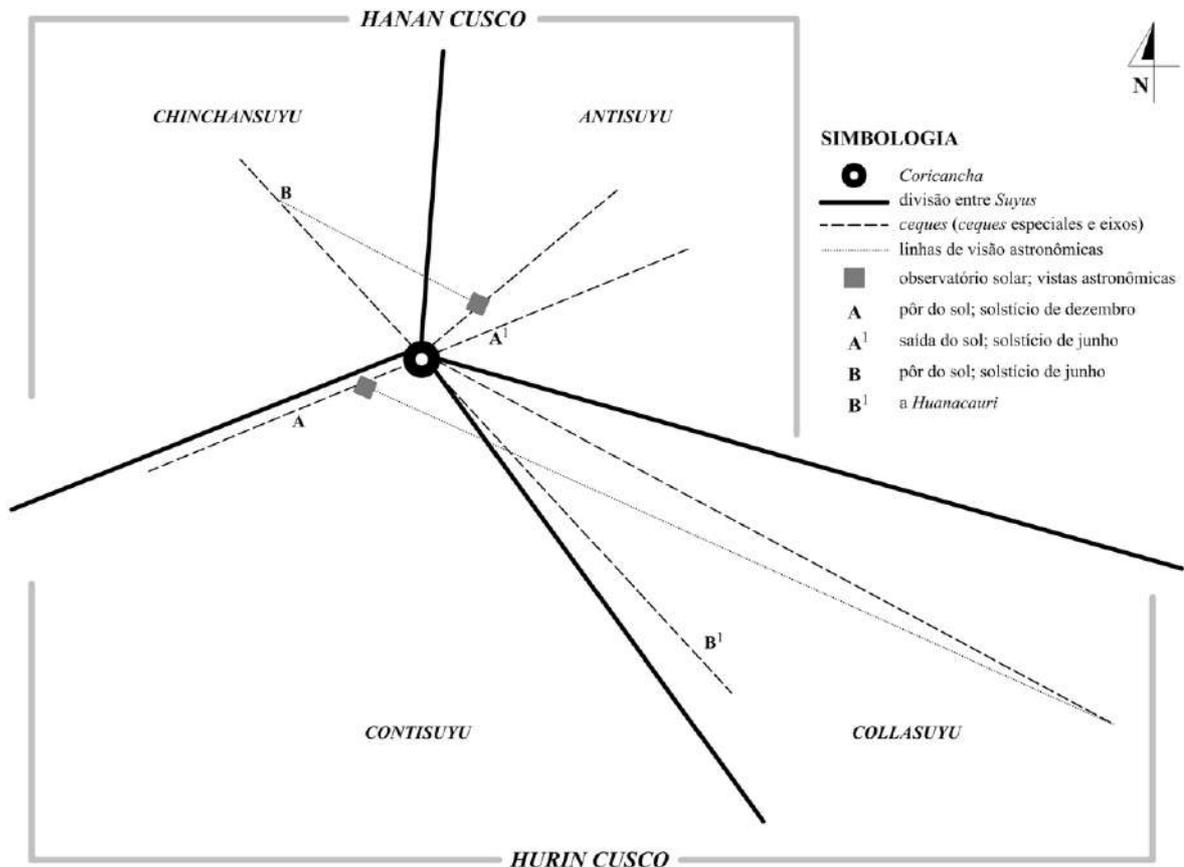


Fonte: Adaptado de Llamazares (2006, p.461).

A importância da natureza no *Incanato* é percebida na sacralização estabelecida nas práticas culturais na construção de suas cidades. A estreita relação entre os elementos naturais e os deuses se reflete em um sistema de *ceques*, que segundo Miño Garces (1994), é uma das formas de organizar as cidades. Esses serviram como guias para organizar o território e planejar as cidades, estabelecendo os diferentes edifícios a serem construídos, dos quais o

Coricancha é o templo principal, sendo dedicado ao deus do Sol que é o eixo desse sistema. Conforme a figura 7, pode-se observar que os elementos localizados em e, entre os *ceques*, são lugares importantes, podendo ser observatórios astrológicos, montanhas ou *Apus*, bem como *Huacas*, rios, rochas, entre outros elementos naturais e astrológicos que estão entre os mundos e governam os três mundos de acordo com sua cosmovisão.

FIGURA 7 – Esquema da localização do Templo do *Coricancha* segundo o sistema de *ceques* no Cusco, Peru



Fonte: Adaptado de Miño Garces, (1994, p.42).

O sistema *ceques* descreveu a topografia do vale do Cusco e seu sistema hidrológico [...] o sistema de *ceques* era um mecanismo político de ordenação e fixação de hierarquias sociais e obrigações calendarizadas e rituais, seus limites internos marcariam quatro subsistemas hierárquicos nas mesmas ordens. As quatro linhas descritas não formaram dois eixos de intersecção, mas começaram a partir do mesmo ponto, o *Coricancha*; mas mais que isso não se refletiu em nenhuma divisão espacial artificial da cidade (MIÑO GARCES, 1994, p.39–40)⁵³.

⁵³ El sistema de *ceques* describía la topografía del valle del Cusco y de su sistema hidrológico [...] sistema de *ceques* era un mecanismo político de ordenamiento y fijación de jerarquías sociales y obligaciones calendáricas y rituales, sus límites internos marcarían cuatro sub-sistemas jerárquicos en los mismos órdenes. Las cuatro líneas descritas no formaban dos ejes que se cruzaban, pero sí partían

O templo do Sol, na figura 8, apresenta uma planta circular, forma característica ao lidar com o edifício principal e o eixo das cidades *incaicas*. Os cronistas relatam que, as paredes do mesmo estavam cobertas de folhas de ouro, um material de grande significado cultural religioso e não comercial para essa cultura. O templo do Sol também pode ser traduzido como recinto de ouro, já que a palavra *cori* ou *curi* significa ouro. Esse metal, também estava no exterior, nos espaços ao redor do *Coricancha*, que são chamados de jardins ou jardins do Inca, sendo provavelmente, o único espaço verde denominado com esse nome castelhana nas crônicas.

FIGURA 8 – Fotografia do *Coricancha* do Cusco, Peru



Fonte: Ko Hon Chiu (2011).

O arquitetônico e o religioso são dois pontos principais de interesse na análise do Qurikancha, ou recinto de ouro. Nenhum outro edifício em todo o Tawantinsuyu atingiu tanta reputação para o sagrado e tanta fama pelas riquezas que continham. [...] O jardim contíguo mostrou um vergel de: plantas, árvores, animais, insetos, conchas, de tamanho natural esvaziado em ouro e prata (BANCO CENTRAL, 1997, p. 27)⁵⁴.

de un mismo punto, el Coricancha; pero a más de éso no se reflejaban en ninguna división espacial artificial de la ciudad.

⁵⁴ Lo arquitectónico y lo religioso son dos puntos principales de interés en el análisis del Qurikancha, o recinto de oro. Ninguna otra edificación en todo el Tawantinsuyu alcanzó tanta reputación por lo

É possível apreciar, além da importância deste edifício, a continuidade no trabalho com o metal precioso nos chamados jardins ao lado do *Coricancha*. Assim, o que chama a atenção é o uso desta palavra, pois é Garcilazo de la Vega, quem a usa nas suas crônicas, bem como Cieza de León, quem menciona, afirmando, que “Tinha um jardim, que os torrões eram pedaços de ouro fino, estava artificialmente semeada de milho, os quais eram [de] ouro, assim as suas canas como as folhas e maçarocas, e estavam tão bem plantados que, embora fizessem ventos fortes, não se arrancavam” (CIEZA DE LEON, 2005, p.361)⁵⁵. No entanto, quando é mencionado o tipo de planta, se indica que esses eram campos de milho que foram oferecidos aos deuses. “Eles também ofereceram ao sol e à lua muitas frutas, pão, vinho da terra, que é feito de milho mastigado e de uma erva que eles chamam de quinoa [...]” (GUTIÉRREZ DE SANTA CLARA, 1954, p.287 apud ENCALADA VÁSQUEZ, 2007, p.14)⁵⁶.

O milho também era uma oferenda para o sol e que com o qual também a *chicha* é feita. Trata-se de uma bebida alcoólica consumida em celebrações e momentos importantes. Essa bebida foi chamada pelos espanhóis como vinho da terra ou cerveja. “Eles trouxeram pão e, em muitos aspectos, frutas e vinhos de muitas maneiras, branco e tinto, mas não de uvas [...] devem ser de milho [...] e eles bebem muita *chicha* que é uma mistura feita de milho como cerveja” (C. COLÓN, 1971, p.177 apud ENCALADA VÁSQUEZ, 2007, p.145-146)⁵⁷. O uso das plantas não se limitou a alimentos e oferendas, mas também a curas e rituais, como o tabaco, que segundo Fernández de Oviedo (1959) citado por Encalada Vásquez (2007), discorrendo sobre essa planta, indica que o tabaco era um dos vícios dos índios, que eles fumavam para perder a consciência, qualificando-o como veneno; enquanto também aponta que os chefes e os homens principais possuem artefatos adequados para usar o fumo de tabaco, e ainda a nomeia como erva do sono.

Usaram os índios desta ilha, entre outros, seus vícios, um muito ruim, que é tomar alguns fumos, que eles chamam de tabaco, para perder a consciência. E isso eles fazem com a fumaça de uma certa erva que, na medida em que eu consigo entender, é da qualidade de um veneno; mas não desse fazer ou

sagrado y tanta fama por las riquezas que encerraba. [...] El jardín contiguo mostraba un vergel de plantas, árboles, animales, insectos, caracolas, de tamaño natural vaciados en oro y plata.

⁵⁵ Tenía un jardín que los terrones eran pedazos de oro fino y estaba artificiosamente sembrado de maizales, los cuales eran [de] oro, así las cañas de ellos como las hojas y mazorcas, y estaban tan bien plantados que, aunque hiciese recios vientos, no se arrancaban.

⁵⁶ Ofrecían también al sol y a la luna muchas frutas, pan, vino de la tierra, que se hace de mahiz mascado y de una yerba que llaman quinua [...].

⁵⁷ hicieron traer pan y de muchas maneras frutas e vino de muchas maneras blanco e tinto, mas no de uva [...] debe de ser de ello de maíz [...] y beben mucha chicha que es un brebaje hecho de maíz a modo de cerveza.

forma [...] eles respiraram e fumaram para si, uma e duas e três vezes mais, tanto quanto pude fazer, até que não houvesse senso de grande espaço, deitado no chão, bêbado ou um sonho grave e muito pesado. [...]. Estas ervas tinham os índios por uma coisa muito preciosa, e eles os criaram em seus pomares e lavouras, pelo efeito que é dito; para entender que tomar essa erva e incenso não era apenas uma coisa saudável, mas uma coisa muito sagrada (FERNÁNDEZ DE OVIEDO, 1959, p.116 apud ENCALADA VÁSQUEZ, 2007, p.27–28)⁵⁸.

O mesmo aconteceu com plantas como a coca, que foram consumidas em rituais e no trabalho. “É uma terra muito rica, porque há muitas plantas de coca, que é uma erva como uma mascada que os índios comem e, que para o trabalho ajuda-os, segundo seu uso e sem ela não trabalhariam” (ORDÓÑEZ DE CEBALLOS, 1959, p.516 apud ENCALADA VÁSQUEZ, 2007, p.22)⁵⁹. Esse tipo de prática social faz parte do conhecimento da natureza, aplicado a vida e no desenvolvimento da comunidade. Assim, os *Chamãs*, os fiados, tediavam a arte de estudar e entender os efeitos desses tipos de plantas, pois eram eles quem, estavam preparados para prescrever os benefícios e os prejuízos das plantas. Esses conhecimentos foram utilizados por grupos privilegiados, já que uma das finalidades do uso dessas plantas, tinha como objetivo se conectar com os deuses e espíritos para receber aconselhamento e orientação para a vida. O caso da ayahuasca, é também um desses, seu nome significa vara de morto, sendo usada para pedir uma guia para o além, na tomada de decisões de grande importância. “Os záparos e angueros fazem uso desta bebida para ler o futuro [...]” (AVENDAÑO, 1985, p.165 apud ENCALADA VÁSQUEZ, 2007, p.222)⁶⁰.

Essas pessoas, privilegiadas, têm a tarefa de aconselhar sobre os efeitos dos ciclos da natureza no território, estabelecendo parâmetros para enfrentar as mudanças deles e seus efeitos sobre os cultivos. É assim que, as estações mais importantes do ano, como o solstício de inverno em dezembro e o solstício de verão em junho, representaram não apenas a mudança de tempo, mas a prosperidade ou a falta dela nas colheitas, refletindo sobre o bem-estar das pessoas e o fortalecimento de seu território. Tal conhecimento aplicado a vida

⁵⁸ Usaban los indios desta isla, entro otros sus vicios, uno muy malo, que es tomar unas ahumadas, que ellos llaman tabaco, para salir de sentido. Y esto hacen con el humo de cierta hierba que, a lo que yo he podido entender, es de calidad de beleño; pero no de aquella hechura u forma [...] e tomaban el aliento e humo para sí, una e dos e tres e más veces, cuanto lo podía porfiar, hasta que quedaban sin sentido grande espacio, tendidos en tierra, beodos, o adormidos de un grave e muy pesado sueño. [...] Estas hierbas tenían los indios por cosa muy preciada, y la criaban en sus huertos e labranzas, para el efecto que es dicho; dándose a entender que este tomar de aquella hierba e sahumero, no tan solamente les era cosa sana, per muy sancta cosa.

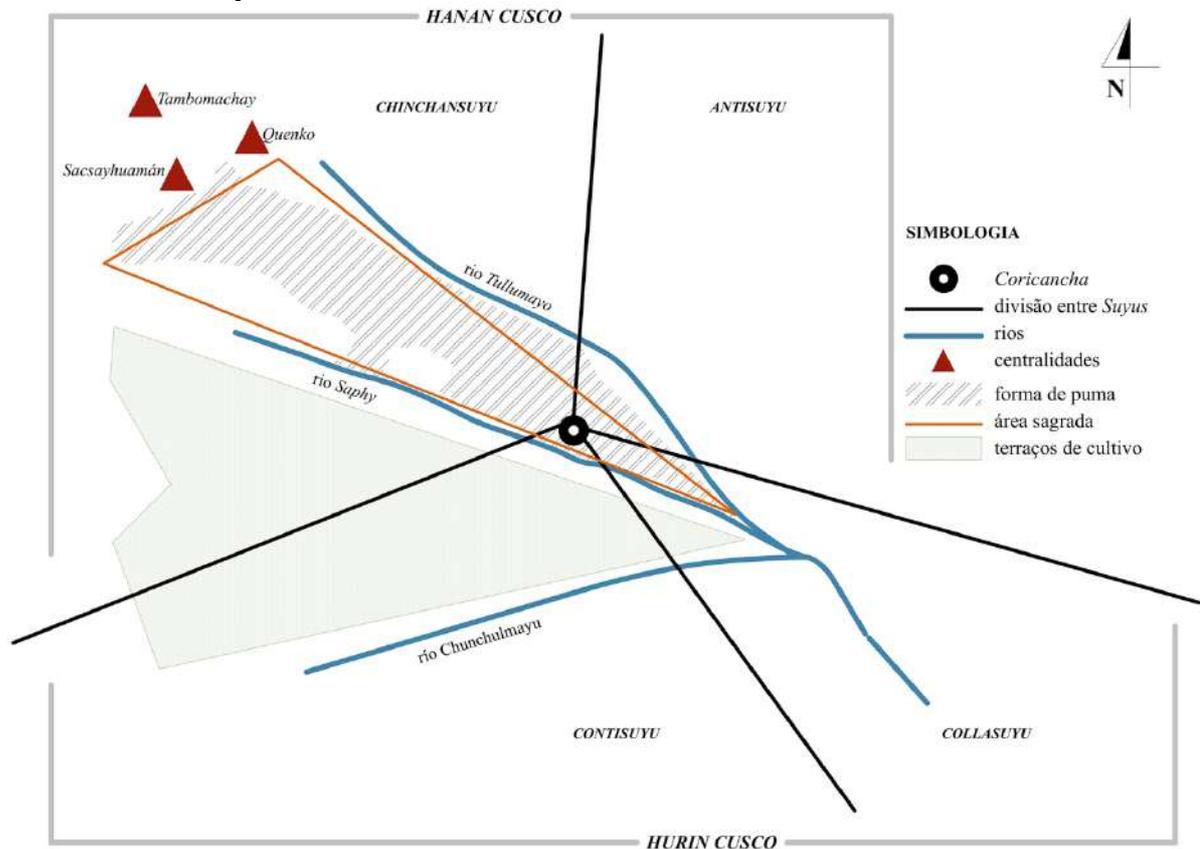
⁵⁹ Es tierra muy rica, porque tienen infinidad de cocales, que es una yerba como lentisco que los indios comen y para el trabajo les ayuda, según su uso y sin ésta no trabajarían.

⁶⁰ Los záparos y angueros hacen uso de esta bebida para leer el porvenir [...].

daquela sociedade gera consequência para o crescimento do *Incanato*, inclusive conquistando e construindo cidades de acordo com a sua cosmovisão.

Neste sentido, a função das edificações no território, além de ser planejadas, respondem também a uma hierarquia intrínseca com a sua materialização, como é o caso do *Coricancha* que foi um observatório astronômico que internamente tinha destinado diferentes espaços de veneração para outros deuses como, o arco-íris, o raio-relâmpago, vênus, as estrelas e a lua. Outras edificações também se referem a elementos naturais e astronômicos presentes em sua cosmovisão, conforme figura 9.

FIGURA 9 – Esquema das centralidades na área urbana de Cusco



Fonte: Adaptado de Zuidema, (1986 apud MIÑO GARCÉS, 1994, p.42).

Na figura 9 comparece a localização do centro político e militar de *Saqsayhuamán* do Cusco, esse edifício tem a forma da cabeça de um puma e o seu corpo acomoda a cidade de Cusco. Para a sua construção, foram utilizadas pedras calcárias de origem marinha, sobre as quais foi aplicado o característico estilo poligonal almofado. Outras construções importantes são: *Qénqo* ou *Quenko*, que significa labirinto, ziguezague, refere-se a raios, chuvas, água. Neste local foram realizadas intervenções cranianas e mumificação de corpos reais.

Tambomachay, é um lugar de descanso com um templo dedicado à água, onde há três jatos desse elemento dedicados à meditação, aos gêmeos e à paz.

A forma e os materiais com os quais esses edifícios foram construídos indicam que seus idealizadores buscavam uma harmonia com a paisagem circundante, numa espécie de veneração e conexão com os deuses aos quais eram dedicados. Criando representações deles, nas suas práticas sociais, abrangendo o território. Relacionado ao sustento da vida material, estão os cultivos de suas plantas, o que lhes permitiu manter e nutrir essas relações, nas quais os elementos da paisagem cumprem uma função de mediadores nas suas práticas cotidianas.

Simbolicamente, os metais preciosos como o ouro, foram considerados como um sistema ativo, o qual estava relacionado a uma árvore, com suas ramificações e a vida sob a terra. “O mundo vegetal e o mundo mineral, por outro lado, foram percebidos pelo mesmo modelo [...]” (BOUYSSSE-CASSAGNE, 2004, p.65)⁶¹. As minas eram também lugares privilegiados que pertenciam ao Inca, por ser filho do Sol, e o metal precioso uma secreção dele, possuindo um caráter sagrado.

Desta forma, a mina localizada dentro da Terra foi concebida como: a) um organismo vivo, sem dúvida feminino, onde o mineral cresceu do mesmo modo que as plantas crescem em um campo cultivado, ou o ouro, filho do Sol, no útero da *Coya*; b) um lugar onde o mineral circula em franjas como o sangue ou os humores circulam no corpo (não esqueçamos que as concreções de ouro são lágrimas do Sol), e c) a franja no sentido de *coya*, e minas, como propriedades dos filhos reinantes do Sol, estavam diretamente relacionados à esfera do poder e da sacralidade (BOUYSSSE-CASSAGNE, 2004, p.6)⁶².

A analogia das abençoes entre os deuses e os frutos da terra, podendo ser vegetação, pedras e minerais, fazia parte de ritos agrícolas em que as espécies vegetais podiam ser substituídas por pedras que representavam as sementes de plantas, de batata ou milho principalmente, como uma materialização ritual do desejo de bênção. O termo “(«chichi ccori» em quechua, que significa ‘o granizo de ouro’) e às vezes caroços («muhu ruru», que

⁶¹ El mundo vegetal y el mundo mineral, por otro lado, fueron percibidos por un mismo modelo [...].

⁶² De esta manera, la mina ubicada en el interior de la tierra era concebida como: a) un organismo viviente, sin duda femenino, donde el mineral crecía de la misma manera como crecen las plantas en un campo cultivado, o el oro, hijo del Sol, en el vientre de la *Coya*; b) un lugar donde el mineral circula en vetas como la sangre o los humores circulan en el cuerpo (no olvidemos que las concreciones de oro son lágrimas del Sol), y c) la veta en el sentido de *coya*, y las minas, como propiedades de los gobernantes hijos del Sol, estaban relacionadas directamente con la esfera del poder y de la sacralidade.

significa 'semente' ou 'fruta' em quechua)” (BOUYASSE-CASSAGNE, 2004, p.63)⁶³. Essa analogia afirma que a presença do metal precioso nos cultivos das *chacras* e assemelhados atribuem um grande valor simbólico de avença e possivelmente hierárquico para o crescimento, colheita e consumo dos produtos que constituem a base da sua alimentação. Além disso, o simbolismo assume correlações bem específicas em função de sua cultura, condição climática e geográfica.

As sementeiras ou *chacras* de milho e batata, são as mais conhecidas, sendo cultivadas e oferecidas em rituais aos deuses, que abençoam e protegem a colheita. O milho, ou em seu nome científico *Zea mays* L., por sua vez, também foi domesticado na região andina e no Equador a “mais de 5.000 anos atrás, teria sido semeado, colhido, moído e consumido milho [...]” (ESTRELLA, 1988, p.73)⁶⁴. Esse proveito ocorreu tanto na Costa, na Serra como no Oriente, de acordo com a divisão climática-regional do país. Na Serra, apesar do clima, para semear o cereal, as sementeiras se localizam em áreas mais protegidas do frio. Os espaços para o cultivo do milho também são destinados nas parcelas urbanas das cidades, ou seja, em *chacras*, pomares ou semelhantes, como já se indicou, no caso do jardim do Inca, próximo ao *Coricancha*. A produção do cereal reuniu um novo interesse nos povos indígenas, ainda com a chegada dos espanhóis, pois a ordem do Cabildo foi de estabelecer um preço para sua comercialização como alimento para viajantes. Mais tarde, os cereais importados da Europa também começaram a ser cultivados em abundância pelas comunidades indígenas perto de Quito em 1559 (ESTRELLA, 1988).

Com o milho a *chicha* é preparada, sendo uma bebida espirituosa que tem duas principais ocasiões de consumo. A primeira é cerimonial, em festividades comunitárias ou momentos importantes como o nascimento, corte de cabelo, iniciação, casamento, morte e cerimônias agrárias. “A *chicha* está tão articulada à vida dos povos nativos que em alguns deles, como no caso dos *Cañaris*, fazia parte de seus mitos de origem” (ESTRELLA, 198, p.86)⁶⁵. O segundo momento fundamental de consumo ocorre como estimulante usado para fornecer força física e aumentar a interação grupal durante o trabalho. O milho era visto como um dote concedido por uma entidade superior; uma oferenda por meio da qual pode se solicitar favores dos deuses, assim como reverenciar a Terra. Em alguns rituais que antecediam sobre a terra se derramava *chicha* e milho moído durante a semeadura, como troca

⁶³ («chichi ccori» en quechua, es decir ‘el granizo de oro’) y a veces pepitas («muhu ruru», que quiere decir ‘semilla’ o ‘fruto’ en quechua).

⁶⁴ hace mas de 5.000 años se habría sembrado, cosechado, molido y consumido maíz [...].

⁶⁵ La *chicha* está de tal manera articulada a la vida de los pueblos nativos, que en algunos de ellos, como en el caso de los *Cañaris*, formaba parte de sus mitos de origen.

com os deuses para receber boas colheitas. “As plantas e espigas especiais, foram consideradas como «canopas», isto é, como objetos de culto familiares; estas *canopas* chamadas «zaramamas» ou mães do milho [...]” (ESTRELLA, 1988, p.88)⁶⁶.

As *canopas*, anteriormente mencionadas, também eram chamadas de *conopas*. Embora, eram mais conhecidas como *Yllas* em idioma *quíchua*, e como *Illa* em idioma *aymara*. “São objetos de ‘adoração’ como as *huacas*. As *Yllas* são herdadas dos pais para os filhos, sendo usadas no rito íntimo de cada família” (MANRÍQUEZ, 1999, p.109)⁶⁷. Elas são a materialização de uma espécie de metáfora que “carrega a força espiritual em si” (SETO, 2016, p.113)⁶⁸. São figuras pequenas, principalmente miniaturas de barro, mas também ocorrem a partir do uso de pedra e de metal. Elas eram enterradas juntamente com o plantio de vegetação, como um ritual que esculpe o resultado do que se espera com a sementeira. Assim, aquilo que foi plantado é representado em ritual, sendo figurado em seu estado final, mas em miniatura, como uma espiga de milho, ou batatas.

A batata, cientificamente nomeada como *Solanum tuberosum*, é originária da Região Andina, e o seu cultivo no Equador data do ano 500 a C. Faz parte do principal alimento das comunidades indígenas. Na literatura consultada foi mencionando que haviam chácaras de batatas atribuído dos índios, “[...] os índios de Cuenca (Cañaris) disseram que as batatas e quinoa eram a «manutenção que tinham no tempo»” (ESTRELLA, 1988, p.123)⁶⁹. Também se menciona que, tiveram rituais para cultivar o tubérculo, mas de menor importância em relação ao do milho. Assim, em seus inícios, a batata não era considerada importante para os espanhóis, que a deixavam apenas para o consumo dos nativos. Juan de Paz Maldonado (1965 apud ESTRELLA, 1988, p.124-125), descreve um ritual agrário dedicado à batata, “Quando eles vão para as chácaras de batata e estão florescidas, para entrar e remover as flores batem os pés primeiro com urtigas e amortecido; porque eles entendem que, se não fizerem isso, elas não farão cepa e se secarão”⁷⁰. Outra variedade de batata, a chamada de batata vermelha, ou cientificamente *Oxalis tuberosa* Mol., foi muito apreciada pela cultura andina como alimento e remédio.

⁶⁶ Las plantas y mazorca especiales, eran tenidas como «canopas», es decir como objetos familiares de adoración; estas canopas llamaban «zaramamas» o madres del maíz [...].

⁶⁷ Son objetos de ‘adoración’ como las huacas y eran heredadas de padres a hijos, siendo utilizadas en el rito íntimo de cada familia.

⁶⁸ conllevan la fuerza espiritual en sí mismas.

⁶⁹ los indígenas de Cuenca (Cañaris) contaron que las papas y la quinua, eran los «mantenimientos que en el tiempo tenían».

⁷⁰ Cuando van a las chácaras de papas y están floridas, para entrar en ellas y quitarles las flores, azótanse primero los pies con hortigas y amortiguanselo; porque entienden, que si no hacen aquello, que no harán cepa bajo y se secarán.

O tipo de vegetação e o modo de cultivo, obedecem ritualmente à cosmovisão indígena, na qual a natureza e seus elementos são dignos de veneração para as culturas andinas, ainda que esses sejam considerados banais pelos espanhóis, representando o meio para eles exercerem os seus deveres e direitos culturais tradicionais. Desse modo, várias expressões culturais foram vistas como idolatrias pelos europeus, como aponta Padre José de Acosta (1954, p.145 apud ESTRELLA, 1988, p.128) “Nesse tom qualquer coisa que tenha estranheza entre aqueles de seu gênero, pareceu-lhes divindade, fazem isso até com pedregulhos e metais, e ainda raízes e frutos da terra, como em raízes que chamam de batatas, há umas estranhas a quem eles colocam o nome de “llalahuas” e os beijam e os adoram”⁷¹.

Todavia, existem outros cultivos que serviram de alimento e alguns deles com fins cerimoniais. A quinoa, *Chenopodium quinoa*, propagada para cultivo e consumo pelos Incas durante os processos de conquista dos territórios andinos pelo *Tahuantinsuyo*, era conhecida pelos *Cañaris*, que já a cultivavam antes da conquista inca e espanhola. O *ataco* ou *sangorache*, *Amaranthus caudatus* L., família da quinoa, que Estrella (1988, p.102) cita que os espanhóis proibiram seu cultivo, por ser considerado afrodisíaco envolve algumas versões. Contudo, uma hipótese válida para justificar tal ato decorre de medidas que impediram manifestações de idolatrias relacionadas a determinados cultivos.

O feijão, *Phaseolus vulgaris* L., ou feijões, são também chamados de *porotos* ou *purutus*. Foi cultivado junto ao milho, utilizando a técnica de cultivo associado. Assim procedendo fizeram um melhor uso do terreno em função dos efeitos de umas plantas em relação a outras. Um exemplo prático de tal técnica é o plantio associado, cultivando em sulcos de milho e feijão, intercalado com batatas, e entre esses sulcos se planta a quinoa, e no contorno deste espaço se fecha semeando o *chocho*, *Lupinus mutabilis*, planta leguminosa muito importante na alimentação dos povos dos Andes. Esse modo de plantio associado, não é uma prática usada pelos espanhóis, pois eles comumente semeiam em mono-cultivos de trigo, cevada e milho. Por outro lado, muito parecido com o feijão, enquanto grão, mas muito diferente por conta da dimensão arbórea, esta árvore de *cañaro* ou *porotón*, *Erythrina* sp., produz um grão em forma de feijão grande. Consumido como grão e como vegetal, foi muito cultivada pelos *Cañaris* perto de suas casas. O *melloco*, *Ullucus tuberosus* Caldas, ou *batatalisa*, plantado e preferido pelos indígenas na Região Andina, foi produzido principalmente nas

⁷¹ A este tono cualquier cosa que tenga extrañeza entre los de su género, les parecía que tenía divinidad, hasta hacen esto con pedrezuelas y metales, y aún raíces y frutas de la tierra, como en raíces que llaman papas, hay y unas extrañas a quienes ellos les ponen el nombre de “llalahuas” y los besan y los adoran.

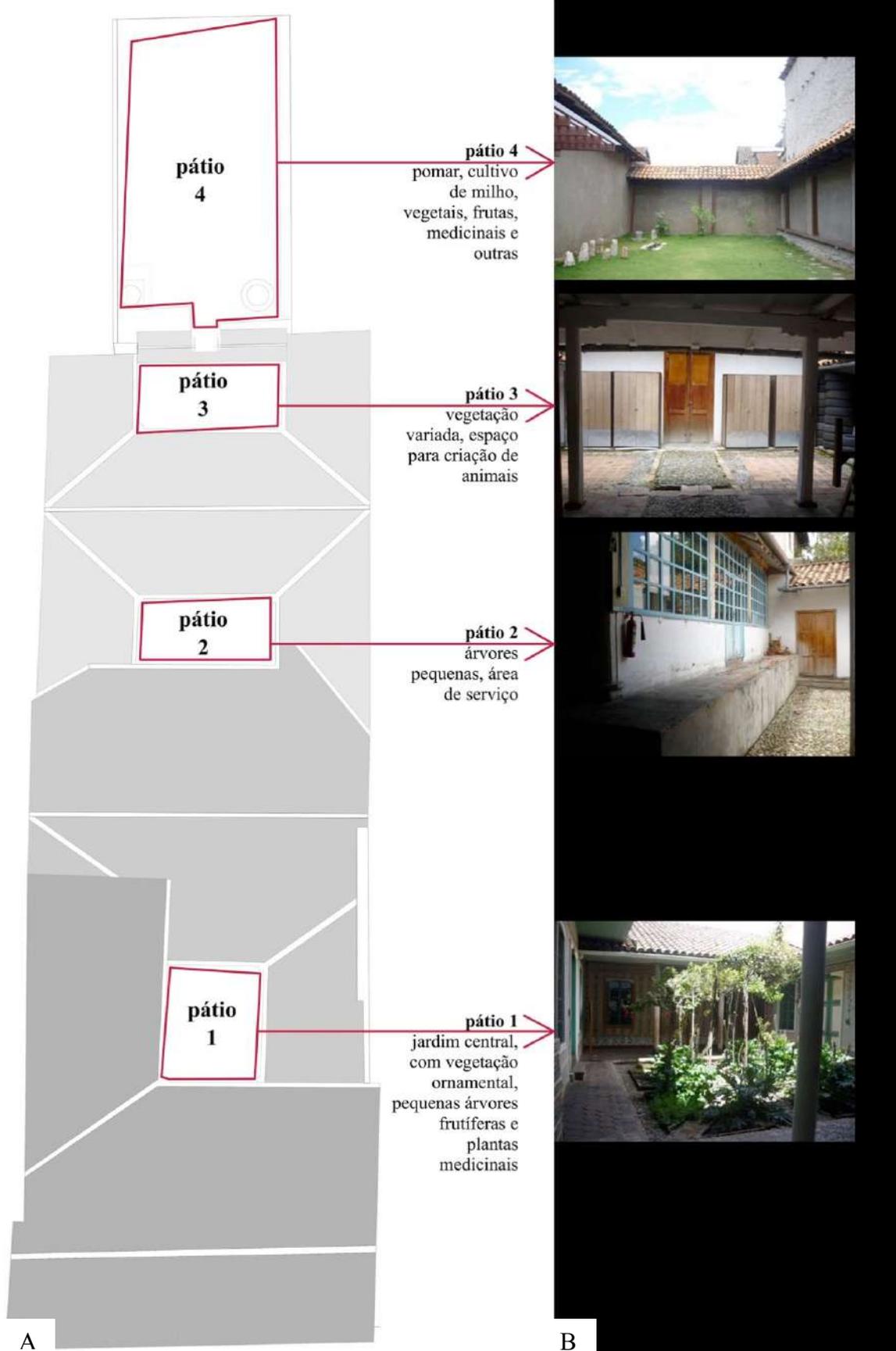
províncias de Azuay e Cañar, no século XX (ESTRELLA, 1988). Mas não se têm referências de rituais específicos para esses cultivos.

Outros tubérculos também são cultivados, como a *masua*, *Troaeolum tuberosum* R. Et Pav.; raízes como a *zangu* ou *vitina*; *ñame*, *Dioscorea* sp.; *jicama*, *Polymnia edulis* Weddell; cenoura branca, *Arracacia esculenta* D. C.; *ñame*, *Dioscorea* sp.; *zangu* ou *vitina* e, *Manihot dulcis* Lax. A batata-doce, *camote*, *Ipomoea batatas* (L.) Pir, um alimento importante para os Incas, teve seu ritual na colheita e na semeadura. De acordo com o Cronista Polo de Ondegardo (1992, p.285), citado por Estrella (1988, p.154), nesses rituais, eram usados sebo queimado, coca, cobaias e outros. A planta de *achera* o *achira*, *Canna edulis* Ker-Gawl, da qual a sua raiz é comestível e medicinal, suas folhas são usadas como recipiente para cozinhar ou servir comida, assim como as suas sementes, de forma circular, apresentam grande resistência. Elas foram usadas para fazer decorações e para recreação. Muitos desses cultivos desapareceram devido à introdução de espécies e costumes dos conquistadores, modificando conseqüentemente as técnicas de cultivo nativas. Nesse processo, alguns esforços foram despendidos para se adaptarem às imposições. Contudo, em grande parte acabaram sendo decompostas ou extinguidas e conseqüentemente desapareceram da paisagem das cidades andinas.

2.3 O processo urbano do espaço *chacra* em Cuenca

As comunidades religiosas e os novos senhores feudais das cidades colonizadas, foram responsáveis por impor, sob o argumento de civilizar, critérios e costumes próprios, desconsiderando assim a cultura indígena. As edificações coloniais em Cuenca foram construídas com os discernimentos trazidos da Espanha, especialmente da Andaluzia, onde as atividades cotidianas decorriam em torno aos pátios dessas edificações. Ao pátio principal, geralmente nomeado de primeiro pátio, atribuem-se funções sociais, sendo que o espaço poderia ou não abrigar vegetação ornamental. Assim, o pátio posterior, também chamado de quintal ou de pomar, é um espaço de uso mais reservado para os ocupantes da casa, para atividades de cozinha, serviços, criação de animais, cultivo de alimentos e remédio, conforme figura 10. As pessoas encarregadas de cuidar desses espaços eram os nativos, que desde o início foram colocados no último estrato da estrutura social.

FIGURA 10 – Planta (A) e fotografias (B) dos pátios da Casa das Palomas, Centro Histórico de Cuenca dos Andes



Fonte: (A) Adaptado de INPC (2012), (B) a Autora.

Esse fato impositivo pode ter tido efeitos sectários no processo urbano de coexistência cultural nas sementeiras, vislumbrados na vegetação cultivada nelas. Certamente o conhecimento dos nativos, em relação a natureza, as plantas, o sol e o clima, encontrava no seu trabalho a possibilidade de dar continuidade aos pátios ajardinados das casas no Centro Histórico de Cuenca. Seguramente os nativos que trabalhavam nas sementeiras foram os responsáveis pela sementeira e cuidado daqueles espaços. Nessa conjuntura, com a carência de conhecimentos dos conquistadores sobre a flora e fauna americana, eles poderiam ter concedido, talvez disfarçadamente, aos nativos, a oportunidade de fazer ou recomendar procedimentos tradicionais locais de cultivo. Também é possível considerar que os nativos, dentro de possíveis permissões contextuais, criassem adaptações entre os elementos da fauna e flora trazidos e impostos desde a Europa para a América, mudando assim os componentes originais de cada cultura, dando origem a uma nova concepção de jardins ou sementeiras.

Em Cuenca, a classe trabalhadora indígena, reside longe do centro urbano. Condição que da mesma forma, pode ter propiciado certa continuidade das tradições de seus ancestrais. No entanto, o relacionamento urbano e rural criou divisões de trabalho, sendo que grande parte dos alimentos de consumo urbano, serão produzidos fora desta área e trazidos para a cidade para o seu consumo, desde as *chacras* ou sementeiras rurais.

Nas áreas rurais os cultivos se encontram associados a um modo de vida que correspondem a outro tipo de moradias, nas quais o fechamento para criar pátios não é uma prática comum de construção, pois as áreas de cultivo estão ao redor da moradia. No espaço rural, também a prática religiosa e a organização do espaço sagrado tradicional conseguem comparecer na coexistência do trabalho agrícola e cotidiano desses ambientes de cultivo agrícola.

É assim, que nesses espaços, as plantas originárias da região continuam fornecendo substâncias que curam e alimentam aqueles que as cultivam. Desse modo, como foi dito anteriormente, grande parte das plantas não só eram desconhecidas, mas também criticadas pelos conquistadores, principalmente pelos religiosos que reprovavam certos tipos de plantas, atribuindo-lhes faculdades demoníacas. Associado a essa postura foram difundindo temores originados na sua própria convicção religiosa e ignorância sobre os saberes locais. Contudo, a partir das condições naturais e de convivência cultural espacial, certas plantas de consumo tradicional, tiveram que indispensavelmente ser incorporadas na sua dieta habitual, propiciando novas práticas socioculturais, em virtude de uma identidade inerente com o território ocupado.

Posteriormente, a partir da segunda metade do século XIX, a arquitetura local vai passar por novas influências. Elas vão comparecer nas fachadas, pátios e indiscutivelmente na expansão da área urbana. Tais mudanças ocorrem a partir de novas relações comerciais. Arelado a isso consolida-se o crescimento econômico da cidade, ampliado o seu espaço devido a exportação da *cascarilla* ou *quinina*, uma planta cultivada em áreas próximas a Cuenca e ao município de Loja. “[...] foi exportada para a Europa, em particular para a Grã-Bretanha, onde foi processada para obter sulfato de quinina [...] por suas qualidades antifebris, uma exploração limitada de outros produtos silviculturais, como a *zarzaparrilla* ou o *bejuquillo* da-se também [...]” (MARTÍNEZ BORRERO, 2017, p.72)⁷². Além disso, o crescimento urbano acontece devido a produção de tecido e exportação do chapéu de palha *toquilla*, que colocou também num lugar importante à cidade e sua economia em nível nacional.

Com o dinheiro das exportações, principalmente, daqueles produtos, surgem os investimentos na construção e reconstrução das edificações. Quase tudo ocorre em propriedades dos beneficiários desse processo econômico. Nesse novo contexto surgem novas atividades que vão alterar significativamente o espaço urbano e, conseqüentemente as práticas culturais.

Uma parte significativa da renda que flui para Cuenca através desta nova estrutura sustenta sua transformação arquitetônica em uma escala nunca antes vista, dezenas de casas são demolidas para construir novas edificações e muitas são modificadas em suas fachadas com estilos em voga. Igrejas e edifícios públicos são demolidos e reconstruídos com novas propostas, desse modo surgem as igrejas de Todos Santos, Santo Domingo, San Blas, San Alfonso, Santo Domingo, o Cenáculo, San Sebastián, La Merced, o Coração de Jesus e, a notável Catedral da Imaculada, que é construída sobre a antiga igreja jesuíta. É evidente que o poder da Igreja corre ao lado do poder civil e político, uma vez que são investidos valores notáveis na reconstrução de seus templos. [...] a circulação dos bens é acompanhada por uma circulação de ideias e cultura, objetos, como é sabido, não chegam sozinhos, mas são acompanhados por novos conceitos (MARTÍNEZ BORRERO, 2017, p.73)⁷³.

⁷² [...] se exportaba a Europa, en particular a la Gran Bretaña, en donde se procesaba para obtener el sulfato de quinina [...] por sus cualidades antifebrífugas, una limitada explotación de otros productos silvícolas, como la zarzaparrilla o el bejuquillo también se da [...].

⁷³ Una notable porción de los ingresos que fluyen a Cuenca por esta nueva estructura sustenta su transformación arquitectónica en una escala nunca antes vista, decenas de casas son derruidas para construir nuevas edificaciones y otras tantas son modificadas en sus fachadas con los estilos en boga. Se derruyen iglesias y edificios públicos y se vuelven a edificar con nuevas propuestas, así surgen las iglesias de Todos Santos, Santo Domingo, San Blas, San Alfonso, Santo Domingo, El Cenáculo, San Sebastián, La Merced, el Corazón de Jesús y la notable Catedral de la Inmaculada, que se edifica sobre la antigua iglesia jesuita. Es evidente que el poder de la Iglesia corre a la par del poder civil y político, puesto que notables sumas son invertidas en la reedificación de sus templos. [...] la circulación de bienes está acompañada de una circulación de ideas y de cultura, los objetos, como se conoce perfectamente, no llegan solos sino que se acompañan de nuevos conceptos.

Esses novos conceitos, em função do modo de vida baseado em tradições fortemente consolidadas desde tempos anteriores, vão comprometer as formas de cultivos e ao mesmo tempo enriquecer, novamente a arquitetura e o desenho urbano. No entanto, as culturas originais já propuseram outra maneira de conceber a *chacra*, sementeira, o jardim ou o pomar como parte de um espaço arquitetônico dentro da estrutura habitacional urbana da cidade pré-hispânica. E que além dos problemas linguísticos não resolutos, resultado dessa convivência cultural, consegue estabelecer elementos comuns no uso particular da vegetação nativa. Como resultado, criam-se e também recriam, na cidade, condições espaciais de cultivo, recebendo todo um conjunto de alterações e acomodando de alguma forma as novas mudanças, principalmente, no aspecto ornamental.

Nestas ações, desapareceram alguns espaços, pois tiveram que ser transformados para serem destinados principalmente ao descanso, e ajardinados com predominância de vegetação ornamental. As plantas medicinais e alimentares são cultivadas no último espaço da residência, conhecido como quintal ou pomar. É nesse lugar que o cultivo de milho se estabelece, fazendo parte da dieta alimentar dos moradores. Com relação às plantas medicinais, seu uso e conhecimento, se mostram já enriquecidos pelas duas culturas. O interesse pelo assunto em particular, levou à produção de obra bibliográfica, como é o caso da Enumeração Botânica das províncias de Azuay e Cañar de Luis Cordero, publicado em 1950. Trata-se da obra que contribuirá de forma excepcional, registrando o inestimável valor do reconhecimento e uso das plantas do Austro equatoriano. A obra descreve as plantas de acordo com os costumes tradicionais e em língua *quíchua*. Mesmo sendo publicada na metade do século XX, já apresenta uma escrita e ortografia própria, também contribuição daquele autor.

Destarte, em uma entrevista com Teodoro Cordero (2016), neto de Luís Cordero, ele descreve que os jardins ou pátios da Casa Cordero, moradia localizada no Centro Histórico de Cuenca onde ele passou parte da sua infância entre os anos 1940 e 1950, se cultivavam plantas ornamentais, medicinais, algumas árvores nativas como *Floripondio*, *Wantuk* ou *Guanto*, *Brugmansia* spp. Essa árvore originária é um exemplar de uma espécie de grande importância na cultura Inca. O neto de Luis Cordeiro também descreve a presença das árvores frutíferas como a rainha Cláudia ou *Prunus domestica* L, ameixas ou *Prunus doméstica* spp, maçãs ou *Malus doméstica*. Essas árvores estavam no segundo pátio, bem como as plantas medicinais utilizadas, pelas mulheres da casa, para o tratamento, prevenção e cura de doenças, feridas e outros usos.

Deste modo, reforçando a ideia do pátio, pomar ou jardim, Fernando Cordero, ex-prefeito da cidade, no período de 1996 até 2005, e bisneto de Luís Cordero, expõe em uma entrevista concedida em 2017, que esses espaços interiores nas moradias do Centro Histórico não tinham um visual ornamental formal, sobre tudo no último pátio onde o principal era o cultivo de plantas medicinais, para tempero das comidas e assemelhados. Além disso, coloca que havia ausência de espaços verdes públicos em 1950. Tal narrativa foi um ponto importante para se analisar o planejamento territorial. Fato que possivelmente contribuiu para manter os espaços privados, tornando mais próximo o diálogo entre convivência e cultivo.

Contudo, posteriormente, em 1980 os espaços públicos vão ser usados, principalmente, pela classe mais pobre da sociedade cuencana. As elites se ausentam daquele espaço, pois mudaram para fora da área central por conta das influências urbanas da época. Nessa situação, surgem conflitos econômicos e sociais, bem como a função cultural dos espaços verdes, internos a essas edificações.

Portanto, esses espaços são fundamentais para estabelecer a vinculação dos habitantes urbanos com a natureza. É preciso lembrar que desde a conquista espanhola, os espaços públicos como parques, praças e assemelhados vão se caracterizar pela função social hierárquica, onde a visibilidade de pobres e indígenas é condicionada. Consequentemente a paisagem daqueles espaços, representa a coexistência de espécies de plantas de diferentes origens criando um espaço mestiço. Inovação que vai contribuir com a sua história, no contexto em que são plantadas, um exemplo, é a planta conhecida como *Guanto* ou flor do Inca, ela será reconhecida naquele contexto pelas culturas a que pertencem, mas também vai se colocar no visual dos povos em processos de adaptação cultural, possibilitando o seu cultivo nas residências.

2.4 Traços da influência europeia que comparece na sementeira jardim

A dominação dos colonizadores trouxe também um idioma diferente do *quíchua*, assim como seus antecedentes geográficos e culturais eram igualmente distintos. O século XVI é um momento importante para a Europa e, portanto, para a sua paisagem, onde jardins, pomares, e assemelhados, tinham uma identificação pontual e um significado específico, reproduzindo um modelo de urbanização nas cidades da época. Assim, o jardim medieval fez parte daquele contexto, pela razão de que a distribuição espacial responde às necessidades da

sociedade, junto com o qual ele existe. No caso das cidades hispano-americanas colonizadas, esse modelo também foi reproduzido, no entanto, tinha que se ajustar às condições do novo continente, “o modelo da cidade colonial hispano-americana foi um modelo medieval tardio que, quando trazido para a América, foi gradualmente adaptado às necessidades práticas de um processo fundacional acelerado de vastos alcances” (HARDOY, 1972, p.171-172)⁷⁴.

Condições que carregam desencontros no seu conviver. Essa situação é observada por Francisco de Figueroa (1960, p.149 apud ENCALADA VÁSQUEZ 2007, p.79). O autor assim comenta, “se não estivessem e andassem tão divertidos em suas *chagras*, ou estadias e sementeiras”⁷⁵. O comentário é sobre a dificuldade de catequizar os índios. No texto, faz referência às *chacras* e sementeiras como espaços de prazer, bem como uma expressão de incerteza em nomear esse espaço. Onde a presença de uma vegetação variada e, quiçá uma das principais características, é a quase exclusiva frequência/presença/trabalho/dedicação das mulheres. Elas são responsáveis por cultivar e se empenhar com o que produz a terra. Trata-se de um espaço que decorre de arranjos sociais e culturais. Abriga acomodações dos elementos não vegetais, dão conta de uma cosmovisão inerente a esses espaços, vislumbrando uma ornamentação não categorizada, mas descrita como desagradável.

Espaços que com o passar do tempo, foram nomeados e destinados para usufrutuários específicos por disposição dos conquistadores, aplicando os seus valores humanos e conceitos. “No campo a palavra jardim não designa nada além do pomar, o resto é paisagem; quando o último é organizado, falamos de parque” (CLÉMENT, 2012, p.22)⁷⁶. Desta forma, o uso desses espaços está ligado a um estrato social, mesmo que aparentemente acaba definindo o tipo de vegetação a ser cultivada, através da qual se torna possível caracterizar a sua existência. Em suma, o cultivo de legumes ou assemelhados deveria ser semelhante àquilo que se planta nos jardins europeus. Esse projeto não teve andamento, em razão de que seus usuários são poderosos e ricos, conseqüentemente, a finalidade desses espaços é com o ornamento. Contrariamente para com a classe trabalhadora, responsável por cultivar e produzir a terra, para quem essas plantas representam a sua fonte de alimento, de existência. O contexto religioso também é influente, devido às mudanças econômicas e de poder da

⁷⁴ el modelo de la ciudad colonial hispanoamericana fue un modelo medieval tardío que al ser traído a América fue gradualmente adaptado a las necesidades prácticas de un acelerado proceso fundacional de vastos alcances.

⁷⁵ si no estuvieran y anduvieran tan divertidos en sus chagras, o estancias y sementerías.

⁷⁶ Nelle campagne la parola giardino non designa altro che un orto, il resto è paesaggio; quando questo'ultimo è organizzato, si parla di parco.

igreja que prega o cristianismo, em que o jardim está relacionado ao Éden e esse é o privilégio de alguns poucos seres humanos.

A primeira ideia de jardim a ser representada na Idade Média, é o Paraíso na Terra, o Jardim do Éden conforme descrito na Bíblia, é um lugar fechado e privilegiado para quem cumpre com as doutrinas estabelecidas por Deus, quem o governa, e aqueles que não cumprem com esses mandamentos são expulsos. Porém, o jardim do paraíso está relacionado com a promessa divina, um lugar onde tudo é perfeito. Isso está descrito nos relatos encontrados no livro do Gênesis do antigo Testamento da Bíblia, que descreve um pomar e, também menciona uma árvore, onde a vegetação cultivada tem o propósito de nutrir, dar conhecimento e vida para a Terra. Segundo o antigo testamento, “2:8 E Jeová Deus plantou um pomar no Éden, no Leste; e colocou lá o homem a quem ele formou. 2:9 E Jeová Deus fez crescer da terra toda árvore que é deliciosa à vista e boa para comer; também a árvore da vida no meio do pomar, e a árvore do conhecimento do bem e do mal” (BIBLIA, 2016)⁷⁷. Essa ideia estabelece que tudo o que pode ser cultivado na terra é obra de Deus, um só Deus. E o homem deve somente cumprir o mandato e restringir-se dos prazeres da mente e do corpo. Assim, a religião toma o controle como a representante desse Deus na terra, tal atribuição o atinge criando obediências aos representantes do criador, “o jardim monástico é a primeira forma do jardim medieval” (BATISTINI, 2012, p. 87)⁷⁸, sendo usadas as palavras pomar ou jardim indistintamente para a descrição desse espaço com características paradisíacas.

A produção agrícola europeia medieval e a propriedade da terra representavam um mecanismo de domínio transcendental sobre as pessoas, além de uma forma generalizada de poder político e econômico. As possessões territoriais foram cercadas e cultivadas internamente, isoladas da paisagem e do ambiente circundante, pois esses apresentam áreas selvagens, florestais e pantanosas. Por essa razão, a construção de centros religiosos incluiu um vasto espaço verde dentro de seus limites, que será subdivido em função das necessidades. Se toma como exemplo desses fazeres, a planta da Abadia de St. Gall, da Ordem Beneditina na Suíça, que foi o projeto idealizado para ser um jardim de um grande mosteiro, onde os usos e características de seus espaços verdes sugerem diferentes tipos de cultivo como, um pomar destinado a cultivar frutas, hortaliças, verduras, um herbário com plantas medicinais ao alcance do médico, assim como, outros tipos de espaços verdes com suas funções específicas

⁷⁷ 2:8 Y Jehová Dios plantó un huerto en Edén, al oriente; y puso allí al hombre que había formado. 2:9 Y Jehová Dios hizo nacer de la tierra todo árbol delicioso a la vista, y bueno para comer; también el árbol de vida en medio del huerto, y el árbol de la ciencia del bien y del mal.

⁷⁸ Il giardino monástico è la prima forma del giardino medievale.

e cultivos. Destinando-se fora dos muros do mosteiro, as grandes áreas de cultivo de cereais, grãos e abóboras, (BATISTINI, 2012, p.90-94).

Desta forma, as comunidades eclesíásticas representavam o tecido de conexão com a sociedade. Elas atuavam como centros de colonização agrícola do território, o que levou a um aumento do poder econômico da igreja, além do seu domínio religioso que de alguma forma, representa e legitimava o seu direito á Terra. “Os substanciais patrimônios fundiários dos bispados, abadias, mosteiros, espalhados por toda parte, constituídos por doações de terra em troca de proteção, aumentaram o poder econômico da Igreja e a sua autonomia feudal” (BATISTINI, 2012, p.15)⁷⁹. Esse poder foi estabelecido como um processo, ordenando funções e atribuições em espaços seculares, (BATISTINI, 2012). Assim, os donos da verdade e do conhecimento, foram se colocando acima de qualquer outro ser humano, conforme figura 11.

Os primeiros castelos tinham jardins de tamanho modesto, eram cuidados pelas mulheres que aprenderam dos monges, seus mestres, como plantar as essências medicinais no jardim das espécies e das ervas, para curar os doentes e os feridos no castelo e na aldeia, mas também para obter outros alimentos e outras verduras para a cozinha. Na estação florida regozijar-se com o esplendor das cores, e as jovens alegres teriam forjado coroas para elas e para os seus cavaleiros. O jardim estava sob as janelas da sala das mulheres, com o objetivo de que a proprietária pudesse tê-lo sob controle: do alto, espalhado em sua pequena dimensão e alegria viva, era como um tapete colorido (BATISTINI, 2012, p.108–109)⁸⁰.

Essa afirmação propõe que, não somente o jardim do monastério, mas também o jardim profano da época, responde a características de ser também murado, o que denota a necessidade de controle do homem sobre a natureza, ao conservar em seu interior o verdor e as cores da vegetação, privilégio de poucos, indicado a materialização dos ensinamentos dos monges para com esses espaços. Consequentemente, do domínio de Deus na terra, exercido por meio da religião, personificado pelos monges e religiosos tem seus alcances específicos.

⁷⁹ I cospicui patrimoni fondiari dei Vescovadi, delle Abbazie, dei Monasteri, sparsi ovunque, costituiti attraverso donazioni di terre fate in cambio di protezione, aumentarono il potere economico della Chiesa e la sua autonomia feudale.

⁸⁰ I primi castelli possedevano dei giardini di modeste dimensioni; venivano curati dalle donne che avevano imparato dai monaci, loro maestri, come piantare le essenze medicinali nel giardino delle spezie e delle erbe, per curare i malati ed i feriti nel castello e nel villaggio, ma anche per ottenere altri cibi ed altre verdure per la cucina. Nella stagione fiorita si rallegravano poi dello splendore dei colori, e le gioiose giovani avranno intrecciato corone per sé e per i loro cavalieri. Il giardino si trovava sotto le finestre dell'appartamento delle donne, affinché la castellana potesse averlo sott'occhio: dall'alto, disteso nella sua piccola dimensione e nella sua vivace alegria, appariva como u tappeto colorato.

FIGURA 11 – Pinturas de jardins da época medieval (A), (B)

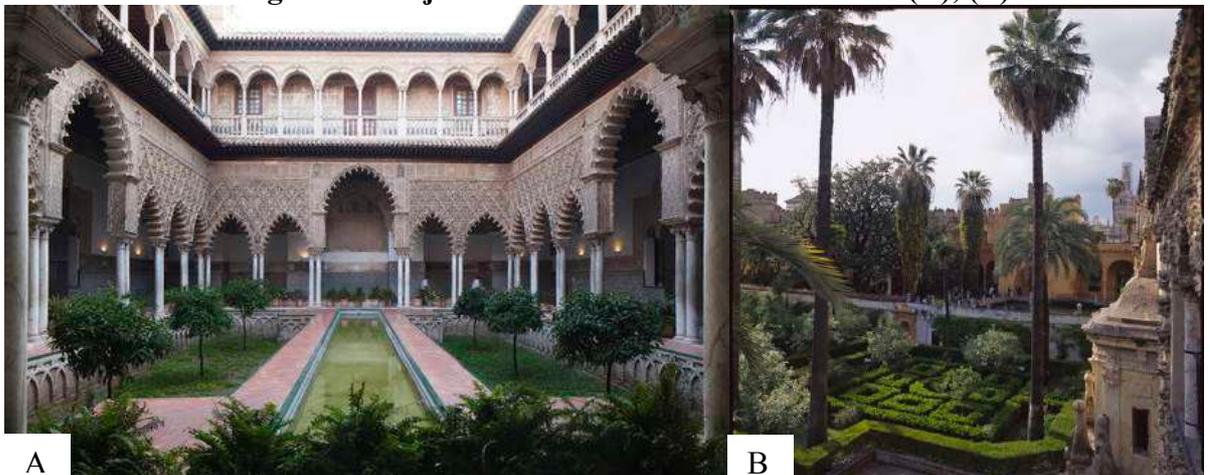


Fonte: (A), (B) CRESCENZI (2018).

É importante observar que naqueles jardins, a função medicinal, de saúde e de suporte na alimentação está presente, mas sempre sob os ensinamentos dos monges. Como parte desse conhecimento era importante dividir e diferenciar os espaços, considerando os vários tipos de plantas a serem cultivadas. A decomposição dos cultivos em áreas de produção, situou os medicamentos em outro lugar, diferente da localização, por exemplo, das flores, mas dentro dos muros do centro religioso, ou profano.

A lógica situacional dos cultivos é assim estabelecida em função do fornecimento do sustento para aqueles que vivem dentro de sua proteção. Certamente, encontra-se diante de uma reprodução do conceito do jardim do Éden, do paraíso, conforme figura 12.

FIGURA 12 – Fotografias dos jardins do Real Alcázar de Sevilha (A), (B)



Fonte: (A) Puy, (2018), (B) Fruneau (2018).

Nestes jardins as mulheres vão ter um papel fundamental. Elas são colocadas como discípulas dos monges na aplicação de técnicas para cuidar deles. E sendo elas, as administradoras da casa, o jardim representa um espaço sob o seu controle, desempenhando nele as tarefas diretas de trabalho com a terra, plantação de vegetação e, outras atividades necessárias para conformar um espaço cultivado ao serviço da casa. O que metaforicamente concede as mulheres o papel de criar espaços provocadores de beleza e atração visual é a sua sujeição. Aparentemente ela dispõe e controla os cultivos nos jardins. Contudo, isso ocorre sob as instruções e comandos dos monges.

Todavia, o trabalho executado cabe aos serviçais. Ao pessoal de serviço que mora nestas residências, conventos ou assemelhados. Nos câmbios relacionados a subserviência, recebem proteção e alimento quando oferecem sua vida e trabalho. Assim, deve se entender que, não são as mulheres quem fazem esses trabalhos, pois se indica que elas fazem o controle de cima, o que seria desde longe ou desde dentro mesmo da edificação, sem se sujarem com a terra. Pois a ideia de se alimentar com o suor do teu rosto, como indica a Bíblia, é uma punição por desobedecer aos desígnios do criador.

FIGURA 13 – Fotografias do (A) pátio ajardinado da edificação da Cúria Episcopal no Centro Histórico de Cuenca dos Andes e (B) detalhe da vegetação



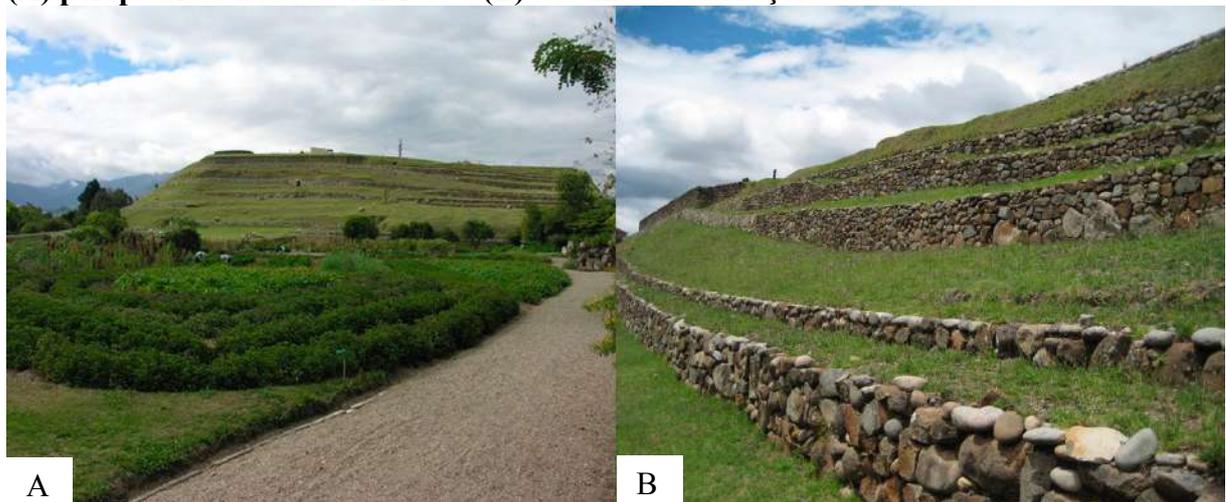
Fonte: (A), (B) a Autora.

Dessa maneira, o jardim se afasta de um conceito de aproveitamento de alimentos, rituais, para se aproximar de uma concepção mais ornamental, conforme figura 13, onde as cores compõem uma imagem que só podia ser apreciada de cima, uma espécie de tapete colorido de vegetação, para adornar o olhar das janelas dos quartos da dona da casa. Impondo

com esse fato, uma instância de poder, sob o espaço e sob as pessoas que trabalham nele, os servos. Portanto, não será difícil conceber que esse modelo sociocultural e ornamental tenha sido aplicado para descrever os espaços verdes, *chacras*, jardins e sementeiras *incas*, assim como a condição de inferioridade atribuída para quem os trabalham, e que, para o caso, ainda apresentam uma veneração para com os elementos naturais da sua paisagem. Tal situação ajuda a revelar que os espaços verdes na época, representavam um espaço de dominação onde exercer o poder, deixando de lado a relação divina com a qual o conceito de jardim, *chacra*, pomar, principiou nas duas culturas.

Assim, os significados apresentados e analisados, possibilitam esclarecer e posicionar a importância dos termos jardim, sementeira, *chacra* e pomar, pois contribuíram para estabelecermos uma incursão às nomeações e definições relacionadas ao sentido e à representação da cultura original pré-hispânica, no momento de ser escrita pelos primeiros cronistas. No entanto, muito ficou perdido, pois mestiços e estudiosos hispano-americanos vão tentar estabelecer os parâmetros para sua identificação cultural, posteriormente a destruição provocada pelos colonizadores. Assim, o que se descobre até aqui é a existência de fortes vínculos culturais entre natureza e religiosidade, sobretudo, na sua ambiguidade ao definir os espaços de cultivos, conforme figura 14.

FIGURA 14 – Fotografias das ruínas arqueológicas de *Pumapungo*, Cuenca dos Andes (A) perspectiva desde os cultivos e (B) detalhe dos terraços



Fonte: (A), (B) a Autora.

Desse modo, essa análise se apresenta como um exercício de ponderações conceituais indispensáveis para a tese e não uma definição acabada desses espaços. Isso também implica em dizer que o exame conceitual indicou práticas sociais e religiosas que sustentam a

existência de espaços de cultivos pré-hispânica. Eles aparecem no estudo, como parte do processo de colonização, em que a imposição religiosa, desempenhou o papel de coibir, modificar e sufocar os saberes do colonizado, criando e nutrindo formas de domínio, para negar e também substituir a cosmovisão pré-hispânica pela religião católica e os seus dogmas.

Portanto, no segundo capítulo aborda-se o processo cultural de convivência entre a cultura Inca e principalmente espanhola no continente Americano. O objetivo é conceituar essa mestiçagem cultural, presente na paisagem hispano-americana. Na qual, o significado do mestiço, comparece com resultado do processo cultural, carregada de preconceitos, colocados unicamente como forma de dominação e estratégia política para bloquear o sincretismo cultural. Dessa forma, propositadamente, analisa-se o processo de mestiçagem, discutindo as suas indefinições no processo de convivência cultural hispano-americana.

3 A DECORRÊNCIA DO PROCESSO DE MISTIÇAGEM CULTURAL NA PAISAGEM HISPANO-AMERICANA

3.1 A epistemologia da latinização na paisagem cultural pré-hispânica.

A representação do processo da mestiçagem cultural na paisagem, não comporta essencialmente uma questão social de abrangência racial. Em seus modos de vida, apresenta implícita a interação com os elementos naturais, paisagísticos, urbanos e arquitetônicos, que permitiram a formação do território hispano-americano, portanto, de Cuenca dos Andes. Assim, a partir da história local e dos registros da mestiçagem, como representação adotada sobre a identidade decorrente das interações entre as duas culturas, se indica uma convivência cultural dentro de um processo que não se aperfeiçoou em um sincretismo cultural, mas que, continua coexistindo vagamente na paisagem. Essa situação além de representar amedrontamento, como consequência de um processo histórico de segregação racial, para todos aqueles considerados mestiços, coloca um qualificador biológico e cultural inferior para eles.

No exercício desse artifício, são desterradas as relações entre o ambiente natural e as pessoas de um território específico, esquecendo que nessas identidades se encontra a essência mesma de uma cultura. Sendo as representações culturais na paisagem em que a vida, os rituais, a religiosidade, a saúde e a prosperidade, são construídas e ao mesmo tempo desconstruídas. De tal forma que, ao marginaliza-las sob um conceito pejorativo, essas expressões não comparecem na vida cotidiana como virtuosas, como se elas não tivessem importância no modo de vida dos grupos sociais originais daqueles territórios. Possivelmente, pela frívola abordagem paisagística com a qual outros a descrevem. Essa conjuntura não garante um olhar imparcial para uma distinção objetiva dos valores humanos fixados nas paisagens.

Assim, quando se pensa a partir do processo de ruptura cultural, inca e espanhola é possível perceber como a paisagem andina pré-colonial era rica de espaços verdes. No conjunto são lugares trabalhados, construídos e cultivados, enquadrados em um sistema hierárquico religioso, político, social, econômico e administrativo próprio daquela cultura. Apresentada essa riqueza cultural e paisagística, a mesma é rotulada como selvagem, incivilizada, demoníaca, perspectiva que se transforma em ferramenta conveniente para manipular a os conquistados e a sua paisagem.

Da mesma forma, a partir das conquistas pré-incaicas, o exercício do poder do Senhorio dos Incas e a hierarquização das relações sociais entre grupos étnicos originários, também tiveram manifestações como estratégias de conveniência e sobrevivência cultural. Nesse processo para manter o poder, também destruíram e se apropriaram da cultura do outro, porém com a diferença que aquelas formas de dominação dialogavam com uma cosmovisão semelhante à dos Incas. No entanto, no confronto com os europeus, a paisagem foi influenciada, afetando e comprometendo a contribuição de várias culturas originárias. Contudo, não é essa a problemática a ser analisada. O importante é indicar que foram os Incas quem estavam no poder quando da chegada dos espanhóis ao seu território. Assim, a sua grandeza não pode anular a prosperidade das culturas anteriores, mesma que seja atribuída principalmente aos incas.

Destarte, para entender a paisagem de Cuenca dos Andes, também é necessário incluí-la no processo de mestiçagem cultural ocorrida naquele espaço, onde os elementos que a compõem, pertencem a diferentes culturas. Assim, a existência do diferente comparece articulada em um mesmo território. Como resultado, acabam gerando uma paisagem particular. Segundo SAUER (2016, p. 5), “Os objetos que existem juntos na paisagem existem em inter-relação”. Essa coexistência de objetos comuns entre as culturas, está à base desse processo, bem como as suas pertenças. Ambas estão incluídas no espaço em que os grupos humanos se desenvolvem, fornecendo informações específicas em seu relacionamento.

Nesse sentido, a Cuenca pré-hispânica, teve uma interação paisagística de elementos de culturas provenientes de outros lugares, mas com semelhanças entre os rituais tradicionais. Para Sauer (2016, p. 1) “Todo campo do conhecimento é caracterizado pela sua preocupação expressa por um certo grupo de fenômenos, que se propõe identificar e ordenar de acordo com suas relações”. Em Cuenca dos Andes, o processo de mestiçagem mencionado, tem maior inflexão cultural entre indígenas e europeus. Embora a nível latino-americano, esse fato inclui também os negros. No contexto geral, na América Hispânica, os principais grupos que materializaram a mestiçagem eram indígenas, chamados de índios, escravos negros africanos e conquistadores europeus, conforme figura 15. Como Juan Comas (1974), identifica, no primeiro século de dominação europeia, espanhola e portuguesa, o componente humano estava composto por “1) conquistadores e colonizadores; 2) aborígenes derrotados; 3)

escravos negros importados em quantidades menores e maiores; 4) frutos da mestiçagem dos três grupos anteriores” (COMAS, 1974, p. 22)⁸¹.

FIGURA 15 – Representação pictórica, *Las Castas*, do sistema racial no século XVIII



Fonte: Revista Cultural Mito (2018).

⁸¹ “1) conquistadores y colonizadores; 2) aborígenes vencidos; 3) negros esclavos importados en menor y mayor cuantía; 4) frutos del mestizaje de los tres grupos anteriores”

Assim, a mestiçagem cultural no início é percebida principalmente como sendo étnico-racial. Baseada nesses três representantes, na qual a figura dos conquistadores e descobridores é aquela que estabelece e regula o processo, situando-se acima dos demais, como detentor de poder sobre os grupos humanos considerados inferiores. Nessa hierarquização, chega-se a considerá-los seres selvagens, uma espécie de aberrações vivas. O que implica nas formas de vida, cosmovisão e paisagem, conseqüentemente relacionadas como a criação do diabo ou da bestialidade. Conceitos que têm sido desmistificados com o tempo. No entanto, essa difamação cultural, marcou a condição do indígena americano, e mais tarde a do mestiço, como uma forma de identificação do povo e o território latino-americano, com tudo de depreciação que isso representa.

Como decorrência dessa teoria, várias classificações étnicas foram criadas, dentre as quais estão os quadros da mestiçagem, na Colônia, de Vicente Riva Palacio, conforme figura 16. Comas (1974), no seu trabalho nomeado *Demografia e Mestiçagem da População Ibero-americana: Seculos XVI-XIX*, descreve o mestiço como a mestiçagem primária, fruto do cruzamento entre branco e índio, assim como também indica que é inegável a *complexidade, subjetividade e confusão*, para categorizar as variadas mestiçagens acontecidas na época colonial. Observa ainda que o processo é dinâmico e que se pode falar de uma *mestiçagem da mestiçagem*, pois essas três categorias vão-se diluindo com o tempo, “[...] dando origem a um tipo mestiço de crescente uniformidade que constitui a maioria da população neste subcontinente americano [...]” (COMAS, 1974, p.24)⁸².

Assim, para Riva Palacio citado em Comas (1974), a mestiçagem ocorre a partir do cruzamento das três principais raças, branco, índio e negro. Colocando 16 tipos de combinações em função das porcentagens de mistura de sangue, proposta hipotética, pois ela data do século XVIII, “Tais tipos de mestiçagem oferecem uma aparente objetividade muito alheia aos meios disponíveis para a biologia humana da época (supondo que eles tenham tentado recorrer a ela).” (COMAS, 1974, p. 24).⁸³

Destarte, na América de colonização espanhola, os chamados índios, brancos e negros, são em decorrência da mestiçagem, os tipos humanos executores da modificação da paisagem e, ao mesmo tempo os responsáveis pela construção das cidades por eles habitadas. Portanto, especulando sobre as conseqüências dos três primeiros resultados raciais propostos, a paisagem andina também poderia decorrer de três tipos de relacionamentos culturais básicos

⁸² [...] dando origen a um tipo mestizo de creciente uniformidade que constituye la población mayoritaria en este sub-continente americano [...]

⁸³ Tales tipos de miscigenación ofrecen una aparente objetividad muy ajena a los medios disponibles para la biología humana de la época (suponiendo que ellos hayan intentado recurrir a ella).

nela desenvolvidos, sendo esses, a paisagem mestiça, a paisagem castiça e a paisagem espanhola.

FIGURA 16 – Quadro da Mestiçagem durante a Colônia

#	Mestiçagem		Resulta	Porcentagem		
	De	E		Branco	Índio	Negro
1	Espanhol	Índia	<i>Mestiço</i>	50	50	0
2	Mestiço	Espanhola	<i>Castiço</i>	75	25	0
3	Castiça	Espanhol	<i>Espanhol</i>	87.5	12.5	0
4	Espanhol	Negro	<i>Mulato</i>	50	0	50
5	Mulata	Espanhol	<i>Mourisco</i>	75	0	25
6	Espanhol	Mourisca	<i>Albino</i>	87.5	0	12.5
7	Espanhol	Albina	<i>Volte</i>	93.75	0	6.25
8	Índio	Volte	<i>Lobo</i>	46.87	50	3.13
9	Lobo	Índia	<i>Zambaigo</i>	23.45	75	1.55
10	<i>Zambaigo</i>	Índia	<i>Cambujo</i>	11.7	87.5	0.8
11	Cambujo	Mulata	<i>Albarazado</i>	30.85	43.75	25.4
12	Albarazado	Mulata	<i>Barquino</i>	40.43	21.87	37.7
13	Barquino	Mulata	<i>Coiole</i>	45.21	10.94	43.85
14	<i>Coiota</i>	Índio	<i>Chamizo</i>	22.6	55.5	21.9
15	Chamizo	Coiota	<i>Coiole-mestiço</i>	36.3	52.7	11
16	Coiole-mestiço	Mulata	<i>Aí-você-está</i>	43.15	51.35	5.5

Fonte: Adaptado de (RIVA PALACIO apud COMAS, 1974, p. 24)⁸⁴.

⁸⁴ Porcentajes. B =blanco; I =indio; N=negro.

1. De español e india, *mestizo* (50 B; 50 I)
2. De mestizo y española, *castizo* (75 B; 25 I)
3. De castiza y español, *español* (87.5 B; 12.5 I)
4. De española y negro, *mulato* (50 B; 50 N)
5. De mulata y español, *morisco* (75 B; 25 N)
6. De español y morisca, *albino* (87.5 B; 12.5 N)
7. De español y albina, *torna-atrás* (93.75 B; 6.25 N)
8. De indio y toma-atrás, *lobo* (46.87 B; 50 I; 3.13 N)
9. De lobo e india, *zambaigo* (23.45 B; 75 I; 1.55 N)
10. De *zambaigo* e india, *cambujo* (11.7 B; 87.5 I; 0.8 N)
11. De cambujo y mulata, *albarazado* (30.85 B; 43.75 I; 25.4 N)
12. De albarazado y mulata, *barquino* (40.43 B; 21.87 I; 37.7 N)
13. De barquino y mulata, *coyote* (45.21 B; 10.94 I; 43.85 N)
14. De coyota e indio, *chamizo* (22.6 B; 55.5 I; 21.9 N)
15. De chamizo y coyota, *coyote-mestizo* (36.3 B; 52.7 I; 11 N)
16. De coyote-mestizo y mulata, *ahi-te-estás* (43.15 B; 51.35 I; 5.5 N)

Contudo, se o continente onde esses grupos habitam é a América, não é possível dissociá-los do entorno no qual se desenvolve a sua vida cultural. Também não se pode menosprezar as vestimentas, cores, e coisas com que essas supostas castas representadas na figura 15 se apresentam. Além disso, é necessário problematizar as razões pelas quais elas comparecem na figura sobre um fundo branco. Seria a representação subliminar de um suposto projeto de clareamento da população? Embora não seja objetivo da tese esclarecer os conteúdos políticos presentes no quadro é necessário considerar os mecanismos para registrar a existência de diferentes grupos humanos decorrentes da mestiçagem, e que podem ou não, culminar em processos culturais transformadores. É por isso que se entende que a categorização étnica racial é infértil para explicar o processo de mestiçagem. Cabe reivindicar a necessidade de os estudos abrangerem os múltiplos aspectos culturais a que pertencem os grupos humanos envolvidos sob este conceito.

A partir dessas considerações, parece que os mestiços e os castiços, foram de alguma maneira unificados, deixando em desuso as outras classificações. Unificação que poderia ter origem na dificuldade de reger a mestiçagem racial, pois culturalmente é evidente que os mais brancos terão o domínio da riqueza e do poder político. Além disso, no interior dos grupos considerados brancos, as disputas pelo poder vão gerar tensões entre espanhóis nascidos na Europa e os nascidos na América.

Destarte, será a porcentagem branca, munida do poder de estado quem definira a hierarquia social, tendo como referência a escala econômica-social, conforme figura 17. Nessa figura além da representação da mestiçagem, da hierarquização social resultante, têm-se uma paisagem na qual se pode observar como a vegetação comparece na paisagem. Observa-se que fora dos limites do prédio as plantações são diferentes. Na figura, somente as árvores frutíferas e os frutos ficam dentro do espaço privado.

A visibilidade do mestiço como grupo racial é uma consequência de um aparente reconhecimento social, aceitando assim, o casamento entre diferentes. Contudo, os casamentos entre brancos e índios também foi visto como uma ameaça à coroa, pois os mestiços, pela sua componente racial branca, participam da vida da cidade, na esfera religiosa, na arquitetura, praticamente em tudo, gerando um constante estado de agitação social. Como mestiço recebe tratamento diferenciado, mas apesar das advertências, ele procura seus direitos, “o da terra, o do governo, o da orientação religiosa” (MORALES BENÍTEZ, 2013, p. 113)⁸⁵.

⁸⁵ “el de la tierra, el del gobierno, el de la orientación religiosa”

FIGURA 17 – Representação pictórica do mestiço - entre os séculos XVIII e XIX



Fonte: Colección de Malu e Alejandra Escandón, Ciudad de México (1780).

Apesar das suas reivindicações, o mestiço vai viver discriminado na sua própria terra, “socialmente ele não podia reclamar. Ele era um marginalizado social” (MORALES BENÍTEZ, 2013, p. 113)⁸⁶. Tal criação social do mestiço é apresentado como a materialização de um processo de coexistência, que Echeverri Posada (2003, p. 98) indica como “um produto da colônia, de sua terminologia e de seu sistema”⁸⁷, no qual os princípios de valores socioculturais foram fundamentados na honra “a ideia da honra, interveio efetivamente nas diferentes esferas da vida social do mestiço” (ECHEVERRI POSADA, 2003, p. 99)⁸⁸. Desta forma, a imposição de uma cultura é efetuada com o apagamento de outra; de modo que, para sobreviver, a opção é moldar-se, adaptar-se ao modo de vida do dominante, mas juntando elementos, do oprimido, que eles toleram por desconhecimento ou necessidade. Sendo principalmente as instituições religiosas quem tiveram grande impacto, bem como o governo e a as elites, “o mestiço adotou respostas diferentes, algumas mais

⁸⁶ Socialmente nada podía reclamar. Era un marginado social”

⁸⁷ “un producto de la colonia, de su terminología y de su sistema”

⁸⁸ “la idea del honor intervino en forma eficaz en los diferentes ámbitos de la vida social del mestizo”

alienadas do que outras, e acolheram os valores da honra com diferente intensidade e de distintas maneiras” (ECHEVERRI POSADA, 2003, p. 100)⁸⁹.

Entretanto, os indígenas não se submeteram totalmente à dominação europeia, eles usaram formas engenhosas, como a substituição de figuras religiosas, técnicas de cultivo, alimentos, rituais, roupas, entre outros, para dar continuidade aos seus costumes e modos de vida. Nessa situação a natureza continua sendo a representação dos elementos primordiais da sua cultura. No entanto, não conseguem se livrar das imposições do colonizador europeu.

A honra como conceito de origem europeia constituiu uma forma específica de dominação baseada em uma ordem de tipo estamental. “Ela se fundamentava na exigência pela posse do sangue ‘alta’ nobiliária, como veículo disso”, o que significava ser superior ao nível de raça e puro de sangue, isto é, livre de qualquer relação biológica com mouros ou judeus. (ECHEVERRI POSADA, 2003, p. 100)⁹⁰

A existência da mestiçagem, desde a sua concepção, implica uma definição de algo novo, diferente, que contém parte da cultura do outro, mas que ao se metamorfosear com os modos de vida locais, já não é mais esse outro. Trata-se de uma identidade sociocultural diferente, emblemática, presente na vida cotidiana, que manifesta suas características sociais em um contexto de enormes tensões. Assim, “a mestiçagem é uma categoria eminentemente social, usada para estabelecer diferenças e relacionamentos com outras castas e raças” (ECHEVERRI POSADA, 2003, p. 101)⁹¹. Porém, se é uma categoria diferente, deferentes são as suas expressões sociais, em virtude das culturas que a fazem dispare.

Se a existência dessas designadas raças que dão origem a outra, com características retiradas de suas origens, se entende que não é possível atribuir a elas um hibridismo. Termo que na sua tentativa de definir a coexistência de culturas muito diferentes, produz uma ruptura com as suas origens, destituído de saberes a existência do mestiço. Um sujeito desvinculado de cultura, uma vez que por conveniências de poder, não tem direito a se identificar com a sua origem. Assim, se reconhece o mestiço como uma identidade nova, de cultura diferente, criação de interações de outros saberes, pois mesmo sendo considerado indigno contém e, é

⁸⁹ “el mestizo adoptó diferentes respuestas, unas más alienadas que otras, y acogió los valores del honor con diferente intensidad, y de distintas maneras”

⁹⁰ El honor como concepto de origen europeo constituyó una forma específica de dominación basada en un orden de tipo estamental. “Él se fundamentaba en la exigencia sobre la posesión de sangre ‘alta’ nobiliaria, como vehículo de aquél”, lo que significaba ser superior a nivel de raza y ser puro de sangre, es decir, libre de cualquier relación biológica con moros o judíos.

⁹¹ “el mestizaje es una categoría eminentemente social, utilizada para establecer diferencias y relaciones con otras castas y razas”

contido por elementos das duas culturas, indicando expressões de novas tradições, originárias das suas relações.

Nesta perspectiva, ser mestiço, não é apenas um aspecto físico, mas também, os modos diferentes e indispensáveis de viver e se relacionar com o território a partir de um conjunto de valores que caracterizam um grupo humano. Assim, uma cultura mestiça pode ser interpretada como o resultado de um processo concluído, em que sua existência não depende mais de uma ou de outra cultura. Ela já se territorializou, propondo-se como uma categoria já estabelecida. O que ao mesmo tempo, se coloca em uma posição de refutar à mestiçagem na América, como uma expressão ambígua de um processo inacabado que para ser culturalmente visível, tende a se alinhar com uma das suas origens, de preferência com aquela que se encaixa com a honra, acima mencionada.

Todavia, o uso do termo mestiço, miscigenação ou mistura pode ser aplicado em várias áreas. “É que a mestiçagem implica uma percepção totalizadora [...] mestiçagem é algo insondável” (MORALES BENÍTEZ, 2013, p. 121-122)⁹². Assim, em língua *quíchua*, esse termo é definido como misturar, “*Chacruni*” (TORRES RUBIO, 1619, p. 160)⁹³. Da mesma forma, Gonzáles Holguín (2007, p. 84), também define o termo misturar como “*Chacruni*”. Muito próxima da palavra *chacra*, que no seu significado imposto pelos cronistas da cultura colonialista, refere-se a um local de cultivo. E, por sua vez, o *chagra*, que usa o g por deformação na pronúncia da época no lugar do c, é a pessoa que cuida dos cultivos desses espaços. Ele é um indivíduo opaco, incivilizado por não morar na cidade e de alguma forma envergonhado pelo ambiente em que está presente. Segundo Encalada Vásquez (2015), a palavra *chagrillo* refere-se à combinação da palavra *chacra* em *quíchua*, mais o diminutivo *illo* em espanhol, o que originaria a palavra *chagrillo*, que por sua vez, define um espaço pequeno, um campinho de cultivo, uma pequena sementeira.

Entretanto, contemporaneamente, a palavra *chagrillo* se refere ao conjunto de pétalas de flores de várias cores que são jogadas, como uma forma de veneração para com as imagens sagradas. Anteriormente, porém, foram também lançadas às pessoas importantes como prefeitos, vigários e outras personalidades, em desfiles ou procissões. Da mesma forma, o *chagrillo* é usado para designar uma mistura, que pode ser de coisas, cores e vestidos. A palavra é ainda usada para definir aquilo que não é muito fino, colorido sem arte, realizado por um não cidadão, ou um incivilizado, sendo também uma maneira desdenhosa de qualificar uma composição.

⁹² “Es que el mestizaje entraña una percepción totalizadora [...] el mestizaje es algo insondable”

⁹³ “mezclar. chacruni.”

Com essas enunciações e atribuições, a superioridade cultural torna-se contundente. A mistura parece punida para ser sempre, uma reprodução sem valor, atribuição à qual o mestiço não tem acesso para modificar sem primeiro restaurar a dignidade do seu componente indígena. Contudo, é preciso lembrar que nesse contexto ele não é mais um índio, pois conseguiu se reposicionar socialmente. Assim, é a partir da mestiçagem que sua composição racial também é em parte branca, o que lhe concede certos privilégios. No entanto, é manchado, não é puro, seu estilo de vida e idiossincrasias, não são promulgadas como dignas, exercendo assim uma desarticulação pessoal com seu entorno. Essa situação, de certo modo e tensa. Contudo, escolhe se alinhar com uma identidade que o segrega, mas que ao mesmo tempo lhe permite visibilidade.

O mestiço é também rejeitado pelos indígenas, criando nele um desarraigo por não poder sintetizar duas culturas. Elas convivem no território, mas hierarquizadas a partir de desigualdades sociais, criadas e objetivadas nas instituições que compõem o estado, como forma de manter o poder por parte dos dominadores.

Entre o índio e o espanhol, o mestiço não teve escolha senão se identificar com o espanhol. Poderia preservar os traços da cultura indígena, alguns de seus costumes e tradições, mas sempre reinterpretados à luz da cultura peninsular. Nesse sentido, o mestiço teve que viver um processo de aculturação que o relacionava com o mundo do pai [...] (ECHEVERRI POSADA, 2003, p. 101)⁹⁴.

Essa tendência para se alinhar com o mundo do branco, condiciona seu comportamento, pois é através de uma conduta adequada, a rigor subordinada, principalmente ao campo religioso que ele poderá obter aparentemente reconhecimento. Sob o domínio do religioso, o caminho para ser um bom mestiço é ser um bom cristão. Cumprir os mandamentos que a religião impõe aos seus fiéis, visivelmente é um modo dele se sentir parte do território constituído sob domínio do colonizador. Aceitando as imposições e se submetendo a elas, também pode conseguir essa aceitabilidade e visibilidade social no campo do trabalho, com o cumprimento correto do que foi a ele confiado por parte dos seus patrões (ECHEVERRI POSADA, 2003).

⁹⁴ Entre el indio y el español, el mestizo no tenía más alternativa que identificarse con el español. Podía conservar rasgos de la cultura indígena, de algunas de sus costumbres y tradiciones, pero siempre reinterpretadas a la luz de la cultura del peninsular. En este sentido, el mestizo debió vivir un proceso de aculturación que lo relacionaba con el mundo del padre [...].

Vasconcelos (2005, p. 12), escrevendo sobre mestiçagem, indica que “enquanto não pudermos corrigir os conceitos, não será possível atuarmos no meio físico de forma a que sirva ao nosso propósito”⁹⁵. Isso se refere às causas que impedem aos latino-americanos mestiços de alcançar sua dignidade, ordenar o espírito, debulhar ideias e buscar orientação para que esse processo social possa alcançar seu digno posicionamento cultural. A cena representada na figura 18 oferece um exemplo do que comporta sugerir o preconceito. O fato histórico cultural é inconcluso, pois vestir galas em uma índia se apresenta como ato a favor a civilização dela.

FIGURA 18 – Representação pictórica de uma índia em um vestido de gala do pintor equatoriano Vicente Albán, 1783



Fonte: Museo de la Ciudad, Quito-Ecuador.

A mestiçagem, de acordo com Vasconcelos (2005), não foi completada, pois os nativos não se fundiram completamente, mantendo até mesmo traços de um passado sombrio. Fato que não limita a latinização da América. Certamente as imposições culturais abrangeram os seus habitantes e seus valores humanos, pois é nesse processo que conseguiram coexistir.

⁹⁵ “Mientras no logremos corregir los conceptos, no será posible que obremos sobre el medio físico en tal forma que lo hagamos servir a nuestro propósito”

“Os mesmos índios puros têm doações espanholas [espanholizado], estão latinizados, como é latinizado o ambiente” (VASCONCELOS, 2005, p. 12)⁹⁶. Certamente, o termo latinizado conjuga melhor o processo ocorrido na pós-colonização, uma vez que *espanholizado* gera objeções que em geral são apresentadas na literatura como crítica ao sistema de dominação, bem como em forma de desafios a sua afirmação social e a identidade.

Toda raça que se ergue precisa construir sua própria filosofia, o *deus es máquina* de um sucesso. Nós fomos educados sob a influência humilhante de uma filosofia concebida por nossos inimigos, se for desejada de uma maneira sincera, mas com o propósito de exaltar seus próprios fins e anular o nosso. Assim, nós mesmos acreditamos na inferioridade do mestiço, na condena do índio, na irreparável decadência do oriental. (VASCONCELOS, 2005, p. 29)⁹⁷

A visão do mestiço, latinizado a partir de essa concepção, carrega a necessidade de se libertar do peso de atribuições e conceitos sem fundamentos, originados por necessidades e ignorância nos processos de dominação. É importante enfatizar que Vasconcelos analisa o assunto da raça, propondo uma ideia de uma nova raça, que tenha superado todos esses obstáculos e que possa ser representada fiel a os objetivos desejados. Aqui comparece o ideal humano, em que a cor da pele não seja referencia para sacralizar os estigmas que a condenam conjuntamente com toda a cultura que a fundamentou. Proposta que não tem a ver com o viés desta pesquisa, mas que na sua análise e metodologia dialoga firmemente com os fatos e ferramentas usadas na criação desse conceito mestiço, e do próprio ser mestiço da América, pós-colonial.

No entanto, a cor da pele não é mais um argumento inquestionável para identificar e justificar a mestiçagem andina, e possivelmente, nem mesmo na América Latina. Romper com esse argumento é a forma mais apropriada para nomear à nova cultura, conformada, no chamado novo mundo, sem negar sua origem, além de reconhecer que o mestiço não é somente o indígena. É necessário reconhecer que as interações culturais no tempo e no espaço permitiram a criação de uma cultura diferente que teve que enfrentar todos os imaginários e conceitos equivocados e assim tentar se posicionar de forma única, dando origem a outra

⁹⁶ “Los mismos indios puros están españolizados, están latinizados, como esta latinizado el ambiente”

⁹⁷ Cada raza que se levanta necesita construir su propia filosofía, el *deus ex machina* de un éxito. Nosotros nos hemos educado bajo la influencia humillante de una filosofía ideada por nuestros enemigos, si se quiere de una manera sincera, pero con el propósito de exaltar sus propios fines y anular los nuestros. De esta suerte nosotros mismos hemos llegado a creer en la inferioridad del mestizo, en la irredención del indio, en la decadencia irreparable del oriental

cultura, diferente. “Comecemos então fazendo nossa vida própria e ciência própria” (VASCONCELOS, 2005, p. 30)⁹⁸.

3.2 Os elementos que moldam outra paisagem na América Hispânica.

Os parâmetros de ruptura que podem atribuir identidade à essa paisagem, estarão alinhados, sobretudo com a religião, a sociedade e a geografia. Também estarão vinculadas as condições geográficas e suas implicações com o clima, fauna, topografia, hidrografia e flora. As condições sociais e políticas, tais como a organização familiar, hierarquias foram vitais para mediar os relacionamentos de uns com os outros. Contudo, são as imposições religiosas, que parecem representar o principal motor de domínio cultural na paisagem. Em uma sociedade hierarquizada pelo poder econômico, essas culturas envolvidas neste processo são originalmente diferentes e na relação com o outro, como mecanismo de poder, externam seus preconceitos.

Assim, a religião católica pode ser considerada como o principal meio de controle cultural da paisagem desde a conquista espanhola. Materializada na conformação das cidades e como alinhamento ético e moral dos seus habitantes. Porém, na realidade analisada, refere-se a uma condição de culto, da qual Cuenca dos Andes faz parte, vendo-se atrelada a um processo histórico semelhante ao de outras cidades invadidas e conquistadas pelos europeus.

No início da colonização foi possível estabelecer um conceito de mestiçagem. Aplicado em decorrência da chegada de um grupo humano que atravessou o Atlântico em uma viagem muito longa e com grandes dificuldades. Destarte, na sua chegada ao continente, muitas necessidades biológicas foram saciadas na relação com os índios. Assim, os relacionamentos entre homens brancos e mulheres índias se consumaram sem inconvenientes, pois as mulheres da Espanha não chegaram às colônias americanas até o final do século XVI (COMAS, 1974, p. 21).

Conseqüentemente, no decorrer do tempo, essa situação desencadeou diferenças entre esses grupos, devido aos abusos do poder por parte dos conquistadores, conforme figura 19, assim como, doenças trazidas por eles e seus escravos negros. Doenças nativas como a febre amarela afetaram o grupo dominante e em menor grau os conquistados.

⁹⁸ “Comencemos entonces haciendo vida propia y ciencia propia”

FIGURA 19 – Representação gráfica dos maus-tratos propiciados pelos conquistadores (A) e pelos religiosos (B) durante a conquista de América



Fonte: Guaman Poma (1615, p. 541, p. 587)

(A) “Desenho 215: Um viajante espanhol maltrata a um carregador andino”⁹⁹. (B) “Desenho 230. Um padre de doutrina casa por força a dos fregueses andinos”¹⁰⁰.

Além da proliferação de doenças, no processo de dominação, imperou a injustiça e os maus-tratos dos espanhóis para com os que não eram brancos. Para os mestiços trata-se de componentes essenciais da construção da sua identidade, pois a sua outra parte essencial agia com brutalidade, transformando-o em um personagem em conflito permanente. Conflito que é registrado nas obras do Inca Garcilaso de la Vega, posteriormente José María Arguedas, entre outros, descreveram em seus trabalhos o sofrimento decorrente de ter que dividir suas origens. Sendo a partir desses registros, que o mestiço americano começa a se posicionar devendo se construir. Conseqüentemente, a relação com a natureza se expressa na paisagem trazendo em sua antropização, após a conquista espanhola, um conjunto de formas e conteúdos, consequência da imposição ao indígena e ao mestiço.

Nas sociedades anteriores à colonização europeia, a natureza contém elementos fundamentais para a vida, obtendo um status de sacralidade. As árvores, as montanhas, a água

⁹⁹ Dibujo 215: Un viajero español maltrata a un cargador andino

¹⁰⁰ Dibujo 230: Un padre de doctrina casa por fuerza a dos feligreses andinos

e outros elementos da natureza não são abafados pelo simples fato de servir aos grupos humanos. Pelo contrário, são a representação das bondades divinas, considerados deidades que governam a vida das comunidades. Desse modo, os elementos da natureza estão carregados de poder e de informações culturais. A relação sociedade-natureza é contemplada em sua cosmovisão e, por sua vez, é a portadora de sua religiosidade. Os elementos da natureza não estão isolados, convivem no imaginário urbano planejado das cidades pré-hispânicas.

Todavia, a negação dos valores socioculturais dos colonizadores para com os latinizados, inclui também o deferimento dos espaços verdes patrimoniais na América Latina. Assim, eles se apresentam carentes de uma análise e avaliação particular que, os possam considerar como um componente primordial de sua cultura. Conseqüentemente, as práticas religiosas modificaram a forma de perceber as cidades, e assim, a sua relação com o ambiente, criando outras formas de materializar a paisagem cultural, resultado da convivência de diferentes culturas.

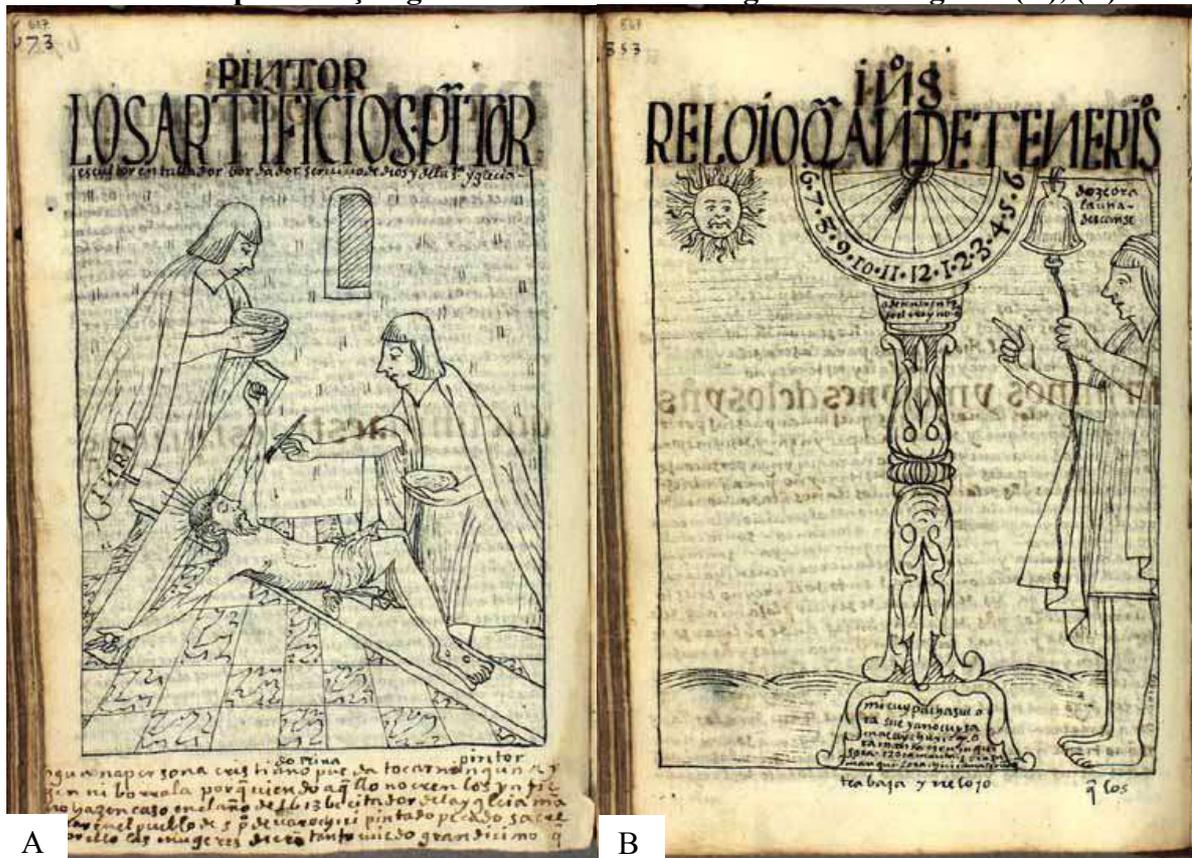
As cidades coloniais hispano-americanas, de acordo com Hardoy (1972), são um modelo importado, mas que gradualmente se adaptaram às necessidades fundamentais do processo de dominação. Este fato desenvolve-se indiscutivelmente em torno da paisagem e as intervenções acabam materializando um processo cultural baseado na ordem religiosa. Tal orientação se transpõe caracterizando o sistema comercial, de produção e controle, na criação dos espaços de cultivo e convivência com a natureza, estabelecendo estratégias de conquista e dominação. Assim também, por articulações do próprio poder, foram sendo instituídos mecanismos socioculturais de desprezo pelo que foi encontrado no novo continente. “Naturalmente, os conquistadores, pelo desprezo, por um lado, e para manter a subjugação, por outra, criaram afirmações contra as qualidades espirituais dos habitantes do que julgaram ser as Índias Ocidentais” (MORALES BENÍTEZ, 2013, p.271)¹⁰¹.

Dessa forma, se restringe toda a cultura originária da América, portanto, sua comida, formas de cultivo, vestimentas, religiosidade, crenças, costumes e tradições, conforme figura 20. Assim, aos conquistadores cabe reconstruir a forma de vida nas cidades invadidas. Nesse processo, o espaço verde de qualquer espécie deveria se deslocar para fora da área central urbana da cidade e ao interior das edificações, marginalizando as áreas de cultivo e com elas os responsáveis por trabalhá-las. Esse tipo de afazer, para o branco, não é considerado digno,

¹⁰¹ Naturalmente, los conquistadores, por desprecio, por una parte, y para mantener la subyugación, por otra, acuñaron aseveraciones contra las calidades espirituales de los habitantes de lo que ellos juzgaban eran las Indias Occidentales.

ou nobre, “na Europa, o trabalho de massa não qualificado teve implicações de coerção e escravidão. Na tradição indígena, o mesmo trabalho em massa, se não muito oneroso, poderia ser considerado gratificante, como uma experiência compartilhada e prazerosa” (GIBSON, 1977, p.225)¹⁰². Também é possível abrigar a ideia de que, essa atividade tenha sido conferida aos nativos depois de ver, o seu amplo conhecimento e os avançados modos de cultivar e se apropriar da natureza, habilidades e conhecimentos desconhecidos para os conquistadores, mas capturados e aproveitados apenas para servir aos seus interesses.

FIGURA 20 - Representação gráfica da influencia religiosa nos indígenas (A), (B)



Fonte: Guaman Poma (1615, p. 687, p. 867)

(A) “Desenho 267: Os artesãos andinos fazem imagens religiosas para servir a Deus e a igreja”¹⁰³. (B) “Desenho 320. Todos os índios devem ter um relógio para ordenar seus dias de trabalho e oração”¹⁰⁴.

Assim, as mudanças no tipo de cultivo estão intimamente ligadas aos alimentos e hábitos de cada cultura. Entretanto, os encontros entre duas culturas, brancos e índios ou espanhóis e incas, modificam profundamente a paisagem onde convivem. Juntos, europeus,

¹⁰² “en Europa, el trabajo masivo no calificado tenía implicaciones de coacción y esclavitud. En la tradición indígena, el mismo trabajo de masas, si no era demasiado oneroso, podía ser considerado gratificante, como experiencia compartida y placentera”

¹⁰³ Dibujo 267: Los artesanos andinos fabrican imágenes religiosas para servir a Dios y la iglesia

¹⁰⁴ Dibujo 320: Todos los indios han de tener un reloj para ordenar sus días de trabajo y oración

indígenas e mestiços se organizaram em termos de sua dieta alimentar, novos arranjos são influenciados em vários aspectos, pelos seus modos de vida. Tal processo vai refletir na alimentação e nas relações sociais, pois: “A comida regula muitos eventos sociais” (MORALES BENÍTEZ, 2013, p. 267)¹⁰⁵. Portanto, nesses atos estão compreendidas as transformações na sua alimentação, no jeito de vestir, na arquitetura, na urbanidade das cidades, e, de maneira primordial na religião dos nativos, conforme figura 21.

FIGURA 21 - Representação gráfica dos das idolatrias dos indígenas segundo os conquistadores (A), (B)



Fonte: Guaman Poma (1615, p. 270, p. 876)

(A) “Desenho 105: Ídolos e *waqas* dos Andesuyos, Saua Ciray, Pitu Ciray”¹⁰⁶. (B) “Desenho 323. Os índios ‘falam com o demônio’ no rito andino tradicional, ‘a embriaguez’”¹⁰⁷.

Como indicado, a religião estava no pináculo estratégico da conquista, a reverência, a obediência e a influência do sagrado comparecem nos mecanismos de controle. O que por sua vez, representa um reencontro com elementos já esquecidos e punidos na Europa, mas que na América, comparecem dignos de acordo com essa cosmovisão. Trata-se de práticas canalizadora da religiosidade presente, de uso de formas não convenientes para o catolicismo,

¹⁰⁵ “La alimentación regula demasiados actos sociales”

¹⁰⁶ Dibujo 105: Ídolos y *waqas* de los Andesuyos, Saua Ciray, Pitu Ciray

¹⁰⁷ Dibujo 323: Los indios “hablan con el demonio” en el rito andino tradicional, “la borrachera”.

como a presença de elementos naturais que os circundam. Assim, ao invés dos santos humanos venerados e fomentados pelos católicos, comparecem outras figuras representativas da religiosidade do outro.

A partir desses arranjos estabelecem-se atos de um pertencer pela incorporação mesmo que temporária, não definitiva de elementos presentes na cosmovisão dos nativos. Certamente, enquanto não dominarem definitivamente os conquistados, os religiosos continuaram a modificar aquela cosmovisão a o seu favor, na qual os mestiços têm também uma participação indireta ou direta, em função de sua condição de ascendência.

Considerando a importância dos elementos da natureza na cosmovisão dos nativos, o Sol, as montanhas, o relâmpago, a chuva, o milho, o ouro e outros elementos incorporados à cultura indígena são forçosamente suplantados por imagens importadas e impostas. Neste processo, são infaustos os esforços de resistência dos nativos, mas podem ser catalogados como mudanças simuladas, adotadas para evitar os maus-tratos propiciados pelos conquistadores. Desta forma, a paisagem cultural original deve renunciar a sua identidade, para se acomodar as imposições que não só a modificam, mas também os desprezam, por serem produtos de um grupo humano considerado sem capacidade criativa, sem virtudes, de acordo com sua estratégia de dominação.

No tratamento da paisagem e, na construção das cidades pré-hispânicas, se identifica uma geometria peculiar, sobretudo na arquitetura, que devido à suas grandes dimensões, conseguiu aguentar a investida da destruição colonizadora branca. Entretanto, no caso da paisagem, cada cultura vai se dispondo nela, como uma necessidade existencial que além do natural processo de vida, pode ser repetido e adaptado, como indica Turri (2008, p. 139), “O alinhamento, a geometria, de fato, representa em geral uma demanda existencial derivada de um esquema cultural adquirido”¹⁰⁸. Desta maneira, torna-se uma forma de expressão cultural que usa a sua própria linguagem para se manifestar como produto de modificações antrópicas palpáveis. Assim,

[...] fatores não diretamente operacionais, mas vinculados à cultura e considerados em seu tecido mais íntimo, oferecem modelos mais adequados de interpretação, menos genéricos e conferem ao estudo da paisagem um novo valor e significado antropológico, mais completo. Especialmente porque a cultura geralmente se alimenta de um diálogo aberto, sem fronteiras, com a natureza (TURRI, 2008, p. 146)¹⁰⁹.

¹⁰⁸ “L’alliniamento, il geometrismo, infatti, rappresentano in generale un’esigenza essenzialmente derivata da uno schem culturale acquisito”

¹⁰⁹ [...] fattori non direttamente operante ma legati ala cultura e considerati nel loro intimo tessutto offre modelli d’interpretazione più adeguati, meno generici, e dà allo studio del paesaggio un valore e un

Nesse diálogo se reconhece o espaço conforme as suas especificidades. Expõe coerência na aplicação harmoniosa dos elementos na sua composição. Como Sigfried Giedion apud Schulz (1975) salienta, que o conceito espacial é uma expressão sensível, que fornece informações próximas ao relacionamento homem-ambiente. “É a expressão espiritual da realidade que se encontra na frente dele. O mundo diante dele é modificado por sua presença; isso o obriga a projetar graficamente sua própria posição se ele deseja se relacionar com ele” (NORBERG-SCHULZ, 1975, p. 13)¹¹⁰.

Norberg-Schulz (1975), propõe que o espaço existencial compreenda dois aspectos: um abstrato que se refere a esquemas topológicos e geométricos gerais e, um segundo aspecto concreto que se refere à captura dos elementos circundantes, como a paisagem e os meios físicos. Podendo assim definir um espaço real a partir do qual, pode ser alcançada a geometria do espaço em diferentes culturas, tendo como ferramenta a conexão entre o abstrato e o concreto, para se adaptar a um ambiente específico.

Porém, para vislumbrar as influências culturais indígenas na mestiçagem da paisagem com relação aos espaços, se atende que o papel de uma de suas deidades, a mais importante, o deus andino, o Sol, *Inti*, comparece fortemente como um elemento de origem natural e de fundamental importância na conformação e construção dos espaços, assim como, os de sua exclusividade. As cores, materiais e formas que se referem a ele, são tratados com grande respeito, comportando rituais específicos. A construção do *Coricancha*, templo dedicado ao Sol, tem no seu nome, a palavra *quíchua cori* que significa ouro, e *cancha* que significa lugar onde as pessoas se encontram, tornando-se um lugar especial de acesso privilegiado.

O ouro é considerado um elemento natural estimado como conector entre o céu e a terra. Ele era entendido como as lágrimas do Sol. No entanto, esse material passa a ser um metal desejado no momento da conquista e, sua posse torna-se, para os ocidentais, um sinal de poder, mas de poder como controle econômico e social, não como um poder espiritual, com repercussões terrenas como no caso dos nativos americanos. Assim,

Originalmente, esse templo era conhecido como Inti Kancha, templo do sol. Era um dos templos mais reverenciados e respeitados da capital. Também era conhecido como “o recinto dourado”, era um lugar sagrado onde o deus INTI, o sol, era venerado. Aqui, só poderia se entrar em jejum, descalço e com uma carga nas costas como um sinal de humildade, de acordo com o padre sênior

significato antropológico nuevo, più completo. Soprattutto perché la cultura si alimenta spesso in un dialogo aperto, senza confine, con la natura.

¹¹⁰ “Es la expresión espiritual de la realidad que se halla frente a él. El mundo situado ante él es modificado por su presencia; el obliga a proyectar gráficamente su propia posición si desea relacionarse con él”

Huili-Uma. É interessante como essas tradições ainda são mantidas no Peru. Em muitas ocasiões religiosas, como a procissão do senhor dos milagres ou a festa de candelaria ou o *corpu christi*, é muito comum ir descalço ou carregar algo na parte de trás, pois mostra o respeito e a humildade que se tem ao ser venerado (GARCÍA AYULO, 2015, p. 7)¹¹¹.

O *Coricancha*, além de ter sido um espaço de acesso restrito, era uma edificação única, em sua construção e planejamento. Apresenta uma planta arquitetônica de forma circular. Em contraste com o resto de construções menores onde é usada a planta arquitetônica retangular, conformando recintos de formação ortogonal e simétrica. Suas paredes estão a prumo, o que de acordo com Puelles Escalante (2005), respondem a uma necessidade estética e não estrutural, indicando que os edifícios de importância não tinham inclinação em suas paredes. Ele também observa que o trabalho sobre a pedra e, o tamanho das peças usadas em sua construção é de melhor qualidade no *Coricancha*, diferenciando-se dos outros edifícios também importantes. O que não ocorre em outras construções, sem sugerir que esse fato indique falta de beleza, mas como um indicador que marca, pontualmente, a importância e a hierarquia dos elementos naturais, como parte de sua cosmovisão expressa no planejamento, construção e ornamento dos espaços e edificações que esses encerram.

Para além da importância material deste edifício, a sua relação com a natureza é fundamental naquela constituição cultural. Assim, o cultivo da vegetação nos espaços verdes adjacentes a esses edifícios, não foram relegados a outros planos, pois faziam parte da sua veneração à paisagem.

Os chamados jardins, também mostraram continuidade no uso do ouro. O metal comparece em alguns elementos colocados nesses espaços, capacidade que lhes permitiu tornar-se especialista na gestão e trabalho em ouro, habilidade associada com a magia dos deuses, considerando-os como os senhores do fogo. No entanto, a geometria e o design espacial na paisagem, não possuem referências, bem como uma especificidade em termos da vegetação. O acesso exclusivo, os materiais melhor acabados e o fato de proporcionar visuais privilegiados, por conta de uma localização estratégica que é alcançada por terraços,

¹¹¹ Originalmente se conocía este templo como Inti Kancha, templo del sol. Fue uno de los más venerados y respetados templos de la capital. También se le conocía como “el recinto de oro”, era un lugar sagrado donde se veneraba al dios INTI, el sol. Aquí solo se podía entrar en ayunas, descalzos y con una carga en la espalda como señal de humildad, según el sacerdote mayor Huíllac-Uma. Es interesante como aún se mantienen estas tradiciones en el Perú. En muchas ocasiones religiosas, como la procesión del señor de los milagros o la fiesta de la candelaria o el *corpu christi* es muy común ir descalzo o cargar algo en la espalda pues muestra el respeto y la humildad que se tiene al ser venerado.

complementaram o conceito de hierarquia de acordo com os ocupantes do prédio. Todavia, esse conceito também se estendeu ao território planejado e construído, pois o sistema de *ceques* regeu esse processo.

Após a chegada dos espanhóis, sobre o templo do sol em Cusco, foi construído o primeiro convento da ordem dominicana no Peru. Essa construção consumiu muito tempo, pois tiveram que reformar a construção original, atribuindo novos usos, transformando-o em um templo católico. O altar principal católico foi construído sobre o altar maior do sol, imposição hegemônica usada pelos conquistadores sob a arquitetura inca, sendo uma prática bastante difundida. Com relação aos materiais para sua construção, foram utilizadas as pedras das edificações incaicas. A técnica de construção imposta pelos espanhóis utilizou argamassa para unir as pedras, até conformar paredes e demais divisórias. Fato que responde a modelos e tradições difundidas em Espanha, que, apesar de seu aparente avançado conhecimento, em 1650, um terremoto causou a destruição parcial do convento dominicano, deixando apenas a arquitetura inca em pé, cuja técnica não usava argamassa para as suas construções.

Uma variação semelhante deve ter ocorrido na paisagem e nos jardins nativos, incaicos. Contudo, como se trata de jardins cultivados, a dificuldade de encontrar registro é tamanha, pois eles têm como material principal a vegetação. Assim, nos jardins, o cultivo caracteriza-se por uma maior facilidade na sua remoção e suplantação. O colonizador ao alterar esses patrimônios dificilmente deixou exemplos claros da sua composição e que possam ser analisados ou reproduzidos. Somente algumas dessas práticas resistiram por conta da mestiçagem cultural.

O *Coricancha* de *Tomebamba* foi construído com as mesmas premissas e materiais que o templo do Sol do Cuzco. Cumpriu com a forma circular, a técnica de construção, bem como o material utilizado foi de grande beleza e finamente trabalhada. Nele também se cobriu as paredes internas de ouro e de pedras preciosas, em honra ao deus do Sol. Sua localização era igualmente estratégica em uma área onde se podem observar as diferentes montanhas.

Segundo Cordeiro Iñiguez (2007), “Tomebamba, onde cruzaram os *ceques* ou linhas imaginárias que estruturaram cosmicamente os pontos cardeais, as montanhas tutelares de Turi, Huahualshumi, Cabugana e Pachamama, harmonizando tudo com as várias constelações que podem ser vistas de cima, nos diferentes meses do ano [...]”, conforme figura 22. (CORDERO IÑIGUEZ, 2007, p.82)¹¹².

¹¹² “Tomebamba, donde cruzaban los ceques o líneas imaginarias que estructuraban cósmicamente los puntos cardinales, las montañas tutelares de Turi, Huahualshumi, Cabugana y Pachamama,

FIGURA 22 –Fotografia do *Coricancha* de Tomebamba em Cuenca dos Andes (A) e plano com a localização das montanhas ao seu redor (B)



Fonte: (A) Lobato-Cordero (2014), (B) a Autora.

Por outro lado, o jardim em seu contexto medieval europeu, além de ser uma concepção religiosa, consolida a ideia do lugar propício para os encontros amorosos. Da mesma forma, se apresenta como a ideia de ser um lugar de recreação e diversão, marcando claramente sua distinção com base em seu uso. Igualmente, a vegetação plantada, dispositivos de água, arquitetura e outros elementos, têm por objeto cumprir com essa finalidade.

Contudo, muitos deles foram adaptados como resultado de inovações, como o uso de jogos de água em fontes, que nos jardins da Espanha vem da influência árabe, além da influência italiana. Também tem a ver com essas influências, a divisão dos canteiros dos jardins em quatro partes de acordo com o modelo persa *Chagar-bagh*, que parece ter incluído os princípios clássicos para sua construção, como o eixo de simetria, “Nas alternativas unitárias e fragmentadas podem se considerar totalmente difundidos os novos modelos italianos que, no entanto, manterão persistências de origem islâmica” (ESCOBAR ISLA, 1993, p. 6)¹¹³. Essas composições restabelecem critérios simbólicos e utilitários, conforme figura 23. No entanto,

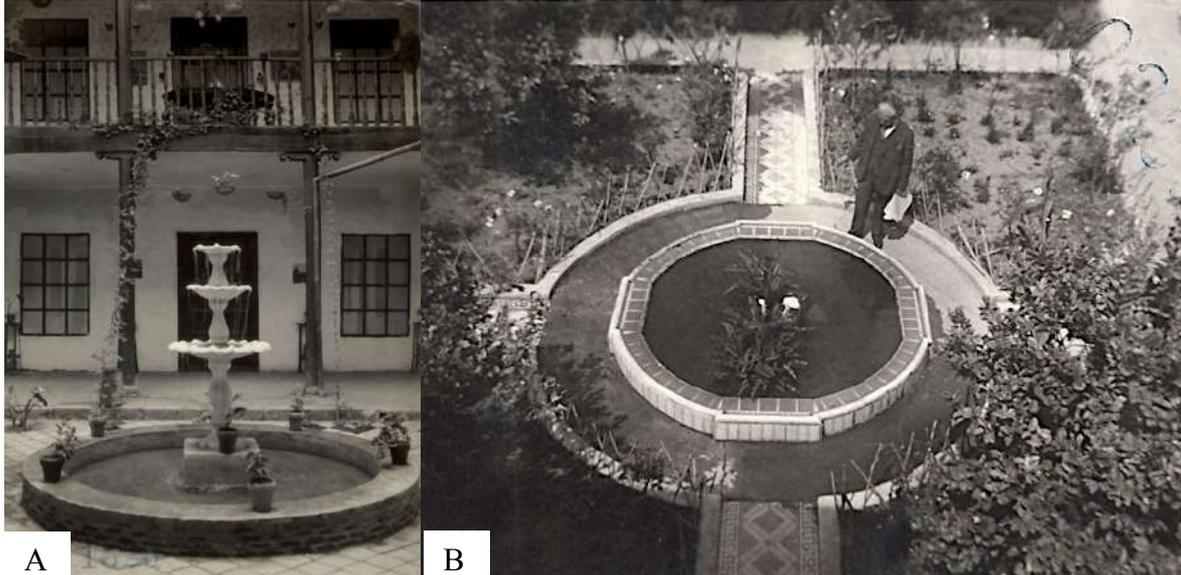
[...], embora o jardim do renascimento não significasse uma ruptura radical com o jardim fechado e privado onde os amantes pudessem ser encontrados, não se pode negar que no *hortus conclusus*, delimitado e murado, especificamente medieval, pelo seu caráter mais íntimo, está mais de acordo com as citações secretas dos amantes; enquanto pomares, vergéis ou ambientes vegetais em que ocorrem ações lúdicas de conotações para-culturais estão mais perto dos jardins renascentistas e maneiristas, caracterizados por espaços abertos onde, além de labirintos complicados feitos de plantas e arbustos, uma série de ornamentos que escondem dispositivos mecânicos e

armonizando todo con las diversas constelaciones que se pueden apreciar desde esta cima en los distintos meses del año [...]

¹¹³ “En las alternativas unitaria y fragmentaria se pueden considerar plenamente difundidos los nuevos modelos italianos que, sin embargo, mantendrán persistencias de origen islámico”

hidráulica, como aconteceu nos sumptuosos jardins palacianos e palácios dos nobres [...] (AGUILAR PERDOMO, 2010, p. 198-199)¹¹⁴

FIGURA 23 – Fotografias de fontes de água que existiram em pátios de edificações de Cuenca dos Andes, século XIX (A) com elemento vertical e a nível do piso (B)



Fonte: Arquivo Banco Central del Ecuador, Cuenca.

A inclusão desses elementos, ornamentos, jogos e atividades recreativas, parecem responder ao sedentarismo já bem estabelecido na época, com o fechamento das cidades e assentamentos humanos. Todavia, uma forma de fechamento em círculo poderia ter sido o início desse fato, até estabelecer o quadrado e o retângulo como formas de construção mais fáceis, ou seja, “Ele deveria ter começado com o círculo, com toda a sua carga simbólica e mágica. O sol e a lua, a fertilidade. Do círculo eles passariam facilmente ao quadrado e ao retângulo” (ESCOBAR ISLA, 1993, p. 10)¹¹⁵. Com relação à nomeação do jardim espacial, pomar ou pomar fechado *hortus conclusus*, vergel, ervanário, é baseada exclusivamente no tipo de vegetação plantada em seu interior. Sendo a sua extensão, planejamento, variedade de plantas e elementos decorativos, os indicadores hierárquicos que autorizam quem pode apreciá-los.

¹¹⁴ No obstante, y aunque el jardín del renacimiento no significó una ruptura radical con el jardín cerrado y privado donde, acaso, los amantes podían encontrarse, no puede desconocerse que en el *hortus conclusus*, acotado y amurallado, específicamente medieval, por su carácter más íntimo, está más acorde con las citas secretas de los enamorados; mientras que los huertos, vergeles o entornos vegetales en los que se suceden acciones lúdicas de connotaciones parateatrales se acercan más a los jardines propiamente renacentistas y manieristas, caracterizados por ser espacios abiertos en los que, además de complicados laberintos hechos de plantas y arbustos, pueden encontrarse una serie de ornamentos que encubren aparatos mecánicos e hidráulicos, tal como sucedía en los suntuosos jardines palaciegos y en los palacetes de nobles [...].

¹¹⁵ “Debió comenzar con el círculo, con toda su carga simbólica y mágica. El sol y la luna, la fertilidad. Del círculo pasaron fácilmente al cuadrado y al rectángulo”

Com relação à presença nos jardins do simbolismo sagrado, ele parece encontrar-se especialmente no traçado do espaço e seus limites. Junto como a vegetação cultivada, materiais usados para sua construção, tinham também o simbolismo dos elementos da natureza, pois eles corroboraram para a resistência e o poder de Deus. Assim como a vegetação e outros elementos como um recurso religioso, tem-se que: “Os lírios representavam a pureza da Virgem, as margaridas, a inocência de Cristo e as rosas vermelhas, o amor divino, enquanto os muros do cerco refletiam a rendição a Deus; o labirinto vegetal a busca da verdade; e a água a eternidade” (AGUILAR PERDOMO, 2010, p. 201)¹¹⁶.

Essas figuras também foram reproduzidas em jardins palacianos, além dos jardins monásticos, visto que na época medieval eram os dois poderes, monárquico e religioso, quem dominavam a sociedade, assim: “Se as rosas eram o símbolo da Virgem Maria no jardim monástico, no jardim do amor também se tornam um símbolo pagão ao representar à mulher amada e sua beleza” (AGUILAR PERDOMO, 2010, p.203)¹¹⁷. A vegetação também sugeriu a ideia de dominó, pois os jardins foram embelezados com espécies novas e exóticas introduzidas na península ibérica a partir da Mesopotâmia e, principalmente de América.

Desta forma, a vegetação inserida trouxe consigo a sua utilidade e rendimento produtivo. Contudo, no processo migratório não repôs o seu valor simbólico cultural, podendo repercutir na perda do sentido da vegetação nativa, o que compromete a continuidade do seu sentido sagrado. Destarte, a importação dessas novas espécies visa aumentar o poder que esse espaço traz para quem pertence, em seu senso de dominação social, mais não religioso, uma vez que as culturas das quais são exportadas não se alinham com as práticas católicas cristãs predominantes na península ibérica.

A formação do solo daquela área ocidental apresenta grandes diferenças com as encontradas na América. Principalmente a altitude e o clima, que não são semelhantes, de modo que as estratégias de construção usando modelos arquitetônicos importados e replicados a partir do ocidente para fundação das cidades hispano-americanas, não apresentaram uma eficiente conformação espacial e arquitetônica das casas. Tal situação redundou em uma reprodução por imposição.

Com relação aos cultivos, na medida em que a vegetação se incorpora na história cultural por seus usos em um determinado lugar, mesmo em seu exotismo, amplia a sua

¹¹⁶ “las azucenas representaban la pureza de la Virgen, las margaritas la inocencia de Cristo y las rosas rojas el amor divino, mientras los muros del recinto reflejaban la entrega a Dios, el laberinto vegetal la búsqueda de la verdad y el agua la eternidad”

¹¹⁷ “Si las rosas eran en el jardín monástico símbolo de la virgen María, en el jardín de amor se convierten igualmente en símbolo pagano al representar a la mujer amada y su belleza”

representatividade de uso na relação do lar com o humano, até mesmo para além da alimentação. Portanto, na medida em que os jardins, pomares, sementeiros e, pátios do novo continente foram estabelecidos e cultivados, a presença destas funções serão visíveis. No entanto, isso não acontece com os seus significados, pois são de diferentes origens culturais, e particularmente devido à incompatibilidade cultural que marcou o processo de mestiçagem. Destaca-se ainda a necessidade instintiva de sobrevivência humana e a sua capacidade de encontrar maneiras de se manifestar apesar da predominância da subjugação espanhola.

3.3 O incompleto artifício da mestiçagem como analogia cultural fixada na paisagem

Um sincretismo, por mais complexo que seja, não pôde ser definido no contexto da mestiçagem cultural. Na paisagem da América Andina, tal fato ocorre, em virtude do qual suas representações não chegaram a se amalgamar, por conta de suas diferenças, aparentemente irreconciliáveis, atingindo somente a uma convivência cultural. No entanto, ela se apropriou da expressão, mestiço, em sua ânsia de defender os direitos de uma nova cultura, que continua a tentar restaurar a dignidade de seus povos nativos americanos e, assim poder se estabelecer como fruto de um encontro cultural que não é alinhado apenas a uma das suas origens. Assim, o artifício da mestiçagem hispano-americano não foi definido de acordo com seu significado literal, principalmente, devido aos cânones da cultura dominante, incapaz de reconhecê-la como uma cultura digna de ser reconhecida como original, dona e criadora de seu patrimônio.

Destarte, a aceitação da mestiçagem hispano-americana implicaria aceitar os valores humanos daquela civilização, em todos os sentidos, das culturas originais da América, para colocá-las nas mesmas condições de análise em relação com as ocidentais. Fato que ainda não aconteceu e, portanto, é lamentável que em pleno século XXI não se tenha criado a íntegra salvaguarda do patrimônio paisagístico hispano e latino-americano. Tal situação implica entender as razões pelas quais a religião, a política, a ciência e a economia do sistema dominante estabeleçam como prerrogativa a não aceitação do mestiço como uma cultura virtuosa, capaz de forjar seu território e o futuro de seus povos.

Mais tarde, os viajantes que nos visitaram para explorar nossas riquezas repetiram muitas palestras contra a impossibilidade racional de elucidar os nativos. Desta forma, eles poderiam exercer todo seu poder, imperialismos,

sem ter que explicar seus excessos desumanos. Na mesma observação científica desviada, raciocinaram os europeus e os americanos. A consubstancia foi criar a atmosfera do domínio (MORALES BENÍTEZ, 2013, p. 267)¹¹⁸.

No entanto, a ideia de um sincretismo perpetuado na América Latina é um fato muito difundido. Sendo claro que uma tentativa de fusão está presente e, inicialmente, foi pensada como cabeçalho da consolidação da raça. Tal materialização somente pode existir com o reconhecimento das heranças culturais, portanto, ao serem percebidas e reconhecidas. Assim, os colonizadores agiram ignorando a cultura que estava presente no território americano. Ao não aceitar a cultura do outro, condicionaram o sincretismo, permanecendo no imaginário coletivo como um fato identificador da insignificância cultural.

Importante e necessário considerar neste estudo que existem vários parâmetros de ruptura que não permitem que essa síntese complete seu processo de reconhecimento apenas em sua materialização. Nesse contexto, a sementeira em Cuenca é uma manifestação presente dos vestígios culturais, que são contrastados por meio de sua construção, cultivo e, usos atribuídos a esses espaços. Assim, se entende que as sementeiras estão carregadas de informações que se afeiçoam a sua paisagem cultural.

Desta forma, a paisagem cultural, além de ser uma categoria carregada de bens culturais, torna-se ao mesmo tempo um meio para analisar os intercâmbios entre o espaço natural e as atividades humanas. Nela se inventam e se fixam saberes. Identificam-se costumes, diferenciam-se culturas. Portanto, na paisagem andina americana, se encontram elementos que permitem compreender o comportamento dos povos e suas culturas que habitavam e moldaram a região. Assim, nos espaços de cultivos, transformados pela prática social, é possível encontrar os elementos, que por seu valor patrimonial foram mantidos, direta ou indiretamente, no processo de convivência. De tal modo, baseia-se na categoria paisagem, considerando que “as premissas históricas do conceito de paisagem, para a geografia, surgem por volta do século XV no renascimento, momento em que o homem, ao mesmo tempo em que começa a se distanciar da natureza, adquire técnica suficiente para vê-la como algo passível de ser apropriado e transformado” (MENDONÇA e VENTURI, 1998, p. 65). O estudo da paisagem cultural dos espaços verdes de Cuenca pode assim, ser capaz de

¹¹⁸ Más tarde, los viajeros que nos visitaron para explorar nuestras riquezas volvieron a repetir muchas disertaciones contra la imposibilidad racional de dilucidar de los naturales. De esta manera, podían ejercer todo su poder, los imperialismos, sin tener que dar explicaciones a sus excesos inhumanos. En la misma desviada observación científica razonaron europeos y estadounidenses. La consubstancia era crear la atmosfera para el dominio

identificar elementos que pertencem ou podem fazer parte do desenvolvimento da cosmovisão pré-hispânica, e que fizeram parte do artifício da mestiçagem. Todavia, em vista do contexto da estratificação social e divisão do trabalho, imposta pelos colonizadores, o mestiço conseguiu-se posicionar.

Assim, para ler os componentes culturais presentes na paisagem andina, toma-se como base a classificação das raças, de acordo com a porcentagem de origem estabelecida pelo autor Riva Palacio, apud Comas (1974, p. 24). O objeto é propor uma relação em que adotando a origem do componente racial mestiço, seja possível revelar a paisagem onde o grupo humano habita. Desse modo, a *chacra* é tomada como o elemento que materializa o seu componente indígena e, o jardim como fixador do componente branco.

Apesar disso, nessa proposta de análise, os resultados obtidos obedecem às competências dessas duas culturas. Na paisagem coabitada por diferentes matizes culturais, se procura identificar aquilo que pode ser nomeada como mestiço. Para desenvolver essa analogia, o componente racial do negro é retirado, por causa da sua superficial participação na criação da paisagem cultural da cidade. Sendo apenas empregadas as categorias do componente racial denominado de índio e branco, em vista de sua proeminência no território andino. De tal modo, das 16 classificações propostas, elas são reduzidas a apenas três, a saber: 1. De espanhol e índia: mestiço (50 B; 50 I); 2. De mestiço e espanhola: castiço (75 B; 25 I); e 3. De castiça e espanhol: espanhol (87,5 B, 12,5 I).

A partir dessas três classificações, são adicionadas mais duas. Elas são proposições decorrentes das análises desta pesquisa. Nelas, se consideram as combinações, que Riva Palacio, apud Comas (1974) não coloca e que seriam, entre mestiço e índio, se obtém o, índio–mestiço e; entre índio–mestiço e índio, se obtém o, índio, conforme figura 24, numerais 17 e 18.

Nessas classificações não se contemplam as porcentagens raciais, de branco e índio, aplicados por Riva Palacio. Estas são dispensadas, pois se consideram inconsistentes para serem aplicadas e medidas, assim como, pela falta de argumentos e metodologia para sua argumentação. Com essa premissa, a variável raça é substituída por um elemento paisagístico, que possa representar os espaços verdes urbanos individualizados para cada cultura.

Assim, são selecionadas as variáveis *chácara* e *jardim*, por serem os espaços mais próximos aos que se podem atribuir à convivência cultural na paisagem urbana da cidade. Além disso, também são representantes dos espaços de relacionamento identificados nas culturas indígena e europeia, estabelecidas no território. Nos quais parâmetros quantitativos podem ser analisados nos elementos que compõem esses dois espaços comparados.

FIGURA 24 – Quadro da analogia comparativa das variáveis de cultivo urbano na paisagem Andina de Cuenca por meio do artifício cultural da mestiçagem

<i>Quadro da Mestiçagem, na Colônia, conhecido como Coleção Riva Palacio.</i>	<i>Quadro da mestiçagem das variáveis jardim e chacra na paisagem cultural andina</i>
<i>branco; índio</i>	<i>jardim; chacra</i>
1. De espanhol e índia, mestiço	1. De jardim e <i>chacra</i> , sementeira
2. De mestiço e espanhola, castiço	2. De sementeira e jardim, sementeira ajardinada
3. De castiça e espanhol, espanhol	3. De sementeira ajardinada e jardim, jardim
17. De índio e mestiça, índio–mestiço	4. De <i>chacra</i> e sementeira, pomar
18. De índio–mestiço e índio, índio	5. De pomar e <i>chacra</i> , <i>chacra</i>

Fonte: Adaptado de (RIVA PALACIO apud COMAS, 1974, p.24)

A analogia presente na figura 24, propõe que os elementos fixados de uma cultura, que constituem a pedra angular para sua materialização. Também permitem atribuir especificidades para sua caracterização. Todavia, a sementeira como o primeiro resultado da primeira combinação, refere-se a um tipo de espaço de cultivo já aproveitado, mas que carrega ausência de especificidade em relação ao tipo de vegetação cultivada, como artifício para sua classificação. A segunda comparação identifica a sementeira ajardinada, que representa um espaço com maiores características do conceito jardim, o que a conduz para um tipo específico de cultivo, que por sua vez, corresponde à resposta da terceira combinação. O quarto confronto é o pomar, que da mesma maneira, já tem um significado de origem hispânica, mas no caso se procura expor que está alinhado para um cultivo de vegetação, não relacionada com o jardim, ou seja, não ornamental, mas possivelmente de hortaliças e plantas aromáticas. No último grau comparativo e, para encerrar o quadro, encontra-se a chacra como resultado, que juntamente com a sementeira e o pomar, não tem uma definição discriminável quanto ao tipo de plantas cultivadas e seus usos. Todavia, é possível encontrar parâmetros como, o tipo de cultivos e sua simbologia. Conseqüentemente, se o alimento e as tradições caracterizam uma cultura, acontecimentos atribuídos a uma raça, também forjarão a identidade paisagística das culturas que a aquiesce, conforme figura 25.

Desse modo, a partir da definição desses espaços paisagísticos, se encontram os elementos representantes da ação antrópica nos seus processos de interações com a natureza, em um contexto urbano mestiço. Deparando-se também, que as formas de cultivo envolvendo a vegetação nativa perderam sua significação cultural pré-hispânica, algumas delas foram mantidas sob a denominação geral de chacra, o que sugere uma abordagem simplista e unificadora. Para o caso do conceito jardim aplicado na América, sua definição parte de um

enfoque religioso dos imigrantes, alinhados ao catolicismo, em que o desenvolvimento cultural da época esteve referenciado. Assim, os jardins, no território europeu conseguiram ser definido a partir da sua vegetação, a qual responde especialmente por sua tipologia relacionada ao ornamento. Tratou-se de espaços paradisíacos de acesso restrito onde o deleitamento estético é o seu fim. Destarte, as atividades para as quais são voltados esses espaços paisagísticos, respondem ao contexto antrópico onde agem, em função das culturas que o usufruem.

FIGURA 24 – Representação pictórica dos cultivos nos seis primeiros meses do ano



Fonte: Guaman Poma (1615, p. 1141-1157)

É assim que, de acordo com Turri (2005), existem principalmente cinco fatores ligados as atividades culturais que deixam marcas na paisagem, sendo essas, a presença física do homem, a mobilidade, o sedentarismo, o benefício econômico do meio ambiente e,

finalmente, a destruição e a defesa dele. A partir dessas considerações, destaca-se a importância cultural na organização das sementeiras no espaço andino. Elas estão dispostas nos lugares de acordo com esses fatores. Segundo Turri, interpretamos que elas apresentam marcas que dão sentido ao estado físico, vinculadas a herança paisagística. Isso, na medida em que, após a interpolação de elementos culturais, indica que a presença física do homem ocidental na América modificou sua paisagem. Trata-se de transformações ocorridas não apenas na forma de se relacionar com ela, mas no desenho e produção de espaços verdes, ofuscando, em grande parte, antigas tradições.

Contudo, se trata de interações culturais que resultam em paisagens densas e de riquezas ímpares. Desse modo, mesmo que o passado esteja ofuscado, os resquícios culturais podem ser acionados para depois possibilitar a formação de outras paisagens, surgidas da conjugação de diferentes culturas e que hoje é representada nos legados latino-americanos. Nesse processo de interações, cada linguagem cultural na sua interação, dá lugar a novas possibilidades de se criarem outras formas e conteúdos, resultante dessa troca cotidiana. É assim que os principais elementos encontrados neste processo decorrem dos momentos vividos de cada cultura durante a sua coexistência geográfica.

No contexto território Andino da América tornou-se o telão onde uma nova paisagem seria acomodada, adicionando as tradições urbanas da cidade europeia introduzidas nele. E a sua materialização evidencia uma marcada linha geométrica na construção de ruas, praças, casas e outros edifícios ao serviço da vida na cidade. Essa geometria é também reconhecível nos pátios ao interior das edificações, como um esquema adquirido culturalmente, uma vez que a antropização da natureza urbana foi limitada neles, e que mais adiante serão dominados por desenhos *de moda*, importados e arquitetados dentro das edificações, tornando esse, o mais próximo contato direto com a paisagem do lugar, assim como o eixo da coexistência do cotidiano e da espacialidade interna, como a engrenagem do imóvel.

Fato que permite ver que, a mestiçagem cultural que aconteceu na América Hispânica, como um processo iniciado após da conquista, não só abrangeu uma componente racial, mas que conseqüentemente, teve que se materializar nas práticas diárias e as formas de vida que seus habitantes tinham que adotar para sobreviver durante o processo de conquista europeia. Daí que mais tarde, deu-se origem a uma nova cultura que não consegue completar seu processo de assimilação, e se consolidar devido a conceitos sem bases ou fundamentos científicos que a precedem, por que eles se aprofundaram no imaginário coletivo do povo hispânico americano, conforme figura 26, e sutilmente continuam a ser mantidos pela tendência eurocêntrica.

FIGURA 26 – Representação pictórica dos cultivos nos seis últimos meses do ano



Fonte: Guaman Poma (1615, p. 1160-1175)

É assim que esse inconveniente danificou diretamente a os elementos materializados por essa nova cultura, e que conserta uma paisagem específica que pode levar o nome de mestiça. Na qual a sementeira, é mostrada como testemunha dessa fusão, produto do espaço *chacra* de origem índio e, do jardim de origem branca. Sendo levados para análise porque foram desenvolvidos no espaço urbano das cidades onde essas culturas se expandiram.

4 O PATRIMÔNIO NA LEGISLAÇÃO E SALVAGUARDA DA MISTIÇAGEM CULTURAL DA PAISAGEM

4.1 Um patrimônio cultural negado.

Os nativos dessas terras não tinham alma; isto é, eles tinham uma incapacidade de compreender, de ter vontade, de se manifestar racionalmente. Eles são destituídos de toda locução de natureza espiritual. Foi a negação de toda virtude e capacidade criadoras. (MORALES BENÍTEZ, 2013, p. 271)¹¹⁹

O patrimônio cultural hispano-americano, *mestiço*, carrega historicamente, como citado, desde suas origens uma incompreensão no contexto do patrimônio mundial. Esse fato pode ser percebido nos documentos e cartas patrimoniais que reconheceram a patrimonialidade mundial. Assim, esse patrimônio mestiço tenta ser incluído, mas sem uma definição que permita valorizá-lo sem ser segregado por suas origens. Nesta busca por reconhecimento, várias conferências, documentos e similares têm sido focados, com o objetivo de mostrar sua importância e o impacto que a sua invisibilidade cultural provoca. Desse modo, em 1967, ocorre a *Reunião sobre conservação e utilização de monumentos e sítios de interesse histórico e artístico*, conhecida como *Normas de Quito*, na qual o papel dos monumentos na América Ibérica é particularmente focado, indicando a riqueza patrimonial da região. Alerta-se para o fato de que não estão sendo salvaguardados. Aponta-se para as várias causas, entre as quais; a falta de políticas públicas que garantam a valorização deste patrimônio; a falta de recursos econômicos que afeta grandemente a sua manutenção; o vandalismo; o rápido desenvolvimento das cidades e; os processos de modernização arquitetônica.

Como resultado da reunião de 1967 indica-se que o caso latino-americano precisa urgentemente da criação de normas e políticas que avalizem e salvaguardem o patrimônio existente, pois se trata de um conjunto de bens de grande valor. Feito o alerta, dez anos mais tarde na chamada *Carta de Machu Picchu*, resultado do *Encontro Internacional de arquitetos* em 1977, uma comparação é usada para identificar as diferenças entre a cultura europeia e

¹¹⁹ No tenían alma los naturales de estas tierras; es decir, tenían incapacidad de entender, de tener voluntad, de manifestarse racionalmente. Quedan destituidos de toda locución de carácter espiritual. Era la negación de toda virtud y capacidad creadoras.

latino-americana. Nesse caso, enfatiza-se mais uma vez a dificuldade em estabelecer uma definição de cultura para essa última. Explicita-se também a razões, as quais estão assentadas na sua diversidade, ainda incompreendida. Na referida comparação observa-se que,

Atenas, 1933; Machu Picchu, 1977. Os lugares são significativos. Atenas se ergueu como o berço da civilização ocidental; Machu Picchu simboliza a contribuição cultural independente de outro mundo. Atenas representou a racionalidade, personificada por Aristóteles e Platão. Machu Picchu representa tudo o que não envolve a mentalidade global iluminística e tudo o que não é classificável por sua lógica. (CURY, 2004, p. 236)

Desta forma, tal comparação, conforme figura 27, dá continuidade ao conceito medieval com o qual os povos nativos das Américas foram catalogados, por seus conquistadores. Aparentemente, essa dificuldade é de difícil superação, apesar dos esforços para reconhecer o valor das diferenças entre as culturas. Embora a paisagem, como tal, seja definida posteriormente, ela já é indiretamente proposta ao mencionar o ambiente em que os monumentos estão inseridos para sua avaliação. Porém, o significado cultural dos bens construídos é apontado em 1980 na *Carta de Burra* é expresso da seguinte forma: “a expressão *significação cultural* designará o valor estético histórico, científico ou social de um bem para as gerações passadas, presentes ou futuras” (CURY, 2004, p. 247), bem como outras definições de conservação, manutenção, preservação, restauração, reconstrução, adaptação e uso compatível.

FIGURA 27 – Fotografias (A) Acrópolis de Atenas, Grécia e (B) Santuário histórico de Machu Picchu, Peru



Fonte: (A) Bandarin (2004), (B) Rehfeld (2018).

Logo, definir o valor cultural não é a inconveniência, mas sim, o que é considerada cultura no ambiente patrimonial mundial. Destarte em 1982, no *3º Colóquio Interamericano sobre a conservação do patrimônio monumental. Revitalização de pequenas aglomerações – ICOMOS*, nomeada como *Declaração de Tlaxcala*, nas conclusões do documento, indica-se que, o respeito pelas tradições locais e modos de vida é a base para a salvaguarda da identidade, bem como os procedimentos aplicados aos bens, os mesmos devem ser cuidadosamente estabelecidos, para que não se alterem ou falseiem o patrimônio. Concentrando-se na situação dos povos da América, possivelmente, a situação de seus bens culturais continua mostrando a necessidade de tornar visíveis e explicitadas as diferenças culturais. Expostas e compreendidas, elas não podem mais colocar os povos latino-americanos em desvantagem no momento de serem valorizados em sua especificidade patrimonial.

A questão da identidade cultural é repetidamente abordada, por conseguinte, em 1985 na *Conferência cultural sobre políticas culturais*, chamada de *Declaração do México*, são recomendados os princípios de identidade que devem reger as políticas culturais. Assim, no item identidade cultural, logo no primeiro ponto, se aponta que “Cada cultura representa um conjunto de valores único e insubstituível, já que as tradições e as formas de expressão de cada povo constituem sua maneira mais acabada de estar presente no mundo” (CURY, 2004, p. 272). Ainda no referido documento aponta-se, no nono ponto do mesmo item que, “Há que reconhecer a igualdade e dignidade de todas as culturas, assim como o direito de cada povo e de cada comunidade cultural a afirmar e preservar sua identidade cultural, e a exigir respeito a ela” (CURY, 2004, p. 273). O que está sendo indicando é que, para exigir respeito, esse deve ter sido quebrado e não estar sendo exercido, especialmente com as comunidades tradicionais dos países hispano-americanos. Elas mesmas portam na sua história, processos violentos de colonização cultural.

A implicância em relação à diferença cultural continua e em 1989, no *Encontro de civilizações das Américas –Vespuciana*, com a *Carta de Cabo Frio*, se alude novamente à diferença cultural, no ponto dez, indica-se que “Para salvaguardar o patrimônio natural e cultural da América Latina em suas diversas manifestações, é fundamental um esforço conjunto, a fim de evitar o isolamento cultural e garantir a integração latino-americana” (CURY, 2004, p. 291). Não obstante, o conceito de *culturas tradicionais e populares*, parece tornar-se um tema paralelo ao do *patrimônio cultural mundial* já estabelecido, não abordando com os devidos cuidados e explicitando a questão da diferença cultural e suas humanidades. Situação inadequada, pois anuncia como se, apenas o patrimônio latino-americano

representasse uma *cultura tradicional e popular* no mundo. Assim, se entende que a cultura dos povos tradicionais latino-americanos para ser reconhecido, precisa superar as conceituações eurocêntricas. É importante reconhecer-se como povo culturalmente constituído, fazendo valer os seus direitos humanos. Relevante nesta empreitada conquistar a capacidade de propor uma *identidade cultural* digna de ser humanamente salvaguardada, com seus respectivos direitos, para ser classificada como patrimônio mundial. Nestes termos.

A cultura tradicional e popular é um conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social; as normas e os valores se transmitem oralmente, por imitação ou de outras maneiras. Suas formas compreendem, entre outras, a língua a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os rituais, os costumes, o artesanato, a arquitetura e outras artes. (CURY, 2004, p. 294-295).

A definição de cultura tradicional e popular acima mencionada se encontra na *Recomendação sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular*. Ela foi tratada na *Conferência Geral da UNESCO – 25ª Reunião* em 1989 em Paris. Na qual se mostra que, aparentemente, esse tipo de cultura é específico de grupos humanos que são incorporados sucessivamente no sistema dominante. Assim, as diferenças culturais são entendidas como uma condição social retrógrada que segrega origens diferentes dos eurocêntricos, porém, não é mencionado a elas elementos de enriquecimento para com o patrimônio cultural da humanidade. Ausência que, permite interligar consecutivamente ao tema da autenticidade do patrimônio, abordado na *Conferência sobre autenticidade em relação a convenção do Patrimônio Mundial*, ou *Conferência de Nara*, acontecida em 1994 no Japão, na qual salienta-se em um de seus itens, valores e autenticidade, no nono ponto que, “A conservação do patrimônio cultural em suas diversas formas e períodos históricos é fundamentada nos valores atribuídos a esse patrimônio [...]” (CURY, 2004, p.321) portanto, a fim de reconhecer a autenticidade do patrimônio latino-americano, é preciso legitimar o aporte cultural dos diversos períodos históricos pré-hispânicos desse continente, para identificar se os valores patrimoniais pós-coloniais, impostos, representam ou sustentam isoladamente o argumento que civiliza culturas tradicionais e populares, para a sua patrimonialização, instituída mundialmente.

A identificação da especificidade do patrimônio cultural latino-americano e em particular o hispano-americano, está cada vez mais presente em sua demanda por reconhecimento. Essa posição pode ser constatada na *Decisão 460*, que tratou *Sobre proteção*

e recuperação de bens culturais do patrimônio arqueológico, histórico, etnológico e artístico da Comunidade Andina, ocorrida em *Cartagena das Índias*, Colômbia, em 1999, na qual, o Conselho Andino de Ministros de Relações Exteriores da Comunidade Andina, mostram-se consciente de que “a defesa e a preservação do patrimônio cultural só podem ser obtidas através de apreço e respeito pelas raízes históricas dos povos, base de suas identidades [...]” (CURY, 2004, p. 367). Todavia, as raízes culturais de América Latina são extrinsecamente consideradas parte do patrimônio mundial, mas intrinsecamente diferentes do padrão civilizatório digno e criador de cultura no seu próprio território.

4.2 Oficialidade da representatividade dos bens culturais na paisagem hispano- americana

A categoria paisagem foi integrada no patrimônio cultural da humanidade em segundas instâncias. O conceito e definição da *paisagem foram pensados* intrinsecamente ao arquitetônico, sem uma preocupação em detalhar outras especificidades do patrimônio cultural paisagístico. Assim, o primeiro documento que trata sobre a conservação do patrimônio artístico e arqueológico da humanidade é a *Carta de Atenas*, com data de 1931. Nela não se dá especificidade ao patrimônio paisagístico (LE CORBUSIER; SERT, 1942). Mais tarde, em 1965, o ICOMOS adotou o texto do *II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos*, realizado em Veneza, em 1964, sob o nome da *Carta Internacional sobre Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios*, ou *Carta de Veneza 1964*, na qual, o assunto da conservação e a restauração são enfatizados, sem conferir particularidade ao patrimônio paisagístico. Contudo, de certa forma, evidenciou a sua presença, ao incluir a análise do *lugar* como elemento importante do patrimônio. No “Artigo 7. O monumento é inseparável da história da qual é testemunha e do lugar onde está localizado” (ICOMOS, 1965, p.2)¹²⁰.

Apesar da importância das definições contidas no texto do artigo, apenas em 1972, que a *Convenção do Patrimônio Mundial* reconhece o patrimônio natural e cultural dos jardins e dos parques, analisando-o como parte do *patrimônio cultural* em geral no seguinte argumento “(i) O mais fácil de identificar é a paisagem claramente definida, concebida e criada intencionalmente pelo homem. Compreende paisagens de jardins e parques criados por razões

¹²⁰ “Artículo 7. El monumento es inseparable de la historia de que es testigo y del lugar en el que está ubicado”

estéticas, que muitas vezes (mas nem sempre) estão associados a edifícios ou construções religiosas ou monumentais” (UNESCO, 2005, p.132)¹²¹. Desta forma, as paisagens culturais são categorizadas e determinadas como “(i) paisagem claramente definida, concebida e criada intencionalmente pelo homem, (ii) paisagem que evoluiu organicamente, aqui está contemplada uma paisagem relictas (ou fóssil) e, uma paisagem viva, que é aquela que mantém uma função social ativa na sociedade contemporânea, e (iii) paisagem cultural associativa” UNESCO (2005, p. 132-133)¹²².

Assim, a importância de patrimonializar a natureza, foi uma reflexão relativa e relacional ao patrimônio artístico, histórico e arquitetônico. Garante, mesmo que indiretamente, a salvaguardar do patrimônio cultural, ao incluir essas definições das tipologias de paisagem e, o seu reconhecimento para a sua inscrição na lista de bens mundiais. A posteriori, em 1981, a versada *Carta de Florença* foi publicada, na qual se aborda o tema dos Jardins históricos, como resultado do trabalho do *Comitê Científico Internacional sobre Jardins Históricos e Sítios*, criado em 1971, e que foi adotada pelo ICOMOS em 1982. O referido documento, trata especificamente do jardim e dos parques históricos, como forma de completar a *Carta de Veneza*, e de expandir o aproveitamento dos documentos emitidos antes deste. Assim, sobre os jardins observa-se o seguinte;

Artigo 1. “Um jardim histórico é uma composição arquitetônica e vegetal que, do ponto de vista da história ou da arte, tem interesse público”. Como tal, é considerado um monumento. Artigo 2. “O jardim histórico é uma composição de arquitetura cujo material é essencialmente vegetal e, portanto, vivo, perecível e renovável”. Sua aparência é o resultado de um equilíbrio perpétuo entre o movimento cíclico das estações, o desenvolvimento e a deterioração da natureza e da vontade artísticas e do artifício que tendem a perpetuar seu estado. (ICOMOS, 1982, p. 1)¹²³

Essa definição considera o jardim histórico como uma composição na qual predomina o elemento vegetal na sua materialidade, que por sua vez, está intimamente relacionado ao

¹²¹ “(i) El más fácil de identificar es el paisaje claramente definido, concebido y creado intencionalmente por el hombre. Comprende los paisajes de jardines y parques creados por razones estéticas, que con frecuencia (pero no siempre) están asociados a construcciones o a conjuntos religiosos o monumentales”

¹²² “(i) paisaje claramente definido, concebido y creado intencionalmente por el hombre, (ii) paisaje que ha evolucionado orgánicamente, aquí se contempla un paisaje relictas (o fóssil) y un paisaje vivo es el que conserva una función social activa en la sociedad contemporánea, y (iii) paisaje cultural asociativo”

¹²³ Artículo 1. "Un jardín histórico es una composición arquitectónica y vegetal que, desde el punto de vista de la historia o del arte, tiene un interés público". Como tal, está considerado como un monumento.

Artículo 2. "El jardín histórico es una composición de arquitectura cuyo material es esencialmente vegetal y, por lo tanto, vivo, perecedero y renovable". Su aspecto es, pues, el resultado de un perpetuo equilibrio entre el movimiento cíclico de las estaciones, del desarrollo y el deterioro de la naturaleza, y de la voluntad artística y de artifício que tiende a perpetuar su estado

meio urbano e à arquitetura. Em consequência, com as tradições e práticas culturais de uma determinada urbe. Além disso, são detalhadas condições com relação a suas dimensões, sendo considerados jardins de dimensões modestas, ou grandes parques formalmente concebidos ou de *natureza paisagística*; termo que parece estar relacionado com a anteriormente mencionada *paisagem cultural*. Não obstante, as definições propostas sobre a paisagem no contexto patrimonial, na mesma Carta de Florença, em uma breve nota final no artigo 25, refere-se à possibilidade de acrescentar esses conceitos, “Esta carta pode ser complementada por outras cláusulas aplicáveis a tipos específicos de jardins, incluindo uma descrição concisa desses tipos” (ICOMOS, 1982, p.5)¹²⁴. Anotação que daria a possibilidade de incluir outros tipos de jardins históricos, quiçá hispano-americanos, em caso de identifica-los, com suas respectivas especificidades como monumentos patrimoniais. No entanto, esse documento não foi modificado, assim como a UNESCO não registrou especificamente nenhum bem com a indicação de *jardim histórico*, na lista de patrimônio mundial.

No processo contínuo de identificação e aperfeiçoamento das ferramentas para salvaguardar do patrimônio, ICOMOS publica a *Carta internacional para a salvaguarda das cidades históricas e áreas urbanas históricas*, ou *Carta de Washington*, em reunião nos Estados Unidos em 1987. Tomando-se como referencia a *Carta de Veneza*, propõe como acréscimo que os métodos, instrumentos, objetivos e demais princípios para “[...] preservar a qualidade dos povoados e áreas históricas urbanas e, promover a harmonia entre a vida individual e coletiva desses, perpetuando o conjunto de todos os bens que, por mais modestos que sejam, constituem a memória da humanidade” (ICOMOS, 1987, p. 1)¹²⁵. É importante sublinhar que essa Carta considera os elementos materiais e espirituais como valores a serem preservados e que, ameaças a esses comprometem sua autenticidade, além de recomendar atuar com especificidade de acordo com cada caso, sob o qual o *habitat* é um objetivo fundamental de salvaguarda. Apesar disso, não aborda o assunto da paisagem, ou das áreas naturais de conservação, com exceção das catástrofes naturais, para as quais se sugere tomar as medidas correspondentes. Por consequência, sua abordagem urbana histórica, mantém o papel da paisagem vinculado à materialidade e a espiritualidade com a identidade de um grupo humano, mas que também pode ser interpretado como parte do *habitat*; eixo primordial de conservação.

¹²⁴ “Esta carta podrá ser completada ulteriormente con cláusulas adicionales aplicables a tipos específicos de jardines, incluyendo una sucinta descripción de dichos tipos”

¹²⁵ “[...] apropiados para conservar la calidad de las poblaciones y áreas urbanas históricas y favorecer la armonía entre la vida individual y colectiva en las mismas, perpetuando el conjunto de los bienes que, por modestos que sean, constituyen la memoria de la humanidad”

No que diz respeito ao valor cultural das práticas ancestrais, em que a implicação da natureza é o fundamento da sua constituição, a sua salvaguarda é abordada na *Carta de Lausanne* ou *Carta para a proteção e a gestão do patrimônio arqueológico*, Suíça, 1990. O seu conteúdo é voltado à importância das atividades humanas passadas, identificando suas raízes culturais para conservação, gerenciamento e manutenção. Esse documento representa uma ferramenta de apoio na salvaguarda, especialmente, do patrimônio arqueológico. No entanto, essa condição, pode se tornar uma ameaça para a patrimonialidade da paisagem de um lugar, onde peças de interesse ancestral poderiam ser encontradas e protegidas segundo o artigo 5, a paisagem não representa um parâmetro de valor específico a ser salvaguardado. No referido documento, “Na arqueologia, o conhecimento baseia-se fundamentalmente na intervenção científica no campo. Tal intervenção cobre toda a gama de métodos que vão desde a exploração não destrutiva até a escavação abrangente, através de sondagem limitada ou amostragem [...]” (ICOMOS, 1990, p. 3)¹²⁶. Contudo, ainda é necessário estabelecer diretrizes para estabelecer uma salvaguarda sustentável do patrimônio cultural dos povos.

Em 1992, a partir da Convenção do Patrimônio Mundial – CPM, as definições e os termos específicos foram aperfeiçoados, de maneira clara, reconhecendo a importância da paisagem no contexto do patrimônio. Naquele evento incorpora-se oficialmente a categoria paisagem no âmbito do patrimônio cultural da humanidade. Registra-se que “incorporou a categoria de paisagens culturais [...] o primeiro instrumento jurídico internacional para identificar, proteger, conservar e herdar para as gerações futuras as paisagens culturais de excepcional valor universal” (RÖSSLER, 2000, p. 47)¹²⁷. Nesse texto, são consideradas, a paisagem natural e a paisagem cultural, visto que, como patrimônio natural se entende, monumentos naturais, formações geológicas e fisiográficas e lugares naturais; e como patrimônio cultural, os monumentos, os conjuntos e os lugares. Desta forma, as paisagens culturais, como o próprio nome indica, são bens culturais e representam as “obras conjuntas do homem e da natureza” citadas no Artigo 1. da Convenção. Eles ilustram a evolução da sociedade humana e dos seus assentamentos ao longo do tempo, condicionadas pelas limitações e/ou oportunidades físicas apresentadas pelos ambientes naturais e pelas sucessivas forças sociais, econômicas e culturais, externas e internas. (UNESCO, 2005, p. 48)

¹²⁶ “En arqueología, el conocimiento se basa fundamentalmente en la intervención científica en el yacimiento. Tal intervención abarca toda la gama de métodos que van desde la exploración no destructiva hasta la excavación integral, pasando por sondeos limitados o toma de muestras [...]”

¹²⁷ “incorporó la categoría de paisajes culturales. [...] el primer instrumento jurídico internacional para identificar, proteger, conservar y legar a las generaciones futuras los paisajes culturales de valor universal excepcional”

Todavia, em 1994 no Japão, o Documento de Nara, que trata sobre a Autenticidade, reconhece um valor patrimonial e de autenticidade, à diversidade cultural e a do patrimônio cultural do mundo. Considerando-os como “[...] uma fonte insubstituível de riqueza espiritual e intelectual para toda a humanidade [...]” (ICOMOS, 1994, p. 1)¹²⁸. Sob esse reconhecimento geral de grande abrangência, entende-se que a paisagem é percebida como um elemento que compõe o patrimônio cultural na sua diversidade.

Subsequentemente, é publicada a *Recomendação n° R (95)9*, estabelecida em Paris, em 1995. *Sobre a conservação integrada das áreas de paisagens culturais como integrantes das políticas paisagísticas*, em que os termos são definidos para as áreas de paisagem, e paisagem cultural. Desse modo, a paisagem inclui significados culturais, de percepção do indivíduo ou da comunidade, de relação histórica dos indivíduos e, de contribuição com a identificação da especificidade cultural local. Nestes três pontos, a presença humana é o eixo em torno do qual se pode desenvolver uma paisagem específica, onde os limites da percepção cobrem o território topograficamente, definido por quem o habita. No caso das áreas da paisagem cultural, aparentemente a demarcação para a análise, enfoca uma parte específica de uma paisagem topograficamente delimitada, enfatizando o fato de que os resultados culturais de seus habitantes estão relacionados ao seu mais próximo ambiente físico de convivência. Assim, as

Áreas de paisagem cultural – partes específicas, topograficamente delimitadas da paisagem, formadas por várias combinações de agenciamentos naturais e humanos, que ilustram a evolução da sociedade humana, seu estabelecimento e seu caráter através do tempo e do espaço e quanto de valores reconhecidos têm adquirido social e culturalmente em diferentes níveis territoriais, graças à presença de remanescentes físicos que refletem o uso e as atividades desenvolvidas na terra no passado, experiências ou tradições particulares, ou representação em obras literárias ou artísticas, ou pelo fato de ali haverem ocorrido fatos históricos. (CURY, 2004, p. 332)

O documento abrange temas de grande interesse e competência relativos a salvaguarda integral do patrimônio, propondo definições, campos de aplicação, objetivos, processos de identificação e avaliação, bem como estratégias de competência e ação, implementação de políticas de paisagem, proteção legal, campanhas de conscientização, investigação e formação. Além disso, considera o incentivo à cooperação internacional, uma vez que esta

¹²⁸ “[...] fuente irremplazable de riqueza espiritual e intelectual para toda la humanidad [...]”

recomendação está centrada nos Estados membros do Conselho da Europa, adoptados pelo Comité de Ministros.

Paralelamente em 1996, a *Conferência das Nações Unidas sobre Assentamentos Humanos – Habitat II*, na *Declaração de Istambul sobre Assentamentos Humanos e Programa Habitat*, aborda a paisagem e sua conservação, observando no item 11 que “[...] Fomentaremos a conservação, a reabilitação e a manutenção de edifícios, monumentos, espaços abertos, paisagens e acordos de assentamento de valor histórico, cultural, arquitetônico, natural, religioso e espiritual” (ONU, 1996, p. 9)¹²⁹. Além de realçar a importância do cuidado e respeito ao meio ambiente e seu impacto nos seres humanos.

Assim, a partir de um longo debate, envolvendo diferentes organismos abarcados na consideração da paisagem e a sua dimensão cultural, em 2005, o *Memorando de Viena* coloca à sustentabilidade como integrante da conservação de monumentos e sítios. E refere-se à paisagem urbana histórica como iniciador da sociedade moderna, além de contribuir com a compreensão do modo de vida contemporâneo. Assim, a denominação paisagem urbana no seu significado patrimonial, ultrapassa o conceito de *centro histórico*, abrangendo um contexto territorial e paisagístico. Esse memorando considera que,

A paisagem urbana histórica, baseada na “Recomendação da UNESCO sobre a salvaguarda dos conjuntos históricos e seu papel na vida contemporânea”, de 1976, refere-se a conjuntos de qualquer grupo de edifícios, estruturas e espaços abertos, no seu contexto natural e ecológico - incluindo sítios arqueológicos e paleontológicos- que constituem assentamentos humanos em ambiente urbano durante um período de tempo considerável, e cuja coesão e valor são reconhecidos do ponto de vista arqueológico, arquitetônico e pré-histórico histórico, científico, estético, sociocultural ou ecológico [...] (UNESCO, 2005, p. 2)¹³⁰

Deste modo, de acordo com a lista de bens patrimoniais reconhecidos pela UNESCO, sob a denominação de *paisagem e paisagem cultural*, há 49 inscrições registradas, conforme figura 28. Na lista da UNESCO, cinco se encontram na América Latina, sendo classificadas genericamente como patrimônio cultural. Dentre as cinco nomeações, somente uma delas comparece com a denominação *paisagem cultural*, especificamente a Paisagem cultural de

¹²⁹ “11. Fomentaremos la conservación, la rehabilitación y el mantenimiento de edificios, monumentos, espacios abiertos, paisajes y modalidades de asentamiento de valor histórico, cultural, arquitectónico, natural, religioso y espiritual”

¹³⁰ 7. El paisaje histórico urbano, basado en la “Recomendación de la UNESCO relativa a la salvaguardia de los conjuntos históricos y su función en la vida contemporánea”, de 1976, se refiere a conjuntos de cualquier grupo de edificios, estructuras y espacios abiertos, en su contexto natural y ecológico -lo que incluye sitios arqueológicos y paleontológicos- que constituyan asentamientos humanos en un ambiente urbano a lo largo de un período considerable de tiempo, y cuya cohesión y valor sean reconocidos desde el punto de vista arqueológico, arquitectónico, prehistórico, histórico, científico, estético, sociocultural o ecológico [...]

café na Colômbia, 2011. Os quatro bens remanentes, são inscritos apenas como paisagem. A Paisagem Arqueológica da primeira plantação de café no Sudeste de Cuba, 2000; a Paisagem de Agave e as antigas instalações das indústrias de Tequila, México, 2006; Rio de Janeiro: Paisagem Carioca entre a montanha e o oceano, Brasil, 2012, e, finalmente a Paisagem Industrial de Fray Bentos, Uruguai, 2015.

FIGURA 28 – Quadro das inscrições registradas como paisagem e paisagem cultural pela UNESCO

Continentes	#	País	Paisagem	Paisagem cultural	Inscrição	Ano	Crítérios	Bem cultural, natural, misto
América Latina	1	Colômbia		X	Paisagem cultural de café na Colômbia	2011	(v)(vi)	cultural
	1	Cuba	X		Paisagem Arqueológica da primeira plantação de café no Sudeste de Cuba	2000	(iii)(iv)	cultural
	2	México	X		Paisagem de Agave e as antigas instalações das indústrias do Tequila	2006	(ii)(iv)(v)(vi)	cultural
	3	Brasil	X		Rio de Janeiro: Paisagem Carioca entre a montanha e o oceano	2012	(v)(vi)	cultural
	4	Uruguai	X		Paisagem Industrial de Fray Bentos	2015	(ii)(iv)	cultural
Resto do mundo		44	X	X				
Total		49	Inscrições registradas como paisagem e, paisagem cultural.					

Fonte: Adaptado de UNESCO (2016).

Tais classificações decorrem de dados retirados da lista publicada pela UNESCO. Nela estão elencados 1073 sítios, inscritos sob três categorias, bens culturais, bens naturais e bens mistos. Dentro desta mesma lista, há também 15 declarações sob a nomeação de *jardim*, todas na categoria cultural, mas nenhuma delas se encontra localizada na América Latina. Existem também, 112 declarações como *parque*, das quais, 11 se encontram nos Estados Unidos e, 28 na América Latina; destes 28, se classificaram 18 como naturais, oito como culturais e dois como mistos. É importante ressaltar que na Europa, outras entidades identificam a patrimonialidade da paisagem, como uma proposta em particular, sem atribuições normativas. No caso catalão, o Observatório de Paisagem, elencou 210 bens, entre parques emblemáticos e jardins botânicos localizados na Catalunha, Espanha e também no mundo. Na Europa estão localizados 174 bens, 36 no resto do mundo; dos quais apenas dez se encontram na América, especificamente nos Estados Unidos e nenhum na América Latina (OBSERVATORI DEL PAISATGE, 2016).

Em 2003, a UNESCO publicou o documento World Heritage Cultural Landscapes 1992-2002, identificando na América Latina e no Caribe, cinco sítios de valor paisagístico cultural e natural. Esses são, o Parque Nacional Rapa Nui no Chile, 1995; o Vale de Vinhas em Cuba, 1999; a Paisagem arqueológica das primeiras plantações de café no sudeste de Cuba, 2000; o Parque arqueológico e ruínas de Quiriguá na Guatemala, 1981; Linhas e geóglifos de Nasca e Palpa no Peru, 1994 (FOWLER, 2003, p. 44-45). Todavia, de acordo com a lista oficial da UNESCO (2016), eles não estão inscritos como paisagem cultural, se não como parques, paisagem, vales, plantações e outras classificações, de acordo com os seguintes critérios respectivamente: Chile (i)(iii)(v); Cuba (iv); Cuba (iii)(iv); Guatemala (i)(ii)(iv); finalmente, Peru (i)(iii)(iv), conforme figura 29.

FIGURA 29 – Quadro dos sítios de valor paisagístico na América Latina e no Caribe, segundo World Heritage Cultural Landscapes 1992-2002, UNESCO

Continente	#	País	Paisagem cultural e natural	Sítios de valor paisagístico	Ano	Crítérios	Bem cultural, natural, misto
América Latina e Caribe	1	Chile	X	Parque Nacional Rapa Nui em Chile	1995	(i)(iii)(v)	cultural
	2	Cuba	X	Vale de Vinhas	1999	(iv)	cultural
	3	Cuba	X	Paisagem arqueológica das primeiras plantações de café no sudeste de Cuba	2000	(iii)(iv)	cultural
	4	Guatemala	X	Parque arqueológico e ruínas de Quiriguá	1981	(v)(vi)	cultural
	5	Peru	X	Linhas e geóglifos de Nasca e Palpa	1994	(i)(iii)(iv)	cultural

Fonte: Adaptado de Fowler (2003).

4.2.1 Inclusão nos documentos oficiais como patrimônio da humanidade - Equador e Cuenca

Por sua parte, o Equador tem cinco declarações, três das quais na categoria cultural e duas na categoria natural. Em 1978, Cidade de Quito, critérios (ii) (iv), categoria cultural; no mesmo ano e em 2001, Ilhas Galápagos, critérios (vii) (viii) (ix) (x), categoria natural; em 1983, Parque Nacional Sangay, critérios (vii) (viii) (ix) (x), categoria natural; em 1999, Centro Histórico de Santa Ana dos Rios de Cuenca, critérios (ii) (iv) (v), categoria cultural; e, em 2014, Qhapaq Ñan - Sistema viário andino, critérios (ii) (iii) (iv) (vi), categoria cultural, sendo importante indicar que nessa declaração também se incluem mais cinco países, Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia e Peru (UNESCO, 2018). Para o caso específico do

Centro Histórico de Cuenca, ele foi inscrito na lista da UNESCO em 4 de dezembro de 1999, como parte dos Bens de Valor Universal Excepcional, de acordo com os seguintes critérios:

Critério (ii): Cuenca ilustra a implementação perfeita dos princípios de planejamento urbano do Renascimento nas Américas. Critério (iv): A fusão bem-sucedida das diferentes sociedades e culturas de América Latina está simbolizada de forma surpreendente pelo design e paisagem urbana de Cuenca. Critério (v): Cuenca é um excelente exemplo de um planejamento interior de uma cidade colonial espanhola. (UNESCO, 2015)¹³¹

Esses critérios, respondem principalmente à adequada fusão histórica cultural e social, reconhecida em seus legados como cidade, a partir do processo da implantação e distribuição do Centro Histórico. Além daqueles bens, considera-se também os elementos arquitetônicos que podem ser identificados no patrimônio construído nas casas de estilo colonial e republicano. E sua implantação em um ambiente geográfico particular, como seus rios e, *O Barranco*, nome de uma área histórica de grande importância cultural e topográfica da cidade, pois devido a sua formação geológica representa um fracionamento da área urbana histórica. Também é uma referência de localização na cidade, fazendo dele, um lugar de grande valor a ser salvaguardado. (UNESCO, 2015)

Assim, como parte dos elementos espaciais de imanência arquitetônica, que compõem esse reconhecimento, estão os pátios internos das casas do Centro Histórico de Cuenca. Esse espaço contido em uma estrutura arquitetônica patrimonial representa o eixo estrutural do centro urbano, gerando a habitabilidade das edificações. Criando um conceito espacial e uma tipologia arquitetônica de moradia que, por meio do pátio, pode se ventilar e iluminar os ambientes internos. Tal organização permite a circulação horizontal, designa um espaço de recreação e propicia a visibilidade particular entre as galerias da casa, para com seus moradores.

O pátio ajardinado na organização do espaço residencial, que usualmente é o pátio central, fundou suas bases na conexão entre sociedade e natureza, porém no diálogo cultural de seus moradores, que funciona como centro de reunião. No entanto, os jardins e pomares contidos nos pátios, não têm uma análise aprofundada em termos de seu papel na vida cotidiana da cidade. Uma das causas pode ser atribuída ao processo de colonização, que impôs modelos e conceitos culturais importados, deixando o componente indígena do

¹³¹ Criterio (ii): Cuenca ilustra la perfecta implantación de los principios de planificación urbana del Renacimiento en las Américas. Criterio (iv): La exitosa fusión de las diferentes sociedades y culturas de América Latina está simbolizada de manera sorprendente por el diseño y el paisaje urbano de Cuenca. Criterio (v): Cuenca es un ejemplo sobresaliente de una planificación interior de una ciudad colonial española

patrimônio herdado mutilado ou distorcido. Isso ocorre desde a sua nomeação em idioma espanhol. Tal componente ainda foi ajustado, alterando seu uso e função, subordinando-se as formas arquitetônicas e urbanas instaladas na cidade.

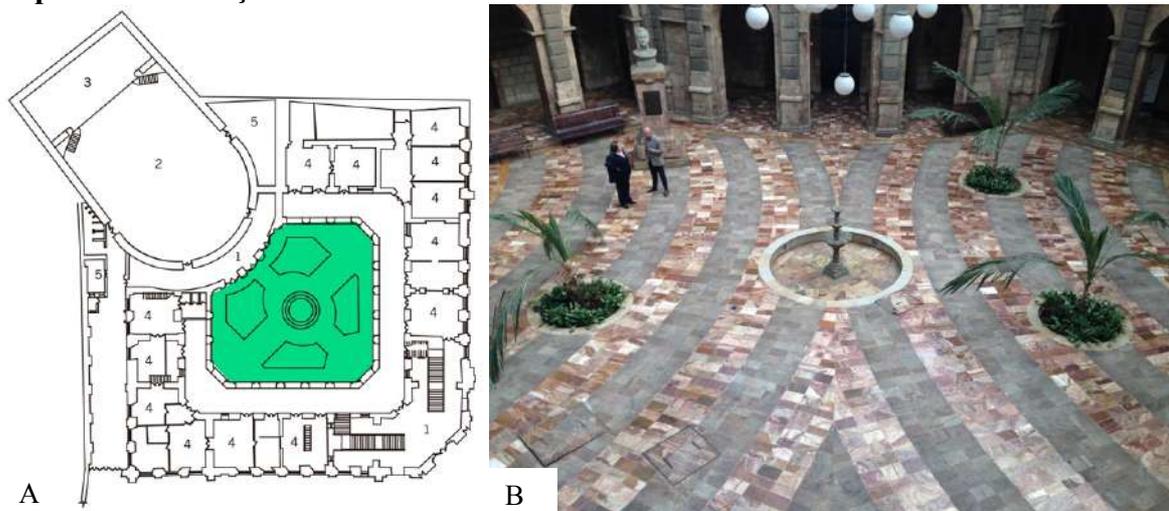
A futilidade em sua análise repercute na interpretação do patrimônio legalmente reconhecido. Por conseguinte, tudo o que o pátio contém, seus cultivos, usos e estética, apresentam-se exposto a uma livre intervenção material e imaterial. No entanto, isso não acontece com a sua espacialidade, que de acordo com a norma deve ser mantida para respeitar o conjunto arquitetônico. Fato que pode ser cumprido espacialmente, mas não, no seu sentido cultural habitacional.

Entretanto, não são somente as instituições e agências que se responsabilizam pela salvaguarda desse patrimônio, geralmente o ignoram. O desrespeito também decorre das ações dos moradores daquele setor urbano que fizeram intervenções nesses espaços, como o uso para estacionamento de veículos. Esses usos que comprometem a preservação são justificados. As explicações recaem, principalmente, sobre a necessidade de espaços, uma vez que Cuenca concentrou suas atividades comerciais, administrativas e de serviço público no Centro Histórico a partir de 1960, acentuando-se em 1970. Essa concentração acaba demandando espaços para vagas de estacionamento, gerando expectativas concretas de ganhos econômicos, sobretudo para os donos e locatários dos prédios que podem transformar os seus pátios em estacionamentos.

Além disso, pode-se afirmar que os interesses imobiliários e turísticos também fazem parte dos interesses que movimentam os processos de transformação ou apagamento do ajardinamento dos pátios do patrimônio arquitetônico declarado. Esses, e outros danos ao patrimônio, incentivaram ações para a sua salvaguarda, assim “Em 1975, o primeiro inventário do patrimônio arquitetônico foi feito pelo Instituto de Patrimônio Artístico, um inventário que foi complementado em 1982, ao formular o Plano de Desenvolvimento Urbano para a Área Metropolitana de Cuenca [...]” (ASTUDILLO, 2009, p. 212).

Embora o ajardinamento desses pátios tenha sido modificado, principalmente, pela perda de sua herança cultural, ainda há muitos desses que enfrentam intervenções arbitrárias. Um exemplo muito claro de desrespeito aos jardins do centro histórico de Cuenca é o pátio central do prédio da Corte Superior de Justiça, conforme figura 30, onde o pátio ajardinado foi pavimentado, deixando algumas amostras da localização de suas orlas originais. Geralmente são intervenções executadas com o propósito de se adaptar às necessidades de processos principalmente econômicos aleatórios em algumas casas do Centro Histórico da cidade.

FIGURA 30 – Planta (A) e fotografia (B) do pátio ajardinado da edificação da Corte Superior de Justiça de Cuenca



Fonte: (A) Municipalidad de Cuenca (2007, p.78), (B) A Autora.

Mesmos que podem ser percebidos a partir do fenômeno da *gentrificação*, que ocorre em países da América Latina, Caribe e do mundo. No caso de Cuenca, essas mudanças no uso e intervenções nas moradias, com a suposta intenção de melhorar os imóveis, devem ser condicionadas a novos códigos de habitabilidade. Assim, deve-se reconhecer e identificar previamente os elementos de valor patrimonial contidos nos pátios, conjuntamente com os outros elementos patrimoniais das edificações.

4.3 O alcance da legislação de Cuenca no reconhecimento do patrimônio cultural dos jardins

Na *Ordenança para o Controle e Administração do Centro Histórico da Cidade de Cuenca*, criada em maio de 1983, nem os jardins nem os pomares, foram analisados como especificidades custodiadas pelos pátios das casas. No entanto, no artigo 24, estabelece-se que “As áreas verdes no Centro Histórico estarão sujeitas às características e condições de uso e equipamentos indicados no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano em vigor” (MUNICIPALIDAD DE CUENCA, 1983, p. 8)¹³². Em 1991, é executada uma *Reforma á Ordenança para o Controle e Administração do Centro Histórico da Cidade de Cuenca*, na qual novamente o pátio, o jardim ou o pomar são estudados como espaços culturais para serem salvaguardados.

¹³² “Las áreas verdes en el Centro Histórico se sujetarán a las características y condiciones de uso y equipamiento señalados en el Plano Director de Desarrollo Urbano vigente”

Em 1999, antes de declarar Cuenca como Patrimônio Cultural da Humanidade, alguns pátios são convertidos em estacionamentos, sendo uma necessidade imperativa criar uma lei para controlar essas perdas patrimoniais e, ao mesmo tempo a poluição e o trânsito naquela área. Desta forma, é emitida a *Ordenança que Regula a Implementação de Estacionamentos Públicos e Privados em Áreas Urbanas de Valor Histórico*. Isso especifica que, para destinar esse uso em uma edificação do Centro Histórico, deve ser solicitada a autorização expressa à Comissão do Centro Histórico, desde que o imóvel não seja considerado de Valor Arquitetônico da Categoria 1 e 2. No Artigo 4, item j, especifica-se sobre a *Manutenção de espaços vegetais existentes*, condição geral que não promove o reconhecimento do significado cultural patrimonial do espaço natural, portanto também sua salvaguarda.

No ano de 2008, a *Ordenança para a Aplicação do Subsistema de Avaliação do Impacto Ambiental* é implementada, dentro da Jurisdição do Cantón Cuenca. Isso teve um impacto positivo, tornando visíveis os efeitos das intervenções ao ambiente e os elementos naturais que fazem parte da paisagem da cidade. Neste documento, se elencam as atividades que podem degradar o meio ambiente e as categorias de afetação, como a paisagem, topografia, água, ar, solo, subsolo, fauna e flora. Para controlar as intervenções é determinada como responsável a Comissão de Gestão Ambiental e a Empresa Municipal de Asseio, mas elas não estão vinculadas à Comissão do Centro Histórico.

Com essa ordenança, se encoraja o reconhecimento das árvores patrimoniais da cidade e em 2009, o I. Conselho Cantonal de Cuenca cria a *Ordenança Especial para Preservar e Manter o Patrimônio Arquitetônico, Culturais e Árvores Patrimoniais do Cantón Cuenca*. Essa *Ordenança* tem ainda a função de punir a afetação às árvores patrimoniais, e a demolição sem autorização de edificações inventariadas dentro e fora do centro histórico. “Art. 4.- [...] No caso de afetação de uma árvore patrimonial inventariada pela Comissão de Gestão Ambiental, os Comissários imporão uma multa [...] A multa imposta é independente da obrigação de remediação” (MUNICIPALIDAD DE CUENCA, 2009, p.2)¹³³. As árvores declaradas patrimônio, não são valorizadas como parte de um edifício patrimonial, e nem todas estão no Centro Histórico da cidade, pois as árvores patrimoniais são o resultado de um inventario isolado e pouco difundido.

A última reforma à *Ordenança para a Gestão e Conservação das Áreas Históricas e Patrimoniais do Cantón Cuenca* foi feita em 2010. Essa reforma especifica que, é

¹³³ “Art. 4.- [...] En el caso que se afecte a un árbol patrimonial inventariado por la Comisión de Gestión Ambiental, los Comisarios impondrán una multa [...] La multa que se imponga es independiente de la obligación de remediación”

competência do Município, gerar estudos para a conservação e ordenação de áreas com valor artístico, histórico e paisagístico, restauração e melhoria dos edifícios, elementos naturais e urbanos. No Capítulo I, literal d, indica que as áreas de natureza pública ou privada constituem áreas históricas patrimoniais, o que garantiria que o patrimônio inventariado esteja sob a proteção dessa *Ordenança*. No Capítulo IV das Normas Gerais de Ação, nos artigos 18, 25 e 28, é indicado a escala de avaliação patrimonial a ser atribuída aos imóveis, destacando os elementos a serem interpostos, tais como, telhados, distribuição espacial, estruturas de apoio, fachadas, alturas mezanino, elementos decorativos e ornamentais das edificações. No artigo 18 observa-se que,

As características funcionais, formais e construtivas, devem ser preservadas sem alterações em todos os edifícios inventariados com grau de valor patrimonial, de acordo com sua categorização. Serão mantidos e consolidados os elementos distributivos, tais como: pátios, galerias, jardins, corredores, pomares, etc., e igualmente seus detalhes construtivos e decorativos de valor [...] Artigo 25.- Será permitido o uso ou adaptação de sótãos, nos edifícios classificados como Valor Arquitetural B (VAR B) (2), Valor Ambiental (A) (1) e Sem Valor Especial (SV) (0), com a condição de que a intervenção pretendida não significa alterações de: a) Telhado original. Será admitido pequenas aberturas para entrada ou saída de ar e luz, desde que não alterem os perfis altimétricos da mesma e estejam localizadas nas encostas que não fazem fachada à rua. b) A tipologia distributiva (localização do bloco de escadas, afetação de galerias ou corredores externos, pátios, etc.). c) A estrutura de suporte (paredes ou colunas). d) Fachadas. e) A altura dos mezaninos existentes. f) Os elementos decorativos e ornamentais da edificação. (MUNICIPALIDAD DE CUENCA, 2010, p. 13-14)¹³⁴

Assim, elementos arquitetônicos que conformam ou delimitam o pátio, como telhados, galerias, escadas, e demais ambientes indicados na citação anterior, antes de serem intervindos deverão ser estudados e aprovados de acordo com a referida lei. Todavia, dependendo das suas características, o jardim e os pátios estarão sujeitos à distribuição arquitetônica, e devem ser mantidos e consolidados, com seus detalhes construtivos e decorativos de valor patrimonial. No entanto, a descaracterização desses espaços, para

¹³⁴ Art. 18.- Se conservará sin alteraciones las características funcionales, formales y constructivas, en todas las edificaciones inventariadas con grado de valor patrimonial, de acuerdo a su categorización. Se mantendrá y consolidará los elementos distributivos tales como: patios, galerias, jardines, corredores, huertos, etc., y de igual manera sus detalles constructivos y decorativos de valor. [...] Art. 25.- Se permitirá el uso o adecuación de buhardillas, en las edificaciones catalogadas como de Valor Arquitectónico B (VAR B) (2), Valor Ambiental (A) (1) y Sin valor especial (SV) (0), con la condición de que la intervención prevista no signifique alteraciones de: a) Cubierta original. Se admitirá pequeñas aberturas para entrada o salida de aire y luz, siempre que no alteren los perfiles altimétricos de la misma y estén ubicadas en las vertientes que no hacen fachada a la calle. b) La tipología distributiva (localización de bloque de escaleras, afectación de galerías o corredores exteriores, patios, etc.). c) La estructura soportante (muros o columnas). d) Las fachadas. e) La altura de entrepisos existentes. f) Los elementos decorativos y ornamentales de la edificación

facilitar a intervenção, pode ser atribuída à ambiguidade com que são chamados, pois basicamente apela-se a caracterização de um espaço vazio, que pode não ter um tipo de vegetação cultivada. Isso indica também pode se caracterizar como desconsideração ao patrimônio e as normas que os protegem, pois em um contexto onde repousam vários interesses, os jardins podem convenientemente tornar-se invisíveis.

Destarte, “Em Cuenca, os termos jardim e pomar são utilizados para se referir à terra cultivada, e, se encontra dentro das casas de uma maneira diferente” (CONTENTO, 2012, p.16)¹³⁵. Podendo assim, encontrar cultivadas plantas ornamentais, algumas árvores frutíferas e plantas medicinais nos considerados jardins. Semelhantemente, o pomar encerra também esses tipos de cultivos, mas com a incorporação de hortaliças e verduras. Por conseguinte, essa amalgama dificulta a interpretação desses espaços como parte do patrimônio cultural da cidade, optando por um conceito unilateralmente definido em um contexto geral internacional, que por não se alinhar com um jardim, ou um pomar exclusivamente, permanece irresoluto.

Nesse sentido, o patrimônio natural e cultural, de alguns países, da América Latina foi reconhecido e incluído na lista do Patrimônio Mundial sem a especificidade de *paisagem cultural*, o que aparentemente não representa uma limitação patrimonial, mas sim, uma forma de separar as culturas originárias do seu patrimônio. Afasta-se, portanto de sua patrimonialidade, que ainda busca ser reconhecida e respeitada. Assim, se pretende estabelecer uma comparação entre os critérios conferidos a dois bens patrimoniais, um na América Latina e outro na Europa, que apresentem inscrições com valores paisagísticos culturais semelhantes, onde os elementos naturais reconhecidos intervêm como características da patrimonialidade desses espaços geográficos. Assim, são escolhidas: a inscrição do México em 1987 do Centro Histórico do México e *Xochimilco* de acordo com os critérios (ii) (iii) (iv) (v); e, a inscrição da França em 1979 do Palácio e parque de Versalhes, de acordo com os critérios (i) (ii) (vi), conforme figura 31.

A diferença encontrada entre esses dois casos, está principalmente nos critérios (i) e (vi), aplicados exclusivamente em Versalhes. Os critérios discorrem sobre, “(i) Para representar uma obra-prima do gênio criativo humano; e, (vi) associar de forma direta ou tangível eventos ou tradições vivas, com ideias ou crenças, com obras artísticas e literárias de extraordinária importância universal. (O Comitê considera que esse critério deve preferencialmente ser usado em relação a outros critérios)” (UNESCO, 2016). Esses critérios

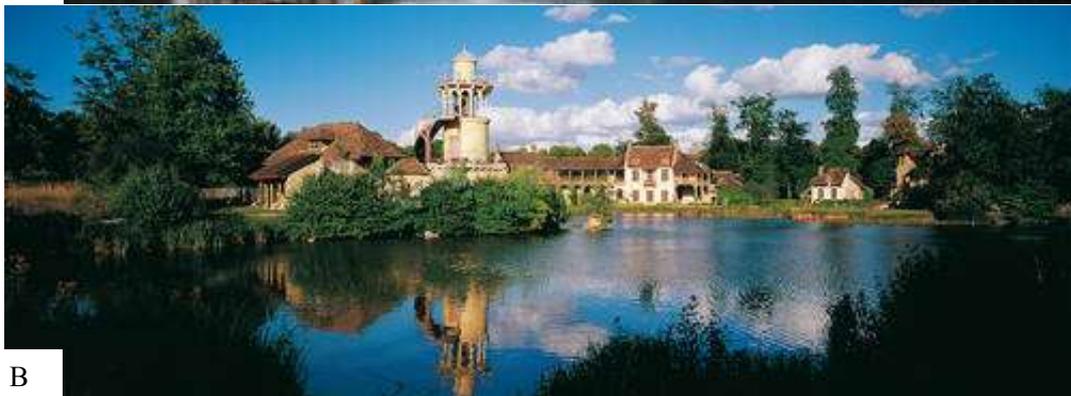
¹³⁵ “En Cuenca se utiliza los términos jardín y huerto para referirse a los terrenos de cultivo que se encuentran al interior de las casas de manera distinta”

têm como foco a capacidade intrínseca criadora do homem, material e imaterial fixados em sua cultura, a qual é indiscutivelmente diferente umas das outras, pela sua origem. Esse fato parece indicar que, o povo indo-americano, não produz obras artísticas e literárias de reconhecimento mundial por falta do *gênio criativo*. Assim, o que se entende da avaliação dos dois patrimônios, visivelmente as diferenças radicam na origem cultural, o que por sua vez, vai condicionar o patrimônio, no qual, os critérios de avaliação se baseiam numa análise alheia as culturas americanas, e particularmente latino-americanas.

FIGURA 31 – Fotografias de (A) Xochimilco no México e (B) Versalhes na França



A



B

Fonte: (A) Geldhof (2016), (B) Gelbart (2018).

Destarte, considera-se que essas *outras culturas* ainda precisam ser consolidadas dentro da esfera patrimonial, para que a leitura da herança da humanidade com elementos específicos, componentes de um todo, sejam reconhecidos em sua especificidade. Guardadas

as devidas proporções a mesma situação está presente em Cuenca, nos seus pátios e jardins, com uma estética diferente do conceito de jardim estabelecido, sendo o produto de um intercâmbio cultural indígena e europeu que se conjugou no tempo, impondo tradições e costumes que, não são apenas parte do patrimônio mundial, senão de quem vive nesse lugar, cuja representação de identidade dialoga com seus resquícios e heranças culturais. Nessa perspectiva: “A patrimonialidade não vem de objetos, mas dos sujeitos: pode ser definida como uma energia não física que o sujeito irradia sobre um objeto e que reflete” (MUÑOZ VIÑAS, 2003, p.152)¹³⁶. Dito de outra maneira,

Argumentos de natureza acadêmica ou técnico científica não devem tornar-se únicos em uma atividade na qual, o objetivo final é simbólico ou comunicativo: essa abordagem da questão é elitista e restritiva. [...] se os objetos do patrimônio pertencem a uma cidade, a uma nação, à Humanidade, essas coletividades deveriam ser atendidas; nesse sentido, a presunção de que, sobre o patrimônio de muitos só devem decidir os especialistas, é uma forma de domínio tecnocrático –isto é, aristocrático. (MUÑOZ VIÑAS, 2003, p. 162)¹³⁷

De acordo com essas considerações, a importância do patrimônio incide em atender a quem ele pertence, e não apenas aos que exercem o poder sobre o que é considerado patrimônio. À vista disso, se, o jardim, o pomar, a sementeira, nos pátios, são espaços que estavam presentes desde o estabelecimento das casas patrimoniais do Centro Histórico de Cuenca, também são contentores e vinculadores da cultura dessa paisagem. Porém, deveria considerar sua importância nas políticas públicas voltadas para a pesquisa e salvaguarda do patrimônio. Desta forma, as possíveis limitações para a patrimonialização dos jardins poderiam ser enfrentadas com argumentos contundentes, pois históricos.

Assim, antes dessa empreitada se deve considerar alguns desencontros na categorização patrimonial que contempla de forma geral um elemento característico do patrimônio declarado, mas que faz parte de sua estrutura física e cultural inflexível. Que alguns de seus elementos da composição patrimonial não têm uma categorização internacional, porque é um produto nativo que não se alinha com os padrões mundiais de valor. E, que as normas internacionais que definem a intervenção do patrimônio específico de uma cidade parecem intransigentes. Deve-se ainda considerar que,

¹³⁶ “La patrimonialidad no proviene de los objetos, sino de los sujetos: puede definirse como una energía no física que el sujeto irradia sobre un objeto y que éste refleja”

¹³⁷ Los argumentos de tipo académico o técnico científico no deben convertirse en únicos en una actividad en la que el objetivo último es de tipo simbólico o comunicativo: esta forma de enfocar la cuestión es elitista y restrictiva. [...] Si los objetos del patrimonio pertenecen a una ciudad, a una nación, a la Humanidad, estos colectivos deberían ser atendidos; en este sentido, la presunción de que sobre el patrimonio de muchos sólo deben decidir los expertos, es una forma de dominio tecnocrático –es decir, aristocrático

O interesse do homem pelo espaço tem raízes existenciais: ele deriva da necessidade de adquirir relações vitais com o ambiente ao seu redor, para fornecer sentido e ordem a um mundo de eventos e ações. Basicamente, é orientado para “objetos, isso é, adapta-se fisiologicamente e tecnologicamente às coisas físicas, influencia outras pessoas e é influenciado por elas e capta as realidades abstratas ou “significados” transmitidos pelas várias línguas criadas para se comunicar. Sua orientação para os diferentes objetos, pode ser cognitiva ou afetiva, mas, em qualquer caso, quer estabelecer um equilíbrio dinâmico entre ele e o ambiente que o rodeia. (NORBERG-SCHULZ, 1975, p. 9)¹³⁸

Desse modo, a assimilação dessas limitações antes indicadas, promoveria o equilíbrio dinâmico, segundo Norberg-Schulz, entre a convivência cultural e uma patrimonialização inclusiva. Redefinindo assim, a cultura, como essa necessidade espacial de existir no universo. “A ideia de cultura foi substituída pela de culturas –antes procurava-se a propagação da cultura (e a cultura era, obviamente, a alta cultura ocidental), enquanto hoje a diversidade das culturas se tornou positivamente considerada como a biodiversidade–” (MUÑOZ VIÑAS, 2003, p. 139)¹³⁹. Importante também considerar que não é unilateralmente representada, mas sim, na sua diversidade onde, encontra a sua razão de existir.

4.4 Resiliência paisagística da sementeira-jardim no diálogo patrimônio e patrimonialidade

O reconhecimento do patrimônio como uma forma de salvaguardar a importância cultural de um povo, encontra resistência ao validar elementos de culturas diversas. Diante disso, se propõe o uso do termo *patrimônio mestiço*, com o objetivo de identificá-lo e reconhecê-lo de forma íntegra, com suas características culturais particulares na América Latina. Não se pretende assim, criar uma categoria segregativa que não se alinhe com um conceito predefinido de patrimônio, mas sim uma categoria que o identifica como um novo processo de relevância cultural, resultado da convivência histórica entre a herança cultural

¹³⁸ El interés del hombre por el espacio tiene raíces existenciales: deriva de una necesidad de adquirir relaciones vitales en el ambiente que le rodea para aportar sentido y orden a un mundo de acontecimientos y acciones. Básicamente se orienta a “objetos, es decir, se adapta fisiológica y tecnológicamente a las cosas físicas, influye en otras personas y es influido por ellas y capta las realidades abstractas o “significados” transmitidos por los diversos lenguajes creados con el fin de comunicarse. Su orientación hacia los diferentes objetos puede ser cognoscitiva o afectiva, pero en cualquier caso desea establecer un equilibrio dinámico entre él y el ambiente que le rodea

¹³⁹ “[...], la idea de cultura ha sido sustituida por la de culturas –antes se pretendía la difusión de la cultura (y la cultura era, obviamente, la alta cultura occidental), mientras que hoy la diversidad de culturas ha pasado a ser positivamente considerada como la biodiversidad– [...]”

européia e a herança cultural americana. A proposta se baseia em três fatos, o primeiro é que a paisagem da América Latina tem escassas declarações, tombamentos, como patrimônio paisagístico; o segundo é que essas declarações foram recentemente incluídas na lista de bens patrimoniais da humanidade; e por último, que essas foram categorizadas sob definições gerais, deixando à margem a sua eventualidade de elementos culturais originários, de um valor específico indispensável para sua salvaguarda.

Por consequência, a legislação tem um papel fundamental no reconhecimento e salvaguarda do patrimônio cultural e natural *mestiço* na paisagem de Cuenca dos Andes, além de visibilizar a valia cultural dos seus primeiros habitantes. A partir desses argumentos, consideramos importante estudar a postura indicada nos documentos oficiais frente a esse patrimônio cultural paisagístico, produto da mestiçagem. No qual, a paisagem cultural possui elementos patrimoniais, como o pátio ajardinado, que foi deixado de lado nos processos de reconhecimento, salvaguarda e restauração como parte do patrimônio arquitetônico identificado em Cuenca, enfraquecendo seu valor cultural e seu sentido patrimonial para seus habitantes, mas que, ao mesmo tempo continua presente. O paisagismo, ou ajardinamento do pátio central das moradias, representa o eixo material e imaterial que concerta a forma de vida de seus habitantes, pois envolve desde sua origem, a relação entre o homem e a natureza nas áreas urbanas das cidades coloniais, e dos chamados centros históricos latino-americanos, muitos deles reconhecidos pela UNESCO, como o de Cuenca dos Andes equatorianos

Destarte, o patrimônio histórico de Cuenca iniciou seu processo de reconhecimento no final da década de 1970, com a aplicação da Lei do Patrimônio Cultural e a elaboração do inventário do patrimônio construído, consequência da execução da *Ordenança de Controle e Administração do Centro Histórico de Cuenca*. Mais tarde, entre 1982 e 1983 o Instituto Nacional do Patrimônio Cultural do Estado - INPC, declara o Centro Histórico de Cuenca como Patrimônio Cultural do Estado, com as respectivas alterações à *Ordenança*, e em 1989 é criada a Direção do Centro Histórico, sob regulamentação emitida pelo I. Conselho Cantonal, com o objetivo de monitorar as ações em amparo à área patrimonial (I. MUNICIPALIDAD DE CUENCA, 1998).

No entanto, a mera execução dessa *Ordenança* não abrange os elementos paisagísticos que com essa declaração são apontadas no tratamento do patrimônio arquitetônico. De modo que, quando projetado para um reconhecimento internacional, esses elementos paisagísticos não encontram espaço e nem referências de como se caracterizar na aplicação feita para declarar a Cuenca como Patrimônio da Humanidade à UNESCO. Com essa premissa, o inventário do patrimônio construído é depurado, bem como a criação de uma nova *Ordenança*

que Regula a Implantação de Estacionamento Públicos e Privados em Áreas Urbanas de Valor Histórico em 1999. Neste contexto, as perdas patrimoniais registradas são importantes e decorrem de ações de converter em estacionamentos os muitos pátios das moradias inventariadas do Centro Histórico de Cuenca. Essa interferência além de impor vários prejuízos, torna-se irreversíveis as eliminações dos jardins na área histórica da cidade.

Assim em 1999, a UNESCO declarou como Patrimônio Cultural da Humidade o Centro Histórico de Cuenca, um fato que encorajava ações a favor da sua salvaguarda e que estabelecessem maior relevância a sua existência. Essa declaração reconhece três critérios que versam sobre, primeiro, a fusão de sociedades simbolizadas no design e na paisagem urbana da cidade. Segundo, o planejamento como uma cidade espanhola, e terceiro, as características particulares da cultura urbana, na arquitetura e as técnicas construtivas. Esses são os elementos que se conjecturam nesses critérios, principalmente de um passado comum ao visualizá-los como Patrimônio Cultural em uma cidade andina.

Contudo, os critérios de reconhecimento são escolhidos e validados por organizações internacionais como a UNESCO, ICOMOS, ICOMOS-IFLA, responsáveis pelo acompanhamento dos processos aplicados, pelos diferentes países, na postulação de seu patrimônio. Essas atribuições são no mínimo criticáveis, pois consideram a partir de critérios gerais, desconhecendo as especificidades dos lugares e seus bens patrimoniais, podendo passar despercebidos, subtraindo o seu valor representativo.

O reconhecimento dos patrimônios da humanidade está envolto em processos criteriosos, derivados de iniciativas nacionais que cada país propõe. Trata-se de se submeter a parâmetros padronizados de internacionalização para conseguir o reconhecimento mundial. Desse modo, essas propostas são recebidas e avaliadas por organismos internacionais, que tem a função de escolher, aprovar, solicitar ajustes ou rejeitar a proposta de inscrição como bem patrimonial. Neste sentido, Muñoz Viñas (2003), analisando o patrimônio, indica que esses organismos não devem ser os únicos na concessão da patrimonialização. Alerta para a existência de critérios que podem promover a elitização e limitação dos patrimônios. Argumenta que a arte e a cultura, há muito tempo, foram privilégios das elites, de tal modo que a riqueza das culturas *dessemelhantes* da europeia continua relegada, sem oportunidade de serem analisadas, valorizadas e reconhecidas. Esses argumentos se alinham com a precária participação da herança cultural da América Latina na avaliação dos seus bens patrimoniais. Assim, independentemente da densidade cultural do passado, desde a conquista europeia e todos os conceitos errados da época, que se mostram aparentemente superados, não alcançaram e transformaram os critérios avaliativos do seu patrimônio cultural, pois os

mesmos continuam a ser classificados a partir de critérios limitados e limitantes. Em muitos casos os processos de reconhecimento dos bens patrimoniais não dignificam seu potencial e a sua riqueza cultural como parte da herança mundial.

Assim, no caso dos jardins, o seu envolvimento com o patrimônio da paisagem ou como um bem histórico encontra dificuldades verificadas pelo estudo de Mechthild Rössler (2000). Neste estudo fica indicado que o reconhecimento patrimonial da paisagem cultural e natural tem sido pouco focado na América Latina, sem detalhar as suas motivações. No entanto faz um chamado para que “a Lista do Patrimônio Mundial seja mais representativa das culturas do mundo” (RÖSSLER, 2000, p. 55)¹⁴⁰. Com relação ao termo *jardim histórico*, de acordo com Jordi Diaz (2016), ele é usado para classificar bens patrimoniais, bem como a paisagem cultural e natural. Assim, dependendo do bem a ser inscrito como patrimônio na apresentação da proposta de reconhecimento patrimonial, cada país é responsável pelo emprego do termo. Portanto, a nomeação do bem a ser inscrito e a responsabilidade de salvaguarda-lo não é incumbência, aparentemente direta, da UNESCO, pois “o conceito de patrimônio e a classificação dos bens, é um tema cultural que cada país definirá de forma diferente para cada lugar e o nome que cada um coloca deveria ser respeitado ” (DÍAZ, 2016)¹⁴¹. Embora seja essa e outras instituições quem coloca os parâmetros para reconhecer o patrimônio da humanidade.

Assim, a responsabilidade de proteger um patrimônio catalogado como sendo *da humanidade*, dificilmente se efetiva identitariamente, quando sua interação com as pessoas é afetada, sobretudo, pela não valorização de parte de sua composição cultural. Por tanto, o patrimônio mestiço representa a fusão entre americanos e europeus em sua cultura, e se encontra na América Latina presentemente na vida cotidiana dos seus moradores. Essa união precisa ser reconhecida, nomeada a partir daquilo que ela representa, e da mesma forma analisada e salvaguardada. Em contrário, a sua extinção, juntamente com a parte que poderia ser identificada como indígena, possivelmente, a mais vulnerável neste processo de mestiçagem não teria qualquer reconhecimento, inclusive da sua resiliência.

Desse modo, o nexos sociedade-natureza é uma das características fundamentais para compreendermos as manifestações e representações da cultura em Cuenca. Os elementos naturais estão presentes na identidade dos seus habitantes para com a cidade. Assim, “Embora tenha sido há muito tempo, Cuenca não perdeu seu caráter como uma cidade intimamente

¹⁴⁰ “la lista del Patrimonio Mundial sea más representativa de las culturas del mundo”

¹⁴¹ “El concepto de patrimonio y las clasificaciones de los bienes es un tema cultural, cada país definiría cada lugar de manera diferente y se debería respetar el nombre que cada uno le pusiera”

ligada à natureza. O grande vale de *Tomebamba*, cortado por rios provenientes das montanhas próximas do *Cajas*, é um paraíso para a geografia rústica da região” (UNESCO, 1999, p. 8)¹⁴². Da mesma forma, os espaços de cultivo urbano, de diferentes dimensões e usos, estiveram sempre presentes no modo de vida das pessoas. Além disso, em Cuenca, os estilos arquitetônicos coexistem a partir de diferentes épocas e relações com a natureza, apresentando soluções de moradia, decorrentes de intensas trocas culturais.

Os cultivos no espaço urbano são antigos e ancestrais as ocupações Incas e Espanholas, sendo que os registros históricos relacionados as plantações vão desde a cidade *cañari* de *Guapondelig*, até a *incaica Tomebamba*. Assim, com a chegada dos espanhóis já existia uma nação organizada com expressões culturais (CHACON ZHAPAN, 2005). Tanto os *Cañaris* quanto os Incas, por serem sociedades agrícolas, tiveram uma relação vital com os elementos da natureza. O cultivo do milho, por exemplo, que é a sua base alimentar, foi cultivado nas chamadas *chacras*. Contudo, esse relacionamento supera o sentido material, e estabelece parâmetros rituais ligados à sua cosmovisão, na qual, de acordo os diversos autores estudados, pode se encontrar a existência de jardins reais, adornados com elementos em ouro e prata, em homenagem ao Inca.

Assim, é dessas práticas agrícolas que, com a chegada dos espanhóis, as mutações em relação aos cultivos se intensificam. Principalmente nas cidades, onde há uma mudança significativa no relacionamento com a paisagem e a vegetação, sobretudo devido aos vínculos que já se tinha com as diferentes culturas. Com a dominação espanhola, conseqüentemente, os espaços de cultivo vão sofrer transformações e submissões às novas formas de ocupação da terra, incorporando termos como jardim e pomar na distribuição espacial da moradia. Nesse contexto, o novo é assim interpretado,

Não é que tudo o que é observado nesta cena deve ser imediatamente interpretado de forma sistemática em termos de mestiçagem, mas as formas assumidas pela vida social e as relações nos bairros urbanos foram marcadas por este selo, o que lhes confere sua originalidade. A mestiçagem é uma das principais forças da dinâmica social que estava em andamento (POLINI-SIMARD, 2006, p. 494)¹⁴³.

¹⁴² “Aunque ha pasado mucho tiempo, Cuenca no ha perdido su carácter de ciudad íntimamente ligada a la naturaleza. El gran valle de Tomebamba cortado por ríos originarios de las cercanas montañas del Cajas, es un paraíso para la rústica geografía de la zona”

¹⁴³ No es que todo lo observado en esta escena deba ser inmediatamente sistemáticamente interpretado en términos de mestizaje, pero las formas que asumía la vida social y las relaciones en los barrios urbanos estaban marcadas por este sello, lo cual les confería su originalidad. El mestizaje es una de las principales fuerzas de la dinámica social que se hallaba en marcha.

Essas novas tipologias de construção e distribuição espacial das casas, foram importadas do sul de Espanha, conformadas por espaços centrais abertos chamados pátios, em torno dos quais os outros ambientes são desenvolvidos. Esses são descobertos e expostos, conforme figura 32. Geralmente o pátio, o quintal e jardim são também chamados de pomar. Vale a pena relembrar que existe uma ambiguidade ao nomeá-los. Outro elemento importante neste processo de adaptação é o uso de materiais locais, como adobe, madeira, pedra e telhas de argilas terracota, na construção das edificações (I. MUNICIPALIDAD DE CUENCA, 1998).

FIGURA 32 – Planta (A) e seção (B) dos pátios de Casa das Palomas em Cuenca dos Andes



Fonte: (A), (B) adaptado de INPC, 2016.

Neste processo de encontro de diferentes culturas e de imposições, consequentemente, a estrutura funcional da cidade é modificada, mas a relação com o espaço verde foi mantida na área urbana. Provavelmente essa relação foi mais próxima nas classes populares, pois elas, desde a colônia estiveram agregadas ao cuidado dos espaços verdes. Trata-se de um processo de reocupação territorial, materializada em hierarquias, pois, “Ao mesmo tempo, surge a aristocracia, sem títulos ou tradição que fundam a sua nobreza na propriedade territorial e na sua origem espanhola. Os fazendeiros serão todos fidalgos, atribuirão-se o presente nobiliário,

desprezarão trabalhar com mãos próprias e simplesmente dominarão a os índios que lhes são confiados” (CARRASCO, 1998, p. 38)¹⁴⁴.

As diferentes etnias e estratos socioeconômicos na área urbana deram lugar a uma nova figura, a conhecida *Chola*, que representa a mistura de tradições culturais entre índios e espanhóis. Contudo, ela não quebra os padrões culturais estabelecidos desde a conquista espanhola, ao contrário, ela materializa o processo de mestiçagem no seu modo de vida. No cotidiano é funcional coexistir com os diferentes grupos humanos no espaço urbano e rural. Nessa nova estrutura, a mulher nativa estava encarregada das tarefas domésticas das elites da cidade. Desse modo, “*chola* seria aquela índia que quebrou a ordem hierárquica de seu grupo racial [...]. No caso de Cuenca, aparece nos anos sessenta do século XVI [...] aludiu às mulheres índias no serviço doméstico” (MANCERO ACOSTA, 2012, p. 295)¹⁴⁵.

A dominação a partir da ocupação do território, torna a influência europeia em Cuenca de grande importância, sendo a francesa considerada a mais proeminente, depois da espanhola. Tal proeminência encontra-se relacionada a visita da Missão Geodésica Francesa em 1736, e mais tarde em 1767, com a chegada dos religiosos jesuítas.

Em 1940, a influência europeia pós-independência (1820), foi devida ao crescimento econômico da cidade e ao poder de aquisição das elites. Elas faziam viagens para o continente europeu, importando elementos arquitetônicos, ornamentais, naturais e costumes. Situação observada e descrita da seguinte maneira: “Enquanto isso, há uma circulação de diversos produtos importados da Europa, nomeadamente roupas de estilo parisiense e móveis de Viena, além de acessórios para arquitetura, como latão para tetos e varandas e gradeamentos de ferro” (MARTINEZ, 2017, p.73)¹⁴⁶. Esse fato interferiu consideravelmente na arquitetura da cidade, as fachadas das casas serão alteradas de acordo com réplicas de estilos importados, no entanto essas incorporações, não modificaram a estrutura espacial interna das casas, mantendo sua distribuição, mas com adaptações de elementos decorativos que permitiriam perceber a influência francesa no espaço urbano.

No que diz respeito aos jardins e aos parques como espaços públicos importantes do Centro Histórico da cidade, foram também adaptados, embora não tenham sido claramente identificados, apesar do tempo que eles estão presentes na paisagem. De acordo com Ernesto

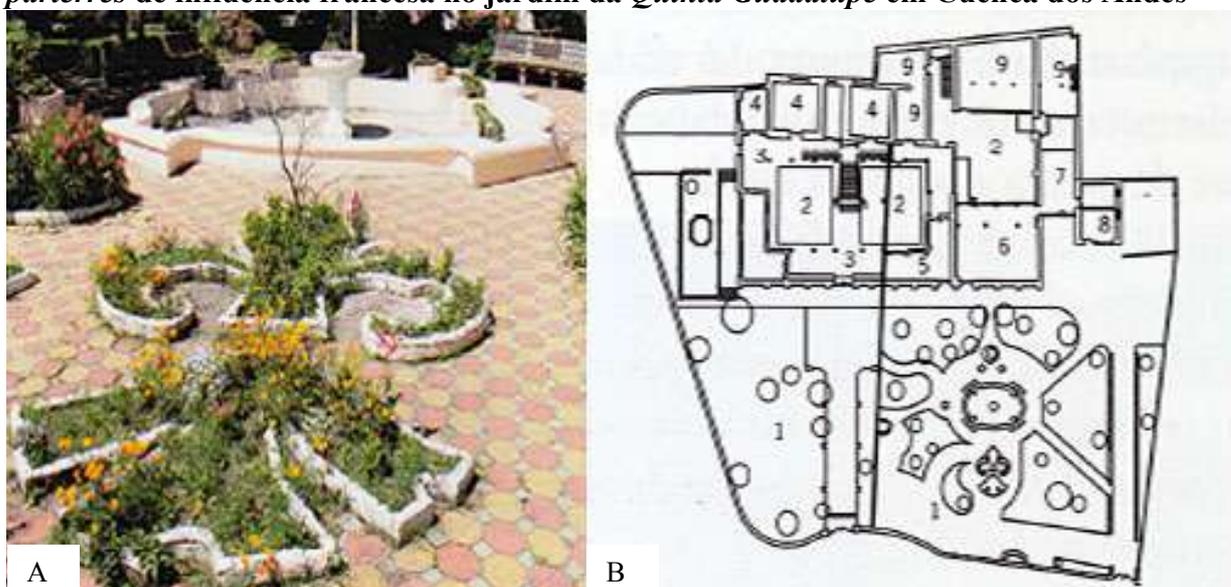
¹⁴⁴ “A la par, surge una aristocracia, sin títulos ni tradición que fundamentan su nobleza en la propiedad territorial y en su origen español. Los hacendados serán todos hidalgos, se atribuirán el don nobiliario, desdeñarán trabajar con sus manos y simplemente dominarán a los indios que les son encomendados”

¹⁴⁵ “*chola* sería aquella india que ha roto el orden jerárquico de su grupo racial [...] En el caso cuencano aparece en la década del sesenta del siglo XVI [...] hacía alusión a las indias de servicio doméstico”

¹⁴⁶ “Mientras tanto hay una circulación de bienes diversos que se importan desde Europa, notablemente ropa al estilo de París y muebles de Viena, conjuntamente con complementos para la arquitectura como latón para cielos rasos y balcones y verjas de hierro”

Lovato (2016), alguns desses parques e jardins privados, são da autoria de Nicanor Lovato. Ele atuou tanto no design como na construção desses espaços verdes, pois foi Diretor de Parques do Município da cidade de Cuenca de 1923 a 1965. Aprendeu a arte da jardinagem com Enrique Fuseau, de origem francesa e Diretor de Parques do Município da cidade de Quito (capital do Equador) no início do século XIX. Assim, a influência francesa pode ser vista nos designs aplicados em canteiros de flores, calçadas, bordos, bem como luminárias e móveis, de acordo com a figura 33.

FIGURA 33 –Fotografia (A) e planta (B) dos elementos decorativos em canteiros ou *parterres* de influência francesa no jardim da *Quinta Guadalupe* em Cuenca dos Andes



Fonte: (A), (B) Municipalidad de Cuenca (2007).

Com relação à vegetação, as condições climáticas devido à localização geográfica da cidade, indicam que as características naturais dificultaram a reprodução fidedigna dos jardins europeus em Cuenca. Assim, as espécies nativas e introduzidas, são usadas para imitar algumas das características dos jardins franceses, materializando essa influência. No caso do *boj*, originário da Europa, foi introduzido e adaptado em território americano. Coube a Luis Cordero a propagação da variedade, “*Buxus sempervirens* L. - É o *boj* da Europa, tão usado lá, não só como um ornamento de parques e jardins, por quão bem se presta a ser oportuno, e até mesmo caprichosamente podado em várias formas [...] o autor cultivou e propagou uma variedade anã [...] muito propositalmente para guarnições de jardim” (CORDERO, 1950, p. 142)¹⁴⁷.

¹⁴⁷ “*Buxus sempervirens* L. –Es el boj de Europa, tan utilizado allí, no solamente como adorno de parques y jardines, por lo bien que se presta a ser oportuna, y aun caprichosamente podado en varias formas [...] cultiva y ha propagado el autor una variedad enana [...] muy a propósito para guarniciones de jardín”

Esse arbusto é amplamente utilizado para estruturar o desenho do verde e para obter formas peculiares ou geométricas. Sua folhagem é abundante e espessa, virtude que permite podas ponderadas. Junto com essa planta, também é cultivada a vegetação própria, como a palmeira nacional “*Parajubaea Cocoides*. Também conhecida como *cumbe*, coco *cumbe* ou coquito. Essa palmeira alta andina, é típica dos vales equatoriais, secos e úmidos, é encontrada nas principais cidades do país [...] Embora cultivada como ornamental, seus frutos são comestíveis” (MUNICIPALIDAD DE CUENCA, 2008, p. 21)¹⁴⁸. Essa espécie de palmeira está arrolada na Lista de Árvores Patrimoniais de Cuenca.

Importante anotar que, junto às áreas de serviço da casa, se pode encontrar uma predominância de vegetação medicinal, alimentícia e de uso em rituais. Elas se encontram misturadas entre plantas originárias e plantas introduzidas. Essas plantas formam um cultivo de várias espécies que já fazem parte do cotidiano e que possivelmente nem são associadas mais com a sua origem europeia, como o caso a arruda, Nome científico, “*Ruta graveolens* L., rua comum originários do sul da Europa (...). No popular é considera uma espécie de amuleto, contra as pragas e contra a influência maligna de alguns olhos que parecem prejudiciais” (CORDERO, 1950, p. 27)¹⁴⁹. Assim, nos rituais incorporam-se espécies importadas. Elas são misturadas com algumas plantas do lugar, indicando práticas sociais que emergem de um contexto mestiço, incorporando além das plantas, crenças, crendices, lendas dentre outras vinculações.

Posteriormente, com a modernização da cidade em 1947, sob os critérios de racionalidade, o Plano do arquiteto uruguaio Gilberto Gato Sobral, descreve uma nova cidade, transformando a periferia em áreas de residência. (ASTUDILLO, 2009). O centro histórico não representa mais uma área de interesse residencial para as elites, deslocando-se para os arredores da cidade em busca de uma melhor qualidade de vida e maior espaço verde. Tal fato, como Cordero Cueva (1993) aponta, levou à reocupação do Centro Histórico, por outro grupo socioeconômico, os mais pobres de Cuenca. Eles chegaram ao espaço urbano, pois foram forçados a migrar do campo para a cidade. Grande parte conseguiu empregos na cidade e nessa condição foram melhorando as suas condições de vida. Dessa maneira, esse grupo traz consigo a suas formas de vida, que, embora não possam ser reproduzidas com exatidão,

¹⁴⁸ “*Parajubaea Cocoides*. También conocida como *cumbe*, coco *cumbe* o coquito. Esta palma alto andina es propia de los valles (secos y húmedos) ecuatoriales, se la encuentra en las principales ciudades del país [...] Aunque se cultiva como ornamental, sus frutos son comestibles”

¹⁴⁹ “*Ruta graveolens* L., la ruda común originaria de la Europa meridional (...). El vulgo la considera, además, como una especie de amuleto, contra las pestes y contra la influencia maléfica de algunos ojos que le parecen dañinos”

vivem se adaptando e modificando os espaços internos das casas, gerando, em alguns casos, os cortiços.

Com relação, especificamente a saída das elites do centro histórico analisa-se também o processo de reocupação e seus efeitos nos serviços urbanos.

Quando as elites deixam o Centro Histórico como seu local de residência, como geralmente aconteceu com todos os centros históricos das cidades da América Latina (Kingman, 2006), os proprietários das casas, quando não são demolidas, as compartimentam, resultando em um processo de superlotação muito forte no centro histórico de Cuenca, sendo incontáveis os quartos que devem compartilhar serviços escassos. (MANCERO ACOSTA, 2012, p. 79)¹⁵⁰

Essa reocupação compromete também elementos paisagísticos e arquitetônicos patrimoniais nas instalações presentes no Centro histórico. Essa situação é percebida da seguinte forma: “se produz, em nome da modernidade e da tecnologia, um ataque contra as formas urbanas e arquitetônicas da cidade histórica que tinham sido moldadas há mais de 400 anos” (CORDERO CUEVA, 1993, p. 350)¹⁵¹. Assim, a superlotação do centro histórico gerou alertas e críticas para que ele continue sendo habitado e em pé. Tal situação é percebida e registrada: “O documento feito pelo Município, reconhece que a presença de setores populares no Centro Histórico permitiu ele subsistir. Os casarões são compartimentados e superlotados ‘mas graças a esse novo uso permanecem em pé’” (MANCERO ACOSTA, 2012, p. 79)¹⁵². Nesse processo de reocupação do centro histórico também se evoca,

A arquitetura doméstica e o poder estão focados nas casas e objetos domésticos do período colonial de Cuenca [...] a negociação do poder em Cuenca colonial foi realizada pelas pessoas que viveram nela, através dos múltiplos significados que deu às casas em que viviam e aos objetos que usavam diariamente (BEAUDRY et al., 1991) apud JAMIESON, 2003, p. 7)¹⁵³

¹⁵⁰ Cuando las elites abandonan el Centro Histórico como su lugar de residencia, como ha sucedido generalmente con todos los centros históricos de las ciudades de América Latina (Kingman, 2006), los dueños de las casas, cuando no las demuelen, las compartimentan resultando en un proceso de tugurización muy fuerte en el centro histórico de Cuenca, son infinidad de habitaciones que deben compartir servicios escasos.

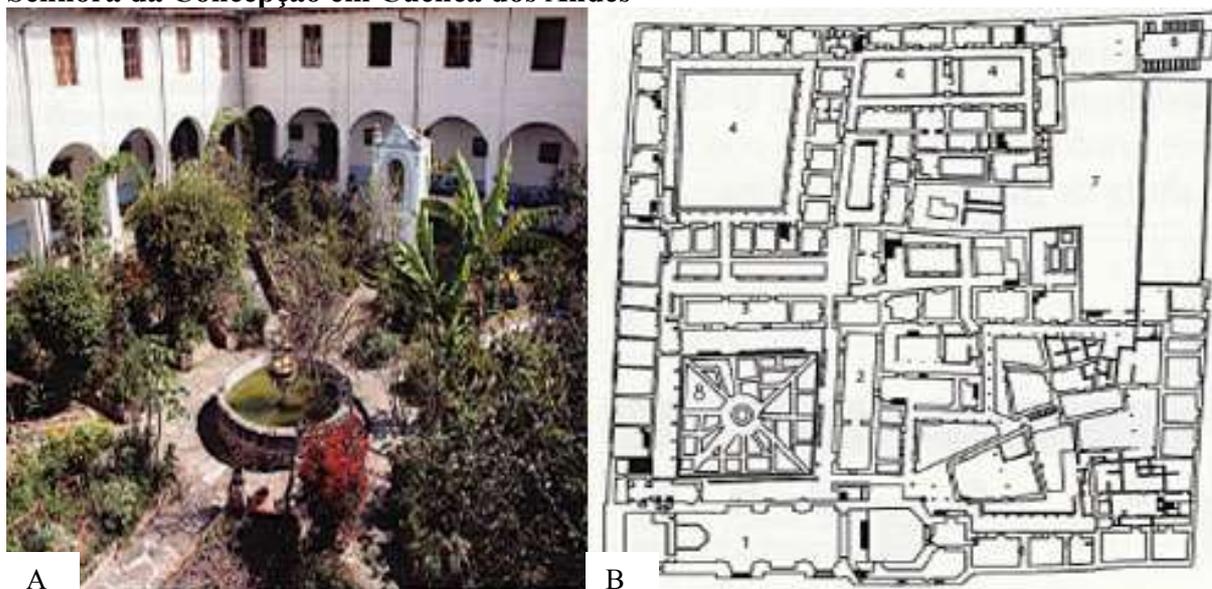
¹⁵¹ “se produce, en nombre de la modernidad y la tecnología, un atentado contra las formas urbanísticas y arquitectónicas de la ciudad histórica que se había ido moldeando durante más de 400 años”

¹⁵² “El propio documento realizado por el Municipio, reconoce que la presencia de sectores populares en el Centro Histórico ha permitido que éste subsista. Las casonas se compartimentan y tugurizan ‘pero gracias a este nuevo uso se mantienen en pie’”

¹⁵³ La arquitectura doméstica y el poder se centran en las casas y los objetos domésticos del período colonial de Cuenca. [...] la negociación de poder en la Cuenca colonial fue llevada a cabo por la gente que vivía en ella, a través de los múltiples significados que ésta dio a las casas en las que vivían y a los objetos que usaban diariamente (Beaudry et al., 1991).

Da mesma forma, os jardins, os pomares e os pátios são reativados na troca dos moradores. Contudo, no afã de cobrir as necessidades de habitabilidade de seus novos moradores, os jardins perdem seu sentido original. Seu novo uso não é muito claro, pois aparentemente é um espaço empregado para atividades como, lavar roupa, higiene pessoal, pátio de jogos, recreação e cultivo de várias plantas. Essas mudanças e combinações de usos em um determinado espaço efetivam um processo de mestiçagem cultural, com suas virtudes e fraquezas, conforme figura 34. No entanto, esse é o significado e a história de um povo, que tem em suas edificações certo reconhecimento patrimonial, pois, a “arquitetura *cuencana* é o produto da atitude dos cidadãos inseridos de forma natural em um contínuo processo de adaptação, embelezamento, extensão e enobrecimento da arquitetura do passado” (UNESCO, 1999, p. 7)¹⁵⁴.

FIGURA 34 – Fotografia da vegetação (A) e planta (B) do pátio do Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição em Cuenca dos Andes



Fonte: (A), (B) Municipalidad de Cuenca (2007).

Neste capítulo se procuraram identificar e analisar os processos que marcaram as transformações e elementos essenciais do ajardinamento nos pátios, para sua categorização dentro do patrimônio cultural da humanidade. Também se procurou indicar como a projeção ocidental em territórios hispano-americanos está ativamente presente na direção da avaliação do patrimônio. Assim, foi realizado um itinerário pelos principais instrumentos normativos que controlam o patrimônio mundial, em que a paisagem passa a ser fundamental para se

¹⁵⁴ “[...] arquitectura cuencana es el producto de la actitud de los ciudadanos insertados de forma natural en un proceso continuo de adaptación, embellecimiento, ampliación y ennoblecimiento de la arquitectura del pasado”

pensar e propor políticas públicas com ações específicas e propostas contundentes de salvaguarda. Observando que a América Latina não está presente nas listas de bens patrimoniais sob o critério de *paisagem cultural*, desconfiando-se que a cultura latino-americana continue a não ter acesso a uma avaliação que reconheça e dignifique as heranças pré-hispânica.

Consequentemente, criticam-se alguns procedimentos de salvaguarda, que são realizados de forma genérica, sobre padrões limitados e limitantes, correndo sérios riscos de perderem o sentido integral de valorização dos conteúdos culturais da paisagem. Trata-se pontualmente da paisagem cultural andina que submetida a critérios gerais e generalizantes não pode consolidar uma metodologia mais abrangente de reconhecimento. O caso do Centro Histórico de Cuenca dos Andes e seus pátios ajardinados são parte desses elementos da paisagem negligenciados como bem patrimonial cultural paisagístico. Situação que parece se legitimar pela falta de identidade, decorrente de critérios impostos externamente. Assim, os jardins continuam sendo transformados e interpretados por imposições históricas que remontam à colônia, pois ainda não percebidos como paisagens culturais constituídas de diferentes culturas.

Analizou-se também, o relacionamento estabelecido entre a paisagem andina, em sua especificidade com o espaço considerado como jardim. A partir das análises sobre a sua patrimonialidade e diálogos com as pessoas interessadas na sua preservação, se descobriram várias limitações que precisam ser enfrentadas para que de fato, o patrimônio jardim seja avaliado e reconhecido como patrimônio cultural.

A partir dessas considerações e sua relevância para a tese, no próximo capítulo se discute uma forma particular de representação dos espaços verdes, contidos nas edificações patrimoniais com maior valor histórico. O objetivo é demonstrar a existência de uma convivência cultural originada no fato da mestiçagem, a qual está presente também nesses espaços, e não somente nos bens arquitetônicos. Dessa forma se sugerirem outras formas de intervenção na paisagem mestiça de Cuenca dos Andes.

5 OUTRA TIPOLOGIA DE JARDIM NA PAISAGEM CULTURAL DO PATRIMONIAL MESTIÇO NO CENTRO HISTÓRICO DE CUENCA DOS ANDES

5.1 O sentido patrimonial do ajardinamento urbano de Cuenca dos Andes

Outra forma de representação do ajardinamento contido nos pátios das edificações patrimoniais de Cuenca pode ser identificada no interior de alguns prédios do seu Centro Histórico. Nestes espaços há também uma tipologia diversa daquelas já estabelecidas, pois dialoga com um conceito aparentemente novo, mas que é resultado de um processo antrópico, elitizado e ainda não catalogado. Lá a estética se destaca a partir de saberes e fazeres herdados de várias culturas, inclusive a mestiça.

Neste contexto, por diversas razões históricas os cultivos das plantas foram incorporados aos matizes da cultura mestiça, tornando-se atual. Assim, o ajardinamento dos pátios pode ser analisado considerando a sua origem cultural e as estratégias de dominados e dominadores. Contudo, para ser integrados novamente ao patrimônio histórico cultural daquele lugar enfrentam situações elitistas relacionadas à valorização econômica dos imóveis.

Paralelamente aos processos de revalorização do Centro Histórico de Cuenca e de outras cidades latino-americanas, apresentam na sua salvaguarda, grandes conflitos sociopolíticos. Desse modo, por trás de um cenário de valorização das edificações, há também a continuidade desses conflitos, comprometendo o sentido do patrimônio para seus moradores. Tal situação coloca aqueles lugares centrais da cidade e seus patrimônios como sendo mais uma mercadoria, que por ter sido reconhecido como patrimônio cultural teve imoderadamente aumentado o seu valor comercial. Efetivando novamente um processo de elitização que carrega uma violenta segregação em vários níveis.

Nesse processo cultiva-se também a ideia de que para resgatar o patrimônio presente no centro histórico, é preciso despojar os seus donos, pois se defende que eles são as principais ameaças, colocando em risco a preservação daqueles bens. Trata-se, sem dúvida de teses homogeneizantes decorrentes da mercantilização desse tipo de espaço. Neste sentido, pode-se entender que a América Latina não é um caso isolado da mercantilização dos centros históricos, mas uma continuidade do conceito eurocêntrico.

Tal conjuntura não é nova. Todavia, atualmente se complica, pois, os centros históricos continuam sendo uma conexão essencial das diversas atividades econômicas nas cidades. No centro circula riqueza, trabalhadores, estabelecem-se diversos tipos de trocas. A

valorização do espaço a partir de novas centralidades mesmo que ocorra no centro histórico, encontra neles um lugar propício para reproduzir a riqueza, alterando o valor patrimonial urbano, representando um valor comercial a ser adicionado no processo de remuneração dos capitais investidos. Para assim, executar grandes intervenções que comportam procedimentos de mobilização e despojo, como projetos de saneamento e higienização dessas áreas consideradas superlotadas ou degradadas demandam intervenções do Estado. Contudo, isso não representa uma estratégia de salvaguarda patrimonial, pois os interesses privados a partir de grupos economicamente mais favorecidos costumam agir organizadamente para convertê-los em centros históricos exclusivos para os seus negócios.

Assim, antes da elitização, como estratégia de dominação, essas áreas são consideradas inseguras e principalmente contaminadas. Fato que encontra nas políticas públicas, formas legítimas para desencadear ações e intervenções renovadoras. Disfarçando descaradamente o interesse pela sua localização privilegiada pela infraestrutura, transporte e serviços, gerando e garantindo ganhos com a especulação imobiliária. Trata-se em geral, de disputas territoriais em espaços onde a localização se encontra intimamente ligada ao ambiente histórico no qual as cidades se desenvolveram. Desse modo, é preciso lembrar e discutir que, os assentamentos urbanos, respondem a uma especificidade cultural, na qual o meio ambiente encontra-se intimamente relacionado ao seu desenvolvimento. Destarte, os pátios ajardinados também são alvos de novas intervenções que procuram eliminar daquele espaço os seus patrimônios paisagísticos.

Os centros históricos nas cidades hispano-americanas são resultado de um intercâmbio cultural que demarca o período antes e depois da conquista espanhola. Contudo, esse componente estético estabelecido pelo conquistador, materializado na paisagem com elementos da cultura dominante, já não está mais sob o seu comando. A dominação é de seus descendentes, culturalmente mestiços, que ocupam e definem a paisagem pós-colonial. Tudo o que essa denominação carrega, se relaciona com aqueles que forjaram esse patrimônio. No entanto, não há um reconhecimento, nem mesmo uma reflexão, permitindo que sua existência seja explicada a partir da mestiçagem.

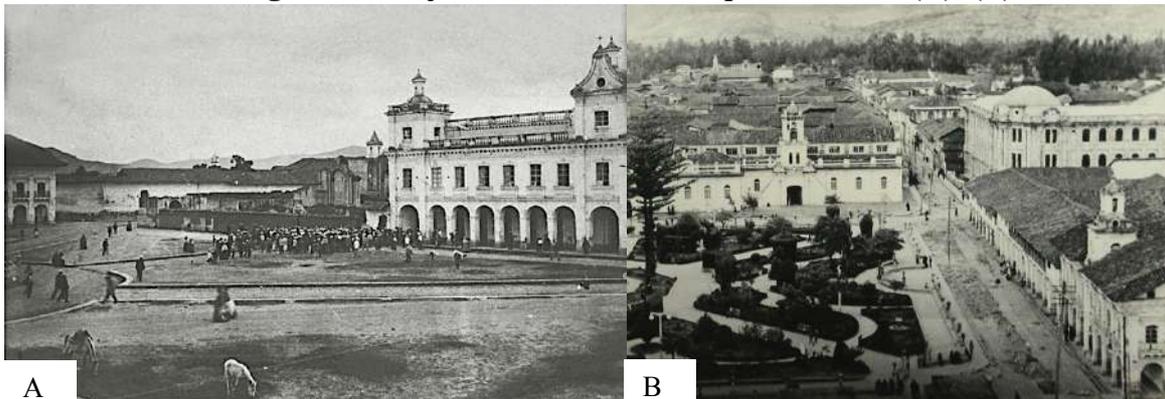
Trata-se de esclarecer um processo de elitização da cultura e dos patrimônios, decorrentes da subjugação dos nativos e mestiços, ocorrido no território americano a partir da sua conquista. Nesse processo é negado reconhecer que as culturas originais tinham já uma organização política, social, econômica e urbana, pré-hispânica, a qual foi suplantada pela chamada civilização. É preciso destacar que os processos de rupturas ocorreram de forma relativa e relacional às tensões e embates socioculturais. Todavia, esse processo modificou

contextualmente sua relação com a natureza nos contextos religiosos, nutricionais e recreativos, renunciando ao seu modo de vida em troca de um existir subordinado nos lugares reocupados.

Neste processo de incorporação de padrões alheios impostos, o nativo em geral, dificilmente conseguir harmonizar-se com o importado. Assim, na relação com os espaços verdes, no interior das casas, as imposições levaram os nativos e os mestiços a incorporarem modelos introduzidos pelo colonizados. Essa situação altera o relacionamento das pessoas do lugar com a natureza e os espaços verdes nativos.

Em Cuenca dos Andes, o ajardinamento é encontrado no interior das residências, em seus pátios, jardins, sementeiras e pomares das propriedades privadas. No domínio público, as praças contêm vegetação com fins ornamentais, claramente padronizados. A vegetação é plantada por entidades governamentais responsáveis pelos espaços verdes, conforme figura 35. Porém, apesar do isolamento do verde dentro das edificações, exteriormente, a topografia particular da cidade se mostra protagonista no desenvolvimento das áreas arborizadas no espaço urbano. O desnível topográfico, conhecido como *El Barranco*, conjuntamente com o rio *Tomebamba*, dividem a área histórica, reverdecendo e incorporando os elementos naturais da região, oferecendo uma paisagem muito próxima do seu contexto tradicional. Nela, a natureza presente e a religião católica se fundem em práticas culturais locais que buscam legitimar a proteção daquele patrimônio, insinuando uma convivência harmoniosa com os elementos naturais.

FIGURA 35 – Fotografias do ajardinamento do Parque Calderón (A), (B)



Fonte: (A), (B) Arquivo Banco Central del Ecuador, Cuenca.

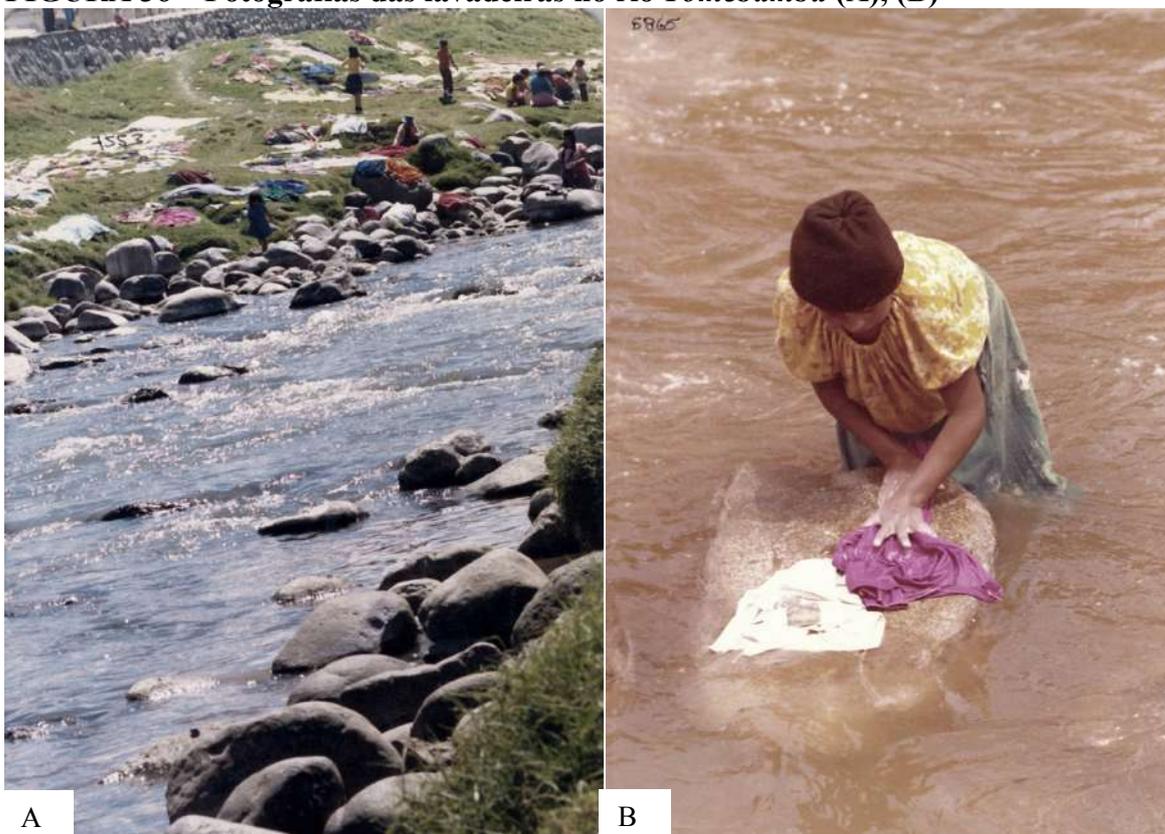
Esse corpo d'água sempre foi importante para a vida das pessoas desde a conquista *incaica* e após a conformação da cidade hispânica. Um dos fatos históricos que mostra esse relacionamento cultural vital com paisagem é, o acontecido depois de uma das inundações

mais devastadoras, em 1785, no qual se renomeou ao rio *Tomebamba* como *Julian Matadero*, pelos danos causados. Quando em comemoração aos festejos de São Julião em 1 de janeiro, o Bispo José Carrión y Marfil, juntamente com os fiéis, a partir das suas margens abençoou as águas ardentes do importante rio com o nome de *Julian Matadero*, em português Juliano o matadouro.

Aparentemente esse ato, apesar das conotações religiosas, e, de acordo com a lenda, cumpriu seu objetivo, pois a partir de então não ocorreram transbordamentos de grande magnitude. Contudo, inundações menores, continuam ocorrendo e o nome de *Tomebamba* continua a ser empregado.

A atribuição de um novo topônimo ocorreu por ser um rio caudaloso, conforme figura 36, por suas origens montanhosas, localizadas nas regiões úmidas de *El Cajas*¹⁵³. Característica natural que causou grandes inundações e destruições, principalmente às pontes construídas para conectar diversas áreas na cidade.

FIGURA 36 – Fotografias das lavadeiras no rio *Tomebamba* (A), (B)



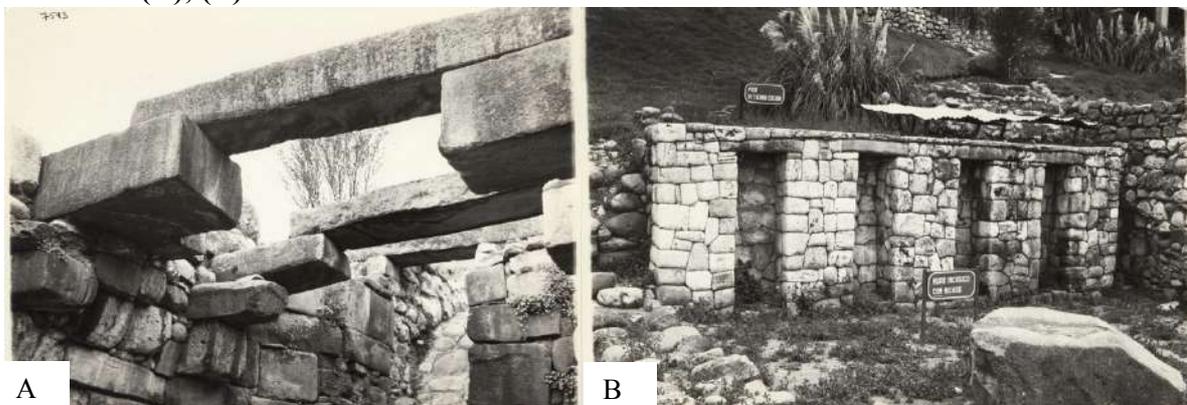
Fonte: (A), (B) Arquivo Banco Central del Ecuador, Cuenca.

¹⁵³ O *Parque Nacional El Cajas* é um sistema montanhoso que captura e recolhe água nas suas zonas úmidas. De onde nascem os rios que atravessam a cidade de Cuenca. Seu nome deriva do quichua, que significa caixas de água.

Devido a importância do rio, se registram outros eventos em suas margens evocando à religiosidade das pessoas. Uma delas é a prática conhecida como *el quince*. O quinze, conforme figura 36, é um ritual de limpeza que acontece nas margens do rio, onde é ritualizado os quinze dias da morte de um membro de determinada família. Tal cerimonia inicia-se com o propósito de lavar no rio todas as roupas usadas pelo falecido. Como parte do ritual de lavagem, depois de banharem as roupas e estendê-las sobre a vegetação das margens do rio, aos parentes mais próximos é servido um almoço. Todos permanecem no lugar até que as roupas estejam secas, recolhendo-as e saindo do lugar. Apesar de ser tratada como uma tradição, essa prática também foi punida e reprimida pós-independência. A pratica do *el quince* não era habitual nas elites e atualmente é uma raridade entre as classes populares.

Entretanto, não são somente esses eventos específicos que fazem a população escolher o rio para manifestarem sua cultura e religiosidade. A presença de áreas verdes em suas margens, com importante flora e fauna, influenciou o surgimento de edifícios e construções históricas. Na montante do rio, na parte mais baixa, ao sul e ao leste do centro histórico, encontravam-se às áreas de pastagem, os matadouros, os moinhos de grãos, conforme figura 37. Neles as pessoas trabalhavam usando as suas águas e a energia das corredeiras. Além dos objetivos produtivos, no entorno do rio foram construídos lugares sagrados, onde se efetuavam rituais pré-hispânicos, como o *Inca* e anteriormente o *Cañari*. Contudo, neste processo de reocupação dos espaços, naqueles lugares, as edificações foram modificadas e passam a receber práticas católicas, como é o caso da capela de *Todos os Santos*, que foi construída sobre um *espacio de ceremonial incaico*.

FIGURA 37 – Fotografias das ruínas de molhinhos na área de *Todos Santos* em *El Barranco* (A), (B)

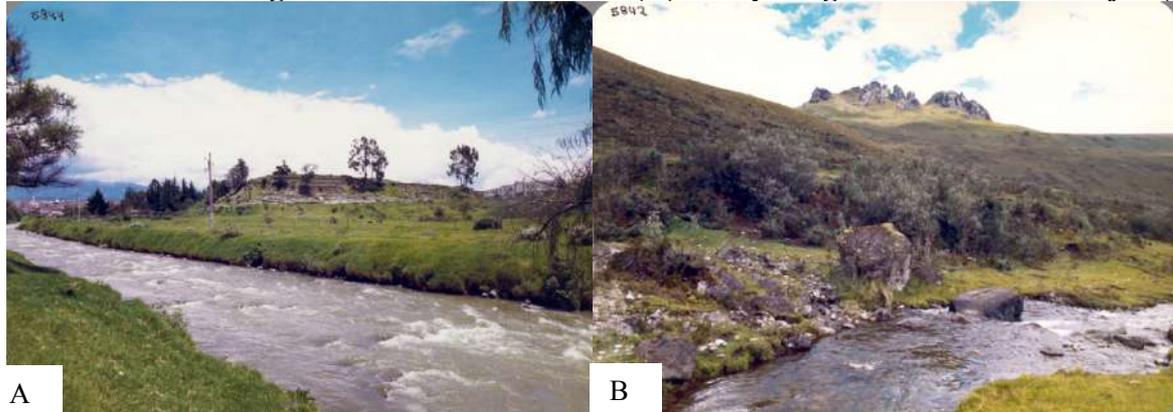


Fonte: (A), (B) Arquivo Banco Central del Ecuador, Cuenca.

Assim, a paisagem resultante deste processo de reocupação do espaço passa a ser aculturada de acordo com as necessidades derivadas daqueles de promovem as mudanças.

Todavia, considerando a importância dos elementos naturais das paisagens original é mantida no imaginário coletivo dos cidadãos a história dos lugares, bem como os seus simbolismos. Destarte, a presença importante do rio na vida dos moradores, se transforma no articulador principal de uma identidade cultural que incorpora em seu imaginário a presença de um corpo d'água no espaço urbano, conforme figura 38. Essa situação contribui para as pessoas se afirmarem como sendo parte de um entorno natural e cultural importante para a sua identidade socioespacial.

FIGURA 38 – Fotografias do rio *Tomebamba* (A) e da paisagem natural de *El Cajas* (B)



Fonte: (A), (B) Arquivo Banco Central del Ecuador, Cuenca.

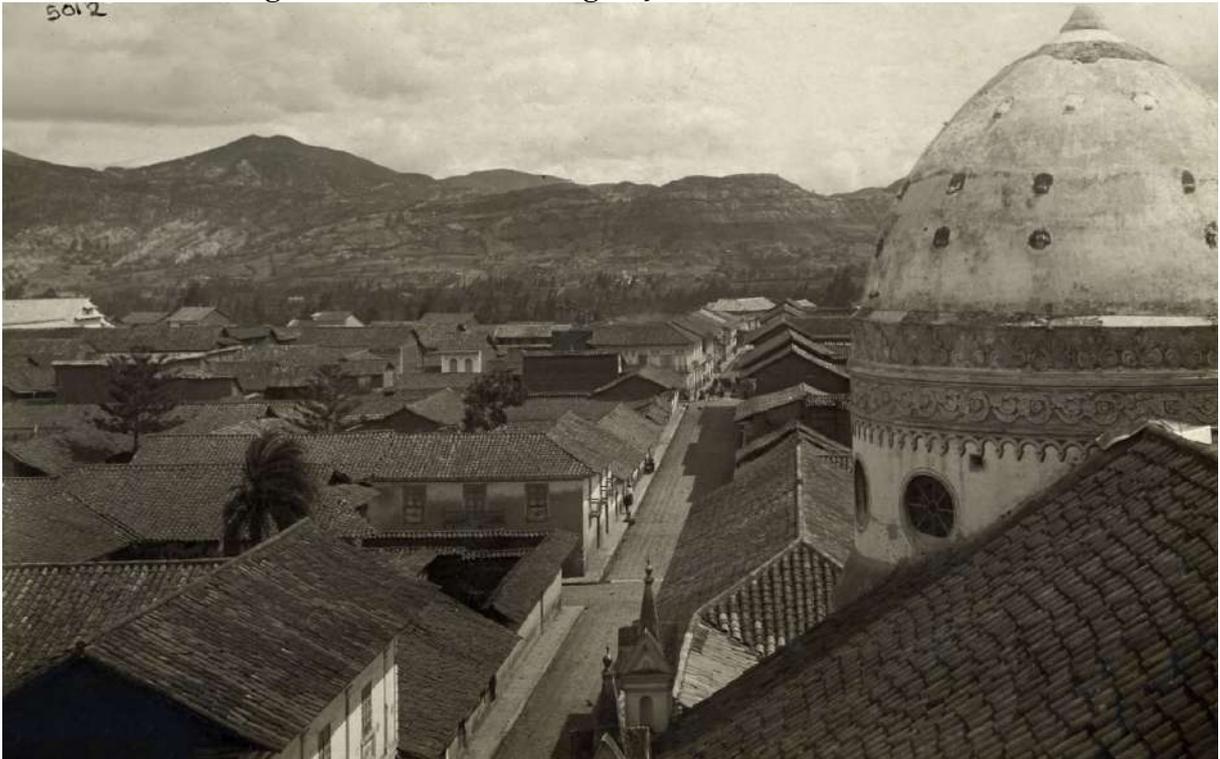
Quanto ao espaço privado, onde a vegetação, a chuva, o sol, o vento e a flora do território são capturados nos pátios interiores das casas, se identifica um cotidiano de usos privados. As práticas rituais compõem menos divulgadas. Os pátios são espaços de coexistência diária, de práticas sociais vinculadas à identidade. Contudo, apesar de terem cultivado vegetação com um grande valor ancestral, como é o caso do milho, batata, feijão e floripôndio, a identidade mestiça não é evocada por serem eles de origem indígena.

Assim, a árvore nativa de floripôndio, também conhecido como trompetes de anjo, se encontravam principalmente no último pátio, algumas vezes no primeiro pátio ajardinado. Ele era considerado perigoso se estava no jardim, ameaçante porque efetivamente as suas propriedades originárias, efeitos químicos e físicos, foram desconhecidos para os dominadores. Passando esse atributo as próximas gerações, por meio de contos, lendas, punições e semelhantes, para que principalmente as crianças não ficassem perto dele. Apesar disso a beleza cativante dele é sempre uma tentação.

Desta forma, os espaços verdes, privados e públicos, conforme figura 39, fazem parte da paisagem cultural, permitindo condensar o sentido de sua existência em diversos espaços de convivência. Onde cada grupo ter contribuído efetivamente para as suas características

culturais e identidade socioespacial de um povo. Assim, no pequeno espaço dentro das edificações encontra-se disponível saberes e fazeres relacionados aos cultivos praticados pelos seus ancestrais. Atualmente, por quase serem espaços exclusivos de quem habita as residências, aqueles saberes permanecem ativos, sendo possível que esse fato represente proximidade e segurança no contato com a natureza, que fora de seus limites territoriais da residência, são percebidos diferentemente e até mesmo banalizados.

FIGURA 39 – Fotografias das ruas sem vegetação em Cuenca dos Andes século XIX



Fonte: Arquivo Banco Central del Ecuador, Cuenca.

Por conseguinte, a privacidade que eles prestam aos seus saberes, possivelmente dá a eles também certa liberdade para cultivar plantas com fundamentação cultural tradicional. Possivelmente essa condição, propiciou que se mantivessem, alguns cultivos tradicionais pré-hispânicos, que de certo modo, foram reativadas com a mestiçagem. Seguramente, essas praticas, fazem parte de uma identidade em construção. Assim, se percebe em muitos desses espaços, se mantem uma distribuição espacial pós-colonial, mas com um cultivo de plantas relacionadas a rituais, geralmente usadas em processos de curas de enfermidades e seguidas de rituais tradicionais. Elas estão em cultivo nos seus jardins privados, como é o caso da arruda e o aloe vera ou babosa, entre as mais difundidas. Vegetação que dificilmente poderia ser plantada em espaços verdes públicos.

5.2 A vulnerabilidade cultural da vegetação nos jardins das edificações patrimoniais de Cuenca

Nos pátios das residências, nas suas formações antigas, os espaços verdes privados, chamados jardins, estavam ativamente presentes na cotidianidade urbana da cidade. As pessoas, possivelmente estavam em contato mais próximo com a vegetação. Esse modo de vida é devido à conformação arquitetônica de suas edificações, que não apresenta espaços verdes fora delas como parte de seu prédio. Assim, os jardins externos particulares em contato com o público, não são encontrados, conforme figura 40 e também figura 39.

FIGURA 40 – Fotografias das ruas sem vegetação (A) e de um pátio ajardinado (B) em Cuenca dos Andes século XIX, XX

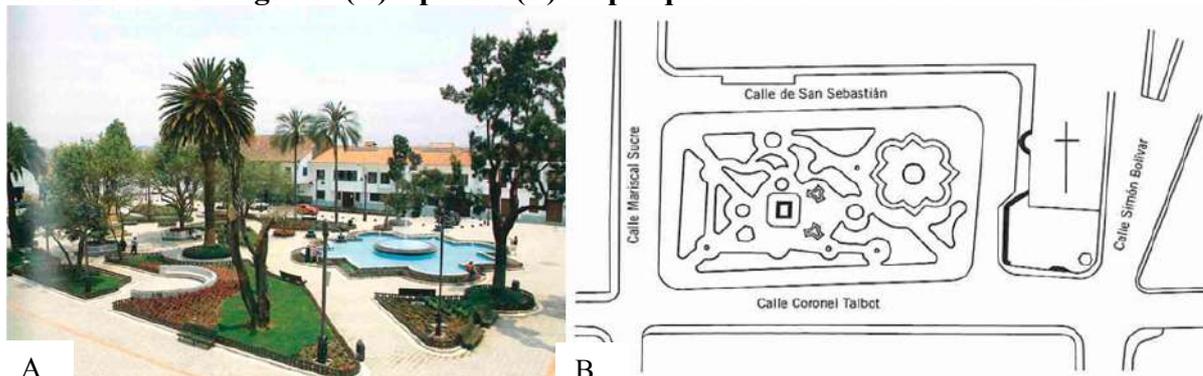


Fonte: (A), (B) Arquivo Banco Central del Ecuador, Cuenca.

Efetivamente, os parques ou praças públicas como os próprios nomes indicam, são os espaços criados para receber a concentração do público. Eles não procuram uma afinidade sociocultural nativa, pois são obras dos dirigentes da cidade para cumprir com uma função pública urbana, que está alinhada com conceitos de normalização indicados pelos países dominantes. Conseqüentemente, o uso desses espaços, envolve também a apreciação de uma paisagem imposta, nos seus elementos como passarelas, mobília, design e indiscutivelmente no tipo de vegetação plantada, como se pode observar na figura 41 e também na figura 42.

No caso de Cuenca, o Parque *Calderón* é a praça principal, em torno da qual se encontram todos os poderes do Estado nas suas respectivas edificações. Assim também, a 800m aprox., ao oeste e ao leste dele, se encontram respectivamente os parques de *San Sebastián*, conforme figura 42, e de *San Blas*.

FIGURA 41 – Fotografia (A) e planta (B) do parque de *San Sebastián* século XXI



Fontes: (A), (B) Municipalidad de Cuenca (2007).

Esses dos parques tinham a popularidade de serem frequentados por nativos, que habitavam os arredores do centro da cidade, nos chamados bairros de índios. Tal organização da cidade condicionava os espaços públicos a serem frequentados por um grupo social específico, neste caso os índios, estabelecendo assim demarcações territoriais a partir de diferenças étnicas e socioculturais.

FIGURA 42 – Fotografia do parque de *San Sebastián* ou *Plazoleta Miguel León*, 1943



Fonte: Arquivo Banco Central del Ecuador.

No tecido urbano histórico da cidade, essa situação de lugares produzidos, indicado a existência de espaços privilegiados, comparece no parque central e seus arredores, pois eram

ambientes frequentados pelas elites. De tal modo, os usos do parque, mesmos sendo na maioria recreativa, indicam espaços segregativos de relacionamento humano. Neles se estabelecem identidades com o lugar.

Conseqüentemente, a necessidade dos elementos da natureza se materializa no espaço privado, seja o jardim ou pomar. Com a semeadura de plantas nas edificações, hoje patrimoniais, onde modelos importados e impostos, retomaram novamente a concepção marginal entre os indígenas e os espanhóis. Assim, o pomar passa a ser considerado o espaço de trabalho da servidão.

Contudo, o povo mestiço, a partir do seu processo de reocupação de espaços e direitos na sociedade de Cuenca, passa a se fazer presente no espaço urbano por meio do seu poder econômico. A capacidade de compra individual dos mestiços passa a ser um fator fundamental para a redefinição daqueles espaços. Neles aparecerá de novo a presença europeia, mas agora fortemente influenciada pelos mestiços. As tendências arquitetônicas e de estilos de vida serão adaptadas pelos mestiços, sobretudo por aqueles que governavam a cidade.

A vegetação como protagonista dos jardins europeus desde seus inícios tem um caráter estético bem definido, inclusive no momento da ocupação europeia na América. Contudo, sob o comando da monarquia espanhola, sua materialização real em terras distantes, não obedeceu ao planejado. Desta maneira, nos espaços considerados jardins na América, a vegetação se encontra em um estado considerado selva, conforme figura 43, no qual cumpre funções originais que pouco parecem ter a ver com o luxo e o poder dos dominadores. No entanto, os cultivos de alimentos e remédios são obtidos a partir de campos planejados para esse tipo de finalidade.

No caso dos espaços verdes urbanos dos povos originários, eles também foram planejados e hierarquizados. Assim, as famílias Incas tiveram à sua disposição espaços verdes reservados. A religiosidade daquele povo era relativa aos elementos naturais. No período de dominação Inca, o Deus mais reverenciado no território é o filho do Sol na Terra. Sua existência ocorre vinculada às pessoas. Desta forma, o poder que ele tem, é aquele que ele recebe daqueles que estão sob sua proteção, garantindo-lhes comida, trabalho, bênção e convivência. Nessa conformidade, o espaço verde significa a materialização do poder cultural comunitário, o qual é exercitado por meio do trabalho exercido com o uso das técnicas de cultivo.

FIGURA 43 – Fotografias de pátios ajardinados em Cuenca dos Andes (A), (B) século XX



Fonte: Arquivo Banco Central del Ecuador, Cuenca.

Plantar é uma habilidade oferecida para todos, um atributo fornecido pelas divindades. Todavia, quanto ao ornamento dos cultivos, não há descrições específicas. Desse modo, das inconsistências nos relatos, pode-se conjecturar que, o espaço verde cultivado tinha hierarquias culturais manifestadas na sua estética, como os rituais de grande importância que eram testemunhados pelo Inca, como o caso dos solstícios. No caso da sementeira e suas atividades diárias, também contaram com rituais, mas em nível familiar ou coletivo, como o uso de *Yllas*, ver nota 67. No entanto, os espaços dedicados ao cultivo de plantas, que de acordo com os padrões europeus não podiam ser ornamentais, não são considerados, pelos conquistadores, como jardins, mas como pomares, hortas, sementeiras e formas de produção sem um conceito estético aparente.

Para o caso do jardim ocidental, seus componentes se relacionam com o luxo e o ornamento, como elementos de ordem. No caso da sementeira do *incanato*, os seus componentes são elementos descritos sob um contexto privilegiado de acordo com a sua cosmovisão. Elas são representadas em objetos e têxteis, principalmente, nos quais se pode identificar a importância da vegetação, revelando a sua hierarquia e estética ritual. Quanto aos objetos, há uma tipologia de copos chamados *keros*, conforme figura 44, principalmente feitos em madeira e decorados com vegetação de importante valor cultural, como milho, feijão, batata doce, batata-lisa, entre outros já mencionados nos rituais de cultivo. Desse simbolismo se deduz que para o ornamento mantem-se uma conexão com a produção e não apenas com a forma, cor e ordem padronizada, uma vez que esses copos foram usados principalmente pelas elites e, elaborados em pares, empregando grande habilidade em sua escultura e sua decoração externa.

FIGURA 44 – Fotografias em detalhe (A) e geral (B) dos *Keros* Incas



Fonte: (A), (B) Vargas (1962).

No entanto, não são apenas as plantas cultivadas e modificadas para alimentação a serem representadas. Há também aquelas plantas com um grande valor ritual, como a *cantuta* ou flor do Inca, sálvia, *fuchsia* ou brincos de princesa, *chinchircuma*, *chihuanhau* e, *sullu sullu*, classificadas como ornamentais, que se encontram pintadas em esses copos rituais como se pode observar na figura 44, (Vargas, 1962). Além de ser nomeadas ou descritas como vegetação que cresce naturalmente em campos, rochas e muito raramente perto das moradias, segue-se que, o ornamento está particularmente ligado a seu uso em rituais. Seu cultivo não é manipulado, em grande parte pelo homem, mas é fruto espontâneo da natureza, sendo plantas de existência silvestre, que crescem naturalmente sem a intervenção das pessoas. Desse modo, são consideradas uma benção dos deuses para serem apropriadas e usadas pelos moradores. Esse argumento pode ter sido usado para justificar a sua inclusão em jardins e também em campos de cultivos encontrados em cidades pré-hispânicas.

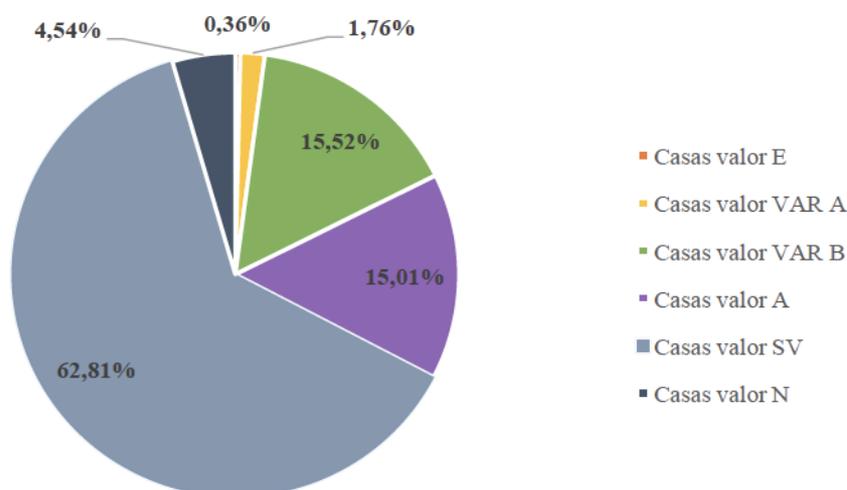
Dessa forma, pode-se compreender que a vegetação para fins rituais não é obra dos Incas, mas sim dos deuses. Sendo compreendida como uma intervenção divina se aceita a sua presença nos jardins. Com relação à vegetação como alimento e ornamento, embora seja totalmente cultivada, compreende-se que existe a permissão e benção dos deuses. Portanto, o jardim incaico pode ser também encontrado nas florestas, nos lugares não modificados pela

ação humana. Contudo, nos locais de cultivo antrópico como chacras, sementeiras, jardins, pomares, sua existência nessas condições é atribuída ao trabalho conjunto de um povo em um espaço determinado no qual as tradições são fixadas.

Conseqüentemente, se o jardim dos deuses está na terra e cresce espontaneamente, assemelhar-se a ale, significa que os deuses estão agraciando o povo e seus governantes. O que instituiria a ideia, que ainda que nos espaços antrópicos de cultivo, a espontaneidade da vegetação não é um descuido, mas sim uma intenção para fins culturais. Todavia, esse pressuposto coloca mais um motivo para não descrever, nas crônicas da época, especificamente a composição da vegetação dos chamados jardins ou sementeiras pré-hispânicas.

É assim que, essa característica da espontaneidade na vegetação, pode esclarecer a composição particular das sementeiras contidas nos pátios das edificações inventariadas do centro histórico de Cuenca dos Andes. Inventário que cataloga em seis categorias de valor patrimonial, um total de 9967 edificações. Edificações de Valor Emergente (E). Edificações de Valor Arquitetônico A (VAR A). Edificações de Valor Arquitetônico B (VAR B). Edificações de Valor Ambiental (A). Edificações sem Valor especial (SV). E edificações de impacto negativo (N), conforme figura 45 onde se indica as porcentagens dessas, de acordo com informações fornecidas pela Dirección de Áreas Históricas del Ilustre Municipio de Cuenca (2015).

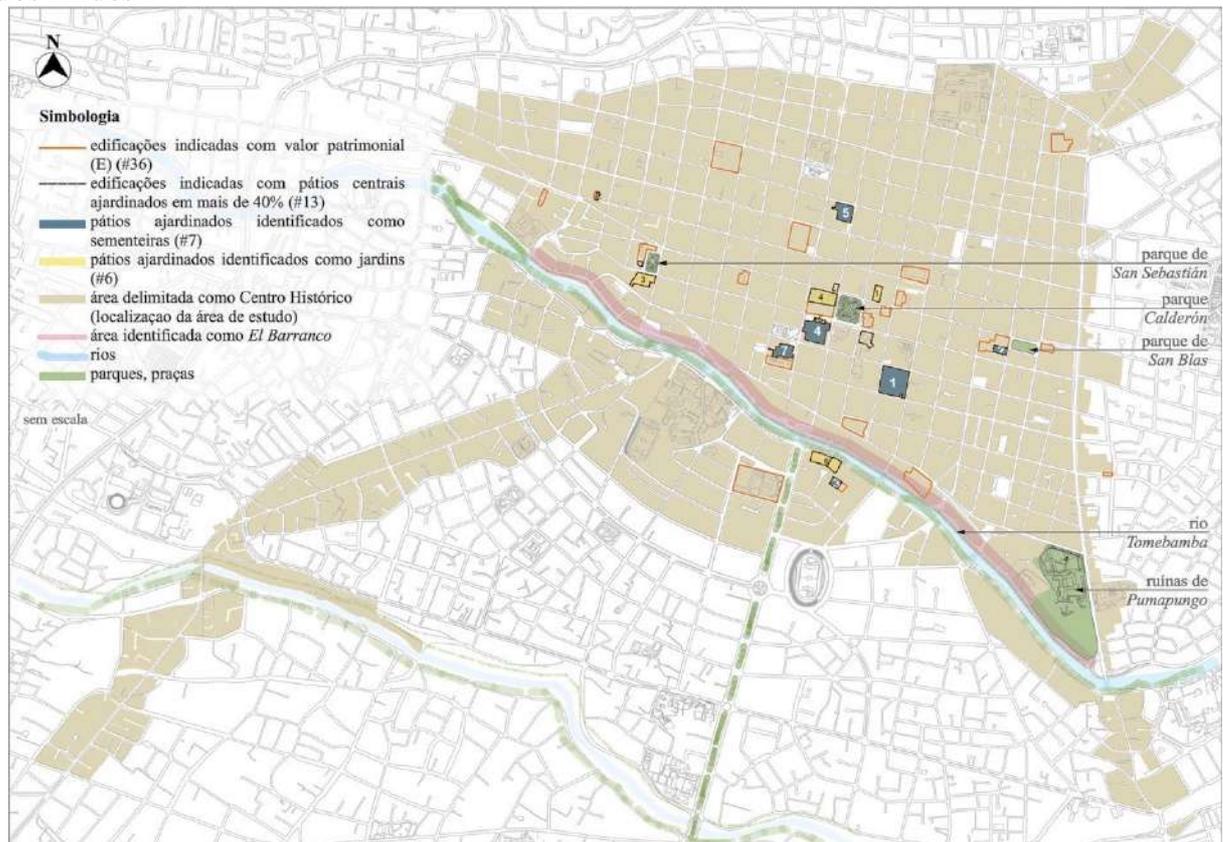
FIGURA 45 – Gráfico com as porcentagens das categorias de valor patrimonial atribuído as edificações inventariadas no Centro Histórico de Cuenca dos Andes



Fonte: A Autora.

O que implica em reconhecer que a valorização contida no ajardinamento dos pátios das principais edificações patrimoniais da cidade está sendo usado para categorizá-las como parâmetro de maior valorização. Destarte, segundo o Art. 13 da *Ordenança para a Gestão e Conservação das Áreas Históricas e Patrimoniais do Cantón Cuenca* (2010, p.30), que qualifica como “1. Edificações de Valor Emergente (E) (4): São essas edificações que, por suas características estéticas, históricas, de escala, ou por seu significado especial para a comunidade, cumprem um papel dominante excepcional no tecido urbano ou na área em que estão inseridos”. A essa categoria, correspondem 36 edificações. Mesmas que estudadas a partir de trabalho de campo, somente 16 pátios centrais têm algum tipo de vegetação, conforme figura 46. Esse dado indica que 44,4% daquele total de edificações dispõem de área verde.

FIGURA 46 – Plano com a identificação das edificações reconhecidas com valor patrimonial E, pátios ajardinados, sementeiras e jardins no Centro Histórico de Cuenca dos Andes



Fonte: Adaptado de Dirección de Áreas Históricas del Ilustre Municipio de Cuenca (2015)

Além disso, se observa que a quantidade de vegetação existente nos pátios é variável. Destarte, a esses 16 pátios, um parâmetro de análise foi estabelecido para estimar a

porcentagem de vegetação que eles abrigam. Portanto, considera-se ajardinado um pátio, quando esse tem coberto, por vegetação, mais de 40% da sua superfície.

Assim, se procura considerar um limite de porcentagem relevante, já que os 16 pátios centrais com vegetação, datam desde o século XVI até o século XIX, o que significa que nesse período de tempo, 400 anos aproximadamente, as perdas em vegetação, representam 0,1% anual. Esse percentual indica que os jardins expõem uma boa capacidade resiliente. Tal situação, pode ser percebida a partir da classificação das edificações reconhecidas como valor patrimonial no centro histórico de Cuenca. Com relação a esses espaços se pode observar a partir da figura 47 o grau de ajardinamento dos pátios considerados, especificamente de valor E.

FIGURA 47 – Quadro do ajardinamento dos 16 pátios com edificações de valor E

(continua)

#	edificação (uso)	ano	endereço	numero	fotografias	AJARDINA MENTO >40%	Vegetação não ornamental	Vegetação ornamental	Traços para um eixo	Fonte(s); água	vegetação SEMENTEIRA; JARDIM; POMAR
1	Corte Superior de Justiça	1929	Rua Mariscal Sucre e Luis Cordero	7-84		não	não	sim	sim	sim	J
2	Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição	1599 - Século XVIII	Rua Presidente Córdova e Antonio Borrero	6-57		sim	sim	sim	sim	sim	S
3	Casa Episcopal	Século XVII	Rua Simón Bolivar e Luis Cordero	7.64		sim	sim	sim	sim	sim	J
4	Convento do Bom Pastor	1892	Rua Mariano Cueva e Simón Bolivar	8-30		sim	sim	sim	sim	sim	S

FIGURA 47 – Quadro do ajardinamento dos 16 pátios em edificações de valor E

(continuação)

#	edificação (uso)	ano	endereço	numero	fotografias	AJARDINA MENTO >40%	Vegetação não ornamental	Vegetação ornamental	Traços para um eixo	Fonte(s); água	vegetação SEMENTEIRA; JARDIM; POMAR
5	Casa das Posadas	Século XVIII	Rua Gran Colombia	17-42		sim	não	sim	não	não	J
6	Casa de propriedade privada (sem acesso)	-	Rua Gran Colombia	-		sim	-	-	-	-	-
7	Museu da Medicina (antigo Hospital São Vicente de Paúl)	1890 aprox.	Avenida 12 de abril e Avenida Solano	5-99		sim	sim	sim	sim	não	S
8	Museu Municipal de Arte Moderno	1876	Rua Sucre	13-89		sim	não	sim	não	não	J
9	Antigo Seminário	1813-1867	Rua Benigno Malo e Simón Bolívar	-		sim	não	sim	sim	sim	J
10	El Carmelo (Casa da Cultura Ecuatoriana Núcleo do Azuay)	1682-1971	Rua Mariscal Sucre e Benigno Malo	-		sim	não	sim	sim	sim	J

FIGURA 47 – Quadro do ajardinamento dos 16 pátios em edificações de valor E

(continuação)

#	edifício (uso)	ano	endereço	numero	fotografias	AJARDINA MENTO >40%	Vegetação não ornamental	Vegetação ornamental	Traços para um eixo	Fonte(s); água	vegetação SEMENTEIRA; JARDIM; POMAR
11	Mosteiro do Carmen da Asunção	1682	Rua Mariscal Sucre e Padre Aguirre	—		sim	sim	sim	sim	sim	S
12	Antiga Escola de Medicina da Universidade de Cuenca	1916	Avenida 12 de abril e Avenida Fray Vicente Solano	—		sim	não	sim	não	não	J
13	Unidade Educativa Santa Mariana de Jesus	1920-1930	Calles Benigno Malo y Mariscal Lamar	11-55		sim	sim	sim	não	não	S
14	Casa Montesinos Arce	1898-1907	Rua Simón Bolívar e Benigno Malo	9-08		não	não	sim	não	não	J
15	Galeria Larrzábal	iniais Século XIX	Rua de San Sebastián	1-84		sim	sim	sim	sim	não	S

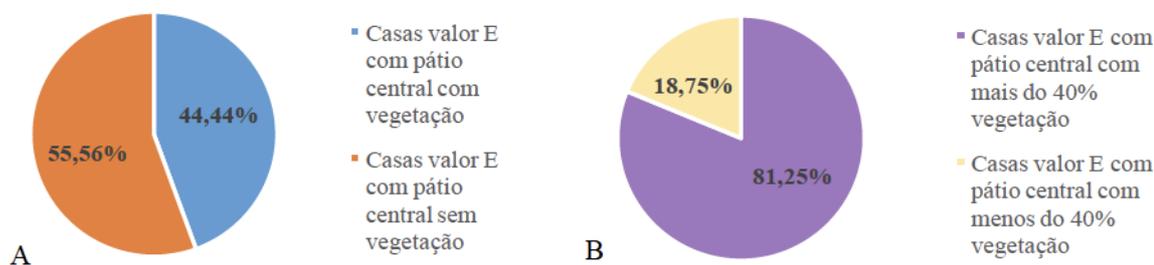
FIGURA 47 – Quadro do ajardinamento dos 16 pátios em edificações de valor E
(conclusão)

#	edificação (uso)	ano	endereço	numero	fotografias	AJARDINA MENTO >40%	Vegetação não ornamental	Vegetação ornamental	Traços para um eixo	Fonte(s); água	vegetação SEMENTEIRA; JARDIM; POMAR
16	Convento São Franciscano	Século XVI - 1930	Rua Padre Aguirre e Presidente Córdova	6-63		sim	sim	sim	sim	sim	S

Fonte: A Autora.

É importante indicar que a distribuição espacial arquitetônica, das edificações estudadas, foi feita em torno dos pátios centrais. Assim, muitos deles com o passar do tempo sofreram mudanças de estilos decorrentes dos interesses dos novos donos e outros fatores. Nesse processo foram redefinidos em pátios laterais ou posteriores, e em casos excepcionais foram cobertos e modificados completamente. Enquanto das 36 edificações com valor E, em um 55,56% delas não comparece vegetação importante no pátio interior, inclusive têm-se pátios sem ela apesar de manterem. Assim, das 16 edificações todas mantem esse eixo espacial interno com algum tipo de vegetação. Por conseguinte, existem 13 pátios centrais que possuem uma porcentagem de vegetação superior a 40%, todos ajardinados de Valor Emergente (E), o que representa o 81,25%, conforme figura 48

FIGURA 48 – Gráficos de (A) as porcentagens das 36 casas com pátios com e sem vegetação e (B) as porcentagens dos 16 pátios com mais do 40% de vegetação



Fonte: (A), (B) a Autora.

No que se refere à diversidade da vegetação contida nesses pátios é relativa às suas características ornamentais, de uso e cultivo. Sua presença constata é um fator para identificá-los e nomeá-los como jardins, sementeiras, hortas, *chacras* e pomares. Por isso é necessário,

propor uma qualidade que permita individualiza-los, inclusive pela sua historia cultural, a qual indica duas grandes categorias. As plantas empregadas com fins ornamentais e as com fins alimentícios, sendo que ambas podem abranger o uso ritual ou religioso. É assim que para optar por uma de essas categorias se estabelece que os pátios ajardinados devessem apresentar cultivadas, uma porcentagem igual ou maior a 70% de uma dessas duas categorias, ou seja, ornamentais ou alimentícias, para sua definição, conforme figura 49.

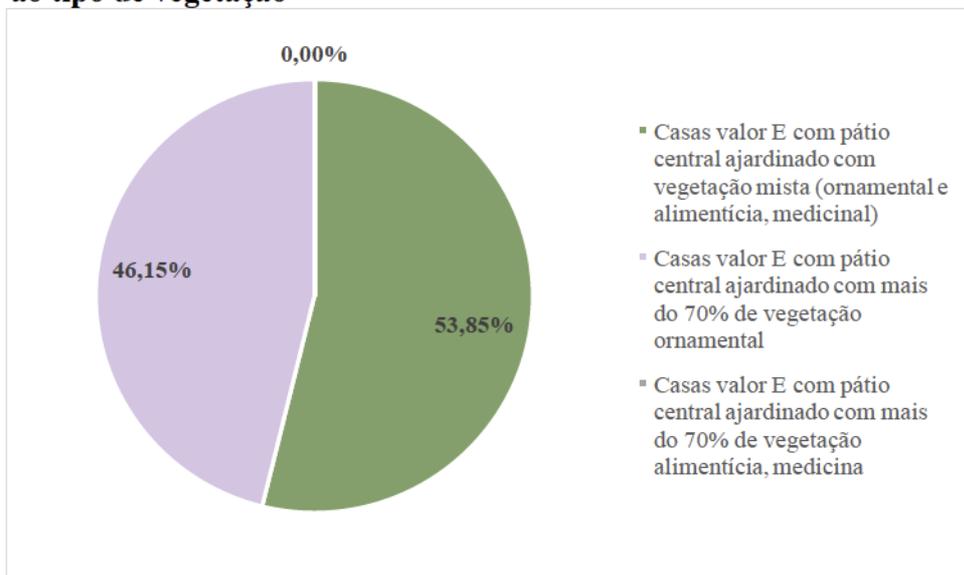
FIGURA 49 – Quadro com a classificação do ajardinamento dos 16 pátios em edificações de valor E do Centro Histórico de Cuenca dos Andes

Parâmetros	#	Observações
Pátios centrais com vegetação em edificações (E)	16	-De um total de 36 edificações com Valor Emergente (E).
Pátios que alojam mais do 40% de vegetação	13	-Como vegetação, se contemplam árvores, arbustos, matos e plantas encontradas na superfície do pátio, porém considera-se ajardinamento em pátios.
Ajardinamentos em pátios identificados como Sementeiras	7	-Designadas como sementeiras, em função de combinar plantas ornamentais, alimentares e medicinais. -Cinco dessas sementeiras se encontram em edificações de propriedade da Igreja Católica. Uma propriedade do Estado e, outra propriedade privada.
Ajardinamentos em pátios identificados como Jardins	6	-Designados como jardins, em função da predominância de plantas ornamentais. - Seis desses jardins se encontram em edificações de propriedade da Igreja Católica. E quatro propriedades do Estado equatoriano.
Ajardinamentos em pátios identificados como Pomares	0	- Nenhum é designado como pomar, com base na predominância de plantas para uso alimentar e medicinal.

Fonte: A Autora.

Dessa maneira, para essa pesquisa, considera como jardins, os pátios ajardinados que alojem uma porcentagem igual ou maior a 70% de plantas ornamentais. São nomeados como pomares os pátios ajardinados que tenham cultivadas a porcentagem igual ou maior a 70% de plantas empregadas na alimentação e medicina. E são nomeadas como sementeiras, os pátios ajardinados que combinam plantas ornamentais, medicinais e alimentícias, em porcentagens onde nenhuma das duas categorias anteriores, isoladamente, supere 70% dos cultivos. Essa tipologia de pátio ajardinado é a mais encontrada nas edificações analisadas, conforme figura 50.

FIGURA 50 – Gráfico com as porcentagens de ajardinamento dos 13 pátios de acordo ao tipo de vegetação



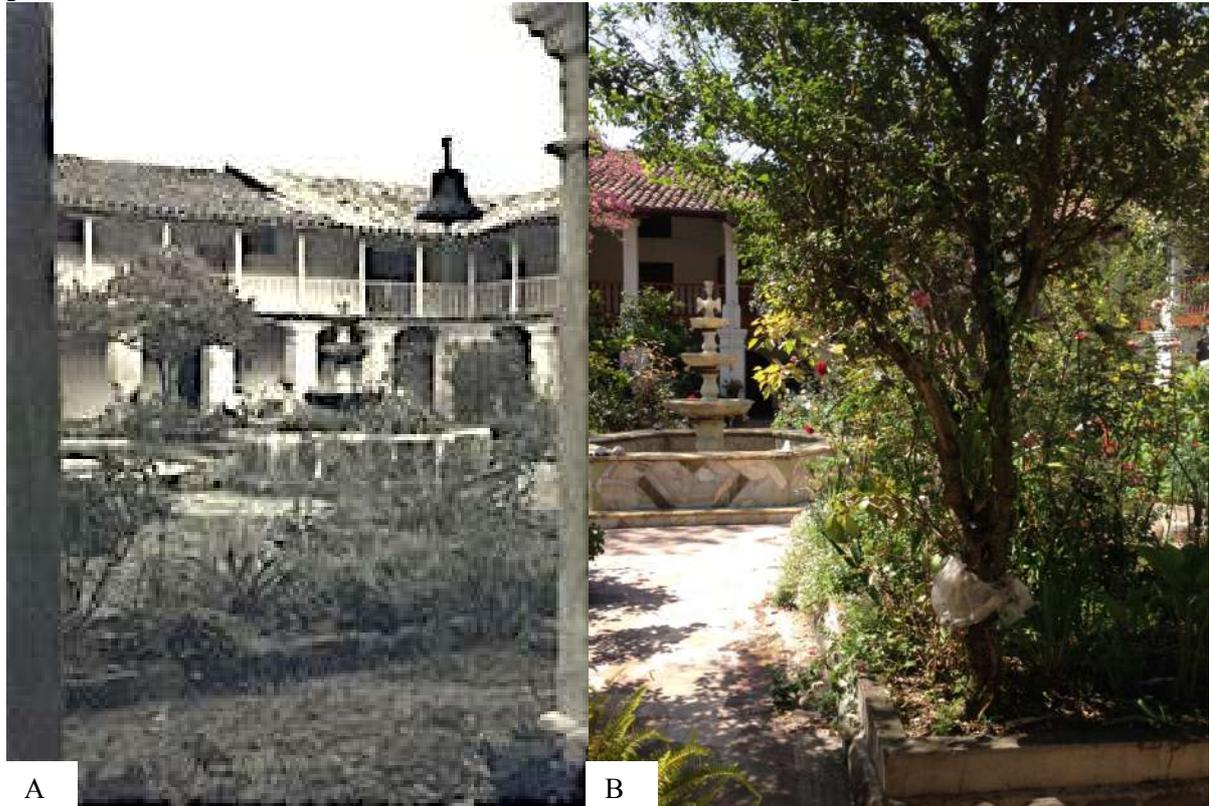
Fonte: A Autora.

Esse diagnóstico mostra uma característica de grande importância para a pesquisa, pois sete dos 13 pátios ajardinados se encontram em edificações de propriedade da Igreja Católica, cinco do Estado equatoriano e apenas um é de propriedade privada. Deve-se notar que as edificações que foram restauradas, transformaram seus espaços verdes, padronizando-os em jardins ornamentais, tendo como regra de arte, o conceito eurocêntrico. Fato que por sua vez, permite confrontá-los com as sementeiras, pois conseguiram salvaguardar uma variedade importante de vegetação. Destarte, desvendamos que os imóveis de propriedade da igreja mantiveram a vegetação e as formas do seu ajardinamento, datados de muito tempo. Contudo, observamos restaurações, conforme figura 51. Essa situação pode ser atribuída ao fato que seus espaços internos e pátios, não mantem contato público. Contudo, os pátios ajardinados, que não são propriedade da Igreja, também preservaram algumas características principalmente da vegetação.

No Centro Histórico, como jardins, foram categorizadas 6 propriedades, o que representa 46,15% dos 13 pátios ajardinados. Detalhe de grande relevância é indicar que desses 6 jardins, quatro se encontram em edificações de propriedade do Estado, dois pertencem à arquidiocese da cidade e nenhum é de propriedade privada. Como dado geral se tem que, os seis jardins sofreram intervenções sobre parâmetros generalizantes, que não levam em conta as suas especificidades culturais, já que as casas que os contêm passaram por restaurações e modificações que incluíram os espaços verdes, cumprindo com as normas que, de forma geral indicam a manutenção dessas áreas considerando apenas a vegetação. O que

representa um ponto de ruptura, no qual, o conceito de mestiçagem cultural presente no jardim, deve renunciar ao seu sentido patrimonial, para se tornar um espaço simplesmente ornamental e protegido. Deverá ser gerido por estatutos e guias internacionais para regulamentar a sua intervenção, porém, a padronização dele, deverá se ajustar a um conceito entendido mundialmente, tudo em função dos parâmetros atuantes na atualidade.

FIGURA 51 – Fotografias comparativas no tempo (A) século XIX e (B) século XXI do ajardinamento do pátio central do Convento de Madres Carmelitas, edificação patrimonial de valor E do Centro Histórico de Cuenca Equador



Fonte: (A) Arquivo Banco Central del Ecuador, Cuenca, (B) a Autora.

Como relação às sementeiras, foram identificadas 7 unidades. Nelas comparece uma variedade de plantas, sem a predominância de uma tipologia, seja ela ornamental, alimentícia ou medicinal. Como já observado, 71,43% dessas sementeiras se encontram em edificações pertencentes à Igreja Católica. Todavia, elas são de várias comunidades religiosas tradicionais, como claustros e conventos. Nesses lugares, além das práticas religiosas, combinam-se outros usos, como museu, ensino e de ajuda comunitária. Apenas uma sementeira se encontrar contida em um prédio de propriedade do Estado, mesmo que inicialmente pertencia a uma comunidade religiosa, fundadora do primeiro hospital da cidade. Da mesma forma, um único edifício de propriedade privada abriga uma sementeira.

É importante sublinhar o papel das instituições religiosas, pois os seus espaços verdes permanecem muito fiéis à forma como foram arquitetados nas suas origens, embora tenham recebido algumas intervenções arquitetônicas ou reformas para continuarem em uso. Apesar disso as sementeiras parecem perseverar o seu sentido, possivelmente pelo limitado diálogo existente entre o espiritual que esse representa, com a materialidade do mundo fora deles. O que por sua vez indica que, ao ser uma edificação de acesso restrito ou até muito restrito, a influência econômica, elitista e estética nesses espaços, também está condicionada aos valores religiosos. Assim, se entende que elas contribuem para a sustentação das tradições relacionada a distribuição e uso das plantas, bem como sua composição formal e original.

Quanto aos usos da vegetação, na sementeira, a variedade de plantas encontradas, pode indicar que se deu continuidade às formas andinas de conceber os cultivos em seus pátios. Entre a população certas plantas ainda são usadas em rituais e atos de bênção, principalmente, como a cura do susto, medo ou *cura del espanto* e do mau olhado ou *mal de ojo*; o quebranto ou mau ar u *mal aire*. De acordo com a tradição, essas doenças não eram competências do médico, sendo indicadas como doenças a serem tratadas pelo curandeiro ou benzedor, que fazia uso de uma combinação de plantas, rituais e cantos para conseguir a cura. Para combater o medo, ainda são usadas a *ruda* e a *santa maria*. Procedia-se as sacudindo sobre todo o corpo afetado, no encadeamento iniciava-se uma oração. Tradicionalmente, a oração do Pai Nosso, para terminar dizendo *quizha* (forma típica do lugar, que em *quichua* significa sair, tirar) e assoprar um bocado de álcool no rosto, conseguindo assustar o mau que estava desequilibrando a alma, o que provoca doença física.

No entanto, de acordo com a religião e a medicina ocidental, os usos dessas plantas em curas tradicionais são de tratamento reservado, já que são desaprovados ou condenados pela Igreja Católica. Alguns praticantes, conhecedores desses rituais são depreciados socialmente, pois geralmente são conferidas características relacionadas à ignorância, atraso e rusticidade. Termos que podem carregar outras depreciações étnicas, relacionadas ao seu status social, econômico e cultural. Geralmente quem personifica, naquela cultura, tais atributos são os camponeses e índios. Apesar disso, essas plantas ainda são usadas nos rituais. Usos facilitados pelo fato delas ainda estarem presentes nos jardins, sementeiras e pomares, dos pátios de algumas propriedades urbanas. Essa situação de preconceito e perseguição ao uso de determinadas plantas foi assim relatada na literatura;

A Medicina Aborígene estava à espera de nuvens escuras; esse remédio do "allikáusai", da relação direta com a Pachamama, dos yachak, foi quase

exterminado pelas atrocidades imperiais da ibéria, condenado a submergir em labirintos escuros de perseguição e marginalização; mas uma cultura não pode ser dominada com a violência do arcabuz; não pode ser escondido apesar do suor e sangue da exploração. (ACHIG BALAREZO, 2007, p. 35)¹⁵⁴

Desta forma, a sementeira representa a continuidade de práticas e valores humanos tradicionais. No seu interior foi possível, estrategicamente disfarçar alguns cultivos, criando um espaço onde as plantas carregadas de virtualidades crescem em cantos menos visíveis. Assim, a partir das sementeiras se compreende que as pessoas agiram estrategicamente para seguirem seus costumes, não indo contra as tradições religiosas.

5.3. Características estéticas e formais do outro tipo de ajardinamento

A nova tipologia, não mantém uma relação formal concreta com as tradições que devem ter sustentado as concepções dos jardins, pomares e sementeiras pré-hispânicas. No entanto, ela respondera a uma das características encontradas nas terras onde foram cultivadas, pois, as plantas consideradas ornamentais, para eles, foram adaptadas cotidianamente ao serem trazidas das florestas em lugares sem um sistema específico de cultivo antrópico pré-hispânico. Contudo, em casos específicos, foram ajustadas e cultivadas em lugares perto das casas.

Desse modo, a localização dos jardins em relação à organização urbana caracteriza o tipo de cultivo, mas não o seu valor ornamental. Isso ocorre porque os cultivos e a produção, para vários usos, também atendem aos parâmetros rituais e estéticos dos seus praticantes. Ou seja, a natureza fora dos limites urbanos das cidades andinas, não está relacionada com a ideia de lugares sem importância paisagística, pois é o uso das plantas o que atribui hierarquia ao espaço. Neles se encontra vegetação frequentemente utilizada pelas pessoas, porém os espaços jardim, sementeira, pomar e chakra, se tornam importantes pelo significado das plantas que contem. Esse fato acontece também com o aspecto ornamental da planta, mesmo que seja reproduzido seus efeitos paisagísticos em relação a outros elementos elaborados pelo homem.

¹⁵⁴ A la Medicina Aborigen le esperaban oscuros nubarrones; esa medicina del “allikáusai”, de la relación directa con la Pachamama, de los yachak, casi fue exterminada por las atrocidades imperiales de la iberia, condenada a sumergirse en oscuros laberintos de persecución y marginación; pero una cultura no se puede dominar con la violencia del arcabuz; no se le puede ocultar a pesar del sudor y la sangre de la explotación.

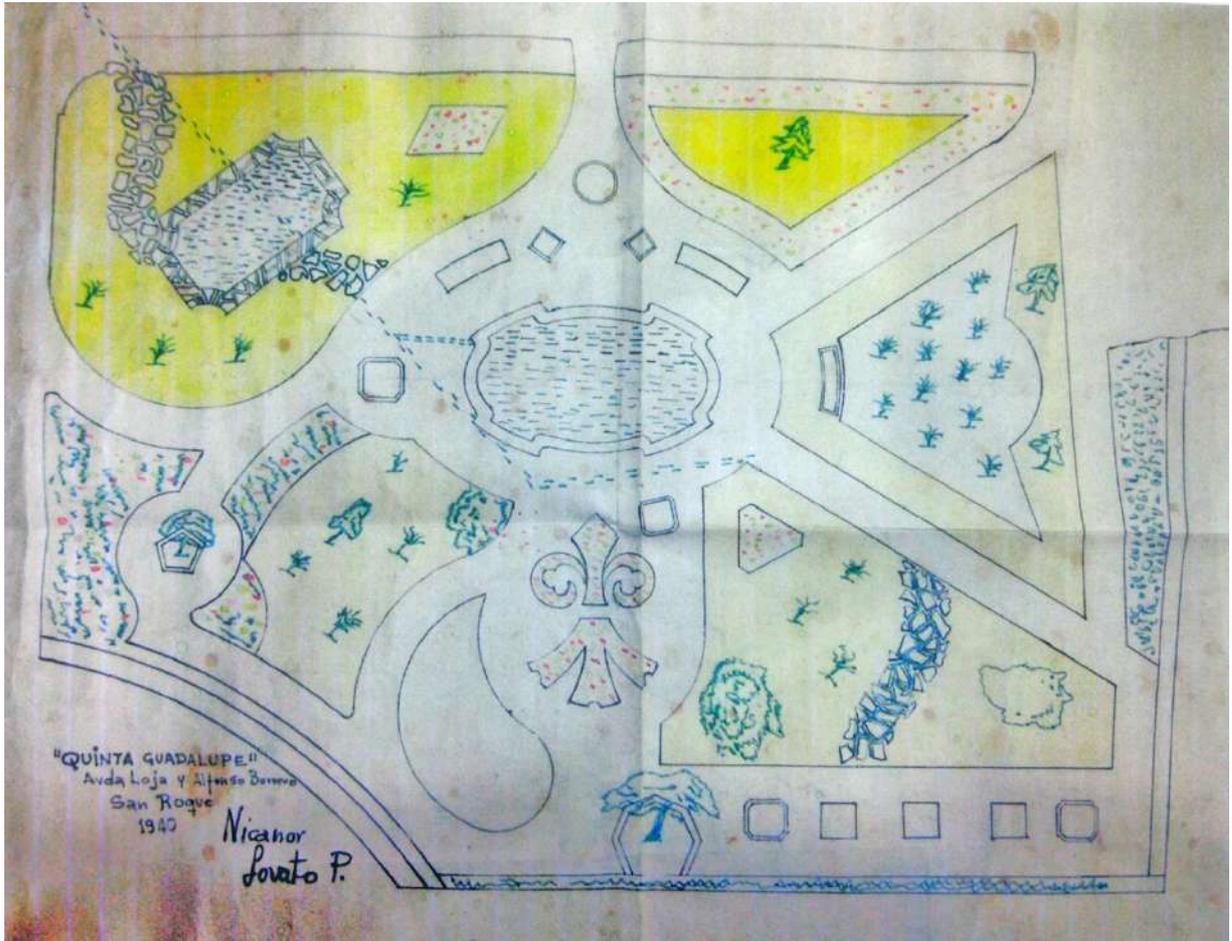
Assim também, a sementeira, espaço verde urbano, não atende a um único padrão formal e rigoroso em termos de tamanho, formas ou cores. Em geral assumem conteúdos relacionados ao tipo de vegetação cultivada. Além disso, enfatizamos a capacidade de se cultivar em um pequeno espaço a maior quantidade de espécies para atender as necessidades daqueles que habitam o seu redor. Portanto, quantidades representativas de apenas um tipo de espécie não cumpre a função da sementeira, mas são as variedades correspondentes às plantas medicinais, especiarias, ornamentais e frutas que, acopladas, reestabelecem o sentido desse outro jardim.

O visual dos jardins decorrente dos cultivos é objetivado a promover o bem-estar que as plantas podem oferecer as pessoas. No entanto, também propõem uma estética particular, contemplada fora das influências externas, mas dentro da patrimonialidade com que a paisagem cultural mestiça é representada.

Por outro lado, a área dimensional onde essa vegetação cresce, permanece estritamente delimitada nos pátios, podendo apenas ampliar o cultivo em potes ou recipientes sobrepostos em superfícies pavimentadas. Nessa delimitação, não é possível expandir a área, pois infringiria as normas estabelecidas que protegem o patrimônio arquitetônico reconhecido. No entanto, essas determinações podem ser minimizadas, no momento da restauração da propriedade, dependendo das mudanças de uso e dos serviços para os quais os pátios serão destinados.

Do mesmo modo, o design e a materialidade desses ajardinamentos, contidos nos pátios, são exemplos claros de projetos europeizados em que o eixo central, os canteiros, mais conhecidos com o nome de origem francesa, *parterres*, cobrem o terreno, assumindo formas geométricas, não utilizadas pelas culturas originais. Neste aspeto, como exemplo, comparecem alguns parques do Centro Histórico que foram redesenhados no século XIX, sobre parâmetros que demarcam a influência europeia. Características que também se encontram replicadas em alguns espaços históricos, porém privados, como os jardins da edificação chamada *Quinta Guadalupe*. Nela o uso de bordas e outras formas importadas estão presentes, conforme figura 52.

FIGURA 52 – Fotografia da planta de design do jardim da Quinta Guadalupe, autoria de Nicanor Lovato em 1940



Fonte: Lovato (2016).

Não obstante, essa edificação não faça parte dos 36 bens com maior valor patrimonial (E), ela contém no design do espaço jardim, elementos que permitem sua caracterização paisagística. Na parte central, se encontra uma fonte de água com forma de elipse, com o perímetro projetado com recuos, dentro da qual, um elemento de forma circular se eleva e dele cai a água. Desde o perímetro retangular, com direção ao centro, se pode acessar ao jardim por vias diagonais e sinuosas. Outros caminhos ocorrem passando por diferentes espaços. Neles se oferecem passeios intermediários e planejados. O lado maior do retângulo se desenvolve de norte ao sul, de onde as estradas são principalmente lineares e verticais. As vias para o oeste são especificamente duas, ambas com elementos que desviam a linearidade da caminhada. Assim o desenho dos canteiros, ou *parterres*, possivelmente também representa as folhas de *acanto*, igualmente chamado de erva-gigante, conforme figura 53.

FIGURA 53 – Fotografia do jardim da Quinta Guadalupe em Cuenca dos Andes 2017

Fonte: A Autora.

Destarte, a representação da vegetação na planta de design, parece indicar que flores de cores vermelhas e amarelas devem ser colocadas dentro dos canteiros ou *parterres*, bem como a pedra, as árvores e os arbustos a serem introduzidos, ou possivelmente já existentes. O imóvel está localizado na Avenida Loja e Alfonso Borrero, no setor de San Roque, conhecido por ser uma das saídas sul da cidade, e por ser parte da área declarada como patrimônio cultural.

Esse padrão de design se repete em cinco das sete sementeiras estudadas. Contudo, os espaços considerados somente jardins não foram analisados, pois perderam os elementos patrimoniais ancestrais originários do considerado processo de mestiçagem. Dessa maneira, se pode estabelecer elementos de inclusão de elementos externos, principalmente, na distribuição e design de *parterres*, onde se encontra incluído o aporte ibérico ao ajardinamento. Essa inclusão ocorre mesmo que em situações de adaptação a simplicidade das formas e materiais. Em Cuenca, assim como em outras cidades da América Latina, os trabalhadores conhecem e trabalham com muita maestria os seus próprios materiais, porém as adaptações e ajustes comparecem na construção dos espaços verdes, conforme a figura 54.

FIGURA 54 – Quadro com a análise da planta de design dos canteiros do ajardinamento das 7 sementeiras

(continua)

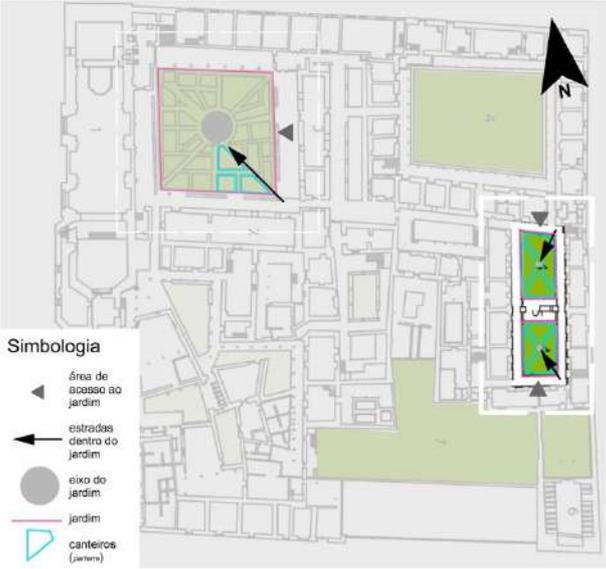
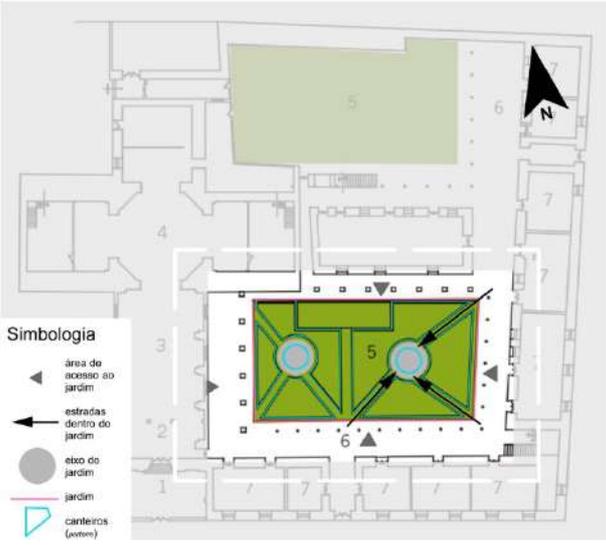
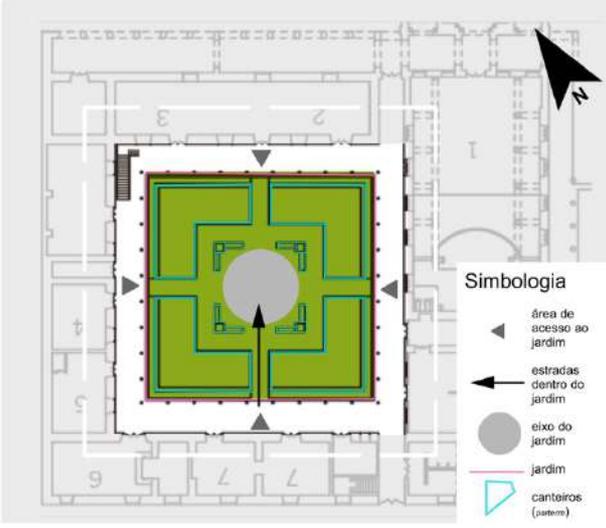
#	Edificação	Ano	Plano	Descrição
1	Mosteiro de Nossa Senhora da Conceção	1599	 <p>Simbologia</p> <ul style="list-style-type: none"> ◀ área de acesso ao jardim ← estradas dentro do jardim ● eixo do jardim — jardim ▭ canteiros (jardim) 	<p>-É analisada somente a sementeira da área do Museu, aberta ao público.</p> <p>-O espaço está limitado por corrimões.</p> <p>-O design interior converge a um eixo central.</p> <p>-Não tem fontes de água.</p> <p>-O espaço pode ser recorrido pelas vias diagonais.</p> <p>-Não é coberto com telhado.</p>
2	Convento do Bom Pastor	1892	 <p>Simbologia</p> <ul style="list-style-type: none"> ◀ área de acesso ao jardim ← estradas dentro do jardim ● eixo do jardim — jardim ▭ canteiros (jardim) 	<p>-O design interior converge a um eixo central.</p> <p>-No eixo central se encontra uma fonte.</p> <p>-O espaço pode ser recorrido pelas vias diagonais.</p> <p>-Não é coberto com telhado.</p> <p>-O espaço poder ser atravessado sem elementos limitantes.</p>
3	Museu da Medicina (Antigo Hospital São Vicente de Paul)	1890 aprox.	 <p>Simbologia</p> <ul style="list-style-type: none"> ◀ área de acesso ao jardim ← estradas dentro do jardim ● eixo do jardim — jardim ▭ canteiros (jardim) 	<p>-O design interior converge a um eixo central.</p> <p>-No eixo central se encontra um espaço vazio.</p> <p>-O espaço pode ser recorrido pelas vias perpendiculares a os lados do limite quadrado do pátio.</p> <p>-Não é coberto com telhado.</p> <p>-O espaço poder ser atravessado.</p> <p>-Tem bancas para se sentar internamente.</p>

FIGURA 54 – Quadro com a análise da planta de design dos canteiros do ajardinamento das 7 sementeiras

(continuação)

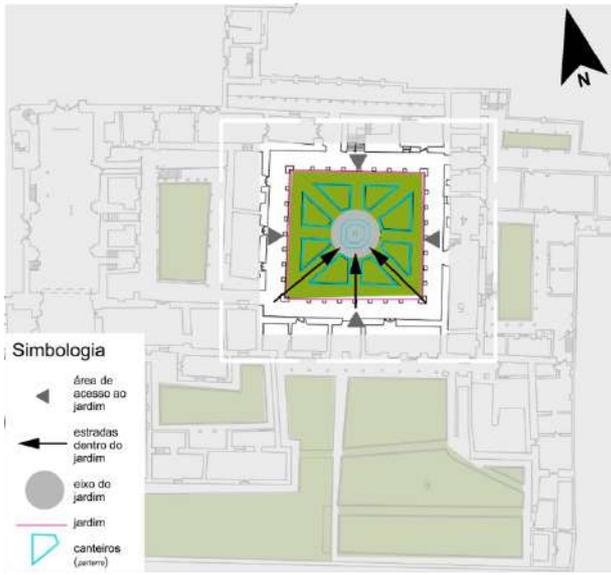
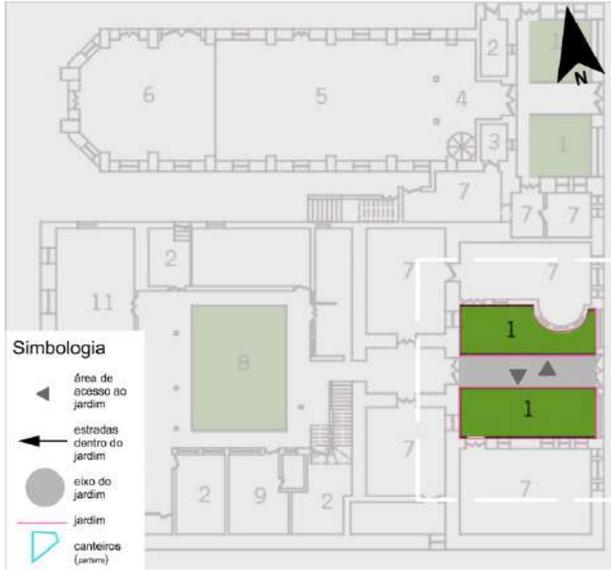
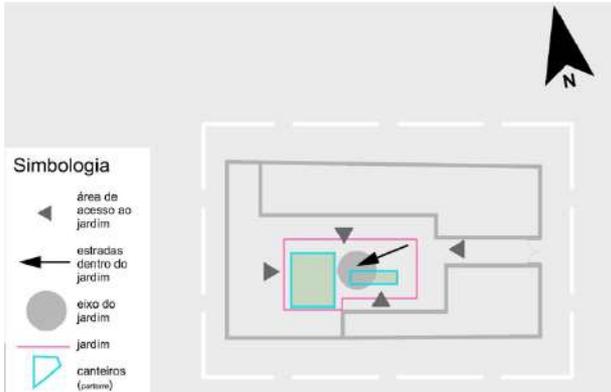
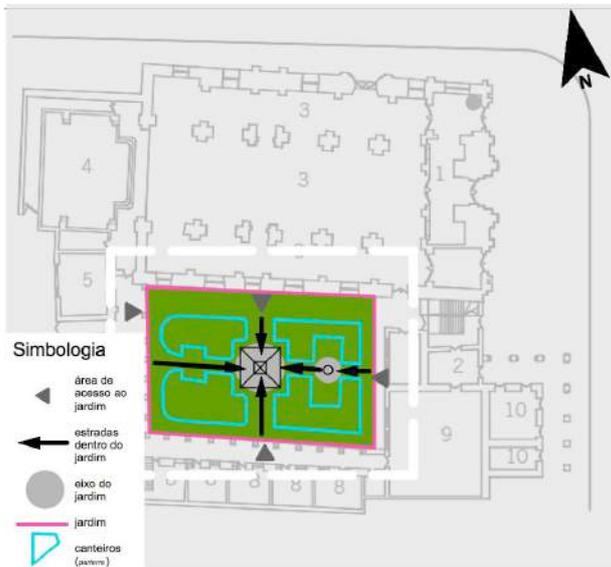
#	Edificação	Ano	Plano	Descrição
4	Mosteiro do Carmen da Assunção	1682	 <p>Simbologia</p> <ul style="list-style-type: none"> ◀ área de acesso ao jardim ← estradas dentro do jardim ● eixo do jardim ▭ jardim ▭ canteiros (parterre) 	<p>-É analisada somente a sementeira principal, pois é um mosteiro de clausura restrito ao público.</p> <p>-O design interior converge a um eixo central.</p> <p>-No eixo central se encontra uma fonte.</p> <p>-O espaço pode ser recorrido pelas vias diagonais e perpendiculares.</p> <p>-Não é coberto com telhado.</p>
5	Unidade Educativa Santa Mariana de Jesus	1920 - 1930	 <p>Simbologia</p> <ul style="list-style-type: none"> ◀ área de acesso ao jardim ← estradas dentro do jardim ● eixo do jardim ▭ jardim ▭ canteiros (parterre) 	<p>-O design não converge a um eixo central.</p> <p>-A via central é o eixo gerador dos espaços verdes laterais, mesmos que não tem vias secundárias.</p> <p>-Não é coberto com telhado.</p> <p>-O espaço poder ser atravessado.</p> <p>-Pode ser observado desde a Rua que passa pela frente.</p>
6	Galeria Larrazábal	Finais do século XIX	 <p>Simbologia</p> <ul style="list-style-type: none"> ◀ área de acesso ao jardim ← estradas dentro do jardim ● eixo do jardim ▭ jardim ▭ canteiros (parterre) 	<p>-O design não converge a um eixo central.</p> <p>-Tem dois <i>parterres</i> com vegetação muito variada.</p> <p>-Não é coberto com telhado.</p> <p>-Pode ser observado desde a Rua que passa pela frente. Mas é de acesso restrito. Propriedade privada.</p>

FIGURA 54 – Quadro com a análise da planta de design dos canteiros do ajardinamento das 7 sementeiras

(conclusão)

#	Edificação	Ano	Plano	Descrição
7	Casa Convento São Franciscano	1930		<ul style="list-style-type: none"> -O design interior converge a um eixo central. -No eixo central se encontra um gazebo. -O espaço pode ser recorrido pelas vias perpendiculares a os lados do limite quadrado do pátio. -Não é coberto com telhado. -Tem bancas para se sentar internamente. - De acesso restrito, é propriedade de uma comunidade religiosa.

Fonte: A Autora.

Assim, no que se refere ao design dos *parterres*, eles são principalmente lineares e, segundo o conteúdo da figura 54, convergem a um eixo, no qual se desenham vias estreitas, que nem todas podem ser percorridas, devido as suas dimensões, e vegetação tão próxima a elas. Todas essas sementeiras acolhem vegetação muito variada, desde plantas alimentícias, medicinais, ornamentais, árvores frutíferas, dentre outras espécies. Todas elas juntas, confinadas dentro de *parterres* geométricos caracterizam a paisagem do pátio, e dão significado à necessidade de ele existir na cidade.

Desse modo, o restauro ou continuidade arquitetônica dos *parterres*, pareceria ter uma oportunidade de salvaguarda. No entanto isso parece ser vedado à vegetação. Neste sentido, uma estratégia para a sua patrimonialidade pode ser encontrada ao incluir nos projetos um estudo detalhado sobre as plantas que cada sementeira, jardim e pomar contem. Nesta pesquisa se demonstrar que a presença delas não representa um componente desprovido de sentido cultural e ligação com as tradições locais.

Assim, esta tese não está centrada em listar as plantas existentes para reproduzi-las em todos os espaços de sementeira, mas sim oferecer um guia das plantas mais encontradas nas sementeiras visitadas, quando dos trabalhos de campo, conforme figura 55. Nela se informa o nome popular das plantas, pois são de domínio de quem as cultivam e fazem usos segundo os seus costumes.

FIGURA 55 – Quadro com a lista dos nomes populares das plantas mais encontradas nas sementeiras do Centro Histórico de Cuenca dos Andes-Ecuador

Arvores		Arbustos		Ervas		Rastejastes	
1	Anona*	1	Alecrim	1	Acanto	1	Botoncillo*
2	Arrayan	2	Alfazema ou lavanda	2	<i>Achira</i> *	2	Kykuyo
3	Arupo*	3	Buganvília ou Flor de Papel*	3	Agave branco*		
4	Arvore de escova vermelha	4	Brinco-de-princesa ou Fúcsia*	4	<i>Amancay</i> *		
5	<i>Capuli</i> *	5	Cheflera	5	<i>Amor constante</i>		
6	Cipreste	6	Crassula	6	Agapanthus		
7	Figo	7	Flor do Natal ou Panamá*	7	Amor-perfeito		
8	Floripondio ou <i>Guanto</i> *	8	Hera amarela	8	Arruda		
9	Laranja	9	Hibisco	9	Babosa		
10	Noz	10	Lanterna chinesa	10	Begonia*		
11	Oliveira	11	Lúcia-lima*	11	Bredo ou Carur*		
12	Pêssego	12	Santa Maria	12	Bromelias*		
13	Rainha Cláudia	13	Tília	13	Cineraria		
		14	Tomate-de-árvore*	14	Duranta*		
		15	Yuca*	15	Erva-doce		
				16	<i>Escancel</i> *		
				17	Flor de cera		
				18	Flor-copo-de-leite		
				19	Gazânia		
				20	Gerânio*		
				21	Hortelã		
				22	Lírio		
				23	Madressilva		
				24	Margarita		
				25	Maria-sem-vergonha		
				26	Morango silvestre		
				27	Uvilla*		
				28	<i>Mosquito</i> *		
				29	Palma*		
				30	Papiro		
				31	Pimento		
				32	Rosa		
				33	Samambaia*		
				34	São Pedro*		
				35	Urtiga*		
				36	Violeta		

* vegetação conhecida como originária de América.

Fonte: A Autora.

A salvaguarda da vegetação desses espaços verdes, conforme figura 56, apresenta enormes desafios de várias ordens, pois envolvem interesses, sobretudo econômicos. Essa precisa ser reconhecida e assumida pela sociedade. E na medida do possível incorporada às políticas públicas, legislações, respeitando o seu valor histórico e ambiental patrimonial.

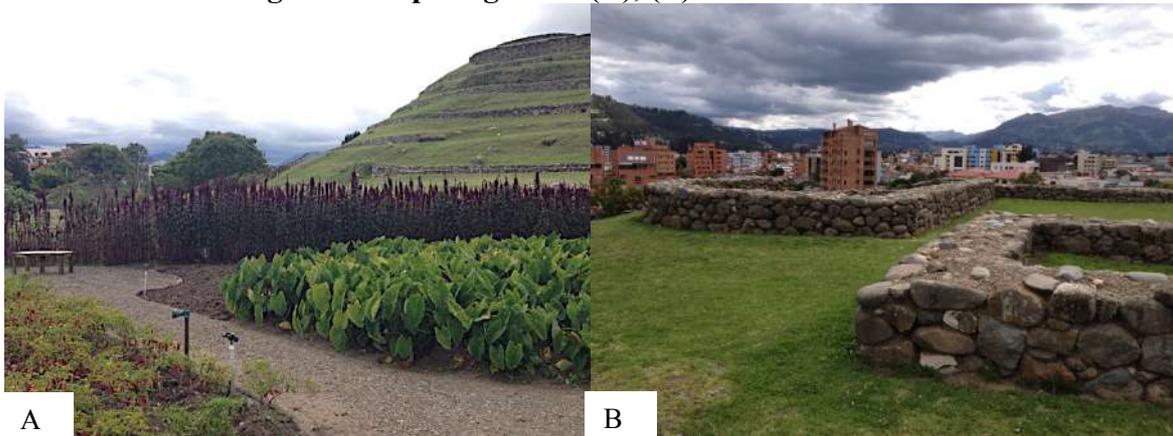
FIGURA 56 – Fotografias da vegetação encontrada nas sementeiras das edificações com valor E do Centro Histórico de Cuenca dos Andes século XXI



Fonte: A Autora.

Essa advertência em razão de que a vegetação em centros urbanos é escassa, devido a grande necessidade de pavimentar para usufruir dos espaços e assim viabilizar os negócios é bastante rasa e comprometedor de outros usos e apropriações, pois não observa o potencial que o patrimônio cultural pode oferecer para a cidade e seus cidadãos conforme figura 57. Assim mitigar essa escassez, poderá representar melhorias na qualidade de vida e saúde para os cidadãos.

FIGURA 57 – Fotografias da paisagem de (A), (B) Cuenca dos Andes 2015



Fonte: (A), (B) a Autora.

Segundo Dennis e James (2017), pesquisas sobre jardins, pomares, sementeiras e espaços semelhantes, indicam que os jardins domésticos apresentam uma maior efetividade na preservação ambiental que os espaços verdes públicos. Assim também a relação com esses espaços é mais intensa, pois comparece vinculada a vida que ocorre nos lugares. Conforme Mitchell e Popham (2007), em seu estudo sobre a relação entre espaços verdes, urbanidade e saúde na Inglaterra, apresenta a hipótese que os pomares domésticos são mais importantes para os seus donos que os espaços verdes públicos. Desta maneira, os espaços verdes contidos em edificações centrais, para esta pesquisa, também patrimoniais, poderiam estar oferecendo uma melhor qualidade de vida para aqueles que vivem e frequentam o Centro Histórico de Cuenca dos Andes no Equador.

6 CONCLUSÕES E FUTURAS LINHAS DE PESQUISA

A salvaguarda da sementeira como parte integral da paisagem em Cuenca dos Andes, relaciona-se a três importantes aspectos. A sua condição cultural mestiça, materializada em um particular patrimônio paisagístico, ainda inédito, ao seu meio ambiente e ao Centro Histórico, que juntos podem efetivar inúmeras possibilidades de melhoras de qualidade de vida para as pessoas que vivem na Cidade.

Destarte, a condição mestiça precisa comparecer inteira e completa nos espaços verdes contidos nas edificações patrimoniais. Assim, nessa tese se propõe o rompimento com os preconceitos sobre a sementeira ou *chacra*, estabelecendo conceitos que consigam padronizar e reconhecer outro tipo de jardim. Os preconceitos associados à cultura dominante que se apropriaram dos saberes e fazeres dimanados de diversos povos, se mostram como salvo-conduto cultural, mas na prática representam uma obstrução sobre o reconhecimento da distinção patrimonial.

Desses argumentos cabe esclarecer que o termo *chacra* é todo o tipo de espaço de cultivo, onde elementos naturais são encontrados como plantas, minerais e, em alguns casos lugares que abrigam pessoas como elemento gerador do espaço. Portanto, sua tradução a sementeira se refere ao crescimento de algo engendrado espontaneamente, cuja essência envolve o trabalho comunitário.

Com relação ao crescimento, o termo refere-se preferencialmente à abundância dos cultivos, mas também ao efeito do desenvolvimento deles. Assim, o milho também cresce e se desenvolve na sementeira, mas sua alusão ao lugar tem ainda por objetivo nomear esse espaço onde ele é cultivado.

Nela também se podem encontrar árvores frutíferas, sem que isso a condene a outra denominação. Provavelmente, por isso a ideia metafórica do pecado tenha comparecido no jardim, a partir de uma árvore dessas características. Tal ideia persegue o imaginário cultural, estabelecendo punição, ao reproduzir espaços onde vários tipos de vegetação são cultivados para promover prazer, satisfação, segurança, confiança dentre outros valores humanos. Assim, a sementeira ou chacra relembra esse conceito metafórico cristão, ao materializa-los nos pátios das residências. Tal situação no relacionamento entre conquistado e conquistados estabelece interações e ligações à ideia da elaboração de um jardim puramente ornamental, como único a estar livre do pecado original.

Sem dúvida, a sementeira não é mais um espaço para práticas rituais nativas. Nem abriga na sua composição espaços para nutrir a ideia do pecado original. Os tempos, as ideias são outras e nela se podem encontrar desde macieiras, assim como milho, arruda, tomate-de árvore, rosas e flores para as virgens, além de plantas de conteúdo místico como a santa maria, usadas em rituais para combater o mau ar. A sementeira em Cuenca dos Andes é uma construção cultural e histórica. Naquele território, neste momento, ocorre convivendo com mestiços auto identificados. Eles representam 90% da população do Equador, que é também composta por 5% de brancos, 2,2% de afro equatorianos e 1,7% de índios, segundo o Censo do ano de 2010. Lembrando que a condição de mestiço não representa a cor da pele, no contexto estudado, abriga e dialetiza amplas conjunções culturais que compõem a paisagem, que indiscutivelmente é mestiça.

Em consequência, a chacra ou sementeira, pode ser também chamada e considerada como uma criação e desenvolvimento de várias culturas, portanto mestiço. A sementeira é própria dos andes, original, patrimonial e até poderia adotar o nome mestiço de *Chagrillo*.

FIGURA 58 – Quadro que indica os Jardines Andinos ou *Chagrillos* em Cuenca dos Andes

#	Tipos de espaços	Identificação	Descrição
1	Sementeira	Jardim andino ou <i>Chagrillo</i>	De acordo com esta pesquisa, as sementeiras das 6 edificações, mostram o potencial de um tipo de espaço de cultivo que poderia também estar compreendido em os 5 tipos indicados neste quadro. Que por sua vez se baseiam no resultado da figura 24 desta tese.
2	Sementeira ajardinada	Possível Jardim andino ou <i>Chagrillo</i>	
3	Jardim	Não é Jardim andino ou <i>Chagrillo</i>	
4	Pomar	Não é Jardim andino ou <i>Chagrillo</i>	
5	<i>Chacra</i>	Não é Jardim andino ou <i>Chagrillo</i>	

Fonte: A autora

Conforme a figura 58, nessa tese, se identifica e caracteriza a existência concreta de jardins andinos ou *Chagrillos*, presentes no Centro Histórico de Cuenca dos Andes. Sem dúvida, semelhantes espaços de cultivo também poderiam adotar essa denominação. Por isso, se coloca no numeral dois, da figura 58, a palavra possível jardim andino ou *Chagrillo*, em vista de que a diversidade de plantas ocorre de forma implícita em todo o sistema de cultivos da América Latina. Essa é uma condição importante para reconhecer a diversidade biológica e cultural, bem como a sua capacidade de manter no tempo e no espaço conhecimentos tradicionais, resquícios culturais elaborados no processo de mestiçagem, inerente no *Chagrillo*.

Esta proposta de reconhecimento patrimonial, seguramente poderia ser acrescentada a Carta de Florência, escrita em 1982. Na prática, trata-se de uma proposta de reconhecimento sobre esse outro tipo de jardim que na tese é analisado como decorrente de costumes e tradições de vários povos, sendo capaz de resistir e nesta ousadia, consegue dar conta da sua patrimonialidade. Nessa qualidade, se compreende também que poderia encontrar semelhanças com os *Chagrillos* em outras cidades de países andinos, reforçando os elementos da sua existência. Certamente esses jardins oferecem potenciais e capacidades de comparecer em toda a América Latina, pois é de sua natureza adaptarem-se as particularidades dos seus territórios.

Essas argumentações decorrem de um estudo que considerou metodologias baseadas na observação, descrição comparação e análise de vários elementos da paisagem. O emprego do trabalho de campo nessa tese proporcionou o exame das identidades relacionadas a paisagem de diversos lugares até se chegar ao reconhecimento de uma origem comum relacionada as concepções e organização dos cultivos, inclusive da sua estética.

A relevância em se reconhecer a existência do jardim andino, permitiu explicitar o objetivo deste estudo, qual seja, propor a partir do reconhecimento da sementeira andina uma melhor qualidade de vida decorrente de práticas de desenvolvimento e reconhecimento de saberes e fazeres culturais que sempre estiveram relacionadas ao uso racional e equilibradas da natureza. Assim, se esclarece que a conquista da qualidade de vida é sobretudo um processo onde um povo cria no cotidiano consciências, capacidades e habilidades de estabelecer na relação com a natureza um meio ambiente adequado para a vida humana, também nas cidades.

Esta tese, além de construir alguns esclarecimentos sobre os cultivos na cidade, considera fundamental a salvaguarda das sementeiras mestiças. Defende-se que elas reúnem aportes para a efetivação de projetos e iniciativas em favor do equilíbrio climático, do combate a doenças e enfermidades. Trata aqueles espaços não apenas como sendo de jardinagens, mas de memórias e de práticas sociais que podem contribuir para mitigar, a partir do cultivo adequado de plantas de diversas espécies, os impactos decorrentes do adensamento e superexploração dos centros históricos urbanos.

Reconhecem-se algumas dificuldades, pois devido aos processos de acondicionamentos dos centros históricos, principalmente pelo turismo, e abandonos de moradias, por seus cidadãos, tornaram-se, em grande parte espaços apenas de negócios.

Sendo assim, é necessário que a sociedade reaja e impeça a massiva materialização de modelos paisagísticos que nada tem a ver com os latino-americanos. Contudo, são padrões

aceitos, pois são apontados como idôneos para todos os seres humanos. Neles procura-se vender um paisagismo único e capaz de criar momentos em que as diferenças raciais, étnicas e, sobretudo, sociais se diluem convenientemente.

A necessidade de criar um nome para tal espaço torna-se indispensável, inclusive para sustentar uma identidade mestiça no continente latino-americano. O nome mestiço pode modificar um conceito patrimonial. Além disso, ajudar a criar representações e se tornam parte de um projeto de auto reconhecimento. Neste caso, de pertencer a uma cultura que se sustenta a partir de um conjunto de saberes, que no cotidiano funciona como vínculos territoriais, capazes de nutrir a sua existência no mundo a qual pertence.

Embora o termo mestiço possa significar muitas outras misturas culturais, no Equador ele é um identificador cultural. Condição que também se faz repercutir, com muita certeza, na América Hispânica. Todavia, essa nomeação visibiliza uma condição de vida pautada em uma identidade e suas pertencas relacionadas ao território. A mestiçagem cultural representada na paisagem é uma criação antrópica, histórica, que assume no cotidiano funções materiais e imateriais que são fixadas na vida prática, materializando-se com os elementos que a compõem.

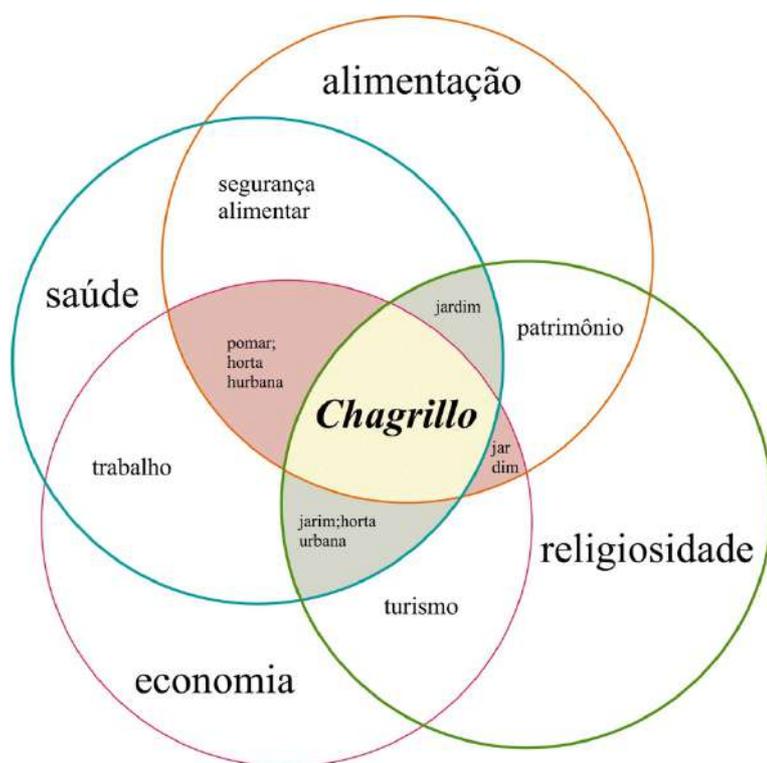
Destarte, o *Chagrillo* ou Jardim andino, é um recurso que pode ser ativado para a salvaguarda cultural, do meio ambiental e patrimonial da cidade de Cuenca dos Andes. Esse espaço não deve ser inferiorizado ou subordinado a cultura dominante, pois se precisa afirmar que ele já existe, e, é de origem latino-americana. Tal reconhecimento não pode ficar na dependência de referenciais alheias aos valores humanos locais e regionais. Nos últimos tempos têm surgido ideias que se mostram inovadoras e a favor do meio ambiente, como é o caso das hortas urbanas, da segurança alimentar ou assemelhados. Assim é necessário reconhecer que a prática local, no caso mestiça, não ocorre inclusive aqueles movimentos e eles nem cogitam parâmetro de patrimonialidade cultural.

Assim, na perspectiva do reconhecimento dos Centros Históricos Patrimoniais Mestiços, se reclama que eles não podem ser isolados ou divididos em urbanos e rurais em função de parâmetros eurocêntricos que nomeiam e classificam os espaços verdes.

Conseqüentemente, a alimentação, a religiosidade, a economia e a saúde, são os principais aspectos para desencadear um processo de reconhecimento das potencialidades do *Chagrillo*. Porém, estas considerações admitem que os bens salvaguardados podem ser usados a partir da paisagem com possibilidade de desenvolver o turismo, a afirmação do patrimônio, a promoção da segurança alimentar e da diversificação do trabalho.

Portanto, salvaguardar não significa impedimento aos usos, mas uma proposta de também obter espaços verdes patrimoniais na cidade, além de pomares, jardins e hortas urbanas. Trata-se fundamentalmente de conquistar espaços com identidade própria em torno do *Chagrillo*. Visto como um espaço resiliente, ele abriga e combina várias atividades e formas de cultivo de forma equilibrada, conforme figura 59. Contudo é importante indicar que não se pretende propor um espaço impecável, livre do contraditório. Todavia, de propor usos da paisagem que esse espaço potencializa a partir dos pátios das edificações do Centro Histórico de Cuenca. E que se apresenta com uma possibilidade para outras expressões culturais da paisagem latino-americana.

FIGURA 59 – Gráfico dos potenciais em torno ao *Chagrillo*



Fonte: A Autora

Assim, a tese apresenta uma nova tipologia de jardim, o Andino ou *Chagrillo*. Que ao mesmo tempo não é um modelo, um padrão ou receita que tem que se repetir, mas sim uma forma importante e válida de reconhecer o patrimônio de Cuenca. A implementação da proposta requer a realização de um inventário paisagístico do Centro Histórico da cidade incluindo a análise dos elementos identificados no *Chagrillo*. Conseqüentemente se propõe uma continuação para esta pesquisa.

Tal proposta de estudo pode ser pensada para além de Cuenca. Assim o estudo da patrimonialidade da paisagem e os seus potenciais usos oferecem várias problemáticas importantes para a continuidade da pesquisa desenvolvida na tese. Isso posto, para dar continuidade aquilo que foi analisado, uma possibilidade é criar ou fortalecer novas linhas de pesquisa sobre paisagem cultural, patrimônio, memória bio-cultural, religiosidade, tradições, dentre outros temas.

REFERÊNCIAS

ACHIG BALAREZO, David. **Historia de las Prácticas Médicas en Cuenca**. Cuenca: Universidad de Cuenca, 2007.

AGUILAR PERDONO, María del Rosario. Espesuras y teximientos de jazmines: los jardines en los libros de caballerías españoles, entre lo medieval y lo renacentista. **eHumanista**, [S.I.], v. 16, p. 195-220, 2010. Disponível em: <http://www.ehumanista.ucsb.edu/sites/secure.lsit.ucsb.edu.span.d7_eh/files/sitefiles/ehumanista/volume16/11%20ehumanista%2016.aguilar_perdono.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2016

ASTUDILLO, Daniel. Políticas para la Conservación del Patrimonio Cultural Edificado, Caso Cuenca. In: PROYECTO DIUC/ PROYECTO VLIRCPM, 2009, Cuenca. **Taller andino**_inauguración sur de la cátedra UNESCO, 2. Cuenca: Universidad de Cuenca, 2009. p. 207–215.

BANCO CENTRAL. **Educación en torno a Pumapungo**. Cuenca: Dirección Regional de Cultura de Cuenca, 1997.

BANDARIN, Francesco. **Acropolis, Athens** (Greece), 2004. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/documents/111380/>>. Acesso em: 11 nov. 2017. 1 fotografia, cor.

BATISTINI, Alessandro. **Il giardino nel Medioevo fra sacro e profano**. [Tradução no texto a Gina Lobato Cordero]. Firenze: Angelo Pontecorboli Editore, 2012.

BOUYSSSE-CASSAGNE, Thérèse. El Sol de adentro: wakas y santos en las minas de Charcas y en el lago Titicaca (siglos XV a XVII). **Boletín de Arqueología PUCP**, [S.I.], n. 8, p. 59-97, apr. 2004. ISSN 2304-4292. Disponível em: <<http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/boletindearqueologia/article/view/1960>>. Acesso em: 09 nov. 2016

BRADY, James E.; BONOR VILLAREJO, Juan Luis. Las Cavernas en la Geografía Sagrada de los Mayas. **Sociedad Española de Estudios Mayas**, [S.I.], p. 75-95, 1993. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2775805.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2016

CALAPUCHA ANDY, Claudio. **Los modelos de desarrollo su repercusión en las prácticas culturales de construcción y del manejo del espacio en la cultura kichwa amazónica** [...]. Serie sabiduría amazónica 7 ed., Cuenca: Universidad de Cuenca, 2012.

CARPIO, Julio, Vintimilla. **Cuenca: su geografía urbana**. Cuenca: Lopes Monsalve Editores, Primera edición, 1979.

CARRASCO, Adrián. Cuatro esquinas desde donde mirar a Cuenca. In: Cuenca de los Andes, 1998, Cuenca. [**trabajos publicados**]. Cuenca: Municipalidad de Cuenca-Casa de la Cultura Ecuatoriana, 1998. p. 38-45.

CIEZA DE LEÓN, Pedro. **Crónica del Perú El Señorío de los incas**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2005.

COMAS, Juan. Demografía y Mestizaje de la población iberoamericana: siglos XVI-XIX. **Revista de la Universidad de México**, [S.I.], n.10, p. 20-24, jun. 1974. Disponible em: <http://www.revistadelauniversidad.unam.mx/ojs_rum/index.php/rum/article/view/10014/11252>. Acceso em: 15 apr. 2017.

CONTENTO MINGA, Lidia Esther. **Memorias, saberes y usos sociales de los huertos en las edificaciones patrimoniales del Azuay**. Cuenca: Instituto Nacional de Patrimonio INPC, 2012.

CORDERO CUEVA, Fernando. La cuadrícula en la ciudad hispanoamericana, un modelo urbano permanente: el caso de la ciudad de Cuenca, Ecuador. In: FACULTAD DE ARQUITECTURA. **En 500 años: Historia, actualidad y perspectiva**. Cuenca: Universidad de Cuenca, 1993. p. 329-362.

_____. [El paisaje y los patios del Centro Histórico de Cuenca]. Cuenca, 5 enero 2017. Depoimento concedido a Gina Lobato Cordero.

CORDERO MOSCOSO, Teodoro. [Los jardines y huertos de la Casa Cordero en Cuenca]. Cuenca 16 febrero 2016 Depoimento concedido a Gina Lobato Cordero.

CORDERO ÑIGUEZ, Juan. **Historia de la región austral del Ecuador desde su poblamiento hasta el siglo XVI**. Cuenca: Municipalidad de Cuenca, 2007.

CORDERO, Luis. **Diccionario Quichua-Castellano Castellano-Quichua**. Sexta edición. Quito: Corporación Editorial Nacional, 2010.

CORDERO, Luis. **Enumeración Botánica de las principales plantas, así útiles como nocivas, indígenas o aclimatadas, que se dan en las provincias del Azuay y del cañar de la República del Ecuador**. Segunda edición. Madrid: Afrodísio Aguado S.A., 1950.

CUADRA, C.; SATO, Y.; TOKESHI, J.; KANNO, H.; OGAWA, J.; KARKEE, M. B.; ROJAS, J. Preliminary evaluation of the seismic vulnerability of the Inca's Coricancha temple complex in Cusco. [Tradução no texto a Gina Lobato Cordero]. **WIT Transactions on The Built Environment**, Structural Studies, Repairs and Maintenance of Heritage Architecture IX, [S.I.], v. 83, p. 245-253, jan. 2005. Disponible em: <<https://www.witpress.com/elibrary/wit-transactions-on-the-built-environment/83/15309>>. Acceso em: 25 fev. 2016. Paper DOI: 10.2495/STR050241

CURY, Isabelle. **Cartas Patrimoniais**. 3ª edição. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

CHACÓN ZHAPÁN, Juan. **Guacha opari pampa**. Cuenca: Editorial de la Casa de la Cultura Núcleo del Azuay, 2005.

CLÉMENT, Gilles. **Breve storia del giardino**. [Tradução no texto a Gina Lobato Cordero]. Macerata: Quuolibet, 2012.

CRESCENZI, Pietro de. **Pietro de' Crescenzi (c 1233-1320) Gardens - Illuminated Manuscripts**. 2 fotografías, cor. Disponible em: <<https://gardensbefore1800.blogspot.com/2017/12/pietro-de-crescenzi-c-1233-1320-gardens.html>>. Acceso em: 10 ago. 2018.

DÍAZ, Jordi. [**El paisaje y el patrimonio mundial**]. Cuenca, 20 novembro 2016. Depoimento concedido a Gina Lobato Cordero.

DIRECCIÓN DE ÁREAS HISTÓRICAS DEL ILUSTRE MUNICIPIO DE CUENCA. [**Inventario de viviendas patrimoniales valoradas del Centro Histórico de Cuenca**]. Cuenca, 2015. 1 CD.

DENNIS, M. y JAMES, P. Landscape and Urban Planning Evaluating the relative influence on population health of domestic gardens and green space along a rural-urban gradient. **Landscape and Urban Planning**, [S.I.], vol. 157, p. 343-351, jan. 2017. ISSN 0169-2046. Disponible em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0169204616301621?via%3Dih>>. Acceso em: 15 jan. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.landurbplan.2016.08.009>.

ECHEVERRI POSADA, Patricia. Nuevas indagaciones acerca de la identidad del mestizo. **Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura**, [S.I.], n. 30, p.97-111, 2003. ISSN electrónico 2256-5647. ISSN impreso 0120-2456. Disponible em: <<https://revistas.unal.edu.co/index.php/achsc/article/view/17090>>. Acceso em: 15 jul. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.15446/achsc>

ENCALADA VÁSQUEZ, Oswaldo. **Naturaleza, lengua y cultura**. Primera edición. Quito: Corporación Editorial Nacional, 2007.

ESCOBAR ISLA, José Manuel. **Hortus Conclusus El jardín cerrado en la cultura europea**. CUADERNOS DE INVESTIGACIÓN URBANÍSTICA, 2ª edición. Madrid: Instituto Juan de Herrera, 1993.

ESTRELLA, Eduardo. **El pan de América**. Etohistoria de los alimentos aborígenes en el Ecuador. 2ª Edición. Quito: Ediciones Abya-Yala, 1988.

FOWLER, P.J. World Heritage Cultural Landscapes 1992-2002. **World heritage series: papers**, Paris, UNESCO, v. 6, 2003. Disponible em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001331/133121e.pdf>>. Acceso em: 17 jul. 2016

FRUNEAU, Yvon. Cathedral, Alcázar and Archivo de Indias in Seville (Spain). Disponible em: <<https://whc.unesco.org/en/documents/111080>>. Acceso em: 29 ago. 2018. 1 fotografía, cor.

GARCÍA AYULO, Andrea. **Qorikancha: el templo del sol**. Historia y Gestión del Patrimonio Artístico. [S.I.], 2015, 11p. Disponible em: <<http://mupart.uv.es/ajax/file/oid/1414/fid/3512/TRABAJO%20DEFINITIVO%20GARCIA%20AYULO.pdf>>. Acessado em: 5 mar. 2016.

GARCILASO DE LA VEGA, Inca. **Comentarios Reales**. Edición de Enrique Pupo-Walker. 7ª edición. Madrid: Ediciones Cátedra, 2012.

GELBART, Jean-Jacques. Palace and Park of Versailles (France). Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/documents/108332>>. Acesso em: 17 jul. 2016. 1 fotografia, cor.

GELDHOF, David. Historic Centre of Mexico City and Xochimilco (Mexico). Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/documents/109493>>. Acesso em: 17 jul. 2016. 1 fotografia, cor.

GIBSON, Charles. **Los aztecas bajo el dominio español (1519-1810)**. Cuarta edición en español. México: siglo xxi editores, 1978.

GONZÁLES HOLGUÍN, Diego. **Vocabulario de la Lengua de todo el Perv llamada Lengua Qquichua, o del Inca**. Digitalizado por Runasimpi Qespisqa Software www.runasimpi.org para publicación en internet, 2007.

HARDOY, Jorge E. Las formas urbanas europeas durante los siglos XV al XVII y su utilización en América Latina. In: SIMPOSIUM SOBRE EL PROCESO DE URBANIZACIÓN EN AMÉRICA DESDE SUS ORÍGENES HASTA NUESTROS DÍAS, 3., 1970, Lima. **Urbanización y proceso social en América**. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1972. p.171–172.

HIERNAUX, Daniel. Los imaginarios urbanos: de la teoría y los aterrizajes en los estudios urbanos. **EURE**, [S.I.], v. 33, n. 99, p. 17-30, ago. 2007. ISSN: 0250-7161. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=19609903>>. Acesso em: 30 nov. 2016.

HILL STONER, Joyce. Conservation of our careers. **Abbey Newsletter**. Dallas, v.23, n. 3, não Paginado, oct. 2001. Disponível em: <<https://cool.conservation-us.org/byorg/abbey/an/an25/an25-3/an25-302.html>>. Acesso em: 29 nov. 2016.

I. MUNICIPALIDAD DE CUENCA. **Propuesta de inscripción del Centro Histórico de Cuenca Ecuador en la lista de patrimonio mundial**. Cuenca: I. Municipalidad de Cuenca, 1998.

ICOMOS. **Carta de Venecia** Carta internacional sobre la conservación y la restauración de monumentos y sitios. 1965. Disponível em: <https://www.icomos.org/charters/venice_sp.pdf>. Acessado em: 30 maio 2017.

_____. **Carta Internacional para la Conservación de Ciudades Históricas y Áreas Urbanas Históricas**. Carta De Washington. 1987. Disponível em: <https://www.icomos.org/charters/towns_sp.pdf>. Acessado em: 12 maio 2017.

_____. **Conferencia de Nara sobre autenticidad**. 1994. Disponível em: <<http://www.icomoscr.org/doc/teoria/DOC.1994.nara.documento.sobre.autenticidad.pdf>> Acessado em: 10 mar. 2017.

ICOMOS–IFLA. **Jardines Historicos**: Carta de Florencia. 1982. Disponível em: <https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/gardens_sp.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2017.

INPC. Instituto Nacional de Patrimonio Subregional 6. **Estudio para la Intervención y Restauración de la Casa de las Palomas**. Cuenca, 2012. 1 pendrive.

_____. [Pacios y jardines en las viviendas del Centro Histórico de Cuenca]. Cuenca, 10 febrero 2015. Depoimento concedido a Gina Lobato Cordero.

JAMIESON, Ross W. **De Tomebamba a Cuenca. Arquitectura y arqueología colonial**. Quito: Ediciones Abya–Yala, 2003.

KO HON CHIU, Vincent. City of Cuzco (Peru), 2011. Disponível em: <whc.unesco.org/en/documents/132405>. Acesso em: 11 jul. 2015

La Biblia. Disponível em: <http://iglesia.net/biblia/libros/genesis.html. Acessado em: 10 mar. 2016.

LAJO, Javier. **Qhapaqñan** La ruta inka de sabiduría (2a. ed.). Quito: ABYA – YALA, 2006.

LE CORBUSIER; SERT, José Luis. **Carta de Atenas. IV Congreso de Arquitectura Moderna (CIAM) Marsella-Atenas-Marsella, 1933**. Atenas: CIAM, 1942.

LINDÓN, Alicia. La ciudad y la vida urbana a través de los imaginarios urbanos. **EURE**, [S.I.], v. 33, n. 99, p.7–16, ago. 2007. ISSN: 0250-7161. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=19609902 >. Acesso em: 30 nov. 2016

LOBATO-CORDERO, Felipe. [Jardines y terrazas de *Pumapungo* en Cuenca de los Andes], 2014, 1 fotografía, color.

LOBATO CORRÊA, Roberto. **Introdução à Geografia Cultural** Geografia Cultural e o Urbano. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

LOVATO, Ernesto. [Diseño y construcción del parque de San Sebastián, Quinta Guadalupe, y otros jardines en Cuenca de los Andes, de la autoría de Nicanor Lovato]. Cuenca, 10 enero 2017. Depoimento concedido a Gina Lobato Cordero.

LOZANO CASTRO, A. **Cuenca Ciudad Prehispanica Significado y forma**. Quito: ABYA – YALA, 1991.

LLAMAZARES, Ana María. Metáforas de la dualidad en los andes: cosmovisión, arte, brillo y chamanismo. In: ACTAS DEL SIMPOSIO ARQ-24 DEL 52 CONGRESO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 2006, Sevilla. **Las imágenes precolombinas, reflejos de saberes**, Sevilla: Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas 2006. p.455–482. Disponível em: <https://es.slideshare.net/WarmyKullay/metforas-de-la-dualidad-en-los-andes-cosmovisin-arte-brillo-y-chamanismo>. Acesso em: 22 maio 2016

MANCERO ACOSTA, Mónica. **Nobles y cholos: raza, género y clase en Cuenca 1995–2005**. Quito: FLACSO, Sede Ecuador, 2012.

MANRÍQUEZ, Viviana, S. El término Ylla y su potencial simbólico en el Tawantinsuyu. Una reflexión acerca de la presencia inca en Caspana (río Loa, desierto de Atacama). **Estudios Atacameños: Arqueología y antropología surandinas**, [S.I.], n. 18, p. p.107-118, out. 1999. Disponible em: <<http://revistas.ucn.cl/index.php/estudios-atacamenos/article/view/543>>. Acceso em: 30 nov. 2016.

DOI: <https://doi.org/10.22199/S07181043.1999.0018.00009>

MARTÍNEZ DE LA TORRE, Cruz. El sudor del Sol y las lágrimas de la Luna: La metalurgia del oro y de la plata en el Antiguo Perú. **Espacio, Tiempo y Forma**, Serie VII, H. del Arte, Madrid, n. 12, p. 11-25, dez. 1999. Disponible em:

<<http://revistas.uned.es/index.php/ETFVII/article/view/2335>>. Acceso em: 31 nov. 2016.

DOI: <https://doi.org/10.5944/etfvii.12.1999.2335>

MARTÍNEZ BORRERO, Juan. La Acción Católica en Cuenca, Ecuador, durante el primer tercio del siglo XX: de las asociaciones obreras a una 'ciudadanía moral'. **Procesos**. Cuenca, Universidad de Cuenca, Ecuador, p. 67-90, jul-dic. 2017. Disponible em:

<<http://revistaprocesos.ec/ojs/index.php/ojs/article/view/649>>. Acceso em: 28 dez. 2017.

DOI: <http://dx.doi.org/10.29078/rp.v0i46.649>

MENDONÇA, F. de A.; VENTURI, L. A. B. Geografía e metodología científica. In: Simpósio de Geomorfologia. **Geosul**, n. especial, Florianópolis, 1998.

MIÑO GARCÉS, Leonardo. **El manejo del espacio en el imperio Inca**. Primera Edición. Quito: FLACSO Sede Ecuador, 1994.

MITCHELL, R.; POPHAM, F. Greenspace, urbanity and health: relationships in England. **Epidemiology & Community Health**, [S.I.], v. 61, p. 681-683, aug. 2007. Disponible em: <<https://jech.bmj.com/content/61/8/681>>. Acceso em: 15 jul. 2017.

DOI: <http://dx.doi.org/10.1136/jech.2006.053553>

MORALES BENÍTEZ, Otto. **Mestizaje e identidad en Indoamérica**: Ensayos. Bogotá: Universidad Santo Tomás, 2013.

MUNICIPALIDAD DE CUENCA. **Cuenca Guía de Arquitectura**. Cuenca-Sevilla: Municipalidad de Cuenca, 2007.

_____. **I convocatoria pública a nominación de árboles patrimoniales de Cuenca**. Cuenca: Municipalidad de Cuenca, 2008.

_____. **Ordenanza Especial para Preservar y Mantener el Patrimonio Arquitectónico, Cultural y Árboles Patrimoniales del Cantón Cuenca**. Municipalidad de Cuenca: 2009. Disponible em: <<http://www.cuenca.gob.ec/?q=node/8986>>. Acceso em: 12 nov. 2016.

_____. **Ordenanza para el Control y Administración del Centro Histórico de la Ciudad de Cuenca**. Municipalidad de Cuenca: 1983. Disponible em: <<http://www.cuenca.gob.ec/?q=node/8747>>. Acceso em: 10 nov. 2016.

_____. **Ordenanza que Regula la Implementación de Parqueaderos Públicos y Privados en Áreas Urbanas de Valor Histórico**. Municipalidad de Cuenca: 1999. Disponible em: <<http://www.cuenca.gob.ec/?q=node/8802>>. Acceso em: 12 noviembre 2016.

_____. **Ordenanza para la Aplicación del Subsistema de Evaluación de Impacto Ambiental, dentro de la Jurisdicción del Cantón Cuenca**. Municipalidad de Cuenca: 2008. Disponible em: <<http://www.cuenca.gob.ec/?q=node/8961>>. Acceso em: 13 nov. 2016.

_____. **Ordenanza para la Gestión y Conservación de las Áreas Históricas y Patrimoniales del Cantón Cuenca**. Municipalidad de Cuenca: 2010. Disponible em: <<http://www.cuenca.gob.ec/?q=node/8993>>. Acceso em: 13 nov. 2016.

_____. **Reforma a la Ordenanza para el Control y Administración del Centro Histórico de la Ciudad de Cuenca**. Municipalidad de Cuenca: 1991. Disponible em: <<http://www.cuenca.gob.ec/?q=node/8748>>. Acceso em: 10 nov. 2016.

MUÑOZ VIÑAS, Salvador. **Teoría contemporánea de la Restauración**. Madrid: Editorial Síntesis S.A., 2003.

MUSSET, Alain. Mudarse o desaparecer. Traslado de ciudades hispanoamericanas y desastres (siglos XVI–XVIII). **Historia y Desastres en América Latina**. [S.I.], v.1, p. 23-45, 1996. Disponible em: <https://www.academia.edu/7391971/Mudarse_o_desaparecer_traslado_de_ciudades_hispanoamericanas_y_desastres_siglos_XVI-XVIII>. Acceso em: 10 nov. 2016.

NIGLIO, Olimpia. Kioto, la antigua capital del Japón y el modelo chino de la ciudad ideal. **Arquitectura y Urbanismo**, La Habana, v.35, n.1 p.91-95, ene. abr. 2014. Disponible em: <http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1815-58982014000100008>. Acceso em: 28 fev. 2017.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Existencia, Espacio y Arquitectura**. Barcelona: Blume, 1975.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Paesaggio Ambiente e Architettura**. Milano: Electa, 1992.

ONU. **Declaración de Estambul sobre los Asentamientos Humanos y Programa de Hábitat II**. Junio 1996. CONFERENCIA DE LAS NACIONES UNIDAS SOBRE LOS ASENTAMIENTOS HUMANOS (HABITAT II). Disponible em: <https://unhabitat.org/wpcontent/uploads/2014/07/12040_Habitat_II_report__Spanish.pdf>. Acceso em: 20 maio 2017.

POLINI-SIMARD, Jacques. **El Mosaico Indígena Movilidad, estratificación social y mestizaje en el corregimiento de Cuenca (Ecuador) del siglo XVI al XVIII**. Tomo 184 Colección “Travaux de l’Institut Français d’Études Andines”. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2006.

PUELLES ESCALANTE, Jesús. **Qorikancha** Construcción Inka Cusco. Lima: Puelles Escalante Ed., 2005.

PUY, JOSÉ. Cathedral, Alcázar and Archivo de Indias in Seville (Spain). Disponible em: <<https://whc.unesco.org/en/documents/127292>>. Acceso em: 18 out. 2018. 1 fotografia, cor

REHFELD, Silvan. Historic Sactuary of Machu Picchu (Peru). Disponível em: <<https://whc.unesco.org/en/documents/121298>>. Acesso em: 19 out. 2018. 1 fotografia, cor.

RÖSSLER, Mechtild. Los paisajes culturales y la convención del patrimonio mundial cultural y natural: resultados de reuniones temáticas previas. **Paisajes culturales en los Andes**, [S.I.], p. 47-55, 2000. Disponível em: <http://81.47.175.201/costa_da_morte/attachments/article/82/paisajes_culturales.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2017.

SANTO TOMAS, Domingo, de. **Lexicon, o Vocabulario de la lengua general del Peru**. Valladolid: por Francisco Fernández de Cordoua, 1560.

SAUER, Carl O. La morfología del paisaje. POLIS. [S.I.], no. 15, p. 1-28, 2006. ISSN electrónico 0718-6568. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/polis/5015>>. Acesso em: set. 2017.

SCHIER, Raul Alfredo. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. **RAEGA**, Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3353>>. Acesso em: out. 2017.
DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/raega.v7i0.3353>

SETO, Junko, A. La representación mediante la miniatura en rituales aymaras: en torno a la Alasita. **Fides et Ratio**, La Paz, v. 12, n. 12, p. 101-126, set. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.org.bo/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2071-081X2016000200007>. Acesso em: out. 2017.

SORRE, Max. **Fundamentos Biológicos de la Geografía Humana**. Ensayo de una Ecología del Hombre. Barcelona: Provenza, 1995.

TANTALEÁN, Henry. **El urbanismo obligado: Craig Morris y El Fenómeno urbano inca**. Arqueología y Sociedad. Lima, n. 21, p. 131-143, 2010. Disponível em: <<http://revistasinvestigacion.unmsm.edu.pe/index.php/Arqueo/article/view/12282>>. Acesso em: abr. 2017.

TORRES RUBIO, Diego, de. **Arte de la Lengua Quichua**. Lima: Francisco Lasso. 1619.

UNESCO. **Directrices Prácticas para la aplicación de la Convención del Patrimonio Mundial**. Comité Intergubernamental de protección del Patrimonio Mundial cultural y natural. Centro del Patrimonio Mundial, 2005.

_____. Centro de Patrimonio Mundial. **Memorando de Viena. Patrimonio mundial y arquitectura contemporánea**. Manejo de los paisajes históricos urbanos. 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.unam.mx/index.php/mecedupaz/article/download/57157/50716>>. Acesso em: 21 maio 2016.

_____. **Historic Centre of Santa Ana de los Ríos de Cuenca**. [Tradução no texto a Gina Lobato Cordero]. 1999. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/list/863>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

_____. **World Heritage Centre**. [Tradução no texto a Gina Lobato Cordero]. UNESCO. Disponível em: <<https://whc.unesco.org/es/list/>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

VARGAS, César, C. Phytomorphic Representations of the Ancient Peruvians. **Economic Botany**, New York, v. 16, n. 2, p.106–115, apr. jun. 1962. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/BF02985298>>. Acesso em: 02 dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF02985298>

VASCONCELOS, José. **La raza cósmica**. Tercera edición. Primera edición, 1948. México: Editorial Porrúa, 2005.

ZUIDEMA, Reiner Tom. La imagen del Sol y la huaca de Susurpuquio en el sistema astronómico de los Incas en el Cuzco. **Journal de la Société des Américanistes**, París, v. 63, n. 1, p. 199-230, 1974. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/jsa_0037-9174_1974_num_63_1_2127>. Acesso em: 26 set. 2016.